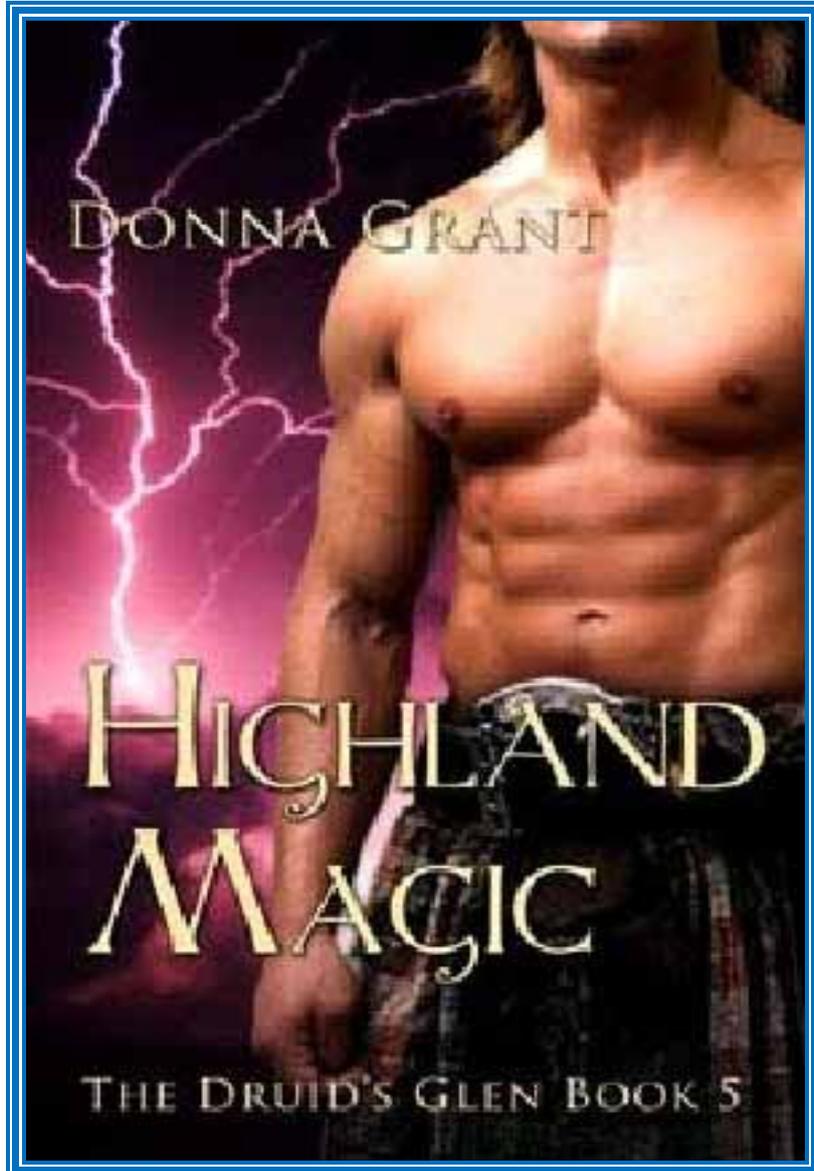


MAGIA NA HIGHLAND

Highland Magic

DONNA GRANT

5º LIVRO DA SÉRIE VALE DOS DRUIDAS



Pesquisa e Disponibilização: Lucimar

Tradução: Márcia de Oliveira

Equipe de Revisão inicial: Milla, Talita, Michelli e Rafa

Revisão final: Milla

Leitura Final e Formatação: Paty CS

Uma promessa feita...

Durante séculos Frang manteve um segredo: ele é imortal. Embora seja uma maldição em vez de uma bênção. Sua imortalidade foi dada a ele para lhe ensinar uma lição e em vez de permanecer jovem, a maldição transformou-o à imagem de um homem velho. Ele esperou ansioso o dia em que poderia voltar a ser um mortal, mas quando esse dia chegou e teve que deixar seu amado Vale dos Druidas, de repente descobriu que não quer ser mortal depois de tudo.

Um segredo guardado...

Kenna possui um grande segredo, que se descoberto poderia tê-la queimada na fogueira: ela não é apenas uma curandeira, ela é um Druida. Este é um segredo que ela tem enterrado dentro dela. Até Frang. Ele oferece liberdade para os druidas, uma promessa muito inebriante para ignorar.

Comentário da Revisora Milla

Adorei fazer a revisão do livro. É uma história gostosa que envolve o medo e a confiança. Teve horas que quis sacudir a mocinha e o mocinho tinha uma paciência de Jó. Mas quando a paixão explode tudo se transforma.

Boa Leitura a Todas

Informação da série:

01 - Bruma nas Highland - Distribuído

02 - Noites em Highland - Distribuído

03 - O Amanhecer nas Highlands - Distribuído

04 - Incêndio na Highland - Distribuído

05 - Magia na Highland - Distribuído

06 - Dragonfyre - Na lista



Capítulo Um

Lorem, Noroeste da Escócia

Fall 1625

Era muito tempo para ele se lembrar, Frang tinha ansiado em se livrar da maldição que o tornou imortal, na guarda do Vale dos Druidas liderando os druidas. Quantos anos se passaram desde que ele parou nas pacíficas pedras mágicas do Vale?

Muitos.

E não importa mais. Ele havia deixado suas pedras, mas elas não eram realmente suas. Ele havia guardado os druidas o melhor que podia com a ajuda dos proprietários das terras, os MacInnes.

Frang passou a mão pelo seu rosto e suspirou alto. Inúmeras pessoas ele tinha visto morrer, muito antes de seu tempo. Ele tinha visto o amor perdido e o amor encontrado, inimigos vencidos e ainda viu o inimigo invadir um castelo para matar crianças inocentes.

Mas estava tudo no passado agora.

Ele olhou para as águas do lago o seu reflexo. Ele tinha se acostumado a ver o cabelo branco comprido e a barba. Parecia... estranho, ele olhou de novo como tinha sido naquele dia fatídico 300 anos antes.

Frang sentou-se sobre os calcanhares e olhou por cima do ombro. Sua necessidade de retornar ao Vale era forte. Com o término da profecia, já não era necessário, mas isso não importava. Ele poderia voltar agora. Ninguém iria reconhecê-lo. Mas ele sabia que era apenas uma ilusão. Seu tempo no Vale

como Druida¹ tinha acabado. Ele precisava aceitar isso.

Um movimento suave encheu o ar, a única coisa que o alertou que não estava mais sozinho. Lentamente Frang levantou-se e virou para enfrentar o seu amigo de longa data.

— Aimery... — disse ele com um sorriso acolhedor.

O comandante da Fae² devolveu o sorriso e estendeu seu braço. Depois que eles tinham fechado antebraços, Aimery recuou e olhou para cima e para baixo.

— Levará algum tempo para me acostumar com essa aparência de novo.

Frang riu quando ele passou as mãos pelos cabelos e olhou sobre o Fae impecavelmente vestido. Os cabelos louros longos de Aimery estavam afastados de seu rosto por várias linhas de minúsculas tranças intrincadas que teria deixado qualquer um feminino, mas não ele.

— A primeira coisa que fiz foi raspar a barba. — Frang coçou o queixo nu distraidamente. — Estava em meu rosto há tanto tempo que minha pele não sabe o que fazer.

— Não vai demorar muito. — Aimery bateu-lhe nas costas e sorriu enquanto se sentavam em uma árvore caída. — Quais são seus planos?

Frang encolheu os ombros e olhou para as águas calmas do lago.

— Eu realmente não sei. Os Druidas eram a minha vida, mesmo antes da maldição. O que posso fazer agora?

— Você tem que começar de novo. — disse Aimery depois de um curto silêncio. — Faça o que quiser, seja quem você quiser. Não são muitos que tem a chance.

— Eu gosto de quem eu sou! — Frang argumentou. — Eu sou um druida

¹ Os Druidas eram sacerdotes a maioria das tribos celtas, além de filósofos, poetas, legisladores, conselheiros, historiadores, médicos, juizes, professores, profetas, magos e guardiões das tradições orais da tribo, constituindo assim, a unidade político-religiosa dos celtas. Eram grandes conhecedores da ciência dos cristais. Fonte: <http://www.templodeavalon.com>

² Fae: fada

Sumo Sacerdote ³que conhece mais sobre o Fae e os Druidas do que qualquer humano nessa esfera.

Aimery girando os olhos azuis encontrou os dele. O olhar do Fae foi intenso, nunca vacilou quando ele olhou profundamente na alma de Frang.

Não havia dúvida de que Aimery estava olhando para o seu futuro. Quanto mais ele olhava, Frang tornou-se mais preocupado.

— O que você vê? — Ele perguntou baixinho.

Aimery piscou e se virou.

— Eu não tenho o hábito de dizer a alguém o seu futuro.

— Eu não sou apenas alguém! — Frang lembrou.

Com um suspiro alto Aimery virou a cabeça justo até o seu olhar voltar para Frang.

— Você não quer saber seu futuro, meu amigo. Ninguém nunca realmente quer. Viva esta nova vida que lhe foi concedido; e não olhe para trás.

Frang engoliu seco e ficou a passear a beira do lago.

— Existem apenas duas razões para não me dizer o meu futuro. Uma possibilidade é que eu vou morrer em breve. A segunda é que eu vou ter que fazer uma escolha muito difícil e por me dizer o futuro você vai me influenciar.

Ele se virou para olhar para o comandante Fae apenas para encontrar Aimery sorrindo.

— Eu ensinei-lhe bem! — disse Aimery com um aceno. — Você vai fazer muito bem, Frang.

E com isso, Aimery tinha ido embora.

Por um momento muito longo Frang olhou para o tronco e onde Aimery tinha sentado. Década após década, ele havia dado para os Druidas e os Fae o seu sangue, bem como a sua alma, tudo por causa de uma noite estúpida,

³ Sumo sacerdote: nome dado ao mais alto posto religioso

irresponsável que o tinha amaldiçoado por 300 anos.

Ele olhou para as roupas que tinha sido o seu uso diário como o Sumo Sacerdote Druida. Elas só serviam para chamar a atenção para ele, algo que ele queria evitar a todo custo. Com um suspiro, ele voltou-se para a estrada que o levaria à aldeia mais próxima, onde poderia comprar algumas roupas novas.

— E uma nova vida! — ele murmurou enquanto bateu com a mão em sua perna na agitação do desconhecido.

Ele percebeu imediatamente as roupas dobradas sobre o tronco. Frang não teve que imaginar se eles se encaixavam. Ele sabia que iriam.

— Obrigado Aimery! — disse ele quando chegou para o vestuário.

Com um último olhar em suas vestes Druida, ele puxou-os sobre sua cabeça. Depois de um banho rápido no lago, ele voltou para o tronco e chegou até o presente de Aimery.

Frang tinha de admitir que gostava de sua roupa nova. Ele olhou para a camisa de açafrão xadrez azul e verde em negrito, com toques de vermelho e laranja. Era uma manta que ele conhecia bem, muito bem. As botas altas eram feitas de couro flexível que se encaixavam aos pés e as pernas com perfeição e um broche, que segurava o tecido xadrez, feito de prata e segurava a coroa do Fae, uma cabeça de dragão com um trabalho de nó intrincado em torno dele.

Havia apenas uma coisa restante. A espada.

Tinha sido há 300 anos desde que ele tinha segurado uma espada. Ele levantou-a e segurou com ambas as mãos enquanto olhava a arma.

Era a espada mais bonita que Frang já tinha visto. O pomo era canelado e encaixava na mão com perfeição. As guardas atravessadas e com o pomo adornado com os mesmos belos e complexos nós que decorava seu broche.

Lentamente, ele puxou a espada da bainha. O peso da arma era o mais próximo da perfeição que ele poderia obter. Frang olhou com admiração para a lâmina onde os símbolos Fae haviam sido adicionados e em torno dela havia ainda mais do trabalho de nó que ele tinha amado tanto.

Lançou-se e balançou a espada ao seu redor, testando seu peso, ele testou a si mesmo. Até o momento ele estava satisfeito, suor encharcava a camisa e escorria pelo seu rosto.

Frang voltou a arma para sua bainha com um sorriso. Depois de ter dobrado suas vestes de Druida e deixá-las sobre o tronco, ele pegou sua espada e jogou a tira sobre sua cabeça para a bainha se ajustar entre as omoplatas. Com um suspiro, ele virou o rosto para o seu futuro. Não era mais um Druida, mas um guerreiro.

Capítulo Dois

Norte da Escócia, Wallace Clan

Abril, cinco anos depois.

Kenna afastou os cabelos do rosto enquanto se levantava e pegou a cesta de ervas que ela tinha estado reunindo.

Ela soprou um cacho que tinha escapado de sua trança para o seu rosto e suspirou alto. Suas costas doíam de ficar abaixada toda a manhã. Ela olhou para a pequena quantidade de ervas que tinha recolhido e sabia que ia demorar um pouco ainda antes de voltar para sua casa.

Com seu olhar procurava pelo terreno por tília⁴, que estava se tornando mais difícil de encontrar, mudou-se habilmente através da vegetação rasteira da floresta. Mais e mais pessoas vinham a ela por amuletos para afastar o mal, por poções do amor ou para curar suas doenças. Era apenas uma questão de tempo antes do Wallace descobrir o que ela realmente era. Uma Druidisa.

Durante anos ela manteve o seu segredo, mas temia que o segredo não estivesse mais seguro. Uma vez que Wallace a encontrasse significaria a sua morte ou sua escravidão.

Wallace era um homem duro e um poderoso *Laird*.⁵ Ele não dava nenhum



⁴ **Tília: planta medicinal febrífuga e calmante, indicada em caso de resfriados e distúrbios do sono. É geralmente apresentada em forma de infusão (chá). Planta eficaz para baixar a febre, principalmente em crianças (pequenas). Pertence a família das Tiliáceas.**

Fonte: <http://www.criasaude.com.br/N2439/fitoterapia/tilia.html>

⁵ **Alguém que possui uma grande área de terra na Escócia, proprietário de terras, Senhor, dono de terras.**

quarto sem esperar nada em troca. As poucas vezes que ela havia sido chamada para o castelo, ela teve de parecer relaxada em vez de correr para fora dos portões e nunca olhar para trás. No entanto, sua atenção se virou para ela, fazendo com que ele a visitasse mais vezes do que gostaria.

Kenna suspirou novamente. Não havia nenhuma tília para ser encontrada. Ela teria de voltar para casa e olhar para obter mais informações sobre o dia de amanhã. Seus olhos moveram-se sobre a floresta. Andar no meio dos pinheiros altos e dos robustos carvalhos era algo que ela gostava muito.

Mas hoje, ela não conseguia encontrar a paz que normalmente a enchia. Alguma coisa estava errada. Ela fechou os olhos e se concentrou em seu entorno, enquanto tentava determinar o que tinha desequilibrado ao seu redor.

Não importa o quão duro ela se concentrou, a resposta estava apenas fora de seu alcance. Mais e mais em si mesma, ela foi até que viu um flash de um broche com uma cabeça de dragão nele e trabalhada em um antigo nó em torno dele.

Os olhos de Kenna se abriram e ela encostou-se a um carvalho enquanto tentava colocar a respiração de volta ao normal. O broche era um sinal, mas de quê? O mal vem a caminho? Ou talvez alguém para ajudar em seu ensino Druida?

Ela balançou a cabeça e se empurrou para longe da árvore. Ela iria ficar sem resposta na floresta. Como ela desejava que Brigit ainda estivesse viva para ensiná-la mais das formas Druidas. Tinha sido Brigit quem a tinha treinado para ser a parteira e curandeira do clã Wallace. Porque Kenna vivia perto da fronteira entre os Wallaces e Carmichaels, ela ajudou ambos os clãs, quando necessários, já que os curandeiros eram difíceis de encontrar.

Um sorriso puxava seus lábios quando ela começou sua jornada de volta à sua casa. Pensar em Brigit sempre a fez sorrir. Brigit tinha sido uma grande força como mulher. Todos a tinham respeitado e a procuravam em muitas

ocasiões.

O grito repentino de faisões quando levantaram ao ar alertou Kenna que ela não estava sozinha. Ela não diminuiu seus passos, embora seu coração batesse como um tambor em seus ouvidos. Normalmente, ela ficava fora da estrada que atravessava a floresta, mas hoje estava feliz por estar a apenas pouco à frente dela.

Ela teve que lutar contra o impulso de correr quando ouviu um galho estalar atrás dela. A necessidade de se virar e encarar seu agressor eram fortes, mas se forçou a continuar como se não soubesse que estava sendo seguida.

Quando viu o caminho por entre os galhos, ela segurou a cesta mais apertada e estendeu a mão para o punhal escondido debaixo das ervas. Se não encontrasse ajuda na estrada iria enfrentar seu agressor.

Mal ela saiu da floresta quando ouviu uma voz grave atrás dela dizer:

— Olha o que temos aqui, homens. Um pequeno petisco tenho certeza.

Kenna lentamente virou-se para o homem e empalideceu quando viu dois outros surgem por trás dele. Ela olhou para seu tartan ⁶e notou o xadrez azul e verde dos Carmichaels.

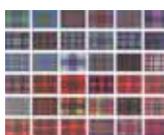
— Posso ajudar? — Ela perguntou esperando que não ouvissem o medo em sua voz.

O homem no meio, obviamente, o líder, adiantou-se e olhou mais com seus olhos negros.

— Sim, você pode remover a sua roupa.

Kenna respirou fundo e continuou seu aperto sobre a adaga. Embora ela

⁶ É um tipo de tecido quadriculado, parecido com xadrez, com padrões de linhas diferentes e cores levemente distintas. É o padrão utilizado para se fazer um kilt, típica indumentária escocesa. Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Tartan



tivesse ajudado aos Carmichaels no passado, muitos não sabiam quem ela era.

— Você está na terra Wallace.

— Nós estávamos alcançando esta... — disse o homem vermelho dirigido à direita. Estava faltando vários dentes e exibia uma cicatriz feia que tinha mutilado sua orelha esquerda e metade do rosto.

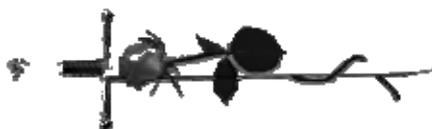
Ela deu um passo hesitante para trás e perguntou onde estava a patrulha. Wallace sempre tinha homens patrulhando a fronteira.

— Você seria sábio em deixar-me ir. Eu sou Kenna Frasier, curandeira do clã Wallace.

O dirigente deixou escapar uma gargalhada.

— Nós nos preocuparíamos se estivésseis com a filha de Wallace. Nós vamos pegar o que nós queremos. Ken?

— Você vai causar uma guerra! — avisou, mas já era tarde demais. Os homens já estavam avançando sobre ela.



Frang lentamente desembainhou a espada, enquanto observava a cena com a mulher e os três homens se desdobrar. Ele olhou para cada homem, percebendo as deficiências.

Lentamente, ele se arrastou para fora da floresta, mantendo seu olhar sobre os homens em todos os momentos. Ele estava a caminho do homem perante o lado esquerdo da mulher, um homem com cabelos loiros e filamentosos, quando este se virou e o viu.

— Temos companhia! — ele gritou para seus companheiros, e sacou a espada.

Frang ficou parado e preparado para o ataque. O loiro chegou a ele primeiro.

Ele ergueu a espada quando o loiro meteu a sua lâmina para baixo em direção à cabeça de Frang. Com o canto do olho, viu o líder dos homens se adiantar sobre a mulher, mas Frang sabia que ele nunca chegaria a tempo. Ele só podia esperar que ela corresse tão logo tivesse uma chance.

A dor atravessou seu braço esquerdo. Ele cambaleou para trás e tocou em seu braço só para sair com sangue em seus dedos. Ele olhou dos dedos para seu atacante. Havia sido há muitos anos desde que Frang tinha visto seu próprio sangue.

Afastou a dor e agarrou sua espada dando um passo para o loiro. Instinto assumiu quando o homem avançou. Frang não pensou, apenas reagiu. Suas espadas retiniram uma e outra vez quando Frang bloqueava cada tentativa do loiro de matá-lo.

Frang sabia que o momento em que baixasse a sua guarda o loiro teria sucesso. Não havia nenhuma maneira de Frang viver 300 anos com uma maldição apenas para morrer poucos anos depois.

Ele resmungou quando girou sobre seus pés e brandiu a espada com toda sua força. Ouviu um som borbulhante e viu sua lâmina degolar o loiro.

Frang puxou sua arma livre, logo ouviu passos vindos em sua direção. Ele voltou a tempo de bloquear um balanço que era para cortar a cabeça de seu corpo. Desta vez, enfrentou o gigante ruivo, cujo cada balanço de sua espada vinha cada vez mais difícil.

O gigante poderia ser mais forte, mas Frang era mais rápido. Ele usou sua agilidade para desviar dos golpes que o teriam atirado para o chão. O gigante era desajeitado e Frang facilmente contornou cada um de seus balanços, economizando sua força.

Com um rugido, o gigante levantou sua espada sobre sua cabeça. Frang viu sua chance e avançou sua lâmina afundando-a no peito do homem. Os olhos do gigante saltaram antes dele cair no chão.

Frang respirou fundo quando puxou a espada do gigante. Tudo o que restava

era o líder. Um olhar de Frang disse que a mulher tinha desaparecido. Pelo menos ela estava segura.

— A luta não é sua! — disse o líder, os olhos dele segurando uma medida de medo, agora que seus dois companheiros estavam mortos.

Frang encolheu os ombros enquanto caminhava em direção ao líder.

— Você fez disso a minha luta quando decidiu atacar uma mulher.

— A gente só queria se divertir.

Frang lambeu os lábios.

— Então eu diria que você escolheu a mulher errada para se divertir. Ken?

O líder olhou para seus companheiros mortos antes de se virar e correr de volta para a floresta. Frang suspirou e deixou a ponta de sua espada tocar o chão. Inclinou-se sobre ela e se virou para olhar para o sangue em seu braço.

Ele precisava limpar o corte e encontrar algumas ervas para colocar nele antes de infeccionar. Seu olhar acompanhou a lâmina da espada e o trabalho do nó gravado nela, enquanto observava o sangue correr até formar uma pequena poça na terra batida.

— É preciso cuidar da sua ferida.

Frang puxou a espada e virou-se para encontrar a mulher que estava atrás dele. Seu olhar fixo em seu incrível cabelo de chama vermelha que ficava pendurado em uma trança grossa por cima do ombro. Vários fios tinham se soltado e penduravam em cachos macios em volta do rosto oval sedutor.

Seus grandes olhos fitaram-no, nunca vacilando. As sobrancelhas, que eram apenas ligeiramente mais escuras que o cabelo dela suavemente arqueadas sobre os olhos. Seu nariz era pequeno e delicado; e seus lábios carnudos e largos.

Frang pigarreou quando ele deixou o olhar deslizar para baixo para o resto das suas curvas exuberantes e tudo. Tinha sido um longo tempo desde que ele tinha olhado para uma mulher para ocupar seu leito.

— Sim senhora. Você não deve ficar aqui sozinha! — disse ele. Retirou a

espada, inspecionando e limpou-a na túnica de um dos homens mortos antes que a embainhasse.

A mulher continuou a fitá-lo.

— Estou sempre sozinha. — ela disse finalmente.

Ele gostou do som da sua voz. Ela era suave e sedutora. Ele fechou os olhos e suspirou. Ele não conseguia lembrar-se de um tempo passado, quando apenas o som da voz de uma mulher o fazia luxurioso.

— Venha... — disse a mulher. — Vou cuidar da sua ferida.

Frang abriu os olhos.

— Obrigado, mas não! Eu preciso estar no meu caminho.

Ela levantou uma mão no quadril, enquanto a outra segurava a cesta na dobra do braço.

— Eu sou uma curadora, senhor. É o que eu faço. Agora, me deixe retribuir pela sua bravura.

Frang sabia que deveria recusar. Afinal, sabia exatamente que ervas precisava para estancar o fluxo de sangue e acelerar a cicatrização. No entanto, a necessidade de sentir as mãos de uma mulher sobre ele era forte. Por muito tempo ele tinha visto a outra necessidade. Talvez fosse hora de deixar alguém vê-la.

— Tudo bem.

Ela sorriu e voltou para a floresta. Frang seguiu-a rapidamente, observando que ela estava indo do jeito que ele tinha acabado de chegar. Após o período de viagem que tinha feito o que era outro dia?

No momento em que chegou a sua cabana, Frang congratulou-se com a paz de sua casa. Seu braço começou a doer e o sangramento tinha intensificado. Tudo o que ele queria fazer era comer uma refeição quente e dormir.

No entanto, ele empurrou tudo isso de lado mantendo seus sentidos em alerta quando se dirigiam para a porta de sua casinha. A própria casa era aninhada no meio da floresta, cercada por altos pinheiros com grupos de

samambaia no chão. Era um lugar tranquilo, que parecia cumprimentar a mulher.

Ela abriu a porta e apontou para à mesa. Frang cansado afundou em uma cadeira. Depois ela deixou de lado sua cesta e ele viu quando caminhou pela cabana para recolher folhas de plantas penduradas nas vigas do teto. Seus movimentos eram graciosos, mas rápidos, às vezes ela nem sequer olhava para a planta que alcançava. Frang deteve um sorriso enquanto ela distraidamente colocava uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Ele sentou-se para frente quando ela se mudou para o lado em que um pedaço de tecido separava a casa principal do outro quarto. No início ele pensou que poderia ser o lugar onde ela dormia, mas depois de notar sua cama em frente à lareira da sala compreendeu que o lugar provavelmente era onde ela misturava suas ervas.

Quando a ouviu começar a cantarolar, inclinou a cabeça para trás na cadeira e fechou os olhos. Ele sentiu o cheiro de canela e soltou um suspiro profundo. Era como se ele estivesse ainda no Vale. A saudade da magia e da paz do vale corria através dele tão rápida e verdadeira, que quase o dobrou.

Uma mão suave tocou seu rosto e Frang encontrou-se encostado nela.

— Será que a ferida dói?

Ele abriu os olhos para olhar a mulher acima dele. Seus olhos eram as coisas mais lindas que já tinha visto. Sua cor era a do céu no pôr do sol, uma cor âmbar magnífica. Mística. Sedutora. Maravilhosa.

Frang engoliu em seco e desviou o olhar.

— Não. A dor da ferida é mínima.

— Então por que você olhava como se estivesse com uma grande dor?

Frang sorriu e sentou-se, odiando quando sua mão desceu de seu rosto.

— Memórias tendem a fazer isso às vezes!

Ela deu um passo para longe dele e apertou as mãos na cintura.

— Minhas desculpas, senhor!

— Frang. — ele corrigiu. — Meu nome é Frang.
Os cantos da boca inclinaram levemente para cima.
— É bom conhecê-lo, Frang. Sou Kenna.

Capítulo Três

Kenna teve de cruzar as mãos para evitar tocar o estranho que a salvou. Ele era bastante bonito, com seus ombros largos e braços musculosos. Sua mandíbula era forte, seus lábios finos. Ela queria correr as mãos pelo seu cabelo luminoso na altura dos ombros com listras marrons e reflexos dourados.

Mas eram seus olhos que a mantiveram cativa. Um olhar nos seus olhos de céu azul e tinha vislumbrado uma velha alma, uma alma que tinha visto e sofrido muito.

— As ervas estão quase prontas. — disse Kenna para quebrar o silêncio.

Ele a perturbou, algo que ninguém havia feito antes. Ela olhou ao redor de sua casa e viu o ramo de erva-cidreira pendurado perto da lareira. Ela pegou uma das folhas e em seguida moveu-se para a espada de Frang. Tão logo sua mão tocou o punho da espada, a dele cobriu a sua.

Ela ergueu os olhos para olhar em seus olhos azuis brilhantes.

— É apenas erva-cidreira⁷. Em anexo à sua espada, vai estancar a qualquer sangue.

Depois de um momento, ele soltou a mão dela e ela amarrou as ervas em torno da base do punho da espada, perto da cruzeta, onde não iria ficar em seu caminho. Ela se levantou e se afastou. Ela não tinha certeza por que havia lhe dado à erva-cidreira. Nunca antes havia dado a alguém para por em sua



⁷ Erva-cidreira (*Melissa officinalis*) é uma planta perene herbácea da família da menta e da hortelã e do boldo (Lamiaceae), nativa da Europa meridional. O seu sabor e aroma característicos, frutado, de limão, principalmente nas folhas, deriva do seu óleo essencial do grupo dos terpenos (principalmente monoterpenos: carvacrol, p-cimeno, citral - geraniol e nerol - cânfora, etc).

arma.

— Obrigado. — disse ele baixinho.

Ela assentiu e se virou para entrar no quarto detrás. Depois de moer mais algumas ervas juntas para fazer um pó fino, ela colocou a tigela de lado e pegou alguns panos. A língua-de-cobra⁸, uma de suas ervas especiais que havia sido imersão em água, estava pronta. Ela puxou-a para fora e colocou-a no pano.

Ela reuniu o pano e a bacia depois voltou para Frang que estava sentado com a cabeça mais uma vez recostado na cadeira. Ele a viu de perto quando se aproximou. Ele olhou para ela como ninguém jamais tinha, com uma pitada de algo mais profundo no olhar, algo que a fez agitar o estômago e seu sangue aquecer. Uma emoção estranha desfraldou baixo na barriga; e a necessidade de tocá-lo, sentir seu calor era mais do que ela podia negar a si mesma.

Silenciosamente, Kenna se ajoelhou ao lado da cadeira e chegou a mover de lado a sua camisa rasgada, mas antes que pudesse tirá-la, ele estendeu a mão e soltou o broche que continha a sua manta para deixar cair o tartan à sua cintura. Então ele puxou a camisa sobre a cabeça e recostou-se.

Kenna respirou fundo e tentou não olhar para a vastidão do peito e para o abdômen definido que ondulava com os músculos. Ela tinha visto muitos homens sem suas camisas, mas Frang foi o primeiro que a fez querer passar suas mãos sobre ele em seu prazer.

Sua mão tremia quando ela pegou o pano. Com toda delicadeza que podia, ela usou o pano para limpar o sangue e certificar-se que a ferida foi limpa. Depois que terminou, ela espalhou o pó de erva pelo corte. Então, pegou o pano embebido com a língua-de-cobra e colocou-o sobre a ferida, amarrando-



⁸ **Língua-de-cobra é o nome popular de uma planta da Ordem Ophioglossales, família das Ofioglossáceas, gênero Ophioglossum. O nome científico da língua-de-cobra é: Ophioglossum Lusitanicum. Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/1%C3%ADngua-de-cobra/>**

o no lugar.

Com nenhuma outra desculpa para tocá-lo, ela se levantou e inspecionou sua obra.

— Deseja algo para beber?

Ele assentiu e avidamente bebeu a água que ela lhe deu. Depois, fechou os olhos. Por longos momentos, ela olhava para ele até que sua respiração igualou no sono. Só então ela voltou para o quarto detrás para trabalhar.



Frang respirou fundo e veio gradualmente acordando. A dor em seu braço havia diminuído muito. Ele levantou o braço e moveu para testá-lo.

— Você vai repuxar a ferida.

Ele virou a cabeça ao som da voz de Kenna. Estava na porta do quarto detrás e assistia-o. Ele se levantou e pegou sua camisa rasgada e ensanguentada.

— Eu vou ter cuidado.

— Ela precisa ser costurada.

Ele parou no meio do movimento e olhou para ela.

— Tomei bastante do seu tempo.

Um ombro levantou em um encolher de ombros.

— O que vai ser um desperdício de tempo se você sair da minha casa agora e reabrir a ferida durante outra luta. Se você vai sair agora me deixe costurá-lo.

Frang baixou a camisa.

— Eu não vou procurar lutas!

— Seja como for esta é a Escócia. Você não é um Wallace. Isso por si só pode causar derramamento de sangue.

— Como quiser. — disse ele enquanto se sentou.

Seu olhar seguiu-a enquanto ela coletou uma agulha, linha e mais ervas antes dela voltar para ele. Ele queria mais do seu toque macio. Suas mãos acalmavam mais do que as ervas. O jeito que ela tinha alisado as mãos sobre sua pele o fez querer puxá-la contra seu peito e devastar a boca com um beijo que a deixaria sem fôlego e implorando por mais como ele estava começando a doer por ela.

Desta vez ela puxou a outra cadeira em volta da mesa e se sentou. Desamarrou o curativo e retirou a língua-de-cobra com o pano.

— Já parece melhor! — ela murmurou.

Frang nunca deixou de olhar seu rosto. Ela estava falando sério sobre sua cura; e isso o fez querer saber como ela se encaixaria como Druida de Glen. Com um pouco de treino ela poderia muito bem ser um Druida. Qualquer pessoa com talento de cura como o dela era muito procurada.

— Você tem um toque suave! — ele disse quando ela enfiou a agulha.

Ela olhou para ele, um sorriso leve nos lábios.

— A cura com as mãos ásperas é inútil.

— É verdade. Quem treinou você?

Ela fez uma pausa por apenas um batimento cardíaco, mas foi o suficiente para dizer-lhe que ela estava cautelosa, que o fez pensar se ela iria lhe contar a verdade.

— Uma velha senhora no meu clã. Ela não tinha filhos para passar o seu conhecimento. Quando se tornou evidente que eu tinha alguma habilidade, me mostrou o caminho.

Ele era mais do que curioso.

— Eu acho que eu gostaria de conhecê-la.

Kenna se virou para ele com a agulha na mão.

— Isso seria difícil, pois ela morreu cinco invernos atrás.

— Sinto muito!

— Obrigada! — ela disse quando se inclinou para perto de seu braço, seu hálito quente ventilando sua pele e fazendo seu pênis agitar.

Frang virou a cabeça dela e fechou os olhos quando seu corpo reagiu à sua proximidade. Assim como a primeira picada da agulha tocou sua pele, o som de cavalos se aproximando apanhou toda a sua atenção.

Kenna saltou para cima, seu peito subindo e descendo rapidamente.

— Esconda-se. — Quando ele não se mexeu, ela se virou para ele e empurrou-o para fora da cadeira, jogou sua camisa para ele. — Esconda-se Frang, na minha despensa! Certifique-se de não ser visto.

Frang moveu-se para fazer o que ela pedia se perguntando por que ela queria que ele se escondesse. Quem ela temia tanto? Uma vez que estava na sua despensa, ele puxou a cortina fechada e assistiu pela fresta como ela jogou o curativo na lareira. Moveu-se para a mesa para recolher a agulha e as ervas quando a porta se abriu.

Capítulo Quatro

Kenna tentou impedir os joelhos de tremerem enquanto a figura imponente do Proprietário das Terras seu *Laird*, Glenn Wallace, entrou na sua casa.

Ele era jovem e a maioria o considerava bonito com seus cabelos loiros e olhos castanhos. Se Kenna fosse outra coisa senão uma Druida talvez ela não o temesse assim.

O olhar de Wallace moveu-se lentamente em torno de sua casa, parando na mesa onde o material dos pontos do braço de Frang ainda estava. Kenna encontrou seu olhar e esperou.

— Há alguma coisa errada Kenna? — ele perguntou quando se encostou à porta.

— Não, *Laird*. Por que você acha isso?

Ele tomou uma respiração profunda. Seu peito largo expandiu esticando e contraindo seus músculos.

— Eu encontrei dois Carmichaels mortos na estrada. Sabe alguma coisa sobre isso?

Por um momento Kenna pensou mentir, mas sabia que no final a verdade era necessária.

— Sim, *Laird*. Eu estava fora encontrando ervas, quando três homens, os homens Carmichael, pararam-me.

— Três? — ele perguntou quando se afastou da porta.

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu avisei-os que estavam em terras Wallace e que eu era sua curandeira, mas não pareceram ouvir. Eles estavam prestes a atacar-me quando um desconhecido saiu do mato e os parou.

— Estranho? — a testa de Wallace franziu com suas palavras. — Onde está esse estranho?

Kenna encolheu os ombros.

— Ele matou dois homens, mas o terceiro fugiu em vez de lutar.

— E você não passou este relatório para mim?

Kenna endireitou e encontrou o olhar do *Laird*.

— A menos que você se esqueça *Laird*, eu quase fui estuprada por três homens. Tudo em que pensei foi na segurança da minha casa; e é aí que eu corri.

Após vários batimentos cardíacos o *Laird* dela olhou-a. Então, ele cruzou os braços sobre o peito e acenou para a mesa.

— E a agulha e linha?

— Eu posso ser uma curandeira, mas também faço reparos. — seu estômago se apertou tão forte que ela pensou que fosse se dobrar com o medo.

— Este é apenas mais um motivo para você se mover para a segurança das muralhas do castelo, Kenna — ele disse quando soltou os braços e aproximou-se dela. Kenna abaixou seu olhar, mas não se afastou como queria.

— Eu prefiro ficar aqui. Esta é a minha casa!

— Mas eu não posso te proteger aqui! — argumentou.

Ela ergueu o olhar para o dele então.

— Eu não estou pedindo a sua proteção!

— Você faz parte do meu clã, Kenna, o que torna a sua proteção minha responsabilidade! Por que você luta contra mim?

— Não é minha intenção! — disse ela em voz baixa e olhou para seus soldados fora de sua porta. — Esta é minha casa!

Ele deu um suspiro alto, antes de estender a mão e tocar o rosto dela com os dedos.

— Existe algo que eu possa dizer para mudar sua decisão?

Kenna balançou a cabeça.

— Eu vou ter as patrulhas verificando-a diariamente então. Eu não posso ter

minha curandeira ferida. — ele virou-se e partiu para a porta. Quando chegou à porta, parou em seguida, virou-se para olhá-la por cima do ombro.

— Se você precisar de alguma coisa, você só precisa vir até mim.

Kenna deu-lhe um sorriso.

— Você é muito gentil, *Laird*!

Ela esperou até que ele estava em cima de seu cavalo, galopando para longe antes de fechar a porta. Mal ela se virou para dizer a Frang que ele poderia sair de lá quando bateram na sua porta. Kenna abriu para encontrar um dos membros do clã dela precisando de ervas para um torcicolo.

Kenna olhou para sua despensa e orou para Frang ficar lá até que ela fosse até ele.



Frang perdeu a contagem do número de pessoas que vieram visitar Kenna após seu *Laird*. Ele tinha estado mais interessado no *Laird* dos Wallaces e ele sabia só de olhar para o homem que ele era um oponente formidável. Se ele estava indo para ficar em terra Wallace, ele precisava do *Laird* como um amigo.

Ele tinha se abaixado para o chão e viu Kenna através da fenda na cortina. As pessoas que vieram a respeitavam e as suas palavras. Eles ouviram extasiados quando ela disse a eles como usar as ervas e ele sabia que cada uma delas iria seguir essas instruções perfeitamente.

Ele inclinou a cabeça para trás contra a parede e fechou os olhos. Não tinha vontade de sair agora que a escuridão descia, para não mencionar que achou Kenna intrigante. Ela tinha tantos atributos de um Druida que por um momento enquanto atendia a sua ferida, ele pensou que era um deles.

Embora ele desejasse perguntar-lhe se ela tinha algum treinamento Druida, suspeitou que ela provavelmente mentisse, já que não confiava nele. Ele estava acostumado a ser confiável, acostumado a ter as pessoas procurando seu conselho. Deixar os *Druidas* de *Glen* tinha sido a coisa mais dolorosa que ele já tinha feito. No entanto, fazer uma nova vida para si mesmo estava provando ser quase tão doloroso.

Ninguém poderia saber que ele era um *Druida* porque isso significaria a sua morte. Cristãos tinham a certeza que todos os pagãos e *Druidas* tinham que ser enforcados ou queimados, logo que descobertos.

Frang suspirou. Sim, sua vida ia ser muito diferente. Aimery tinha lhe aconselhado a entender o seu dom com as duas mãos, mas era difícil quando tudo que Frang queria fazer era voltar para o vale e as pedras mágicas. Mesmo depois de cinco anos, o Vale ainda o chamava.

Ele abriu a palma das mãos para cima e olhou para elas. Durante séculos, as mãos tinham usado o poder dos *Druidas* e até mesmo os poderes da *Fae* na ocasião. Quantas vezes lutou contra a maldição que o prendia? No entanto, agora ele ansiava por ter a maldição. Seus olhos se fecharam novamente quando ele respirou fundo. A voz suave de Kenna embalava-o para dormir. Ele bocejou enquanto ouvia-a explicar qual é a raiz do salgueiro e como a mulher precisava usá-lo.

Foi à última coisa que ele ouviu.



Kenna limpou as mãos na saia quando fechou a porta atrás de seu último visitante. Moveu-se para a janela e estendeu a mão para fechar as persianas quando o olhar dela pegou o céu roxo. O sol estava afundando rapidamente

no céu.

Ela fechou as janelas e se virou para a despensa. Frang não tinha feito um som, enquanto ela tinha atendido ao seu povo. Seu coração começou a bater freneticamente enquanto percebia que ele poderia ter pulado fora por sua janela traseira. Disse a si mesma que era porque estava preocupada com sua ferida, mas ela sabia que era mentira. Na verdade, gostava da maneira como seu corpo reagia a ele e queria experimentar mais o calor e... Desejo.

Quando ela chegou a passar pela cortina para o outro lado sua mão tremia. Sem pressa, levantou o tecido e avistou inicialmente seus pés. Ela seguiu as pernas até que o encontrou encostado na parede. Adormecido.

Seus lábios estavam entreabertos, e seu corpo estava relaxado. Ela mordeu o lábio e se ajoelhou ao lado dele. O profundo desejo de tocá-lo a fez correr os dedos sobre o braço esculpido. Calor infundiu em sua pele. A respiração dela passou trêmula por seus lábios quando se encontrou inclinando-se para beijá-lo. Seus lábios estavam a respirações de seus quando ela se afastou incapaz de tocar os lábios dela contra os dele.

Kenna estava com as pernas trêmulas e tentou conter os sentimentos estranhos e alegres correndo por ela. Afastou a cortina e entrou no quarto para fechar e trancar as persianas. Quando voltou para Frang, seus olhos estavam abertos e olhando para ela.

Os poucos homens que tinham dormido em sua cabana tinham estado doente. Nenhum deles tinha estado lá por qualquer outro motivo; e o fato de que ela queria-o a assustou até a medula dos seus ossos. O ar de repente tornou-se espesso e ficou difícil para ela respirar enquanto focalizou Frang.

— Vou partir. — disse ele como se estivesse lendo sua mente.

Kenna afastou para trás o cabelo do rosto e lambeu os lábios. Seu estômago caiu a seus pés quando viu o olhar dele ir para a boca. Ele ansiava beijá-la como ela queria sentir seus lábios nos dela? Ela não tinha nenhuma experiência com homens, por isso não se atreveu a fazer perguntas que

poderia não querer saber a resposta.

— Eu não costurei a sua ferida.

Levantou-se tão ágil quanto um gato.

— Então, vamos chegar a ela.

Kenna sempre soube que era diferente, mas o fato de Frang querer passar tão pouco tempo com ela, não mais que o necessário, machucou. Mudou-se para passar por ele quando seu braço parou. Esse simples toque a fez fechar os olhos e obrigar-se a não encostar-se a ele.

— Você é solteira. Não é certo que eu fique aqui sozinho com você.

Ela abriu os olhos e sorriu, aliviada, por ela não tê-lo feito querer sair.

— Frang, eu sou uma curandeira. Pessoas entram e saem da minha cabana em todas as horas da noite.

Ele olhou em seus olhos por um longo momento antes de assentir com a cabeça e largou-lhe o braço. Kenna caminhou até sua mesa consciente de cada movimento que fazia.

Sua mera presença encheu sua pequena cabana. Ela virou-se para encontrá-lo olhando para ela. Com a mão fez um gesto para ele se sentar. Ela esperou em silêncio enquanto ele caminhou lentamente para a cadeira e sentou.

Kenna flexionou os dedos quando mais uma vez tomou a cadeira ao lado dele e pegou a agulha. Inclinou-se perto dele para inspecionar a ferida e ver se as ervas tinham começado a sua magia ou não. E olhou estupefata a ferida.

— O que é isso? — sua voz tinha uma nota de preocupação que se levantou não mais que a um sussurro.

Ela ergueu o olhar para ele e viu-se perdida em seus olhos azuis pálidos, os olhos que parecia muito mais velho do que eram. Ela piscou e sacudiu a cabeça. Outro olhar sobre a ferida mostrou que ela não tinha imaginado.

A ferida começou a curar.

Antes que ela pudesse perguntar, Frang olhou para a ferida. Sua mandíbula se endureceu e ele pegou sua camisa cor de açafraão. Notando que ela ainda

segurava a agulha na mão, Kenna baixou para a mesa onde ela estava.

— Minhas ervas são boas, Frang. Muito boas. Mas eu nunca tinha curado alguém assim tão rapidamente!

Ele a ignorou quando prendeu seu tartan sobre o seu coração com o broche. Só então ele voltou a olhar para ela.

— Você tem que ser melhor do que imagina.

Kenna sabia que não era a verdade. Há meses ela havia praticado apenas como Brigit lhe tinha dito. Tinha suas habilidades *Druida* finalmente chegado a ela? Se fosse assim, ela teria que ser mais cuidadosa no futuro, para seu clã não enforcá-la como uma bruxa.

Apenas o pensamento de um laço no pescoço deu calafrios na espinha. Ela colocou os braços ao redor do estômago e respirou fundo.

— Eu sou apenas uma curandeira!

Havia algo na maneira que os olhos azuis de Frang estreitaram-se ligeiramente sobre ela, a maneira como seus olhos pareciam buscar sua própria alma que a deixou assustada e... Animada. Era como se ele visse o seu segredo, um segredo que tinha guardado para si por tanto tempo. Ela estava cansada de ficar sozinha, de dividir suas refeições com apenas si mesma. O olhar penetrante de Frang viu o que ela era e ele aceitou-a.

Ela lambeu os lábios e virou-se para a lareira. Ela começou a empilhar madeira no seu interior até Frang tocar seus braços.

— Permita-me. — ele disse e se afastou.

Tinha sido há tanto tempo desde que alguém tinha feito algo para Kenna. Ela estava acostumada a ficar sozinha e fazer tudo sozinha. Ah, alguns membros do clã negociariam suas habilidades em fixar seu telhado ou cortar madeira em troca de ervas, mas isso não era o mesmo como fazer algo apenas por bondade.

Frang olhou sobre seu ombro para ela e sorriu.

— Você olha como se não soubesse o que fazer com um homem em sua

casa, moça.

O riso histérico escapou antes que tivesse tempo de detê-lo. Ela engoliu em seco e deu de ombros.

— Isso é uma verdade e eu estou com medo.

Seu olhar cresceu morno e um lento sorriso sensual puxou os lábios largos. Foi o suficiente para fazer qualquer mulher se contorcer, mas Kenna encontrou sua reação alarmante. Ela não estava acostumada à atenção de um homem, especialmente um homem tão bonito como Frang. Era evidente a partir do calor em seu olhar que ele poderia lhe ensinar o que fazer com um homem na casa dela, mas se ela pedisse. A questão era ela era ousada o suficiente para perguntar?

— Não se aborreça! — ele disse quando se virou para ascender o fogo. — Eu antes me prejudicaria que a você.

Não querendo ser pega olhando para o traseiro bonito, Kenna voltou para a área que usava como sua cozinha e começou a fazer a refeição da noite.

— Está tarde. — disse ela. — Você está convidado para o jantar.

— Eu gostaria muito.

Ela engoliu em seco e respirou fundo. Não esperava que ele aceitasse a oferta; e agora que ele tinha, ela encontrou um lado ousado de si mesma que não sabia que tinha.

— Você também é bem-vindo para passar a noite.

Houve uma pequena pausa enquanto ouvia-o movimentar em torno da lareira em sua direção. Ela podia sentir seus olhos sobre ela, vagando sobre seu corpo. O rubor cresceu na pele dela, o coração acelerou e a respiração ficou difícil. Ela não podia acreditar que disse aquilo, mas perguntou o que se passava em sua mente. Na verdade, estava se perguntando o que estava errado com ela. Ela nunca convidou ninguém para passar a noite antes, especialmente não um homem estranho. No entanto, parecia a coisa certa a fazer. Pelo menos é o que o corpo dela queria que fizesse.

— Obrigado. — disse ele baixinho.

Kenna sorriu e se virou para ele. Ela estava saboreando cada momento de Frang em sua casa. Amanhã de manhã, ficaria sozinha mais uma vez.

Capítulo Cinco

Frang olhou para o teto acima dele. Tinha sido uma longa e insone noite. Sabendo que Kenna estava a poucos metros dele na cama dela trouxe visões deliciosas de sedução erótica em sua mente e corpo, deixando pouco espaço para dormir. Como gostaria de cobrir seu corpo com o dele, lambe e beijar seus seios deliciosos, até que ela chorasse por mais. Cobrir seu sexo com a mão, encontrar sua pérola escondida, acariciá-la até que ela alcançasse o êxtase. Então ele a levaria, preencheria com seu pênis e impulsionaria até que ela o teria esgotado da sua semente. Ele mudou de posição para facilitar o seu pênis dolorido e sabia que se ele não voltasse sua mente para outras coisas, pegaria Kenna como ele esteve sonhando em fazer.

A mão dele subiu e gentilmente tocou na ferida do dia anterior. Estava quase curada; e sabia que não tinha nada a ver com as ervas de Kenna. Ele tinha assumido que uma vez a maldição acabasse deixaria de ser imortal. Era algo que ele definitivamente precisava falar com Aimery depressa.

O farfalhar de movimento alertou que Kenna estava acordada. Em silêncio, ele se levantou e começou o fogo. Depois que o fogo rugia, olhou para ela ao vê-la ao seu lado, de costas para ele. Frang sorriu enquanto se endireitou e imaginou puxar o cobertor longe dela, centímetro por centímetro. Ele curvaria seu corpo em torno dela e chegaria seu polegar em torno dos mamilos até que eles estivessem duros, doloridos picos. Ele levantaria a perna para cima e lentamente entraria, circulando sua pérola inchada. Como ele não podia fazer isso, andou para fora da casa.

Fora, respirou fundo e tentou colocar seu corpo furioso sob controle. Ele voltou seus pensamentos para os *Druidas* e se perguntou o que eles estavam fazendo no vale sem ele. Depois da visita do *Laird* no dia anterior, ele

esperava Wallace enviar alguém para checar Kenna. Frang teria que estar em seu caminho em breve. Mas ainda não. Ele se moveu para a pequena pilha de madeira empilhada para ser cortada. A batalha de ontem deixou os músculos doloridos esta manhã, mas era uma dor boa.

Frang deixou sua mão enrolar em torno do cabo do machado enquanto sorria. Sendo o Sumo Sacerdote no *Vale* tinha dado a ele certa posição, de não fazer esse tipo de trabalho braçal. Ele questionou o que os *Druidas* pensariam dele agora que estava ansioso para fazer tal trabalho. Nos últimos cinco anos, tarefas como esta tinham afiado os músculos antes ignorados e lhe deu maior força.

Com um leve puxão, tirou o machado do tronco e se inclinou para pegar um pedaço bem grande de madeira. Com uma respiração profunda, Frang ergueu o machado e dirigiu-o na madeira.



Kenna bocejou e se espreguiçou antes de se lembrar de que não era a única em sua casa. Ela se levantou e olhou para a cama que Frang tinha feito diante da lareira, só para encontrá-la vazia. Decepção preencheu enquanto ela balançava as pernas sobre a cama e se levantava. Ela soltou um suspiro enquanto caminhava para a lareira e colocava a chaleira de água para ferver. Foi então que ela ouviu o som constante de cortar. Mudou-se para a janela e abriu as persianas para encontrar Frang cortando madeira.

Se ela achasse que ele parecia bom de pé ontem em sua cabana ou ao combater aos Carmichaels, não era nada comparado a olhá-lo esta manhã sem sua camisa e seu tronco brilhando com suor, seus músculos contraindo e flexionando com cada oscilação do machado.

Ele era de longe o homem mais atraente e bonito que ela já tinha posto os olhos em cima. Pena que ele não era dela para passar o dia na cama com ele, ensinar-lhe todas as maneiras que um homem pode ter uma mulher. Ela nunca havia pensado em querer ter relações sexuais com um homem, mas com Frang, isso é tudo o que podia pensar.

De repente, ele parou e se virou para olhar para ela. Seu peito subia e descia do seu esforço. Deu-lhe um sorriso antes de se voltar para a madeira.

Kenna voltou com um sorriso meio agarrado. Havia algo diferente em Frang. Ela não podia colocar seu dedo sobre ele, mas ele estava lá. Sua mente divagava sobre o que ela viu e aprendeu com ele quando começou a fazer sua refeição matinal. Não foi até que ele entrou na cabana com o cabelo molhado pelo banho recente no tambor de chuva que ela percebeu o quanto sua presença dominava.

Raramente ela partilhava suas refeições com alguém. Sempre odiou ficar sozinha, mas era o destino de uma curandeira, um que tinha aceitado há muito tempo.

— Você tem lenha para durar algum tempo. Você realmente deve ter alguém vindo e ajudando por aqui.

— Eu raramente tenho moedas para pagamento. Em vez disso, eu recebo galinhas ou porcos ou uma hora de tempo de um homem para cuidar do corte ou qualquer outra coisa que eu precise fazer.

Frang empurrou os fios de cabelos molhados do rosto.

— Há muita coisa que você precisa fazer?

— Não há sempre algo a ser feito? — Ela perguntou com uma risada enquanto preparava a refeição.

Não foi até que eles estavam quase prontos com a refeição que ela sentiu seus olhos sobre ela. Kenna levantou seu olhar.

— Diga o que está pensando.

— Posso ficar por alguns dias e ver sobre o concerto de algumas das coisas

que você precisa?

Kenna sentou-se e olhou-o. Sua primeira reação foi de entusiasmo por ele não pretender partir. Por mais que ela gostasse de pensar que ele estava fazendo isso por bondade de seu coração ela tinha aprendido da pior maneira que as pessoas esperavam algum tipo de pagamento.

— O que você quer em troca?

Frang estremeceu com a dureza em seu tom. Ele tinha a esperança de abordar o assunto de ficar sem fazê-la pensar que tinha segundas intenções. Ele suspirou e descansou os braços sobre a mesa.

— Sua companhia. E apenas isso! — ele se apressou a dizer antes que ela pudesse ter uma palavra — Eu não tenho pressa de continuar o meu caminho. Além disso, eu gosto disso aqui. Eu gosto de você. Eu não quero nada mais do que conversar com você e uma boa refeição.

Ela olhou-o com cautela. Desconfiada. Ele tinha se confundido com o desejo que tinha visto nos olhos dela ontem? Será que ele a queria tão mal que estava lendo mais nos toques de Kenna do que eles significavam uma curandeira usando suas habilidades?

— Eu não sou impotente. — disse ela. — Eu posso cuidar de mim!

Frustração cravou nele.

— Como você fez com os três homens prontos para ter o seu caminho com você?

— Eu tinha um punhal em minha cesta. — disse ela na defensiva.

— Uma arma em seu cesto não tem muito valor se o cesto é levado ou jogado a distância. Você precisa tê-lo em algum lugar em você em todos os momentos.

— Como, onde?

— Prendê-lo em sua perna sob suas saias, onde ninguém sabe que você tem uma arma. Isso a coloca em uma vantagem, que é o que você precisa.

— Uma boa sugestão. Vou fazer isso.

— Você sabe como usar o punhal?

Ela riu.

— Você quer saber se eu poderia matar um homem com isso? Sim, eu posso.

— Ótimo! Como eu estava dizendo, eu simplesmente estou oferecendo meus serviços, se assim desejar. Senão vou sair imediatamente.

Seu olhar baixou rapidamente para o chão. Quando falou, sua voz era baixa e suave.

— Só por alguns dias.

Frang inclinou ligeiramente a cabeça para esconder o sorriso que não podia manter escondido. Ele não tinha sabido até este momento o quanto queria ficar com ela, mesmo que nunca provasse seus doces lábios.

— Como você quiser. — Ele se levantou e caminhou até a porta, mas antes parou. Sem se virar para ela, acrescentou — Basta dizer a palavra e eu parto para sempre.

Ele não esperou a resposta dela quando abriu a porta e saiu. Seus pés o levaram para a madeira que tinha cortado. A primeira ordem do negócio era de empilhar a madeira. Então, ele veria sobre o chiqueiro que segurava o porco.



Aimery descansava seus pés sobre a mesa grande, olhando para fora pela larga janela para a cidade de *Caer Rhoemyr*, seus pensamentos em Frang.

Ele estava tão envolvido em seus pensamentos que nem ouviu Theron andar no quarto até que ele ficou ao lado da mesa. Com um suspiro Aimery riu do sorriso do rei.

— Deixe de se regozijar. Isto não se torna você! — disse Aimery.

Theron riu quando ele encostou-se à parede ao lado da janela.

— Por quê? Eu não posso me vangloriar muitas vezes, especialmente com você. Então, velho amigo, diga-me o que conquistou os seus pensamentos tão fortemente que você não me ouviu entrar na sala?

— Frang.

— Ah... — disse Theron, balançando a cabeça. — Ele tem sido bom para os *Druidas*. Eu odeio que ele teve que deixar o vale.

— Ele não precisava.

Theron se afastou da janela, o manto real prata e branco esvoaçante atrás dele.

— Ele fez. Dê a seu amigo algum crédito. Tudo vai funcionar como deveria.

— Será que vai? — Aimery perguntou quando deixou cair os pés no chão e se levantou. — Muitas vezes nós chegamos tão perto de perder tudo. E se desta vez fizermos?

— É uma chance que temos de tomar. Frang deve fazer essa viagem, Aimery. Você sabe disso.

Aimery concordou com relutância.

— Você não me diz nada que eu já não sei.

— Então confie em Frang para fazer as escolhas certas. Ele é um bom homem.

Aimery virou a cabeça para Theron.

— Um homem que não deveria ter sido enganado e em seguida amaldiçoado. Você poderia ter dito a ele o que ele precisava fazer e dar-lhe a imortalidade. Por 300 anos, ele vem pensando que fez algo errado.

Theron moveu-se em direção à porta e então parou.

— Nós poderíamos ter, mas não o fizemos. Nem todos os seres humanos respondem como gostaríamos, por isso aprendi a lidar com eles como fizemos com Frang. Ele sempre trabalhou. Confie que será assim desta vez também.

Aimery esperou até que seu rei deixou o cargo antes dele passar a mão pelo rosto. Ele andou até a janela e olhou para o reino real. Então, muitas vezes eles lutaram mal. Ele queria a paz, para si e seus amigos na Terra.



Não sendo possível adiar por mais tempo, Kenna levou para fora uma taça de água para Frang. Ela não tinha conscientemente o evitado, mas então não tinha necessidade de seu trabalho assim como seus membros do clã vindo a ela para suas necessidades. E assim como havia prometido o Proprietário das Terras, uma patrulha havia passado por duas vezes para ver como ela estava.

Agora não havia nada que a impedisse de ir à Frang. Ela alisou os cabelos indisciplinados para trás do rosto e pegou a taça enquanto caminhava da cabana. A meio caminho de Frang ela desejou que tivesse tomado um momento para escovar os cabelos e arrumá-los.

Então, silenciosamente, castigou-se por querer olhar bem para ele. Ela ainda estava sacudindo a cabeça para si mesma, quando virou a esquina da sua casa e viu-o terminar de endireitar o chiqueiro para o porco.

Todo pensamento deixou-a quando ele olhou por cima do ombro para ela e deu um sorriso diabólico que a fez derreter por dentro. Se ela ousasse o suficiente ele saberia o que ela queria.

“Tenha cuidado, Kenna! Ele está partindo, e isso significa sofrimento para você!”

— Ah, você deve ter lido minha mente! — Frang disse enquanto caminhava em sua direção, parando perto do canto da casa.

— O... O quê? — Ela gaguejou.

Ele acenou para a taça.

— Minha garganta está seca. Você deve ter lido minha mente.

Kenna forçou um sorriso.

— Sim.

Ele lhe deu uma piscada um pouco antes de mergulhar a cabeça no barril da água da chuva. Ele ajeitou e virou para trás seu cabelo, enviando toda a água sobre ela.

Kenna não conseguia parar o riso que a encheu. Sua risada só aumentou quando olhou para Frang para ver seus cabelos longos e escuros escorrendo sobre seu rosto, ombros e sua boca aberta devido à temperatura fria da água.

— Só o que eu precisava. — disse ele enquanto alisava o cabelo para trás. — Venha! — ele acenou para ela.

Ela estava segurando a taça para ele quando ele balançou a cabeça como um cachorro, pulverizando-a ainda mais. Sua risada começou tudo de novo quando ela tentou proteger o rosto enquanto não derramava a água.

No momento em que ela terminou de rir, teve que enxugar os olhos. Ela segurou seu rosto para tentar pará-lo de doer tanto, mas cada vez que olhava para Frang, queria rir de novo.

Agora, ele encostou-se a casa para beber sua água e a olhava com um sorriso malicioso que dizia que ele tinha feito tudo de propósito.

— Isso ficou bom! — Kenna mudou-se para olhar para o chiqueiro esperando Frang não perceber o quão solitária sua vida foi com esta frase simples.

Ele grunhiu em resposta.

— O riso, por vezes, é o melhor remédio.

Kenna virou a cabeça para olhar para ele.

— Cura para quê?

— Solidão. Tédio. Raiva. Grande número de emoções!

Ela sorriu, aliviada de não ter descoberto seu segredo.

— Eu concordo. Você fez um bom trabalho no chiqueiro. Obrigada!

Ele deu de ombros.

— O prazer é meu.

— É quase meio-dia. Eu fiz a nossa refeição.

Ele caminhou com ela até a cabana.

— Você estava ocupada esta manhã. É normalmente assim?

— Nem sempre. Alguns dias são mais lentos do que outros.

— Hum. Existe alguma coisa em especial que você gostaria que trabalhasse após?

Kenna encolheu os ombros enquanto colocava sua comida na frente dele.

— Você trabalhou duro durante toda a manhã! Pegue à tarde de folga.

— É isso que você está fazendo?

O olhar dela empurrou para ele quando ele estava sentado.

— De certa forma. Eu vou procurar as ervas que eu não fui capaz de encontrar ontem.

— Então eu vou com você.

Ela começou a dizer-lhe que não precisa dele, mas depois de lembrar-se de ontem, mudou de ideia. Além disso, disse a si mesma que iria gostar da companhia.

Capítulo Seis

Frang inclinou-se contra um carvalho frondoso e assistiu Kenna caminhar ao redor da floresta. Para um olho destreinado, parecia como se ela vagasse sem rumo. Mas Frang sabia melhor. Seus passos eram leves, quase como se flutuasse no chão, com medo de perturbar até mesmo uma folha caída.

Ela era incrível de assistir. Mesmo quando sua mão se aprofundava em roseiras bravas, saía ilesa. Não era apenas sua beleza que era impecável. Era a sua alma. Frang ficou estupefato quando a realidade o acertou.

Kenna era uma *Druída*.

Como ele não tinha visto imediatamente não sabia, mas estava exposto diante dele agora. Pode ser porque ela não estava com outros *Druídas*, por isso não sabia como trazer para fora suas habilidades.

Ele soltou um suspiro profundo. Ela precisava estar no Vale, mas ele duvidava que ela fosse sozinha. E ele não poderia retornar. Nem agora, nem nunca.

Precisava transformar seus pensamentos, Frang empurrou-se para longe da árvore e caminhou para Kenna.

— O que você procura tão diligentemente?

Seus olhos brilhavam com âmbar surpresa.

— *Linden*⁹. Você já ouviu falar dele?

— Sim. — Logo após falar ele percebeu que tinha, inadvertidamente, deixado-a saber, que ele era muito mais do que apenas um simples homem. Contudo, ela não demonstrou qualquer sinal de surpresa.



⁹ **Linden é bem conhecido como um remédio utilizado para relaxar tensão nervosa. Ela tem uma reputação como uma profilaxia contra o desenvolvimento de aterosclerose e hipertensão, entre outros. Fonte: http://www.theherbdepot.com/pt/standard/linden_linden-herb_40.html**

Ela sorriu.

— Ótimo! Você sabe o que procurar. Eu tive que usar muito nos últimos tempos e procurar cada vez mais longe da minha cabana a cada vez.

— Isso é uma erva estranha para usar. — ele disse cautelosamente.

Na verdade, muitos usam para matar, mas ele sabia que se utilizado com a magia havia outros resultados.

— Não é tão estranho! — disse ela. — Na dose certa pode matar, sim, mas também pode curar febre e curar algumas feridas.

— Deixo para o seu julgamento como uma curandeira.

O que ela disse era verdade, mas Frang não poderia afastar a sensação de que alguém, em algum lugar estava usando esta erva para outras coisas.

Como um *Druida* e amigo de um *Fae*, ele se sentiu compelido a descobrir quem e porquê. Em seguida colocar um fim a isso. De qualquer maneira ele tinha que fazer.

— Você se importaria se eu perguntasse para quem é o uso da erva?

Com o canto do olho, ele viu uma pausa e um olhar para ele, mas manteve sua atenção no chão procurando a planta indescritível.

— A maior parte do uso é no castelo. — ela finalmente respondeu. — Por quê?

Ele deu de ombros.

— Sou curioso por natureza. Qualquer coisa que é usada mais do que outras me pergunto por quê. — Esperava que ela comprasse a mentira. — Tem muitos dos soldados feridos, então?

— Não. *Laird* Wallace gosta de dar a seus homens um pouco da erva a cada mês. Para mantê-los saudáveis. — A última parte, ela disse em uma profunda imitação do próprio Wallace.

Frang olhou para cima e sorriu para ela.

— Como um curandeiro eu teria pensado que você teria achado essas palavras uma bobagem.

— Ainda que eu tenha aprendido tudo que sei com Brigit, ela morreu antes que eu pudesse concluir totalmente o meu treinamento. Antes de eu fazer alguma cura tive que aprender sobre todas as ervas e os seus princípios ativos usando a memória. Então, embora eu não saiba uso para cada erva, eu sei que pode matar um homem.

Frang considerou-a silenciosamente, imaginando o quanto ele podia contar para ela. Se ele podia confiar nela.

— Alguns dizem que não há mágica em algumas ervas.

— Conto da carochinha.

Embora ela dissesse em tom de brincadeira, viu a cautela em seu olhar. Ela estava escondendo alguma coisa. E ela não confiava nele. Não que ele a culpasse. Ela não o conhecia. Ele teria que resolver isso. Seu primeiro pensamento foi puxá-la contra ele e reivindicar seus lábios em um beijo que a deixaria sem fôlego e ansiando o corpo dele tanto quanto ansiava o dela. Sua fome por ela tinha crescido em algo que estava tendo um tempo difícil de controlar. E o fato é que ele não queria controlá-la. Ele queria libertar o seu desejo por ela e deixá-lo consumir a ambos. Frang balançou a cabeça para limpá-la e se focar. Ele não podia beijá-la para ganhar a confiança dela, porém era uma alternativa que desejava e poderia tomar. Não, ele teria que provar que era digno de confiança em primeiro lugar.

— Eu encontrei alguns! — gritou quando avistou o *linden*. Ele se ajoelhou e começou a colher as flores delicadas quando Kenna correu para seu lado.

Ela se agachou ao lado dele e estendeu a cesta para ele colocar as flores dentro.

— Não levaremos todos — alertou.

Depois que ele tinha escolhido metade das flores, se levantou e começou a caminhar pela floresta, mais uma vez.

— Quanto mais você precisa? — Ele olhou seu cesto cheio.

Ela encolheu os ombros.

— Tanto quanto eu possa encontrar. Eu não gosto de ter que vir aqui todos os dias e desde que eu não fui capaz de encontrar nenhuma ontem, eu preciso conseguir para vários dias.

— O Wallace tem tantos homens, então?

Ela lançou-lhe um olhar ansioso.

— Ele gosta de mantê-los estocados.

— Eles não vão fazer alguma coisa boa se elas estiverem murchas. — Sabia que ele a empurrou, mas tinha que saber a verdade.

Ela parou e se virou para ele, seus olhos âmbar duro e acusador.

— Você está dizendo que eu sou uma mentirosa?

— Não. Estou pedindo para você me dizer para o que é realmente o linden.

Ela deu uma gargalhada.

— Eu fiz.

— Em seguida, você mentiu sobre conhecer ervas ou você mentiu sobre o que o Wallace quer com elas.

Seus olhos cresceram redonda com indignação.

— Como você se atreve?

Frang fechou os olhos e suspirou. Quando os abriu Kenna havia se afastado. Correu para alcançá-la. Ele estendeu a mão e agarrou o braço dela, mas puxou-o dele e apressou seus passos.

— Kenna. Pare e deixe-me explicar. — Mas ela não estava ouvindo.

Ele alongou seus passos e tomou-lhe o braço novamente. Desta vez, quando ela puxou o braço dela, ela mandou sua cesta voar e as ervas derramaram no chão.

— Não! — gritou ela enquanto olhava para as ervas.

Mas Frang não estava disposto a prestar atenção em nada, apenas nela. Ele a empurrou contra uma árvore. As palavras que ele estava prestes a dizer foram perdidas quando olhou em seus olhos âmbar. Seus seios estavam pressionados contra seu peito e ele sentia cada uma de suas curvas suaves, fazendo explodir

o seu corpo com o desejo. Seu pênis palpitava com a necessidade. Os olhos de Frang baixaram para os lábios que ele havia sonhado beijar, lábios que estavam a apenas respirações do dele. Ele encontrou a cabeça baixando para a dela, já que tudo sumiu menos ela.

Um falcão gritou no alto, quebrando o feitiço que tinha descido em Frang. Ele ergueu a cabeça e respirou fundo antes de firmar e tentar falar.

— Eu tenho minhas razões para fazer essas perguntas. Eu sei que você não confia em mim, e eu não a culpo, mas o fato é que eu conheço ervas. Pelo que você me disse Wallace não está usando-as para o que ele disse.

Seus olhos se estreitaram e a raiva correu através dela.

— Eu estou surpresa que você não me acusou de ser uma cúmplice.

— Você é?

— Tire suas mãos de mim! — gritou ela enquanto lutava contra ele.

Frang segurou-a com ambos os braços, então teve que usar seu corpo para impedi-la de chutá-lo na virilha. Sua luta contra ele apenas lembrou-lhe quão desesperadamente precisava de uma mulher.

Seu corpo respondeu ao dela imediatamente. Ela deve ter sentido a sua vara pressionado em seu estômago porque deixou de se movimentar e olhou para ele.

— O que você quer?

Ele a soltou e se afastou.

— Eu disse a você. Eu quero saber o motivo real que você entrega a *linden* para o *Laird*.

Ela não lhe respondeu e caiu de joelhos e começou a pegar delicadamente as ervas espalhadas.

— Kenna.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Eu pensei que você fosse outra pessoa, diferente, que não estava tentando roubar os meus segredos ou me acusam de ser uma bruxa.

Frang acalmou.

— Alguém tentou roubar os seus segredos?

Um suspiro impaciente deixou seus lábios quando ela levantou-se com a cesta na mão.

— Eu não tenho nenhum segredo. A cura não é para todos, é um dom. No entanto, alguns pensam o contrário. Alguém passou por minha casa há duas semanas e saqueou toda a minha despensa. Eu estive tentando preencher as ervas que eu perdi.

— Jesus! — exclamou Frang quando passou a mão pelo cabelo. Ele encontrou seu olhar. — E a parte da bruxa?

Ela tremia visivelmente, dizendo-lhe que a incomodava mesmo agora falar sobre isso.

— Cerca de um mês atrás alguém me agarrou por trás, quando eu estava indo para minha casa. Ele me perguntou sobre as ervas e seus usos específicos, então me disse que sabia que eu usava magia e ele me veria queimar como bruxa.

Frang começou a andar com sua mente trabalhando todas as suas palavras.

— Você não viu o homem?

— Não. Era de noite e eu estava tão assustada que logo que ele me soltou corri para dentro da casa.

— A coisa certa a fazer. — disse ele.

Kenna viu como Frang passeou na frente dela. Seus olhos de céu azul tinham mais preocupação do que ela já tinha visto. Ela ainda não estava certa porque lhe disse sobre os incidentes. Ela ainda não tinha ido falar para seu *Laird* sobre isso. Por um lado, porque sabia que Wallace iria insistir que se mudasse para dentro das muralhas do castelo; e ela se recusava a deixar sua cabana. E dois, porque gostava da floresta ao redor dela.

— Sobre que ervas o homem lhe perguntou?

Ela hesitou. Ela esperava que ele não fizesse a pergunta.

— *Linden e Wolf's Bane*¹⁰.

Ele parou e olhou para ela.

— Venenos.

— Sim.

— Você costuma tê-los em sua coleção?

— Eu tenho. Embora sejam venenos, elas também podem ser usadas para curar em doses muito pequenas. — Passou a mão pelo seu rosto quando ele suspirou.

— Eu tenho um pressentimento de que o ataque de ontem não foi por acaso.

— Eu tinha o mesmo pensamento.

Seus olhos azuis estreitaram sobre ela.

— Você não ia me contar nada disto?

— Por quê? Você é um estrangeiro de passagem. Isso não é problema seu.

— Agora é! Eu não seria o homem que sou, se a deixasse sem garantia que está segura.

Ela bufou e se voltou para a cabana.

— Frang, existem perigos em torno de cada canto. Você não pode me proteger de tudo.

— É verdade, mas eu posso te proteger de quem está tentando prejudicá-la.

Eles caminharam em silêncio de volta para a cabana. Ela se perguntava por quanto tempo ele iria esperar antes de perguntar novamente a ela sobre o *linden* e seu uso no castelo. Ela tinha uma decisão a tomar. Dizer-lhe a verdade. Ou mentir.



10

Wolf's Bane (Aconitum lycoctonum ou Acônito) é uma planta venenosa, pertencente à família Ranunculaceae muito utilizada em "medicamentos" homeopáticos. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ac%C3%B4nito>

Capítulo Sete

Quase uma semana se passou desde o confronto na floresta, mas era tudo em que Kenna pensava. Frang não perguntou novamente sobre as ervas, mas sabia que ele queria. Em vez disso, ele passava os dias consertando os problemas diversos e variados em torno de sua casa.

Ela ainda não havia decidido se lhe dizia a verdade ou a mentira, mais uma vez sobre as ervas e sua utilização. Ele tornou ainda mais difícil decidir, pois não conseguiu obter a imagem dele pressionado contra ela fora de sua mente.

Nenhum homem jamais estivera tão perto dela. Nenhum homem jamais olhou para ela do jeito que às vezes o pegava olhando-a, como se estivesse passando fome e ela fosse sua refeição. Ela sabia que era seu pênis que sentira contra ela. Basta pensar que ele a podia querer para fazer o sangue dela correr e seu coração disparar. Em todos os seus anos de querer um marido, nunca tinha pensado sobre o que seria a sensação de ter alguém que quisesse a seu corpo.

Quanto mais pensava nisso, mais achava difícil de concentrar-se em outra coisa. Ela amarrou uma corda junto um barbante de sálvia para pendurar para secar quando se encontrou imaginando como seria beijar Frang. Toda noite enquanto ele estava deitado perto dela, ela pensava nele. Cada dia que ele ficou com ela, encontrou-se cada vez mais ligada a ele.

Um pensamento arrogante de alguém que estava sempre sozinho. Um pensamento que deveria estar mantido atentamente em seu futuro. No entanto, um olhar em seus belos olhos azul céu e ela estava perdida. Perdida como uma folha ao vento.

Como ela desejava que Brigit ainda estivesse por perto para conversar. A velha curandeira teria sabido o que dizer em qual direção seguir. Agora,

Kenna ficou se debatendo sobre ela própria.

— Kenna?

Sua cabeça ergueu para encontrar Frang na entrada da porta nos bastidores.

— Algo errado?

— Eu estava prestes a perguntar a mesma coisa. — ele disse enquanto se encostava descontraidamente na porta. — Você está com problemas?

Ela encolheu os ombros e chegou acima dela para pendurar as ervas. Seu olhar se voltou rapidamente para Frang para encontrá-lo olhando para ela.

— Diga-me algo do seu passado. — ela implorou.

— O que você gostaria de saber?

— Algo que poucas pessoas sabem.

— Como o quê? Como foi minha infância? O que eu realmente pensava dos meus pais?

Ela balançou a cabeça e lentamente deu a volta na mesa até que estava a apenas alguns passos dele.

— Algo secreto.

Seus olhos procuraram os dela. Um piscar de olhos. Dois. Três.

— Eu vi *Druidas*.

Ela não poderia ter ficado mais chocada se ele dissesse que era rei.

— Realmente?

Seus lábios se transformaram em um sorriso.

— Sim. Isso é verdade. *Druidas* ainda existem e praticam pela Escócia.

— Se eles forem presos, eles serão queimados!

— Eles não vão ser apanhados.

Ele parecia tão seguro de si que ela queria acreditar, precisava acreditar. Se fosse aos *Druidas* talvez ela pudesse procurá-los e terminar a formação que Brigit tinha começado.

— Onde? — ela perguntou de repente. O desespero de saber do seu paradeiro era forte, substituindo todo o resto.

— Você quer saber a sua localização?

Ela assentiu com a cabeça, tentando manter sua excitação mínima.

— Por quê? — ele empurrou fora da porta e deu um passo em direção a ela.

— Então, você pode encontrá-los e contar a sua localização para outros que possam matá-los?

— Não! — Kenna tentou dizer, mas as suas palavras fugiram dela.

Ele deu outro passo trazendo seu corpo perto dela.

— Kenna por quê? Dá-me uma boa razão para que eu deva colocá-los em perigo.

Ela olhou nos olhos dele e queria desesperadamente lhe contar a verdade. Em vez disso, contou-lhe metade.

— Já ouvi falar de *Druidas* por Brigit. Ela falou muito bem deles. Eu não achava que havia mais na Escócia.

Ele inclinou em sua direção fazendo com que ela se encostasse sobre a mesa. Seus lábios pairaram sobre os dela e seus olhos escureceram. Por um brevíssimo momento ela pensou que ele poderia beijá-la.

— Não! — ele disse suavemente. — Se você quiser vê-los, vou levá-la até eles, mas não vou dar-lhe a sua localização.

Ela piscou.

— Você vai me levar?

Ele balançou a cabeça e se endireitou. Mas seu olhar jamais deixou o dela.

— Você quer ir?

É claro que ela queria ir, mas isso significava ter de sair do seu clã, o único lugar que ela já conheceu. Ela não era do tipo aventureira.

Frang viu morrer a alegria em seus olhos. Quando ela tinha pedido um segredo, por um momento ele havia pensado em dizer-lhe o maior de todos.

— Eu não posso deixar o meu clã! — Sua voz era baixa e tinha uma nota de tristeza. Ela virou de costas para ele.

Frang colocou seu olhar sobre sua forma esbelta. Ele ainda podia sentir seu

hálito quente em seu pescoço quando ele se inclinou sobre ela, ainda via o desejo em seus olhos de âmbar com lábios ligeiramente entreabertos. Teria sido tão fácil dobrar a cabeça e capturar seus lábios carnudos com o seu próprio.

— Pense nisso! — disse ele.

Ele deixou a casa e entrou na floresta. Não havia muito para ele deixar de reparar, que o deixava sem nenhuma razão para ficar. No entanto, ele sabia que tinha que fazer. Foi o seu sentido *Druida* que lhe disse para ficar, para ficar até que Kenna estivesse fora de perigo.

Não havia dúvida em sua mente que estava em perigo iminente. Ele só queria saber por parte de quem.

Desde o seu argumento enquanto procurava ervas, Frang não tinha abordado o assunto de novo, esperando que ela aprendesse a confiar nele. Mas a confiança não era uma coisa fácil de aprender. Quando ela pediu um segredo, ele sabia que era a oportunidade perfeita para mostrar a ela que ele era um homem de confiança.

Ele faria o que tinha que fazer para ganhar a confiança dela, o tempo todo rezando para que conseguisse mantê-la viva, no mesmo período.

O som do riso fez voltar para a cabana. Ele viu-a debruçada na janela de sua sala de trabalho, enquanto ria das palhaçadas de dois pássaros. Assim quando os pássaros voaram ela inclinou a cabeça para o lado e havia um olhar distante em seus olhos.

Ela estava sonhando com alguma coisa e ele não podia ajudar, mas perguntando-se se era com ele. Será que ela sente a mesma necessidade que ele? Será que ela não sentia o desejo entre eles, discernir a paixão inebriante?

Frang gemeu e se afastou dela. Ele tinha de encontrar algum alívio. Tinha sido muito tempo desde que havia encontrado uma mulher. Talvez sua necessidade fosse o que levava a acreditar que havia algo entre ele e Kenna, quando na verdade não havia.

E a única maneira de descobrir, era ele encontrar outra mulher, imediatamente.

Ele girou de volta para a cabana e chamou por Kenna. Ela o encontrou na porta, aguardando e com olhar preocupado.

— Você me disse que hoje era dia de mercado, sim?

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu estou indo ao mercado. — O rosto dela caiu e ele percebeu que ela pensou que estava indo embora. Estava quase com raiva o suficiente para deixá-la acreditar nisso. — Existe alguma coisa que você precisa?

Um sorriso aliviado puxou-lhe os lábios.

— Não. Quando você vai voltar?

Suas últimas palavras saíram rapidamente, sem fôlego. Como se temesse ficar sozinha novamente. Ele entendia o medo muito bem.

— Talvez hoje à noite. Mas provavelmente amanhã.

— Eu vejo.

— Não, você não vê! — ele corrigiu-a. — Você saberá quando eu partir, moça.

Ela sorriu, apesar de não atingir os olhos.

— Tudo bem. Esteja seguro. Os soldados de Wallace podem ser agressivos às vezes.

— Sim eles é que devem se preocupar comigo. — Ele abaixou e agarrou a espada que tinha encostado à cabana em caso de emergências. Empurrou o braço pela cinta, em seguida, puxou o couro sobre a cabeça até que a espada repousava no vale das costas.

— Você tem a faca? — ele perguntou.

Ela tocou sua perna.

— Sim amarrada à minha coxa, assim como você me disse. É de fácil acesso.

Nada tinha acontecido enquanto ele estava com ela, mas o fluxo constante de seu clã que procurava a cura para seus males deixava pouco tempo para

alguém incomodá-la.

Com um pequeno aceno de cabeça, ele virou-se e partiu para a estrada que o levaria para o castelo.

Kenna assistiu Frang partir com um sentimento de pavor. Ele tinha dito que iria retornar, mas ela não tinha sido capaz de discernir se ele estava mentindo ou não. Quando ele expôs pela primeira vez que se dirigia para o castelo, ela pensou que ele estava saindo. Para o bem. E o pânico que se instalou a levou a pensar sobre Frang e o que ele tinha vindo a significar para ela em um tempo muito curto. Quase não era justo que ela tinha chegado a implorar por seu olhar, ouvir sua voz profunda, enquanto falava com ela ou que ela amava sua companhia durante as refeições.

Lentamente, Kenna se virou e entrou na casa. Fechou a porta e encostou-se nela. Ela estaria sozinha novamente. De repente, sua casa ficou silenciosa e vazia, como se toda a vida que havia tivesse saído com Frang.

Como facilmente ela tinha vindo a aceitar Frang em seu pequeno mundo. Como facilmente tinha vindo a sua presença como se ele tivesse sempre pertencido lá. Ela sabia o quão solitária se tornou. Tão só, de fato, que tinha recebido um estranho em sua casa quando não havia permitido qualquer dos membros do seu clã.

Se ela se mudasse para o castelo como Wallace queria, pelo menos não estaria sozinha como estava agora. Pelo menos teria pessoas ao seu redor o tempo todo.

“ Você não precisa ficar sozinha para estar só, Kenna.”

Ela xingou mentalmente. Queria ser uma curandeira, mas nunca quis envelhecer sem marido ou filhos a seu lado. Além disso, após os dois ataques e alguém vasculhar suas ervas, seu *Laird* iria vê-la segura no interior das muralhas do castelo, eventualmente. Ela só conseguiria segurá-lo por algum tempo.

Capítulo Oito

Frang atravessou os portões do castelo Wallace e deixou seu olhar vagar. Não era um grande castelo, mas bem defendido. Os guardas estavam em cima das muralhas, seus olhos buscando o horizonte para um inimigo. Mais guardas estavam na portaria e mais dois estavam em um lado do portão.

O castelo em si consistia em uma fortaleza retangular delimitado por duas linhas de muralhas que se formou no pátio interno e externo. O pátio interior abrigava uma torre em cada canto e uma portaria grande no meio da fachada oeste.

Seu olhar mudou quando ele procurou pela porta lateral que ele sabia que estava em algum lugar perto, levando ao pátio exterior. Ele descobriu a sua esquerda quando avistou duas mulheres andando por ela. Foi um conhecimento valioso, se ele precisasse sair com pressa.

Enquanto ele lentamente se dirigiu para a porta lateral, observou a capela perto da torre sudeste. O poço ficava à direita da capela, com a entrada do castelo à esquerda.

Como era dia de mercado, os fornecedores alinhados no pátio apregoando suas mercadorias, com homens e mulheres para negociar suas necessidades. Seria um ótimo dia para fazer alguma procura ao redor do castelo sem ser notado.

Mas ele não estava lá para isso.

Uma mulher entrou em sua linha de visão e lhe deu uma olhada mais apreciativa antes que ela piscasse. Agora, era por isso que ele tinha vindo. Apesar do fato de que ele queria Kenna com uma ferocidade que o assustou, ele poderia aliviar a sua dor com outra mulher.

Frang sorriu e continuou a seguir a mulher, quando viu um grupo de guardas a pé através da porta traseira. Ele olhou para a mulher para encontrá-la

esperando por ele. Seu instinto estimulou-o a descobrir mais sobre o *Laird* e sua necessidade das ervas de Kenna; e apesar de seu desejo de aliviar seu pênis da dor, a informação era mais valiosa. Com um grunhido de frustração, Frang seguiu os soldados.

Quando ele entrou no pátio exterior, ele foi surpreendido com a quantidade de pessoas que viviam dentro das muralhas do castelo. Wallace podia não ter um grande castelo, mas ele mantinha seu povo seguro.

Ninguém parou Frang quando ele vagou sem rumo observando todos os aspectos do pátio exterior antes de mais uma vez voltar para o pátio interior. Seu olhar foi para o castelo quando ele novamente se perguntou por que Wallace necessitava de tanto *linden* de Kenna.

Se Kenna não dissesse a ele, talvez os guardas dissessem. Ele caminhou para o grupo que tinha visto anteriormente. Não demorou muito tempo para observá-lo.

— Alto! — um highlander corpulento chamou.

Frang parou e sorriu.

— Boa tarde, rapazes. Eu estava passando e pensei em parar e ver o castelo do grande Wallace.

Assim como ele suspeitava, suas palavras fizeram os homens incharem.

— Sim, — o homem corpulento afirmou. — Nós somos do clã Wallace. Quem é você?

— Frang Malcolm. — disse ele com um arco de varredura.

— É um longo caminho das terras Malcolm.

Frang endireitou-se e deixou o seu olhar a cada toque dos soldados.

— Estou semeando alguma aveia selvagem. — Sorriu e esperou.

Ele não precisou esperar muito. O homem corpulento riu e se afastou.

— Lembro-me semear minha própria aveia selvagem. — disse ele enquanto passava a Frang uma caneca de cerveja.

— Você ainda está costurando Rory?

Rory riu e ergueu a caneca antes dele incliná-la aos lábios.

Frang apoiou contra a parede ao lado de Rory e tomou um longo gole de cerveja. Obter junto a eles tinha sido fácil. Convencê-los a dizer-lhe os segredos do castelo era outro.

Mas ele não era um Druida Sumo Sacerdote por nada.



Kenna disse a si mesma que ela não estava indo para o castelo para espionar Frang, ela estava indo entregar as ervas que seu *Laird* necessitava. Se ela visse Frang enquanto estava lá, que assim seja. Se não, ela certamente não iria procurá-lo para partir.

O sol estava afundando rapidamente no céu quando ela chegou aos portões do enorme castelo de Wallace.

— É tarde Kenna! — um dos guardas disse.

Ela assentiu em um *Olá* ao guarda.

— Sim. Eu vim assim que pude.

Sem esperar o guarda comentar, ela atravessou o portão para o pátio. O castelo estava em pé diante dela como um gigante de pedra. No interior, um poderoso latifundiário esperava por ela.

Suas mãos tremiam, enquanto continuava em direção ao castelo, sem olhar nem à esquerda nem à direita, como muitos dos vendedores iam para casa. Seus passos não vacilaram quando ela subiu os íngremes degraus até a porta do castelo. Não foi até que alcançou a porta que suas pernas começaram a tremer. Antes que pudesse empurrar a porta, ela abriu. E ela se viu olhando para Wallace.

— Kenna... — disse ele com um sorriso brilhante. Seus cabelos dourados

estavam afastados de seu rosto e seguro na nuca por uma tira de couro. —
Você chegou atrasada!

Ela deu um passo dentro do castelo.

— Sim. Eu sabia que você queria as ervas assim que eu pudesse encontrá-las.
Seus olhos escuros ficaram sobre ela.

— Você está apenas a tempo para a refeição da noite. Come. Sente-se
comigo. — ele disse enquanto tomou a cesta dela e entregou-a a um guarda
perto da porta.

Kenna deixou-o levá-la para o tablado na parte de trás do grande salão. Seu
olhar vagueou pela sala observando os muitos guardas de pé contra as
paredes.

— Isso é novo! — comentou, apontando para a grande tapeçaria pendurada
atrás do estrado. Ele mostrava uma cena de batalha com um grande homem,
sendo coroado no meio.

— Aye. A mulher de James terminou poucos dias atrás. Gosta?

Ela assentiu com a cabeça enquanto observava o trabalho. Ela sabia que
James e sua esposa também já tinham tentado sem sucesso conceber uma
criança.

— Muito.

Sorriu.

— Eu vou ter a certeza de deixar a esposa de James saber. Ela gosta muito
de você.

Kenna ficou incomodada com as suas palavras. Por que ele se importa o que
ela achava da tapeçaria? Ela hesitou quando viu que ele planejava sentá-la à
sua esquerda, um lugar que era reservado para a esposa.

— Algo errado?

Ela olhou em seus olhos escuros. Ele tinha um rosto de um anjo, mas ela
temia que seu coração fosse do diabo.

— Não! — ela finalmente respondeu. — Eu estou surpresa que me tenha

sido dada uma honra tão alta.

Ele esperou até que ela sentou-se perante ele, abaixou-se em sua cadeira e se virou para ela.

— Você é a nossa curandeira, Kenna. Você é especial entre o povo. Eu só te mostro o respeito que você merece.

— Obrigada! — Sua voz tremia e ela esperava que ele não estivesse lisonjeado com o medo dela. Engoliu e agarrou as mãos debaixo da mesa. — Espero não ter interferido em nada.

Sua testa se franziu.

— Não entendi.

— Você estava saindo do castelo quando me encontrou.

— Ah! — Ele riu e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Não é nada que não pode esperar. Estou muito contente que você está aqui.

Ela baixou os olhos, incapaz de segurar o seu olhar. Ela foi salva de ter que dizer alguma coisa com a chegada do alimento. Felizmente, a maioria da atenção do *Laird* foi dirigida para seu primeiro comandante sentado no outro lado.

Ainda, Kenna apreciou sua refeição. Foi à primeira vez em um bom tempo que ela não tinha preparado sua própria refeição. Seu olhar vagou vazio ao redor do grande salão, vendo os risos e alegria dos moradores, dando-lhe entretenimento enquanto ela comia.

— Você está se divertindo?

A voz de Wallace perto de seu ouvido a fez estremecer. Ela encolheu os ombros.

— Gosto de observar as pessoas.

Pelo canto dos olhos, viu quando ele olhou para o grande salão.

— Deve ser difícil viver sozinha!

— Às vezes... — ela admitiu.

Ele voltou totalmente para ela.

— Você deveria ter mais refeições aqui no castelo comigo.

Kenna riu, lisonjeada.

— Eu não gosto de voltar para casa tão tarde.

— Outra razão para viver dentro dos meus muros, Kenna. Então eu poderia vê-la sempre que quisesse.

Havia momentos que Kenna sabia que poderia ser um pouco ingênua, mas esse não foi um deles. Era óbvio pela maneira que Wallace olhou para ela que queria muito mais do que a sua companhia na hora das refeições.

Ela limpou a garganta.

— Eu ouvi um boato uns meses atrás que tinha encontrado uma noiva.

Ele balançou a cabeça, o sorriso nunca deixando seu rosto.

— Não! Eu não tenho uma noiva.

Desta vez Kenna sorriu.

— Tomar uma noiva é muito diferente de encontrar uma.

— Oh, eu encontrei uma! Ela não aceitou ainda. — sua voz era suave e sedutora.

Kenna deslocou de seu lugar.

— Eu espero que ela concorde em breve, meu *Laird*. Já há algum tempo desde que o castelo teve uma Senhora.

— Não tenha medo, meu doce! Pretendo dar ao clã Wallace uma nova Senhora em breve.

Com sua mente rolando, Kenna virou a cabeça e viu Frang no meio dos soldados. E com uma mulher em cada perna. Seu estômago enrolou e seu coração caiu a seus pés quando ela olhou para o seu perfil. Vagamente, ela percebeu que sentiu ciúme de um homem que ela mal conhecia e não confiava.

Mas ele tinha sido dela por uma semana preciosa. Dela. Dela própria.

Ela se apressou, virou a cabeça antes de Frang notar seu olhar. Vagamente, ela ouviu Wallace falar, mas estava tentando desesperadamente tirar a imagem

de Frang com duas mulheres de sua mente.

— Kenna?

Ela virou a cabeça para o *Laird*.

— Você disse alguma coisa?

— Sim. Já que é tão tarde eu perguntei se você gostaria de passar a noite.

Ela assentiu com a cabeça, sua mente voltando em Frang e sua fácil conquista das mulheres. Eram elas as duas primeiras que ele tinha? Ou será que ele já tinha algumas mulheres? Ele disse que estava chegando ao castelo para o mercado, mas ele deve ter vindo por outras razões. Sentia-se tão estúpida por ter pensado que ele queria, pois se o fizesse, ele teria tentado beijá-la.

Quando Wallace estendeu a mão para ela, Kenna tomou sem pensar e deixou que ele a descesse do tablado. Ela seguiu para as cadeiras diante da lareira. O tempo todo ele falava, mas ela não ouviu uma palavra.

Ela se recusou a olhar para Frang onde tinha visto pela última vez. De fato, ela manteve os olhos presos na lareira com chamas laranja e azul saltando para o céu como se fossem quebrar o caminho. Kenna entendia sua necessidade muito mais do que ela queria. Para ela compreender o que as chamas não fizeram. Ela estava presa.

Um toque no braço dela tirou-a de seus pensamentos. Ela olhou para cima para encontrar Wallace, segurando sua mão, um pequeno sorriso em seus lábios.

Ela deixou o seu olhar sobre o seu rosto com sua mandíbula quadrada, um malandro queixo com uma covinha no meio. Seu nariz parecia um pouco com de patrícios em suas linhas longas e magras. Seus olhos escuros estavam bem definidos e considerou-a com intensidade.

— Todo mundo está se aprontando para a noite.

— Ah! — ela saltou a seus pés e se voltou para o salão. Seu olhar involuntariamente foi até o lugar que ela tinha visto Frang pela última vez. Ele

não estava mais lá. Ele nem estava mais no grande salão, ela notou quando deixou o seu olhar varrer sobre o povo.

“*Simplesmente assim*”, pensou ela, enquanto começou a procurar um lugar para dormir durante a noite.

— Aonde você vai, Kenna?

Ela olhou por cima do ombro.

— Encontrar um lugar para dormir, é claro!

No instante seguinte, ele havia capturado sua mão novamente. Sua necessidade de tocá-la desestabilizou-a, mas ela manteve sua expressão suave quando se virou para ele.

— Você não vai dormir aqui! Eu tenho uma câmara preparada para você.

Sua boca se abriu, mas ele colocou um dedo sobre os lábios.

— Shh... — ele sussurrou. — Deixe-me cuidar de você.

Kenna ficou parada enquanto seus dedos traçaram a linha dos lábios. Não havia como negar isso agora. Ele a queria. Ela tremeu e viu Wallace sorrir.

— Sim, você sente, não é? Em poucos meses, nós podemos anunciar que você vai ser minha noiva. Ninguém ficará surpreendido.

“*Ninguém além de mim.*”

Kenna não se opôs quando ele a levou até as escadas para seu quarto. Com o coração batendo em seu peito, ela orou para ele não tentar beijá-la. Quando chegaram à Câmara, ele abriu a porta e a trouxe para dentro.

— Você aprova?

Kenna olhou ao redor da sala observando as cortinas verdes escuro da cama, o baú ao pé da cama, pequenos pregos na parede, a mesa e cadeira junto à lareira.

— É muito agradável. Obrigada!

— Só o melhor para você! — disse ele.

Sua respiração ficou presa na garganta enquanto caminhava para ela. Ela quase deixou escapar um suspiro alto, quando ele agarrou a mão dela e levou-

a aos lábios.

— Até o amanhecer, minha querida!

Kenna contou até vinte depois que ele saiu, antes de caminhar até a porta e trancá-la. Ela encostou-se na madeira e cobriu o rosto com as mãos.

A maioria das mulheres seria muito feliz ao constatar que seu *Laird* a tinha escolhido para sua noiva. Mas não Kenna. Quando ela explorou seus sentimentos parte do que pesava contra Wallace sabia que era por causa de sua necessidade do *linden*, mas que poderia ser perdoado.

Qual é, então, a razão que a impedia de abraçar o futuro que ele lhe ofereceu? Ela não seria mais sozinha. Ela tem um clã inteiro para cuidar, tanto quanto ela já faz, mas de uma maneira diferente. Ela teria um marido com quem poderia envelhecer e esperar crianças para preencher seus dias com o riso.

Mas no fundo de seu coração, ela sabia que estaria melhor sozinha do que como a noiva de Wallace.

Ela se empurrou da porta e caminhou lentamente até a cama. Sua mente vagou para Frang. Ela sentiu como uma faca no peito ao vê-lo com as mulheres e para o resto da refeição, ela alternava entre o querer que ele a visse e esperando que ele não fizesse. Sua mão roçou a colcha verde escuro. De repente, ela estava cansada até o osso. Ela se arrastou para a cama e deixou os olhos fechados a deriva.

Com toda sua força, ela desejou ao sono, ficar à deriva na escuridão inconsciente e insensível. Mesmo que apenas por um breve tempo.

Capítulo Nove

Frang delicadamente puxou seu braço por baixo da cabeça da mulher e se arrastou sobre a outra até que ele chegasse perto da porta. Ele se amaldiçoou por dez tipos de tolo por não ter o seu prazer com uma, ou ambas, as mulheres. Ele tinha dito a si mesmo, ele precisava de informações, mas a verdade simples era tudo que ele conseguia pensar era Kenna. Tinha sido fácil embebedá-los e ao mesmo tempo em que tinha jogado de tolo palhaço.

Mas agindo como bêbado tinham revelado vários segredos.

Com um último olhar para a mulher dormindo, ele andou a partir da pequena cabana. Seu olhar verificou o pátio exterior, mas o único movimento que viu foi os guardas em pé das muralhas.

Usando as sombras, ele se arrastou lentamente e silenciosamente até a porta lateral que levou ao pátio interno. Os guardas com quem ele tinha bebido na refeição da noite estavam caídos contra a parede, seus roncos altos enchendo o ar.

Frang riu e manteve-se nas sombras enquanto se movia para o pátio. Assim como um fantasma, ele rastejou ao redor do castelo até chegar à entrada da cozinha.

Cuidadosamente, gradualmente, ele abriu a porta e rapidamente entrou. A cozinha estava felizmente abandonada. Ele pegou um pão e rasgou um pedaço, quando ia para a entrada no grande salão. Quando ele colocou um pedaço de pão na boca, ele se perguntou se era seguro Kenna ficar sozinha em sua casa. Muitas vezes, sentiu olhos sobre ele durante a refeição, mas toda vez que ele tentou voltar a ter um olhar para o latifundiário e ver quem estava olhando para ele, a mulher várias vezes distraía-o.

Como ele desejava ter aprendido alguma outra maneira de chegar a câmara

secreta do Wallace. Havia, sem dúvida, outra maneira, mas Frang não teve tempo para andar no castelo. Ele precisava de sua prova antes de confrontar Kenna na alvorada.

Na porta da cozinha, ele se levantou e examinou o grande salão. Os corpos estavam em toda parte. Alguns dormiam no chão, enquanto outros usavam os bancos. Nas esquinas, agrupados ou isoladamente, isso não importa.

Ele escolheu o seu caminho com cautela por meio dos corpos. A meio caminho entre o salão grande, ele avistou um casal se beijando, a mulher de saias levantadas em sua cintura e sua bunda nua quando ela se levantou e abaixou na haste do homem.

Frang fez tudo o que pode para não gemer alto quando ele imaginou que o casal era ele e Kenna. Ele poderia voltar para Kenna e tomar o seu prazer, exceto pela necessidade de descobrir a verdade. Maldição, sua justiça.

Ele socou seu desejo por Kenna e continuou pelo grande salão até chegar às escadas. Mais uma vez, ele guardava para as sombras e fez o seu caminho até o terceiro andar. Ele olhou para um corredor, em seguida, o próximo para ter certeza de que ninguém estava vindo. Assim que ele viu que era seguro, ele virou à esquerda e correu para a escada no final do corredor.

Na base das escadas ouviu, tentando perceber se havia alguém na torre. Depois de um momento, ele subiu as escadas, a mão sobre o punhal em seu quadril no caso de encontrar alguém.

Quando ele encontrou a porta, parou. A porta de madeira estava entreaberta. Frang desembainhado sua adaga e empurrou a porta com o pé. Seu olhar percorreu a torre, mas não vendo ninguém, ele entrou.

Ele caminhou lentamente ao redor da torre, atento em tudo o que viu. Era muito pior do que ele imaginava. Muito, muito pior. A questão era, estava Kenna envolvida com ele ou era cúmplice contra a vontade?

Estendeu a mão e tocou o *linden* ainda na cesta de Kenna.

Seu estômago apertou dolorosamente. Ela estava aqui, ou tinha estado. A

implicação de que ela esperou até que ele partiu para o castelo não augura nada de bom para a inocência dela. E por que ela veio quando sabia que ele ia estar aqui?

Com certeza, ele passou pouco tempo no castelo, exceto para a refeição e, em seguida ele teve a certeza que as mulheres estavam no colo dele e de costas para o tablado para que Wallace não tomasse conhecimento dele.

Ainda assim, ele se irritou por ela tê-lo enganado.

Ele virou-se para sair quando seu olhar pousou em um volume grande e preto. Sua respiração deixou seu corpo em uma corrida que ele correu na direção do livro, tropeçando em um banquinho no processo. Ele estendeu a mão para tocar o livro e viu a sua mão trêmula.

Frang abriu a boca para chamar a Aimery então percebeu que ele não podia. Ele já não era imortal. Seu chamado, muito provavelmente não seria ouvido.

Ele estava sozinho agora.

Ele se concentrou novamente no *tomo*¹¹.

— Inacreditável! — ele murmurou enquanto acariciava com um dedo sobre o couro preto.

O livro tinha três ponteiros de altura e dois de largura e pelo menos metade de uma mão grossa. Tudo em torno das bordas foi o trabalho intrincado nó do Fae e no meio do *tomo* estava uma pedra grande e preta com um centro de glóbulos vermelhos.

— *O Livro da Magia!* — ele sussurrou para o silêncio da torre.

Não havia dúvida em sua mente o que o Wallace estava fazendo agora. Ele olhou pela janela e viu o céu negro dando lugar ao cinza.

Ele tinha que conversar com Kenna e obter algumas respostas antes que decidisse o que fazer sobre o livro.

¹¹ **Mesmo que fascículo.**



Kenna acordou pouco antes do amanhecer incapaz de encontrar a escuridão abençoada novamente. Ela olhou para o chão desejando ver Frang dormindo lá, mas as pedras eram desprovidas de qualquer coisa, mesmo o calor.

Ela se virou de costas e olhou para cima da cama. Quando tinha a sua vida se tornado tão vazia? Talvez tivesse sido sempre assim e acabou de se tornar mais evidente ultimamente porque Frang tinha estado com ela?

Não houve respostas, embora ela não esperasse. Sentou-se e puxou as saias. Ela desejou ter confiado em Frang quando teve a chance. Agora, ela teria de lidar com Wallace sozinha.

Ela temia que ele não aceitasse um “não” como resposta. No entanto, ela não tinha muita escolha. Antes que mudasse de ideia, ela pulou da cama e correu para a câmara. Seus sapatos bateram na pedra, mas ela não parou. Ela não podia. Ela perderia sua coragem, se fizesse.

Quando chegou à torre, ela parou na escada, a mão à garganta. Ela fechou os olhos e respirou fundo antes de começar a subir as escadas. Quando ela chegou ao topo, ficou em choque na porta aberta.

Hesitante, olhou para dentro, mas não encontrou Wallace ou qualquer outra pessoa. Ela entrou na torre e viu seu cesto perto da janela. Seus pés correram quando ela pegou a cesta e se virou para sair.

Mas isso foi quando ela viu o livro enorme.

Kenna lentamente se virou e olhou para o livro. Brigit tinha falado de um *tomo* que se parecia muito com o que ela via. Incapaz de se conter, ela levantou a tampa e olhou para as palavras puras, linhas arrojadas de onde se lia *O Livro da Magia*.

Surpresa transformou seu sangue em gelo. O livro era para ser um mito, mas se ele estava com o *Laird*, só poderia significar coisas perigosas para ela e para

o resto do clã. Ela rapidamente pegou o livro pesado e saiu correndo da torre, tropeçando em sua pressa e quase caindo da escada curva.

Kenna se endireitou com uma mão na parede. Ela trocou o livro em seus braços e envolveu seu braço com a alça da cesta. Usando passos lentos, calculados, ela desceu as escadas. Cada instinto seu disse-lhe para correr tão rápido quanto podia, mas ela não podia chamar a atenção para si mesma. Não se queria viver.

Como ela saiu do castelo e do estábulo sem ser interrompida, nunca soube. Nem como ela não encontrou o Wallace. Foi uma sorte que ela não esperava.

O rapaz olhou para cima estável quando ela entrou.

— O *Laid* mandou-me aprontar um cavalo, se a senhora decidisse retornar à sua casa.

Kenna piscou.

— O quê?

— *Laird* Wallace. Ele veio na véspera passada e disse-nos para ter certeza de que não lhe faltasse nada. Ele disse que você poderia querer voltar à sua cabana esta manhã e ele não queria que andasse.

Ela quase riu. Quase. Ao contrário, ela acenou para o rapaz.

— Um cavalo é o que eu preciso. E um rápido!



Frang correu o último pedaço da distância da cabana de Kenna. Tão logo ele entrou na clareira, ele parou e inclinou-se com as mãos sobre os joelhos enquanto engoliu o ar em seco. Não havia nenhum movimento na cabana, mas novamente ela ainda deve estar dormindo. Caminhou até a casa e abriu a porta como se não tivesse um cuidado no mundo.

Não foi até que ele olhou para a cama, a cama vazia, que sentiu o verdadeiro pânico.

— Kenna! — disse ele. Correu para fora e olhou para o castelo.

Capítulo Dez

Kenna não tinha ideia para onde estava indo. Não havia tempo para ela voltar para sua casa. Ela sentou em cima de seu cavalo na floresta e fechou os olhos, deixando-se mergulhar em seus poderes.

“Qual o caminho?”

Nenhuma resposta.

“Por favor. Eu preciso encontrar os Druidas. Qual o caminho?”

“Leste.”

Seus olhos se abriram. Risos borbulhavam dentro dela. Ela tinha ouvido seus poderes. Claros e distintos. Apesar de sua própria vida estar em perigo, sentiu um sorriso nos lábios quando virou a égua para o leste e levou-a em um galope.

Ela estava no meio da floresta quando percebeu o quão perto de sua cabana estava. Como ela não tinha comida ou um manto, precisava parar para pegar o máximo que podia. Além disso, queria dar uma última olhada na cabana que tinha sido a única casa que já conheceu.

Quanto mais perto Kenna chegava, seus olhos ficaram embaciados de lágrimas não derramadas. Ela não podia acreditar que estava saindo. Mas realmente não tinha escolha.

Ela parou a égua e deslizou para fora, cuidando para não derrubar a cesta. As rédeas caíram de seus dedos enquanto ela se moveu lentamente em direção a casa. Parecia triste, como se soubesse que estava saindo para o bem. Kenna empurrou a porta e entrou. Seu olhar percorreu os seus pertences já que ela

mais ou menos esperava que Wallace estivesse ali esperando por ela.

Quando percebeu que a casa estava tão vazia quanto deveria estar, colocou a cesta em cima da mesa e correu para os bastidores. Ela rapidamente pegou uma sacola e colocou algumas ervas na bolsa. Então, correu para a cozinha e envolveu um pedaço de pão, bolos de aveia e um pequeno bloco de queijo em um pano e enfiou-o também na sacola.

Ela então viu a cesta sobre a mesa. Sua mão tremia quando pegou o livro preto. Ela levantou-o e colocou-o na mochila trás do alimento e das ervas. O ajuste foi apertado, pois o livro era longo e grosso. Levantou a alça e andou até a porta.

Pouco antes de ela sair, deu um último olhar sobre a casa dela. Seu olhar pousou no local diante da lareira, onde Frang tinha dormido. Ela sentiu uma pontada no coração por não ser capaz de lhe dizer adeus, mas talvez tenha sido melhor. Ele tinha perguntas. E ela não tinha as respostas que queria.

Com uma respiração profunda, saiu do chalé e a égua à sua espera. Ela colocou a mochila sobre a cabeça e debaixo de um braço de modo que a cinta ficasse na diagonal em seu corpo e o saco descansou em seu quadril.

Ela montou a égua e voltou para o leste. Um toque colocou a égua em um galope rápido, que levou mais longe e mais longe da sua cabana para uma nova aventura, uma nova vida. Aquela que estava animada para descobrir.



Frang correu através da floresta, seu sangue bombeando alto em seus ouvidos. Ele continuou dizendo a si mesmo para ficar calmo, que ele iria encontrar Kenna. Encontrá-la e fazê-la explicar tudo a ele.

Ele estava tão decidido pensando em Kenna que por um momento pensou

que era sua imaginação que a conjurou em cima de um cavalo galopando através da floresta. Ele parou de correr e seguiu o cavalo com os olhos, enquanto ela disparava em torno das árvores e saltava sobre os troncos caídos.

— Kenna! — ele sussurrou quando via o cabelo de chama vermelha atrás dela.

Imediatamente, Frang virou o olhar em direção ao castelo. Ele espera para ver Wallace e seus soldados logo atrás de Kenna, mas apenas os sons da floresta enchiam o ar.

Seus olhos se moveram para onde ele a tinha visto pela última vez e sabia que tinha pouca escolha. Ele se virou e correu atrás dela, rezando para que a pegasse antes que ela fizesse algo precipitado.

No momento em que ele voltou para a casa, o seu lado doía e o suor encharcava seu corpo. Ele empurrou a porta, mas Kenna estava longe de ser encontrada.

— Kenna! — ele gritou enquanto caminhava para ela nos bastidores.

Ele viu as poucas ervas que se espalharam pelo chão e foram pisoteadas pelos pés apressados.

— Jesus, Kenna!

Frang se virou e viu o cesto que tinha visto na torre do Wallace. O cesto cheio de tília. Nada fazia sentido, pelo comportamento estranho de Kenna.

“O que estava acontecendo?”

— Talvez você devesse perguntar a ela.

Frang virou-se para encontrar Aimery encostado na porta de entrada para os bastidores de Kenna.

— Merda Aimery! Este susto me fez envelhecer dez anos!

Aimery riu e se empurrou para longe da porta.

— Você parece horrível!

— E é tão bom ver você também, velho amigo! — Frang não estava enganado. A presença de Aimery significa que algo estava errado. — Eu não

esperava te ver de novo.

A testa rosa de Aimery se ergueu.

— Você descartou a minha amizade com tanta facilidade, então?

— Não! Eu apenas supus que desde que eu não sou mais amaldiçoado que você volte sua atenção para outras coisas.

Aimery soltou um suspiro e mudou-se para à mesa. Encostou-se à mesa, as mãos de cada lado do cesto de Kenna.

— Eu nunca abandono os amigos, Frang! Nunca. Você deveria ter me chamado!

— Eu pensei sobre isso. — Frang assistiu ao comandante Fae cuidadosamente. Aimery investigou o que as ervas de Kenna estavam dizendo.

Aimery olhou para cima, girando os olhos azuis imóveis.

— Você sabe o que são essas ervas?

— Sim. É preciso encontrá-la. — Frang passou a mão pelo rosto. — Isso é o que eu estou tentando fazer!

Aimery fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás como se estivesse escutando alguma coisa.

Ele abriu os olhos e se endireitou.

— Ela está indo para o Leste.

Frang ficou preso ao chão.

— Leste? Para o *Vale do Druida*? Impossível. Nunca lhe disse onde estavam!

— O que você está esperando? — Aimery perguntou nitidamente.

Frang encontrou seu olhar.

— Há algo mais. Achei o *Livro de Magia*.

— O quê? — a voz de Aimery era tão baixa e segurava tanta raiva que quase não o ouvi.

Frang assentiu.

— Em uma torre no castelo de Wallace.

— Como Wallace o conseguiu?

— Isso eu não sei. Eu só esbarrei nele.

Aimery virou e passeou pela cabana pequena.

— Se ele tem o livro, então não há que dizer que ele está tentando fazer.

— Eu sei! — Frang apontou para a cesta quando Aimery parou e olhou para ele. — Estas ervas usadas da maneira correta, com apenas a magia correta o fará imortal.

— Filhos dos dragões! — Aimery disse amaldiçoando. — Eu não posso tocar o *Livro de Magia* porque eu toquei o *Livro de Batalha* da Fae. Um toque me mataria.

Frang assentiu.

— Eu sei.

— Por que você não o pegou?

— Eu pensei que eu tivesse mais tempo. Eu só queria olhar ao redor, para ver o que Wallace estava fazendo era o que eu suspeitava. Pensei que ele poderia estar fazendo testes com a tentativa de ganhar a imortalidade com as ervas *linden*, mas nunca me passou pela cabeça que ele havia encontrado o *Livro de Magia*.

— Você deveria tê-lo pego! — Frang assentiu.

— Eu sei, mas eu não peguei! Vou ter que voltar para ele esta noite. — Só então, o som de cavalos se aproximando chamou sua atenção. Ele foi para o fundo da casa, mas Aimery agarrou seu braço.

— Não precisa! — Aimery disse a Frang um momento antes de ele os tornar invisível.

Frang ficou em silêncio quando a porta da frente foi aberta e apareceu Wallace pisando na cabana.

— Kenna! — ele gritou. Olhos tensos, como se tivesse perdido uma joia premiada.

— *Laird*, um cavalo passou por aqui. — um soldado chamou de fora.

Wallace passou a mão para baixo pela cama de Kenna.

— Ela deve ter sido tomada! — disse a si mesmo. Então ele levantou sua voz para seus homens. — Encontrem-na!

Ele estava virando para ir quando viu o lugar onde a cesta de Kenna estava.

— Não! — Wallace disse em um doloroso sussurrou. — Kenna não. Não você!

Frang viu como o rosto do *Laird* manchou com raiva e passava pela cesta na mesa antes de pisar de volta para seus homens.

— A curandeira está de posse de algo valioso meu. Nós vamos voltar para o castelo para obter reforços então procuraremos por ela.

Tão logo eles tinham montado e ido, Aimery levantou a sua mão e o escudo de invisibilidade evaporou.

— Parece que eu não preciso voltar para o castelo, afinal! — Frang disse quando ele se virou para o seu amigo.

Aimery considerou-o silenciosamente.

— Frang... — ele começou.

— Não! — Frang o deteve. — Eu sei o que você dirá e eu prefiro que você não o faça. Confie em mim para fazer as escolhas certas.

— Eu confio em você com a minha vida!

Frang apertou sua mandíbula quando uma onda de emoção tomou conta dele. Aimery nunca, em 300 anos que o tinha conhecido, disse algo semelhante antes.

— Obrigado! — Frang finalmente conseguiu dizer.

Aimery saiu da casa. De costas para Frang ele disse:

— Eu não posso acompanhá-lo, tanto quanto eu gostaria. Você precisa encontrá-la antes de Wallace e seus soldados. Eles vão matá-la sem hesitação.

— Sim... — Frang disse.

Com um aceno de mão de Aimery, um garanhão tordilho bonito veio correndo para fora da floresta.

— Um presente para você para lhe ajudar em sua recuperação do livro.

Chame-me se precisar de mim. Para tudo! — O olhar de Aimery era grave, sua voz áspera.

— Você tem a minha palavra!

E com isso, o comandante Fae tinha ido embora.

Frang caminhou até o cavalo e bateu em seu pescoço.

— É uma beleza! — Seu olhar passou por cima do cavalo. — E, construído para a velocidade. Vamos ver se você pode pegar a ladrazinha.

Ele saltou em cima do cavalo e pegou as rédeas. Um sorriso puxava os lábios de Frang quando ele viu o trabalho do nó Fae nas rédeas e cabresto do cavalo. Um olhar para baixo na sela mostrou a mesma arte. Ele levantou a tampa da pequena mala presa à sela e encontrou algumas maçãs e um pedaço de pão, assim como um odre de água.

Mais uma vez Aimery tinha a certeza que ele estava pronto para qualquer coisa. O sorriso sumiu enquanto ele olhava em direção ao leste. Havia apenas uma maneira de Kenna saber que caminho percorrer para os *Druidas*, o poder tinha sido descoberto. Quanto dele, Frang não sabia. Por ela, ele esperava que a encontrasse antes de Wallace.

Ele incitou sua montaria em um galope em que correu atrás Kenna, seus pensamentos sobre sua captura. E embora ele devesse pensar nas questões que ele colocaria para ela, tudo o que podia pensar era esmagar seu corpo, doce e suave contra o dele.

Capítulo Onze

Aimery entrou em seus aposentos para encontrar seu rei, esperando por ele. Ele hesitou apenas um instante antes de fechar a porta atrás dele.

— Você ajudou Frang! — a voz de Theron foi abafada e baixa.

— Eu fiz.

Theron se virou para ele. Os braços do rei estavam cruzados sobre o peito e sua desilusão marcava sua face.

— Você foi contra a minha ordem direta!

— Eu fui.

— Você não vai implorar por sua vida?

Aimery respirou profundamente e balançou a cabeça.

— Ele é um amigo, Theron. Depois do que fizemos a ele, eu achei que lhe devia o cavalo.

— E a direção que a menina pegou.

— Sim. Isso também.

Theron suspirou, o rosto cansado cedeu.

— Eu não posso puni-lo por algo que eu mesmo teria feito.

— E o *Livro de Magia*?

Theron inalou e ficou mais reto, o rosto mais uma vez de um rei.

— Frang vai encontrar a menina. O que ele faz depois disso é sua decisão.

Uma vez que o livro está em suas mãos, ele pode mudar o rumo da história.

— Ele não vai! — afirmou Aimery.

Theron riu embora o som não tivesse qualquer alegria.

— Tenho ficado sempre espantado com a forma como o homem reage ao poder. Vamos ver o quão forte e um verdadeiro homem, Frang é.

— Ele não vai deixar o poder influenciá-lo.

— Eu espero que você esteja certo.



Kenna parou ao lado de um riacho ao meio-dia. Tanto ela como a égua estava esgotadas. Ela tinha montado um pouco ao longo dos anos, mas nunca por todo o dia, e seu dia nem mesmo terminou. As pernas já doíam, mas afastou a dor quando deslizou da égua, em seguida, caiu no chão quando as pernas cederam sob seus pés. A égua virou a cabeça e olhou para ela com olhos castanhos emotivos.

Kenna riu quando ela bateu no nariz aveludado da égua.

— Sim, eu sei que sou um espetáculo. Vá beber. — disse ela enquanto deu ao cavalo de um pequeno empurrão.

Enquanto a égua bebeu, Kenna lentamente arrastou para a água e jogou um pouco em seu pescoço e rosto antes de beber em grandes goles. Uma vez que ela saciou sua sede, checkou dentro da mochila e tirou um bolo de farinha de aveia.

Ela estava a céu aberto sem sombra ou cobertura, fazendo-a mais fácil de detectar. Muito fácil. Com um suspiro, levantou-se com as pernas bambas e tomou as rédeas da égua para levá-la as árvores de um bosque próximo.

Kenna afundou em um tronco caído e comeu enquanto o cavalo mastigava a grama doce, verde. Como Kenna desejava ter conseguido a localização exata dos *Druidas* de Frang, porque mesmo que ela confiasse em seus poderes para levá-la na direção certa, não diriam a ela onde os *Druidas* estavam.

Depois de descansar, Kenna levantou e montou novamente, estremeçando pelos seus músculos doloridos.

— Cavalgue como o vento! — ela sussurrou nos ouvidos da égua, sabia que a traição seria descoberta.

O Wallace iria exigir o pagamento. Com a sua vida.

A menos que ela chegasse aos *Druidas* a tempo. Ela fez uma careta enquanto pensava em Frang. Ela se sentiria muito melhor se ele estivesse lá com ela, dando-lhe a sua força e seu riso.

Ela cutucou a égua em um passeio que apontou a adaga através do material de suas saias. Se ela pudesse ter confiado nele com seus segredos. Se ele tivesse lhe dado algum sinal de que não foi atrás dos segredos dela também. Ela não sabe em quem confiar mais.

Com o calcanhar de um lado, esfregou os olhos cansados. Era só meio-dia e ela tinha muito mais a cavalgar. As pernas doíam tanto que ela mal podia sentar em cima da égua e seu traseiro estava dolorido só de pensar em sentar-se. No entanto, ela não tinha escolha.

Depois de uma respiração profunda, Kenna ficou reta na sela e empurrou a dor em um canto escuro de sua mente. Ela lidaria com ela mais tarde, depois que encontrasse os *Druidas*.



Não demorou muito para Frang achar a trilha de Kenna. Ele colocou seu cavalo mais rápido. A suspeita de que Wallace e seus homens estavam ganhando dele era forte, levando Frang para andar mais e mais rápido.

O fato de que o cavalo tomar tudo que ele pediu sem reclamar, ou parecendo cansado, disse a Frang que o garanhão foi provavelmente dotado de magia.

Frang sorriu. Aimery nunca deixou de pensar em coisas que a maioria dos humanos não pensava. Frang abateu-se sobre o pescoço cinza como a terra tornou-se um borrão abaixo dele. O vento soprava em seu rosto, enxugando

os olhos e os lábios.

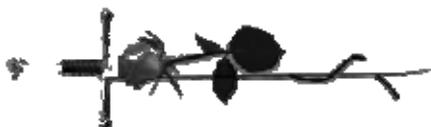
Quando ele chegou a uma bifurcação no caminho, ele puxou *Grey* para uma parada e saltou para o chão. Agachou-se junto ao caminho, à procura de sinais sobre qual caminho Kenna percorreu. Se ele escolhesse errado, poderia muito bem significar a morte dela e colocar o livro nas mãos de Wallace, mais uma vez.

— Não posso permitir isso! — Frang levantou-se e virou-se para o garanhão. — Você sabe onde ela foi?

O cavalo balançou a cabeça grande e relinchou baixinho. Frang soltou um suspiro cansado e montou.

— Leve-me para ela.

Sem hesitar, o garanhão continuou em linha reta, as pernas quase voando sobre o terreno acidentado da Chapada.



Kenna deslocou na sela de novo. Ela tinha retardado a égua para um passeio, apesar da urgência que a empurrou, mas seu corpo precisava de descanso. No entanto, a cada passo da égua, sua dor fustigou mais do que ela gostaria.

Ela olhou para o sol, grato ao vê-lo afundar no céu. Não demoraria muito para que ela pudesse começar a procurar um lugar para descansar durante a noite. Uma vez que tivesse um pouco de comida dentro dela, ela colocaria um pouco de alecrim em sua água para ajudar a aliviar o seu corpo para que pudesse dormir.

De repente, ela foi empurrada para fora de seus devaneios pela parada súbita de sua égua. Kenna imediatamente agarrou as rédeas apertadas e olhou ao seu redor. Ela não conseguia ver nada, mas a forma como sua montaria começou

a relinchar e a empinar ao lado lhe disse que havia um predador escondido nas proximidades.

— Calma menina! — Kenna sussurrou para o cavalo e olhou para o lado da passagem estreita para as rochas várias centenas de metros abaixo. Mas nenhuma quantidade de palavras acalmaria facilmente a égua. Um uivo cortou o ar e a égua empinou.

Kenna de alguma forma conseguiu manter seu assento. Ela tentou chutar a égua para correr, mas os olhos selvagens da égua lhe disse que não iria a lugar algum.

Quando a égua empinou de novo, ela não estava preparada. Ela tentou agarrar a crina da égua, mas seus dedos deslizaram por ela. Um grito rasgou a partir de Kenna enquanto caía.



Frang parou.

— Kenna! — ele sussurrou para a luz desaparecendo do dia.

Ele se inclinou sobre o garanhão, dando-lhe um assovio que enviou o cavalo pulando em uma corrida. Frang sabia em seu coração que Kenna se feriu, mas o quanto ele não podia adivinhar.

Na verdade, ele não devia se importar. Mas ele não poderia esquecer o jeito que seus olhos de âmbar tinham dançado com o riso quando ele disse-lhe histórias enquanto comiam o jantar. Ou como o cabelo vermelho fogo parecia ganhar vida no pôr do sol.

Ele fez uma curva e viu um pedaço de cavalo na borda estreita da montanha antes de recuperar o seu pé e correr. O cavalo parecia semelhante ao que ele tinha visto Kenna montada, mas se esse era o seu cavalo, onde ela estava? O

garanhão de Frang tomou a subida íngreme com cuidado, escolhendo seu caminho através das pedras soltas que pontilhavam o lado da montanha. Frang disse a si mesmo para permanecer calmo até que ele soubesse com certeza que era o cavalo de Kenna.

Mas todo o controle deixou quando viu o cabelo vermelho fogo entre as pedras cinzentas. Ele puxou a montaria em uma parada e saltou de costas.

— Kenna! — ele disse enquanto corria para seu lado. Ele engoliu em seco quando viu o quão perto ela chegou a cair para o lado da montanha.

O sangue jorrava de uma ferida na testa rodando em seu cabelo. Frang inclinou-se e ouviu a sua respiração irregular e rasa. O olhar dele passou para o garanhão.

— Encontre a égua e volte com ela.

Ele não esperou para ver se o garanhão fez como lhe ordenara, pois sabia que ele faria. Em vez disso, Frang procurou ao longo do corpo de Kenna por ossos quebrados. Ele começou a levantá-la em seus braços, quando ouviu um grunhido de trás dele.

Frang lentamente se virou e viu o lobo cinza enorme olhando para ele com os dentes arreganhados. Frang prendeu o olhar do lobo.

— Vai, e nos deixe em paz!

Instantaneamente, o lobo parou de rosar, então ele se virou e tomou distância. Com um suspiro, Frang voltou-se para Kenna. Ele gentilmente pegou-a nos braços e se levantou.

Ele precisava encontrar abrigo. Não havia encontrado cavernas para se esconder dentro para a noite, nem teve tempo de descer a montanha para os aglomerados de árvores abaixo. Ele olhou por cima do ombro para onde eles haviam chegado e sabia que não podia recuar.

Seu olhar se virou para a montanha à procura de qualquer coisa que pudesse abrigá-los. Encontrou-o na forma de pedras. Dois blocos maciços serviram como uma parede para a trilha aonde ninguém vindo ou indo seria capaz de

detectá-los.

Frang não perdeu tempo em correr em direção as pedras. Colocou Kenna ao lado de uma e rapidamente recolheu alguns pequenos gravetos para acender uma fogueira. Uma vez que ele tinha as varas reunidas e organizadas, estendeu as mãos sobre elas, e fechou os olhos. Dentro de instantes, as varas pegaram fogo.

Em seguida, ele chegou a Kenna e rasgou um pedaço de sua saia de baixo para usar como uma atadura para sua cabeça. Ele não tinha ervas com ele e ficaria surpreso se Kenna não trouxera nenhuma com ela.

Ele se levantou e caminhou para onde ele tinha encontrado Kenna. Ele procurou a área, na esperança de encontrar um saquinho de ervas. Em vez disso, ele localizou uma mochila bem grande pendurada sobre uma rocha para o lado da montanha.

Frang testou uma rocha na esquerda. Uma vez que ele já tinha assegurado a sua solidez, iniciou a sua descida para a bolsa. Foi mais para baixo do que ele pensava, e mais difícil de alcançar do que ele teria gostado. Ele quase foi para a pedra que segurava a bolsa quando seus pés saíram debaixo dele. Frang se agarrou em qualquer coisa que pode, quando ele começou a cair da montanha. Com um empurrão ele veio a uma parada. Ele fechou os olhos brevemente, e olhou para cima para encontrar-se segurando a mochila. Cuidadosamente, ele encontrou outro ponto de apoio e mais uma vez estava sobre a montanha. Só então ele levantou a mochila e deslizou a correia na cabeça e num braço.

Ele começou a subir de volta tão devagar quanto precisava. Uma vez ele novamente no caminho, correu para Kenna, levantando a mochila sobre a cabeça.

Um som chamou sua atenção e ele olhou para cima para encontrar seu garanhão. Com a égua de Kenna.

— Obrigado! — disse ao cavalo.

Ele abriu a mochila de Kenna à espera de encontrar *o Livro de Magia*. Ele

encheu quase toda a mochila, e se fosse para encontrar todas as ervas, precisava retirá-lo primeiro. Frang hesitou apenas um instante antes de agarrar o *tomo* pesado e quase o jogou no chão ao lado dele.

Depois de uma respiração profunda no êxtase de magia que corria através do livro e em seus dedos, ele analisava as ervas para encontrar o que precisava. Ele se levantou e foi para o garanhão, buscando através dos sacos até que encontrou um cantil de couro.

Ele embebeu parte da saia de baixo de Kenna com a água, e partiu para parar o sangramento. Parecia demorar uma eternidade para estancar a hemorragia, e só então ele foi capaz de enxugar o sangue que manchava a lado do seu rosto e seu cabelo.

Em seguida, ele pegou as ervas e colocou sobre a ferida e embrulhou a cabeça com outra tira de sua saia de baixo. Quando ele se sentou e olhou mais para Kenna, ele não foi capaz de manter o medo na berlinda. O medo por sua segurança, ou o medo do que ele não tinha certeza.

Capítulo Doze

Kenna acordou com a cabeça latejando como se várias centenas de soldados marchassem sobre seu crânio. Ela tentou sentar-se e foi imediatamente atingida por náuseas.

— Não se mexa!

Ela ficou quieta, conhecia aquela voz. Muito bem. Lentamente, ela abriu os olhos para encontrar Frang olhando para ela, um lado dele na sombra, o outro iluminado pela pequena fogueira.

— Você teve uma queda feia! — disse ele. — Teve sorte de não ir para o lado da montanha.

A dureza em sua voz era demais. Lágrimas ardiam em seus olhos. Ela virou a cabeça, mordendo a parte interna da bochecha para não chorar com a dor que o simples movimento causou.

Ouviu-o mover-se e sentiu o calor quando ele ficou perto dela.

— Eu vou precisar checar as bandagens em breve. Você deve ter batido a cabeça quando caiu o que causou o ferimento na sua frente. — sua voz era suave e baixa, como uma escova de veludo sobre sua pele.

Kenna tremeu e logo se cobriu com alguma coisa. Ela olhou para baixo para encontrar uma manta nas cores do seu clã cobrindo-lhe.

— Como você me encontrou tão depressa? A última vez que vi você estava... ocupado..., com duas mulheres.

Seu olhar se estreitou por apenas um momento antes dele recostar-se sobre as ancas, as mãos apoiadas sobre as coxas.

— Então você estava no castelo a véspera passada.

— Eu tinha que entregar as ervas para o Wallace. — ela não foi capaz de segurar seu olhar e rapidamente desviou o olhar.

— Eu poderia tê-las entregue para você. Mas você não quis que o fizesse. O que é que estava tentando esconder de mim?

Seus olhos agarrados ao seu. Ela abriu a boca para dizer-lhe tudo, mas a acusação e a desconfiança que viu em seu olhar segurou a língua.

— Obrigado por me salvar! — disse ela e fechou os olhos.

Ela ouviu um suspiro de frustração e suas mãos delicadamente tocaram o rosto dela. Seu toque era suave, quase como se ele participasse de sua dor, mas ela sabia que não era possível. Mesmo quando ele tirou o curativo para olhar o corte, o seu toque era leve como uma pena.

Antes que ela percebesse, estava mais uma vez caindo no sono.

Frang passou a mão pelo rosto, enquanto olhava para Kenna. Ela tinha quase lhe falado a verdade, tinha visto nos olhos dela. Mas ela deve ter visto alguma coisa em sua volta para que desistisse.

“Merda!”

Ele ficou muito feliz quando seus olhos tinham se aberto, mas suas profundezas âmbar tinham estado desorientadas e não os olhos claros, ele foi levado a analisar. Sua preocupação dobrou quando ele viu a quantidade de dor que ela estava por dentro.

As ervas que ele usou não iam ser suficientes. Ele sabia agora. No entanto, ele precisava saber antes de usar sua própria magia nela. Frang conseguiu dominar muitos poderes por meio de sua idade. Embora ele não pudesse controlar o fogo, ele foi capaz de chamar a sua utilização para acender uma pequena chama.

Frang deixou um rastro de seu dedo no lado do rosto de Kenna. Ela estava pálida e apática, incapaz de fazer mais do que ficar lá enquanto seu corpo tentava curar. Fez Frang perceber o quão frágil era, como todos eles eram frágeis.

Moveu-se até os joelhos roçavam-lhe o braço, então ele segurou as palmas das mãos viradas para baixo sobre ela. Começando com a cabeça, ele cantava

as antigas palavras de cura, movendo-se da cabeça aos pés e vice-versa.

Muitas vezes ele repetiu o canto até que sentiu seu corpo começar a curar. Depois que ela foi curada, exaustão tomou conta dele. Frang deixou-se cair para o lado. Ele olhou os cavalos antes que os seus olhos caíssem fechados e o sono o reclamou.



Quando Kenna abriu os olhos, a dor que a havia esmagado na noite passada tinha ido embora. Ela levantou a mão e olhou para ela. Ela sentiu a última véspera como se tivesse corrido sobre vidro irregular durante a sua queda. No entanto, agora, ela estava curada. A única prova do prejuízo eram as fracas linhas brancas marcando a palma da mão.

— Como você está se sentindo esta manhã?

Ela baixou os braços e virou a cabeça para Frang. Quando a dor não a cumprimentou, lentamente começou a se sentar. Imediatamente, ele estava ao seu lado, ajudando-a.

— Não faça muito esforço, Kenna. Seu corpo ainda pode não estar pronto para isso.

Só uma leve náusea a saudou uma vez que estava sentada.

— Eu estou melhor. Muito melhor!

— Ótimo! — Os olhos azuis de Frang procuraram os dela, como se ele estivesse procurando algo. Ele deve tê-lo encontrado, pois se levantou e foi embora.

Por vários momentos, ela viu quando ele moveu-se sobre o seu pequeno espaço atrás dos pedregulhos enormes. Ela viu a égua que tinha tomado ao partir do castelo e o grande e cinza garanhão ao lado. Seu olhar se voltou para

Frang e a facilidade com que ele se moveu. Ele era um homem que se movia com a graça de um gato e a letalidade de um animal enjaulado.

Seu estômago encolheu com prazer quando ele se inclinou e ela quase viu sua bunda exposta. Ela colocou as pernas sob ela e trabalhou em tentar levantar-se.

Ela estava quase em pé quando o mundo inclinou precariamente. Seus dedos agarraram a pedra, mas ela não conseguia encontrar um ponto para se manter firme. Ela sabia, sem dúvida, que cairia no chão, mas não havia nada que pudesse fazer. Em vez disso, Frang a pegou em seus braços.

Seu rosto estava a centímetros do dela. O crescimento de um dia da barba escura pontilhava seu pescoço e rosto, emprestando-lhe mais um ar de intriga, de aspereza.

— Kenna? — Ela sorriu para a preocupação em sua voz. — Jesus, Kenna. — Sua voz era áspera, mas suas mãos eram suaves quando ele a baixou ao chão. — Eu pensei que você estivesse melhor.

Kenna riu.

— Eu estou melhor do que ontem.

— Mas não o suficiente para andar.

Havia algo em seu tom de voz que lhe disse que esperava que ela fosse capaz de andar. Ela levantou a mão e desatou a bandagem na cabeça. Assim como ela esperava as ervas tinham sido colocadas sobre a ferida. Delicadamente, ela sondou onde a erva tinha estado e só sentiu uma dor leve quando empurrou. Ela levantou os olhos para Frang.

— Minhas ervas são boas, mas nunca estive tão bem. O que você fez?

Ele deu de ombros.

— Eu embebi em água, em seguida, coloquei-a sobre a ferida.

Kenna sacudiu a cabeça, sem entender como poderia ter curado tão rápido. Se ela estivesse completamente curada, então teria suspeitado de magia, mas havia ainda traços de dor no corpo dela. Portanto, não foi mágica, apenas as

ervas dela.

— Você deve ter feito algo diferente. Eu nunca tinha curado tão rápido.

Ele sorriu de repente.

— Então, você teve ferimentos graves na cabeça antes?

Um riso suave escapou de seus lábios.

— Não. Eu me cortei antes, no entanto eu nunca cicatrizei durante a noite.

— Talvez você apenas não estivesse fazendo a coisa certa. — disse ele com uma piscadela enquanto levantava, mais uma vez.

Primeiro, ele se recuperou rapidamente, e agora ela? Algo não estava certo, e ela poderia achar que tinha a ver com Frang e não com suas habilidades de cura.

Kenna abriu a boca só para ouvir várias vozes. As vozes dos homens. O terror tomou conta dela. Ela agarrou a pedra e tentou levantar, mas Frang passou um braço em volta da cintura dela.

— Espere.

Em uma simples palavra, pediu o impossível. Kenna sabia, sem dúvida que na base da montanha era Wallace e seus soldados. Ela tinha que sair, para chegar o mais longe possível deles.

Ela olhou por cima do ombro para Frang, seu rosto estava tão perto que seu hálito quente abanou o pescoço emitindo arrepios deliciosos pelas costas.

— Eu não posso.

— Espere! — ele disse com mais força. Deu-lhe um aperto gentil quando a soltou para mover as pedras.

Embora cada fibra do seu ser lhe dissesse para correr, não era uma idiota. Ela não iria conseguir montar os cavalos sem cair em seu rosto. Ela fechou os olhos e inclinou a cabeça contra a superfície áspera da pedra. Seu destino estava nas mãos de Frang.

Um instante depois ele estava novamente a seu lado.

— É Wallace. Ele e seus homens estão na base da montanha, tentando

decidir o caminho que você tomou.

Kenna virou a cabeça para o lado e considerou o seu salvador.

— Não é você que eles querem Frang. Corra enquanto pode.

— Eu não te deixarei. — sentou-se contra as rochas e a puxou contra ele. —

Nós estamos escondidos aqui. Os cavalos estão ocultos. Eles não vão nos encontrar.

— Mas o fogo... — disse ela apenas para descobrir que o fogo se foi e sem fumaça para o céu.

A única resposta que conseguiu foi os dedos de Frang sobre os lábios para mantê-la quieta. O fogo foi rapidamente esquecido com a sensação do seu dedo sobre os lábios fazendo o sangue bombear furiosamente. Sua mão cobriu sua boca; e depois se mudou lentamente para descansar no queixo e na base do pescoço.

Seus olhos se fecharam. Seu coração começou a bater mais forte, mais rápido. Ela queria que ele tocasse mais nela. Em qualquer lugar. Não importava, contanto que sua mão estivesse em sua pele nua.

Quando ele apoiou a cabeça dela contra seu ombro, ela consentiu. Em suas costelas, ela podia sentir a batida do seu coração, sentir o seu peito subir e descer com cada respiração que dava. Sua mão ficou em sua garganta, enquanto sua outra mão envolvia em torno de sua cintura logo abaixo dos seios. Como ela queria sua mão em seus seios, para deslizar em sua pele nua e aliviar a dor que continuou a crescer entre as pernas.

Ela apertou as pernas juntas e fechou os olhos quando as sensações tomaram conta dela. Ela foi moldada contra ele e era divino, mas ela queria mais. Ela queria seus beijos, de encontro à pele dela. Ela sonhou em ter suas mãos sobre seu corpo, aprendendo cada centímetro dele.

O mundo que ele havia criado para ela quebrou quando ouviu a abordagem dos cavalos. Seus olhos se abriram e ela começou a levantar-se, mas ele a deteve.

— Shhh. — ele sussurrou em seu ouvido. — Tudo vai ficar bem!

Muitas vezes ela havia desejado confiar em alguém e ali estava sua chance. Seu estômago se apertou de medo e quanto mais perto os cavalos vieram, mais o medo a governou.

Com o mínimo de toques, Frang virou o rosto para o dele. Confie em mim, seus olhos pareciam implorar. E assim ela fez.

Sua cabeça abaixada. Sua boca veio dentro de respirações dela, e sua respiração, uma vez mais acelerada. Seus lábios se separaram, e os olhos fecharam.

— Eu vou te proteger.

Quando os lábios levemente escovaram o ouvido dela, ela suspirou e se estabeleceu contra ele. Kenna não sabia por quanto tempo eles se sentaram enquanto esperavam Wallace e seus soldados descobri-los ou afastar-se.

Finalmente, Wallace ordenou que voltasse onde outro caminho se bifurcava com o principal. Ela sorriu e lentamente abriu os olhos. Para encontrar Frang olhando para ela.

Capítulo Treze

O corpo inteiro de Frang pulsava de desejo e implorava para que ele tomasse Kenna. Ela estava flexível e disposta em seus braços. Ele tinha visto nos lábios dela, como se ela tivesse esperando, querendo o seu beijo. E ele queria provar seus lábios doces como um moribundo queria água.

Seus dedos se moviam contra sua garganta. Ele nunca sentiu uma pele tão macia ou viu um pescoço tão tentador. Ou sentiu um corpo tão convidativo. Ele cerrou os dentes para tentar estancar o fluxo do desejo em suas veias, mas era inútil.

Ele a queria.

Não iria mais negar-se, não quando ele a tinha onde ele queria. Seus lábios roçaram os dela em um teste. Sua mão agarrou seu braço como se tivesse medo de que ela se afastasse. Mas o gosto dela tinha sido mais doce que vinho e não havia mais volta para ele agora.

Ele colocou seus lábios nos dela, mordendo e lambendo até que ela abriu a sua boca e a sua língua varreu tudo o que podia tocar lá dentro. Ela gemeu baixo em sua garganta quando ele aprofundou o beijo, selando o destino de ambos, pois não havia mais volta. Ele a teria para si.

Assim que ele ouviu Wallace e seus soldados se afastar, ele, relutantemente removeu as mãos do corpo mole de Kenna e terminou o beijo antes que a levasse em frente. Ela ainda estava muito ferida para que ele lhe fizesse amor, como ele desejava fazer. Ela abriu os olhos e piscou várias vezes até que olhou para ele com um misto de agradecimento e de inquietação.

Ele poderia muito bem entender sua inquietação. Ele pediu o impossível, e ela cedeu, confiando nele, quando ela nunca tinha antes. Mas Frang sabia que não significava que ela poderia confiar nele em tudo. Ela temia por sua vida, e

ele tinha estado lá para defendê-la. Só um tolo teria recusado a sua proteção.

Quando ela não tinha sido capaz de ficar em pé esta manhã, ele tinha acreditado que não a havia curado o suficiente na noite anterior. Teria sido demais para ele para curá-la completamente, mas foi o que ele queria fazer. Embora cada fibra do seu ser quisesse ficar no seu mundo oculto por detrás das pedras, Frang sabia que tinham de sair. A contragosto, ele ajudou Kenna a ficar de pé. Depois que se firmou em seus pés, ele se virou para o saco que tinha retirado de seu cavalo na noite anterior. Ele pegou um pedaço de pão e um pouco de água.

— Aqui. — ele disse enquanto lhe entregava os itens.

Ele podia senti-la olhando-o, quando ele selou seu cavalo e o dele. Quando se voltou para ela, ela estava olhando para seu cavalo, enquanto comia depressa como se fosse algum tipo de criatura do mal.

— O que foi?

— Ontem foi a primeira vez que eu tinha montado um cavalo por um dia inteiro. Dói-me por inteiro e eu não acho que posso voltar à sela hoje.

Frang sorriu.

— Vai ficar tudo bem. Além disso, precisamos colocar alguma distância sobre o Wallace. Não vai demorar muito até que ele perceba a maneira que nós viemos.

— E onde estamos indo?

Seu tom implícito que ele não tinha ideia do que ela planejou. Ele deu de ombros e levou-a a sua égua.

— Você queria encontrar os *Druidas*, assim eu supus que é para onde estávamos indo.

Ela se abriu para ele.

— Você lê pensamentos?

— Não. — Embora, no momento, ele queria ler o dela. Ele esperou até que ela tinha terminado sua parte do pão e bebido a água, ergueu-a em sua égua

enquanto tentava ignorar o modo como suas mãos quase encontraram sua pequenina cintura.

Não foi até que ele lhe entregou a bolsa que tinha recuperado um dia antes que seus olhos se recusaram a abandonar os seu. Ele não disse nada a ela sobre o *Livro de Magia* que havia dentro. Haveria tempo para isso mais tarde.

Ele chutou os restos de seu fogo, enquanto pegava um pouco do pão e enfiava a parte restante de volta em sua bolsa com a água, em seguida, foi para cima de seu garanhão. Com um aceno para Kenna, ele colocou o cavalo em movimento, deixando a segurança que as pedras lhes forneceram.

Frang olhou para baixo da montanha na passagem estreita e esperou por Kenna.

— Apenas no caso de Wallace nos encontrar, e fazê-lo por trás, é melhor você ir primeiro.

— Então, você pode segurar o ataque?

Ele balançou a cabeça.

Ela suspirou e olhou para as mãos que agarravam as rédeas.

— Certamente ele não vai voltar tão cedo.

— Eu não quero arriscar.

— Sim. — ela sussurrou e colocou sua montaria em movimento.

Frang seguiu atrás dela, olhando para trás de vez em quando para se certificar de que ninguém os seguia. Ele sabia que era apenas uma questão de tempo antes que Wallace os encontrasse, mas ele queria Kenna em segurança no *Vale dos Druida* até então.

Uma pontada de remorso o encheu. Tinha sido quase insuportável deixar o *Glen* e quase impossível ficar longe. No entanto, ele tinha feito isso. Dia após dia, ele tinha se resignado ao fato de que nunca mais veria sua amada *Glen* novamente. E, no entanto, ele agora voltou.

Parecia insondável.

No entanto, não havia como negar a alegria que entrou em sua alma ao saber

que ele poderia ter um vislumbre do solo sagrado *Druida* novamente. O que ele não tinha dito a Kenna foi que ele não poderia voltar com ela. Ele a levaria para a borda da terra MacInnes e então a música dos *Druidas* iria chamá-la para casa. Seria praticamente impossível para ele ignorar a música, mas não podia ignorar a promessa feita ao Fae.

Quando chegaram ao pé da montanha, Kenna esperou que ele viesse com ela. Ela mordeu o lábio inferior como se tivesse tido um pensamento longo e duro sobre algo. Seu olhar permanecia em seus lábios enquanto ela relembrava seu beijo roubado e do jeito que tinha feito sua piscina de sangue em sua vara.

— Você não me perguntou por que eu deixei minha casa.

Frang sorriu interiormente.

— Achei que você tinha uma boa razão para fazê-lo.

— Como você me encontrou?

— Eu vi você andando longe enquanto eu caminhava para a cabana. — ele hesitou em dizer-lhe algo mais.

Ela lambeu os lábios quase fazendo surgir um novo gemido de desejo.

— Onde você conseguiu o garanhão cinzento? Ele é uma criatura magnífica.

Frang se inclinou e deu um tapinha no pescoço do garanhão.

— Ele é! — detestava mentir para ela, mas não podia dizer-lhe exatamente que o Fae o tinha premiado com o cavalo. — Eu o comprei.

— Comprou-o? — ela repetiu sobrancelhas levantadas.

Frang riu.

— Sim. É assim tão surpreendente?

Ela balançou a cabeça, seus gloriosos cabelos vermelhos brilhando ao sol.

— Apenas algo mais que eu não sei sobre você. Você não acha estranho que você ficou comigo por uma semana, mas eu realmente não sei nada sobre você?

— Assim como eu não sei muito sobre você, — ele respondeu. — Eu aprendi que às vezes o passado deve ser deixado sozinho.

Ela pensou sobre isso por um momento.

— Eu não concordo.

— Sério? Por favor, me ilumine.

Ela lhe lançou um sorriso provocante.

— Os acontecimentos e as decisões do passado moldam uma pessoa em quem ela é. Para realmente aprender sobre uma pessoa, você precisa conhecer seu passado.

Frang encolheu os ombros.

— Essa é uma maneira de ver as coisas. — sentia o olhar dela sobre ele, a curiosidade rolando fora dela como névoa.

— Você tem família?

Ele imediatamente pensou em Glenna, Fiona e Moira. Ele sabia que a questão viria. Na verdade, ele estava esperando por isso durante vários dias.

— Em um tempo.

— Por que você não está com elas?

Ele se virou e olhou nos seus olhos âmbar. Ele nunca se cansava de olhar para a sua cor incomum.

— Há momentos em que você tem que fazer algo que não quer fazer. Partir não era uma opção para mim. Eu tive que deixá-las para encontrar outro lugar.

— Isso parece terrível. Certamente não havia outra maneira de sair. Família é importante. Às vezes, eles são os únicos que você tem no mundo.

Frang tinha que olhar para longe dela. A dor em seu olhar era insuportável para ele assistir. Ele sabia como se sentia em estar sozinho. Depois que havia sido amaldiçoado, teve que deixar sua família verdadeira. No entanto, ele sempre os olhou nesses poucos meses. Vê-los envelhecer e morrer tinha sido difícil, mas não ser uma parte deles havia sido a coisa mais difícil que ele já tinha feito.

— É verdade, moça. — disse ele. Ele esperava que ela deixasse morrer o

assunto, mas ele deveria ter sabido melhor.

— Você deve voltar a eles. Se você fez algo errado, diga que está arrependido.

Ele fechou suas mãos.

— Kenna, por favor!

Com o canto do olho, ele a viu balançar a cabeça.

— Diga-me porque você não pode retornar a eles.

Frang olhou para ela.

— Vou dizer, logo que me disser por que Wallace necessita a planta medicinal.

Assim como ele pensava, ela virou-se, recusando-se a responder-lhe. Ele suspirou. Por mais que ele odiava perguntas que o fizessem pensar em coisas que queria esquecer, ele adorava o som de sua voz. Sua mente e sua sagacidade eram afiadas.

Ele coçou o queixo. Desejou que ele tivesse a chance de fazer a barba pela manhã. A barba que havia crescido nos últimos dois dias deixou-o com umacoceira desagradável, ficava se coçando como uma pessoa idiota. Todos esses anos com uma barba e ele ainda não podia suportar ter bigodes agora.

Uma grande nuvem cobriu o sol enquanto o vento acariciava seu rosto como o toque de um amante. Se eles não estivessem sendo perseguidos por um louco por imortalidade, Frang teria aproveitado o dia.

Ele ouviu risadas atrás dele e olhou por cima do ombro para ver Kenna inclinar no pescoço da égua e correr para ele. Em um gesto claro de desafio, Frang apertou suas pernas e seu garanhão capturou Kenna e sua égua facilmente.

— Medo de que ganhe? — Ela questionou.

Por um momento, Frang se esqueceu de respirar. Ele nunca tinha visto seu olhar tão impressionante, com seus longos cabelos fluindo atrás dela como um farol vermelho e os olhos dançando com alegria. Ele olhou para baixo e

viu que as saias tinham sido levantadas pelo vento desnudando as pernas para bem acima dos joelhos. Ele engoliu em seco. Então, ele encontrou o seu olhar e sorriu.

— Com medo de perder?

Ela riu novamente, o som aquecendo o coração dentro dele.

— A minha égua é rápida!

— Sim... — ele gritou sobre o vento — mas o cavalo é maior!

— Para o bosque! —ela gritou em seguida antes da égua pular à frente.

Frang parou por um momento. Ele observou enquanto ela corria com a égua pelas colinas pontilhadas com urze¹² escocesa. Era uma vista magnífica.

— Vamos rapaz. — ele sussurrou para o garanhão. Um batimento cardíaco mais tarde, o garanhão esticou as pernas, ganhando de Kenna e a égua com cada respiração que dava.

Pouco antes de chegarem ao bosque, ele deixou o cavalo, batendo Kenna e a égua por meio comprimento.

Ele puxou o cavalo para uma parada e virou-o para Kenna. O sorriso dela lhe disse o quão feliz estava. Puxou a égua até parar perto dele, rindo o tempo todo.

— Você gostou disso?

— Oh, sim! — disse ela. — Corri com ela ontem, mas hoje, bem, hoje foi diferente.

A única diferença era que ele estava com ela. A riqueza de calor roubou todo o seu corpo.

— O que você vai me dar?

— Dar-lhe? — ela perguntou quando acariciou o pescoço da égua.

— Por ter vencido.



12

Ela riu o som rico e robusto.

— O que você gostaria?

Frang cutucou seu cavalo perto dela até que eles ficaram um joelho diante do outro.

— Isto! — ele disse e estendeu a mão para ela.

Capítulo Quatorze

Os olhos de Kenna se arregalaram de surpresa, Frang puxou-a contra seu peito e grudou os seus lábios nos dela. Sua boca era quente e macia quando ele mordiscou seus lábios. Suas mãos subiram para agarrar os ombros, quando a língua escorregou em sua boca. Ele saqueou sua boca, dando-lhe quantias incalculáveis de prazer.

Frang era um homem que gostava de beijar. Ele a puxou para perto dele, esmagando seus seios contra o peito com a sua língua deslizando pelos lábios e acasalando com os dela.

Quando ele levantou a cabeça, viu o desejo em seus olhos. Mas ela viu algo com um que de surpresa.

— Um prêmio mais adequado. — disse ele antes de endireitá-la sobre sua égua.

Kenna esperou até que ele virou o garanhão de volta antes dela estender a mão e timidamente tocar seus lábios. Ela podia ainda sentir o gosto dele em sua boca. Ele era exótico, místico e poderoso.

Ele era simplesmente maravilhoso.

Eles cavalgaram em silêncio por horas. Kenna se perdeu no beijo, a reação de seu corpo pelo de Frang. Seus olhos nunca vaguearam longe dele e ela se manteve um pouco atrás para que pudesse vê-lo.

Ele montou o garanhão com a facilidade de alguém que passou uma grande parte do tempo em um cavalo. Mas quanto mais ela aprendia sobre ele, mais confusa ficava. Ele era um hábil espadachim, excelente cavaleiro e sabia sobre ervas. Em todos os seus anos, Kenna tinha tropeçado em algumas mulheres que reconheceram algumas ervas e seus usos, mas nunca um homem.

Primeiro Kenna pensou que ele poderia ter aprendido de um parente. Mas

agora, ela não tinha tanta certeza. Ele tentou esconder dela, mas seu conhecimento de ervas era tão extenso quanto o dela, ou melhor.

O fato de que ele não só sabia dos *Druidas*, mas sabia a sua localização, a fez arriscar um palpite de que os *Druidas* tinham ensinado a ele sobre as ervas.

Quando Frang de repente puxou as rédeas ao se aproximarem de um riacho, ela achou que não seria difícil de lhe perguntar as questões candentes em sua mente.

— Vamos descansar um pouco. — disse ele quando desmontou e conduziu o cavalo até a água.

Kenna balançou a perna sobre a sela e escorregou para o chão. Depois conduziu sua égua para a água, enfiou a mão na sacola e pegou o pedaço de pão e bolos de aveia que tinha embalado.

Ela entregou um bolo de farinha de aveia para Frang e olhou em torno do vale que estavam dentro.

— É bonito aqui!

— Sim. Não há uma parte da Escócia que eu tenha visto que não seja bonita.

— Existe um lugar mais bonito do que qualquer outro?

— Sim.

Ela esperava que ele explicasse melhor, e quando não o fez, ela se decepcionou. Depois que terminou seu bolo de aveia, Frang entregou-lhe uma maçã.

— Onde você conseguiu isso?

Ele deu de ombros.

— Eu os comprei.

Ela sabia que ele estava mentindo. Ele não confiava nela o suficiente com a verdade. Por tudo o que sabia, ele provavelmente tinha roubado, mas naquele momento, ela não se importou. A maçã teve um gosto delicioso.

Uma vez que a maçã tinha ido embora, ela bebeu profundamente do fluxo em que Frang tinha reabastecido seu abastecimento de água. Ela ficou

surpresa que suas pernas e a parte inferior não doerem depois de ter cavalgado o dia anterior. Na verdade, à exceção de uma leve dor na cabeça, nada estava mal.

Subiu de volta em sua égua e mais uma vez seguiu Frang. Quanto mais eles viajaram para o leste, mais ele parecia fechar-se.



Wallace, *Laird* do clã Wallace, sentou em cima de seu cavalo, com vista para as planícies da Escócia. Sua mandíbula se apertou e ele fechou a mão toda vez que pensou em Kenna.

Ele ainda não conseguia acreditar que tinha tomado o *Livro de Magia*. Ela deveria ter sido sua noiva, uma posição conveniente para alguém como ela. Para não mencionar que suas habilidades de cura, teriam dado a ele conhecimento extra que ele precisava.

Seus homens estavam a postos para tomar Kenna, com apenas uma palavra dele. No entanto, Wallace encontrou-se perguntando se ele queria que ela morresse depois de tudo. Teria sido mais fácil para ele, que ela viesse para a sua cama por vontade própria, mas poderia levá-la lá, independentemente se ela estava disposta ou não.

Ela ainda tinha o que precisava. E queria.

— *Laird?*

Wallace voltou para o seu primeiro comandante, Callum.

— Sim?

— Outro conjunto de trilhas está agora com Kenna.

Wallace fervia interiormente. Se ela tivesse encontrado um amante? Alguém para compartilhar a sua magia?

— Parece que a nossa pequena curandeira não está mais sozinha. Nós

precisamos encontrá-la antes que ela encontre mais perigos.

— Sim, *Laird*.

Quando Callum se afastou, Wallace deslocou na sela. Tudo o que ele desejava estava a seu alcance. Ele tinha se movido lentamente para dar tempo a Kenna para lidar com seu novo papel de sua noiva. No entanto, ela parecia surpresa com suas palavras na noite anterior no castelo. Como se não soubesse que ele a estava cortejando. Qualquer mulher no clã Wallace pularia pela chance de ser sua esposa. Qualquer mulher, mas Kenna não era qualquer mulher.

Ninguém sabia o que estava guardado em sua torre. Nem mesmo Callum a quem ele dizia tudo. Ele queria conquistar o poder, aproveitar a magia. Em seguida, iria mostrar àqueles poucos que estariam ao seu lado por uma eternidade. Ele estava disposto a partilhar o seu dom com Kenna, mas agora ele tinha outros pensamentos.

Ela iria dar-lhe filhos, e depois ele iria atirá-la de lado por outra mulher. Ele seria pai de tantos filhos quanto pudesse presentear cada um deles com a eternidade. Com um sorriso, Wallace cutucou o cavalo morro abaixo.

— Você mudou sua ideia sobre ela? — Callum perguntou enquanto andava ao lado dele.

— Kenna vai servir o seu propósito. Eu preciso dela.

Callum bufou.

— Todas as mulheres do clã desfalecem ao ver seu rosto, não têm dificuldade em encontrar uma mulher.

Wallace olhou para o amigo e primeiro no comando.

— Eu quero Kenna. Vou ter Kenna!

— Ok! — disse Callum, um sorriso de escárnio no rosto. — Usá-la até ter feito, em seguida, encontrar outra. Bom plano.

— É isto. — disse Wallace. — Quero que a encontre antes do anoitecer.



Cada quilômetro que levou Frang mais perto do *Glen* deixava-o mais inquieto. Será que ele seria forte o suficiente para não voltar ao *Glen*? A tentação sempre foi uma queda sua. Kenna era um excelente exemplo.

Ele sabia que não devia tê-la beijado, mas foi incapaz de se conter. E depois de sentir o gosto delicioso dela, estava sendo extremamente difícil não beijá-la novamente. Ou para executar suas mãos ao longo de suas curvas suaves.

Nunca antes ele teve que mergulhar em seu poder para manter seus desejos de uma mulher à margem, mas como tudo com Kenna foi diferente. Apenas o pensamento de sua flamejante tranças fazendo cócegas em sua pele, ela montando seu quadril e levando-o ao êxtase foi suficiente para trazer seu pênis duro e dolorido.

— Eu fiz algo errado?

A doce voz de Kenna quebrando sua imagem vívida o trouxe para o presente. Ele olhou para ela enquanto andava ao lado dele e viu a expressão de ansiedade em suas feições delicadas.

— Não! — respondeu ele. — Por que você acha isso?

— Você estava em silêncio. Quietos demais. Quase como se estivesse pensativo e lamentando me acompanhar.

Frang riu.

— Eu não me arrependo de acompanhá-la, então sossegue sua mente.

— Mas há algo incomodando você, sim?

Não adiantava negar. Agora não. Não quando ela descobrir a verdade em uma questão de dias.

— Sim, há algo mais.

— Quão perto estamos nos aproximando de sua casa?

— Muito, muito perto. — Seria apenas um ou dois dias antes de ele começar a ouvir a música dos *Druidas*, uma música que só podia ser ouvida por outro *Druida* para ajudar a atraí-los para território seguro. Seria mais doloroso do que a sua saída.

Kenna limpou a garganta.

— Gostaria de parar e conversar com eles? Eu não tenho que ir com você.

— ela se apressou a acrescentar.

Frang virou a cabeça e olhou para ela.

— Isto é gentil de sua parte, mas vou ter de declinar. Há acontecimentos que tiveram lugar e que eu não posso mudar. Devo ficar longe.

Ele viu quando ela torceu as rédeas na mão.

— Eu sei que você não confia em mim, e eu não te dei razão. Mas, você não pode me dizer por quê?

— Não é assim tão fácil.

Ela levantou a mão.

— Não. Não diga mais. Eu não deveria ter perguntado.

Quando ela cutucou sua égua para correr, Frang deixou-a ir. Ele esperava viver o resto de sua vida sem que o passado continuasse a intrometer-se numa base diária. A curiosidade de Kenna estava revelando muito mais do que se ele tivesse dito a verdade.

Assobiou para o garanhão e tomou o ar puro das montanhas, enquanto ele perseguiu Kenna. Ele se deliciava em saber que não estaria por perto quando ela descobrisse a verdade sobre ele. Ele iria virar logo que ela estivesse a salvo em terra MacInnes e tentar encontrar numa simpática aldeia para chamar de lar. Muitos quilômetros de distância dos *Druidas*.

Lá ele não teria que ver a acusação nos olhos de Kenna por não lhe dizer quando teve a chance. Nem que ele teria que explicar a Glenna e Conall, também porque ele os tinha deixado, em primeiro lugar. Ou explicar sua

aparência e a maldição que foi com a sua imortalidade.

Sem dúvida, era muito melhor se ele não chegasse perto dos *Druidas*.



Horas mais tarde, Frang os levou a uma pequena floresta que contornou a base de uma montanha.

— Vamos descansar aqui essa noite. — pelo canto dos olhos viu Kenna tremer. — É seguro o suficiente para o fogo também.

Ele pensou que ouviu murmurar um muito obrigado aos santos. Ele começou a tirar a sela e limpar os cavalos com um punhado de agulhas de pinheiro, enquanto olhava para a lenha para fazer o fogo.

Crepúsculo caiu sobre eles, com o cair da noite se aproximando rapidamente. Assim que ele terminou com os cavalos, olhou para cima para encontrar Kenna tentando desesperadamente começar o fogo. Ele andou até ela e ajoelhou-se perto do fogo.

— Deixe-me trabalhar com isto. Precisaremos de madeira para a noite.

Exausta, ela se levantou.

— Eu vou encontrar um pouco mais.

Frang esperou até que ela estivesse fora de vista antes que estendesse as mãos, palma para baixo, sobre a madeira e persuadiu um fogo para a vida.

E então ele ouviu o grito.

Capítulo Quinze

Kenna olhou dentro dos olhos de ouro do javali e sabia que estava prestes a morrer. Sua mão pegou a adaga sob suas saias, mas era como se o animal soubesse o que ela faria, e rosnou para ela.

Ela deu um passo para trás, seu coração parou, seus pés derraparam quando o animal a seguiu. Cada instinto dentro dela lhe disse para virar e correr tão rápido quanto pôde para Frang. Ele seria capaz de ajudá-la.

— Faça o que fizer não se mova! — ela ouviu uma voz atrás dela.

Kenna acenou para Frang enquanto ele se movia lentamente atrás dela. Ela sentiu o calor momentos antes dele esbarrar nela.

— Você confia em mim?

— Sim! — ela sussurrou.

— Nós nunca vamos conseguir fugir dele. Vamos ter de enganá-lo.

Kenna estava prestes a perguntar-lhe como ele planejava fazer isso quando a mão dele veio até repousar sobre sua cintura.

— Faça o que fizer, não deixe de vir comigo.

Ela virou a cabeça para olhar para ele ao mesmo tempo, ele girou em torno dela para esmagá-la contra seu peito e rolar no chão. Kenna trancou os braços ao redor dele e segurou quando se afastaram do javali. O javali guinchou sua frustração, quando avançou depois deles. E então, tão repentinamente quanto havia Frang decidido rolar, ele parou e se afastou dela para mergulhar a espada para o animal.

Kenna enterrou seu rosto no pescoço de Frang e tentou parar de tremer.

— Eu acho que deveria ter ficado na minha casa.

— Você não gosta da sua aventura?

Ela balançou a cabeça.

— Não. Não é a aventura, os animais selvagens, ou o louco atrás de mim.

Um suspiro escapou de seus lábios quando os braços de Frang vieram ao seu redor para dar-lhe um aperto suave. De repente, ela percebeu o quão próximo ele estava dela. Corpo a corpo que jazia no chão. Seus braços ainda estavam travados em torno dele, e seus olhos penetravam nela. A memória do calor de seu beijo foi enviado alagando seu corpo.

Sua respiração trancada em sua garganta quando o olhar de Frang mudou para a boca. Inconscientemente, os lábios estavam entreabertos, enquanto esperava para outro beijo. Ela queria aquele beijo desesperadamente.

— Você vai ser muito feliz onde está indo — ele sussurrou roucamente.

Ela tentou engolir, a cabeça dele inclinada em direção a ela, mas toda a umidade em seu corpo agora estava entre suas pernas. Sua morte foi quase esquecida há muito tempo enquanto ela saboreava a sensação do corpo Frang, ao lado dela.

Justamente quando ela pensou que ele iria finalmente beijá-la, ele se virou e saiu. Kenna olhou para o javali morto perto dela e percebeu o quão perto Frang tinha indo para espetá-lo.

— Obrigada! — disse ela depois que ele a ajudou a levantar. Seu corpo tremia, mas não de medo do javali. Era por causa de Frang e o que ele fazia a ela.

Um dos lados dos lábios puxados para cima em um sorriso.

— O prazer é meu, moça.

Como ele poderia estar tão indiferente, depois de quase morrer, estava além dela, mas enquanto ele estava com ela, se sentia segura.

— Vá se sentar perto do fogo. Vou pegar a pele do javali e reunir mais madeira.

Kenna balançou a cabeça.

— Vou pegar a madeira. — com o desejo se desvanecendo, sua boca começou a salivar enquanto pensava em comer o javali assado. Ela lambeu os

lábios e ouviu a risada de Frang.

Ela não tinha percebido o quão faminta estava até aquele momento. A viagem e a preocupação constante por Wallace encontrá-la tinham feito o dia cheio e cansado. A exaustão foi deixada de lado com a tentação de uma refeição quente e um fogo para afastar o frio que havia encerrado sua alma.

Frang era um bom homem, um homem que arriscou a própria vida várias vezes por ela. Mas isso seria suficiente para ela compartilhar seus segredos, seus fardos pesados com ele?

Não, ela pensou e se afastou para começar a coletar madeira. Ela iria lidar com seus problemas sozinha, pois se envolver com Frang, poderia custar a vida dele. E ela não podia viver com isso.

No momento em que ela voltou para seu acampamento, Frang havia cortado uma parte do javali e o esfolado. Ele agora o assava no fogo, sua gordura caindo nas chamas, fazendo um barulho sibilante.

— Eu estava ficando preocupado. — Frang disse sem olhar para ela.

Ela apertou os lábios, pensando rapidamente.

— Eu estava sendo mais cuidadosa do que antes.

Ele ajoelhou-se diante do javali e girou seu ponto de cozimento para o outro lado.

— Eu acho que você precisa mover o punhal que eu dei-lhe, colocando-o no quadril de modo que será mais fácil para você pegar, caso haja necessidade.

— Até que Wallace me deixe em paz, eu sempre vou precisar. — ela agachou-se e começou a colocar a pilha de madeira em um acesso fácil para ambos. Quando ela se sentou, Frang estava concentrado no silêncio dela.

— Você nunca vai me dizer por que Wallace está atrás de você?

Kenna balançou a cabeça.

— Eu gosto de você.

— Se você gosta de mim, você confia em mim.

— Gostar e confiar são duas coisas diferentes. — virou um tronco caído

próximo ao fogo, para que ela tivesse algo para sentar-se e, em seguida tirou o pó de suas mãos. — Se eu não gostasse de você, eu diria o suficiente para te matar.

Frang assobiou baixinho.

— Parece como se estivesse pensando sobre sua bonita cabeça.

— Sim, eu acho que está.

Ele cruzou os braços sobre seu peito enquanto se inclinou para trás contra uma árvore e esticou suas pernas para frente.

— O que faz você pensar que me dizendo iria me matar?

Kenna riu.

— Não há nada que você possa dizer e nenhum truque que você possa usar que me faça dizer-lhe qualquer coisa.

— Você parece bastante segura de si.

Ela encolheu os ombros.

— Eu tenho que ser, se eu vou mantê-lo vivo.

— E você?

— E eu?

— Você não está preocupada com sua vida?

Kenna fez pausa enquanto pensava sobre suas palavras. Ela encontrou seu olhar sobre o fogo.

— Não. Minha vida foi perdida no momento em que tomei minha decisão.

Frang inclinou a cabeça para o lado.

— Quer dizer, quando você deixou o seu clã?

Ela não podia dizer-lhe que foi quando ela começou a suspeitar o que Wallace estava fazendo com as ervas que ela coletou. Frang era muito inteligente e gostaria de descobrir tudo.

Em vez disso, ela simplesmente baixou o olhar e deixou-o acreditar no que disse. Ele estaria mais seguro assim.

Quando ele falou, sua voz era suave e baixa, quase não ouviu sobre o fogo

crepitante.

— Você esquece Kenna, que eu sei onde você está indo. Eu sei que a segurança dos *Druidas* espera por você. O que quer que você tenha feito, eles podem ser capazes de protegê-la por um tempo curto, mas se o Wallace realmente a quer, ele a terá.

— Não é por mim que eu procuro os *Druidas*.

Podia dizer-lhe que as palavras o chocaram pela sua testa franzida. Ele deixou cair os braços para os lados enquanto se sentou e olhou para ela.

— Kenna, você não pode pensar em virar-se contra Wallace de bom grado. Seus dedos mexiam com as saias, um hábito que ela fazia quando estava nervosa.

— Não. — ela mentiu.

Por um momento, ela ficou preocupada que ele não acreditasse nela. Em seguida, ele retornou para sua pose descontraída contra a árvore.

— Eu sabia que você era mais esperta do que isso.

Era exatamente como um Highlander para pensar que o seu caminho era sempre o melhor. Foi na ponta da língua de Kenna para lhe dizer que seu plano é verdade, mas ela segurou de volta. Havia algo no que Frang lhe disse que era muito mais do que ele a levou a acreditar. Só que se ele sabia, ela não tinha certeza.

Ela esperou até que ele estava virando o javali de novo antes de dizer:

— Eu estou curiosa para saber como você sabe tanto sobre as ervas.

Suas mãos e seus calmos olhos cor de céu azul subiram para o rosto dela. Antes de um olhar aborrecido, que ele apresentou ao mundo cair sobre seu rosto, ela viu a hesitação e a dúvida em seu olhar.

— Você acha que só os curandeiros sabem de ervas? — questionou. Sua voz tinha uma nota de indiferença, mas sabia que era de outra forma.

— É verdade que outros conhecem algumas ervas, as ervas comuns. Poucas pessoas sabem a mistura de ervas ou ervas raras que aparecem.

Ele cortou um pedaço do javali e examinou-o antes que pegasse um pouco para si.

— Ele está pronto. — ele esperou até que ela se aproximasse dele antes de dizer. — Eu vou responder a sua pergunta com sinceridade. Se você responder a uma das minhas.

Kenna hesitou. Ela não podia responder apenas uma questão qualquer.

— É uma simples. — Frang continuou como se ele não soubesse o dilema que seu comentário lhe causara. — Minha pergunta é esta: Gostaria que você me dissesse se Brigit era uma *Druida*.

Kenna sentiu a pressão de ar de seus pulmões.

— Por quê?

Ele deu de ombros.

— É a pergunta que você quer que eu responda?

— Não — ela se apressou a dizer. Ela olhou para ele por um tempo considerável antes de balançar a cabeça. — Brigit era uma *Druida* ou, pelo menos, praticava seus caminhos.

Frang cortou um pedaço do javali para ela, então, entregou. Ele esperou até que ela estivesse sentada de volta em seu tronco, antes de responder a ela.

— Obrigado por me dizer! Quanto à sua resposta, eu sei de ervas e seus usos, porque eu fui ensinado pelos *Druidas*.

Ele viu como a surpresa arregalou os olhos, e então a surpresa em vez prazer.

— É verdade? É por isso que você sabe onde eles vivem? Como você sabe que eles ainda estão por aí?

Frang sorriu-lhe diante das perguntas. Sua alegria era divertida de se ver.

— Sim a todas as perguntas.

— Conte-me sobre eles. — perguntou ela, seu desejo de informação brilhando em seus olhos âmbar.

Frang afundou os dentes no javali, mastigou e engoliu antes que falasse.

— Eles são muito educados e poderosos. Onde eu estou levando você é a maior realização de todos os *Druidas* da Escócia. Poucos sabem da sua localização.

— Eu nunca vou dizer! — ela prometeu e pouco distraída na carne.

— Não, eu não acho que você vá. Voluntariamente.

Isso teve a atenção dela. Ela piscou quando seus belos olhos perderam o brilho e encarou-o como se ele fosse algum inseto desagradável que viera provar sua comida.

— Nada poderia me fazer dizer.

— O Wallace poderia. — viu como a compreensão a alcançava. — Ele é um homem que não está acostumado a perder o que quer. Pelo que você me disse, ele quer essas ervas. Ele pode ser capaz de encontrar alguém para recolhê-las para ele, mas acho que vai mais fundo do que isso. Eu acho que ele a quer.

Seus olhos abaixaram ao chão.

— Ele me quer. A última noite no castelo, ele me fez uma proposta. Eu nunca soube que ele pensava em mim desse jeito.

O ciúme estava queimado a vida de Frang. Ele não podia imaginar Kenna com o Wallace, mas Wallace era um homem bem apessoado e um *Laird*. Era o suficiente para virar muitas cabeças de jovens moças.

— Você poderia ter tido grande poder se tivesse ficado com ele. — Frang se sentiu mal até mesmo ao dizer as palavras. Ele sabia que teria que deixar Kenna eventualmente, mas enquanto ela estava com ele, ele queria ser o centro de seus pensamentos, tão egoísta quanto ele era. Sacudiu a cabeça, mechas da cabeça vermelha gloriosa caindo sobre seu rosto.

— Nunca! — O olhar dela subiu para Frang. — Ele está atrás de algo que não é seu por direito.

— Você?

— Não. Outra coisa, algo que precisa ser mantida segura.

Frang sentou mais a frente, seu pedaço do javali esquecido. Uma emoção ecoou através dele que Kenna não queria o *Laird*.

— Ah! Quer dizer o livro que você carrega na sua bolsa?

Capítulo Dezesseis

Toda a cor se esvaiu do rosto de Kenna.

— Como... Quando?

— Quando você caiu. Eu sabia que não iria sair sem ter algumas ervas. Eu tive que retirar o livro para chegar as ervas.

Ela engoliu visivelmente depois lambeu os lábios.

— Eu entendo.

Frang decidiu descobrir o quanto ela iria lhe contar.

— Percebi que o livro é de grande importância para Wallace.

— Você o olhou?

— Não. Eu estava muito preocupado com os seus ferimentos, pra pensar em um livro.

Ela relaxou e deu outra mordida no alimento. Lambeu o suco de seus lábios e disse:

— Eu ouvi sobre o livro de Brigit. Ela falou dele como uma lenda, porém, não a verdade. Quando eu o vi, eu sabia que o Wallace tinha que ter procurado por ele, pensando no mal.

— O que é o livro?

Ela abriu a boca e então percebeu que estava prestes a fazer e voltou a fechá-la imediatamente.

— Não, Frang. Eu não posso te dizer.

— Não pode? Ou não quer?

— Ambos! — disse ela tristemente e voltou sua atenção para sua refeição.

— Eu poderia fazer você me dizer.

Seu olhar prendeu o seu.

— Acho que você quer dizer que não vai me levar para os *Druidas*?

Frang odiava fazer isso, mas ela precisava saber o que estava enfrentando.

— Sim! — olhos âmbar atiraram fogo nele.

— Você faria isso? Eu pensei que você fosse um homem honrado.

— Você confia em mim o suficiente para ser honrado e levá-la para os *Druidas*, mas você não confia em mim o suficiente para me dizer sobre o livro ou porque você deixou o seu clã? Você não sabe nada sobre mim, Kenna. Por tudo o que você sabe, eu poderia ter sido contratada pelo próprio Wallace.

Ela jogou os restos de sua comida no fogo.

— Você poderia ser, mas não é. Você não é o tipo de homem que Wallace iria procurar.

— Ok moça. Você não está entendendo o que estou dizendo.

— Eu entendo muito bem, Frang. Eu não sou do mundo e eu sou ingênua, às vezes, mas eu posso sentir quando há mal em alguém. Não há mal em você.

Com um suspiro, ele levantou-se a seus pés.

— Eu poderia ter estuprado você agora.

— Poderia, mas não o fez. Você também poderia ter feito isso na primeira noite em que ficou na minha cabana ou nas noites depois. Mas você não fez.

Ele balançou a cabeça.

— Você está muito confiante. Eu nunca lhe disse para onde estávamos indo. Eu poderia levá-lo longe dos *Druidas* e você nunca saberia.

Ela se levantou e caminhou até que ficou a centímetros dele.

— Você vai me levar para os *Druidas*?

Ele procurou os olhos de âmbar. Ela tentou parecer calma, mas no fundo ele podia sentir sua confusão, o seu medo.

— Vou levá-la para os *Druidas* moça.

— Você vai me manter segura do Wallace?

— Sim. — ele sabia que estava por vir agora.

— Você promete não me fazer perguntas sobre o livro?

Frang suspirou alto.

— Sim.

Um sorriso lento puxou-lhe os lábios.

— Eu sabia que você era um bom homem.

Tê-la tão perto, vendo seus lábios carnudos lembrou-o de seu beijo, e seu corpo explodiu com o desejo. Ele fechou as mãos em punho ao seu lado para não puxá-la contra ele e sentir seu gosto novamente, mas levou tudo que tinha para controlar o desejo quase irresistível de enterrar-se profundamente dentro dela e sentir seu sexo apertar em torno dele enquanto ele a leva ao orgasmo.

Em silêncio, ele implorou a ela para virar e voltar ao seu lugar no outro lado do fogo. No entanto, ela não se moveu. O sorriso dela caiu, enquanto seus olhos percorriam lentamente sobre seu rosto.

— Quem é você?

— Apenas um homem.

Suas mãos se levantaram e suavemente tocou o rosto em forma de concha.

— Não, acho que não! Há mais de você do que está me dizendo, mas eu mal posso criticá-lo por manter os seus segredos, quando eu mantenho os meus.

— Eu não quero saber seus segredos agora.

— Oh? Então o que você quer?

Ela não deveria ter perguntado e ele não deveria tê-la incitado a perguntar. Mas Frang não se continha quando estava ao seu redor.

— Isto! — ele disse enquanto a puxou contra ele e inclinou a boca sobre a dela. Com uma mão ele apoiou a volta de sua cabeça, a outra foi para abaixo de suas costas.

Ele mordiscava seus lábios, pedindo-lhe para abrir ao mesmo tempo, ele orou para ela afastá-lo. Ela era inebriante, sedutora e oh, tão sedutora.

Em vez de empurrá-lo para longe, ela colocou os braços em volta do pescoço e enterrou os dedos em seus cabelos. Frang gemeu e puxou-a mais contra ele. Seus lábios se separaram e ele acariciou-a com a língua dele.

Ele poderia ficar bêbado em seus lábios. Sua cabeça viajou com as imagens

dele descobrindo seus seios para que pudesse fazer festa com eles. O desejo o rodeou, precisava consumi-lo.

Kenna estava flutuando sobre uma nuvem de contentamento. Cada toque de língua de Frang a mandou em espiral em um abismo de prazer, cada respiração, que ela tomou trouxe mais desejo, mais calor. Seus seios se arrepiaram, seu estômago se apertou na expectativa e uma pressão estranha, começou intensa entre as pernas.

Seus cachos negros eram grossos e moles entre os dedos. Seus braços eram como o ferro, quando estavam travados em torno dela, segurando-lhe, fazendo-a sentir cada centímetro duro dele todo o caminho de seu corpo.

Suas mãos se moveram sobre as costas, os quadris, a cintura e os seios. Ela respirou fundo, e arqueou com a mão em concha contra o peito de Frang.

Quando seu dedo passeou em seu mamilo, um grito de surpresa foi arrancado de seus lábios quando ela quebrou o beijo deles. Seu corpo tremia de paixão e o desejo feroz de Frang chamado para dentro dela. Ela abriu os olhos para encontrá-lo olhando para ela. Seus olhos normalmente brilhantes tinham escurecido, o desejo estava lá para qualquer um ver. Ele não estava escondendo nada dela.

Uma mulher sã iria sair e quebrar a influência que tinha sobre ela. Mas quando era Frang, Kenna não era nada sã. O homem tinha a incrível habilidade de conhecer seus mais profundos pensamentos, tocar sua alma como ninguém jamais fazia.

Seus olhos se fecharam em um gemido quando seu dedo brincou com o mamilo sensível.

— Você gosta disso!

Ela sorriu para sua declaração.

— Você sabe que eu gosto. Suas mãos são como mágica.

— Não há nenhuma mágica aqui, Kenna — ele disse enquanto acariciava o pescoço exposto. — Eu sou apenas um homem que vê algo que quer.

Seu estômago deu cambalhotas com suas palavras. Ela passou as mãos sobre os ombros largos e braços musculosos, enquanto ficava à deriva no mar de prazer.

Para sua decepção, ela sentiu-o se afastando. Lentamente, mas certamente ele se afastou dela até que somente suas mãos se tocaram.

— Perdoe-me! — ele disse. — Eu deveria ser capaz de controlar a minha própria paixão.

O coração de Kenna bateu. Ela não queria que ele parasse. Se ele a tivesse deitado no chão, ela teria sucumbido a ele. Alegrementemente.

Ela liberou seu lado e deu um passo para longe dele. Com dificuldade, ela engoliu e virou-lhe as costas. Seus pés mal apoiados enquanto, calmamente, fez caminho de volta para o acampamento. Ia ser quase impossível para ela dormir com o corpo em fúria como estava.

Embora ela quisesse Frang com uma maldição, ela não podia, não depois de ele ter despertado seus desejos.



Frang acordou antes do amanhecer, seus pensamentos desordenados e seu humor negro. Ele se levantou para esticar e se viu caminhando em direção Kenna. Ele se ajoelhou ao lado dela, vendo-a dormir. Ela estava tão linda e pacífica que ele encontrava dificuldades para respirar. Ele lembrou sua forma ágil em seus braços e como ela tinha respondido ao seu menor toque.

Ele poderia tê-la tomado ontem à noite, mas ele teria se aproveitado dela e não podia fazer isso. Ele não sabia se ela era culpada em ajudar Wallace, mas ela ainda merecia mais do que um amor selvagem no cio no chão.

Porque foi exatamente o que teria sido. Frang tinha quase perdido o controle

sobre seus desejos. Ele tinha pendurado por um fio se desenrolando, e teve que usar a magia para se afastar dela.

Mesmo agora, olhando para ela, ele tinha o desejo de se inclinar para baixo e beijá-la acordando-a, para esticar ao seu lado e puxá-la contra ele.

— Por tudo que é mágico, deixe-me levá-la ao *Glen* rapidamente! — ele sussurrou.

Kenna mexeu então ele parou. Levantou-se mais uma vez e concentrou seus poderes *Druida* dentro dele. Então, quando a magia estava pulsando, ele abriu os braços para determinar onde Wallace e seus homens estavam.

Os olhos de Frang se abriram quando seus braços caíram. “*Merda!*” Eles estavam perto, muito perto. Ele girou e correu para Kenna.

— Kenna. Acorde. Temos de ir.

Ela abriu os olhos para olhar para ele. Ela piscou então se sentou meio grogue.

— O que foi?

— Wallace está mais perto do que eu pensava. Precisamos ir. Se a ida for dura, podemos descansar na terra MacInnes ao anoitecer.

Ela saltou toda sonolência foi embora enquanto ela se arrumou e preparou sua bolsa, enquanto Frang selou os cavalos. Uma vez que ambos os cavalos foram preparados, ele ajudou-a montar, e com um último olhar sobre seu ombro, ele cutucou o garanhão cinza em um galope.

O medo incitou-o mais rápido, mas se conteve, não querendo que os cavalos se cansassem quando eles tinham tantas léguas a cobrir em um dia.

— Frang.

Ele olhou por cima do ombro e retardou o garanhão para que Kenna pudesse alcançá-lo.

— Sim?

— Quão perto Wallace está?

Ele suspirou.

— Mais perto do que eu gostaria. Muito mais perto do que eu esperava.

— Você o viu?

Era um modo de falar. Ele virou a cabeça reta e acenou com a cabeça, rezando que ela não fizesse mais perguntas.

— Eu não vou para os *Druidas*, vou?

Ele olhou para ela antes que se aproximasse e pegar a mão dela na sua.

— Sim, Kenna. Você vai. Eu te dei um voto e eu vou cumpri-lo.

Ela lhe deu um sorriso fraco de gratidão. Relutantemente, Frang liberou a sua mão e concentrou-se na estrada ante eles. Ele não gostava de ver o pânico nos bonitos olhos âmbar. Ele preferia a paixão.

Com o canto do olho, ele viu um flash. “*Frang*”, ele ouviu a chamada de Aimery em sua cabeça.

Sem hesitar um segundo, ele dirigiu-os para fora da estrada e por toda a encosta gramada.

— Não há cobertura! — Kenna exclamou.

— Nós não tínhamos nada na estrada também. Temos menor probabilidade de encontrar alguém fora da estrada e nós vamos viajar mais rápido.

Ele esperava que não estivesse mentindo para ela. Aimery tinha um bom motivo para enviá-los para o morro ao invés da estrada.

O olhar de Frang deslizou para a mochila que pendia ao redor de Kenna que continha o *Livro de Magia*. Ele só iria pegar um feitiço do livro para que eles fossem transportados para o vale em um piscar de olhos.

Mas as consequências seriam graves.



Glenna MacInnes gritou quando pulou na cama.

— O que foi? — seu marido, Conall, perguntou quando se sentou e colocou a mão nas costas dela.

Suas mãos tremiam enquanto empurrava seu cabelo do rosto coberto de suor.

— É Frang!

— Frang? — Conall tinha acordado completamente, em estado de alerta. — O que há com ele?

Glenna virou o rosto para o marido.

— Ele está voltando!

Conall procurou o olhar dela na câmara de luar.

— Por todos os santos! — ele sussurrou com pavor. — Você teve uma visão!

— Sim!

Ele se levantou e acendeu uma vela, então voltou para a cama e tomou-lhe as mãos.

— O que foi? Diga-me todos os detalhes.

Como um dos *Druidas* de uma antiga profecia, Glenna tinha sido agraciada com poderes pela *Fae*. Ela podia controlar o fogo, e, além disso, tinha visões. Toda a visão acontecia.

Ela lambeu os lábios, sem saber por onde começar.

— O Frang que eu vi não é o Frang que nós conhecemos.

— Faz sentido, o amor! — A testa de Conall franziu profundamente.

— O Frang que vi, na minha visão, era jovem com cabelos escuros. E ele estava vestindo um xadrez escocês.

Os olhos de prata de Conall estavam afiados.

— Você reconhece o xadrez?

— Parece um MacDonald ou uma manta Malcolm. Era difícil dizer. Ele acenou diante disso.

— O que mais?

— Ele estava com uma mulher com cabelo vermelho fogo e eles estavam andando duro. Até nós.

Conall assentiu.

— Eles estão sendo perseguidos?

— Sim. Eu sinto grande urgência e medo em Frang, mas não para si, para a mulher. É muito importante para ele que cheguem a nossa terra, por ela. — ela chegou e colocou a mão no braço do marido. — Conall, ela é um *Druida!*

Os olhos do marido fecharam enquanto ele soltava um suspiro. Quando abriu os olhos, eles seguraram a parte calculista de seu marido, que comandava o clã e manteve os *Druidas* seguros.

— Sempre suas visões ocorreram no presente. Não no passado.

— Eu não acho que essa visão seja do passado. O Frang que eu vi estava pensando em nós.

Conall levantou e andou na frente de sua cama. Glenna sorriu para o corpo do guerreiro nu que olhava.

— Isso é impossível! — disse ele.

Glenna estalou a língua para ele.

— Você, entre todas as pessoas, deve saber que não deveria dizer isso. Depois de tudo que vimos e tudo de que fizemos parte, você sabe que tudo é possível.

— Frang é um homem velho. Esqueceu-se da longa barba branca e longos cabelos brancos?

— Não, mas eu sempre te disse que Frang podia parecer antigo, mas seus olhos mostrava um olhar jovem.

Ele parou de andar e se apoiou no pé da cama.

— Isso significaria que Frang se disfarçou, enquanto estava aqui.

— Sim. Pode significar também que ele é imortal!

Conall bufou.

— Frang é um homem, como eu sou. Ele não é imortal!

— Dartayous é. Ou você se esqueceu? — ela perguntou com um sorriso nos lábios e os de Conall se apertaram.

— Seu cunhado é a metade *Fae* e não conta!

— Mas você me disse antes que Frang nunca envelheceu desde que você o conhece. Quando lhe perguntei quanto tempo ele tinha estado no *Glen*, ele nunca me deu uma resposta direta.

— Ele nunca deu qualquer resposta direta! — Conall resmungou.

Glenna saiu da cama e caminhou para o marido.

— Independentemente disso, eu acho que nós devemos nos preparar melhor para a chegada de Frang.

— O que está atrás dele?

Ela olhou para o olhar prata de Conall.

— Um homem poderoso que está curvado sobre o mal.

Capítulo Dezesete

Kenna mal conseguia manter os olhos abertos. Eles tinham montado durante todo o dia, parando apenas para descansar os cavalos durante breves períodos. Seu cavalo tropeçou e Kenna segurou as rédeas e a crina da égua em pânico. Frang a puxou para frente, enquanto esperava.

— Está tudo certo?

— Sim. — ela deu um tapinha no pescoço da égua. — Ela está cansada!

— Todos nós estamos.

Ela ouviu o cansaço na voz de Frang, embora ele mantivesse o rosto impassível. Eles viajaram juntos por uma distância antes dela perguntar:

— Nós não alcançamos a terra MacInnes, alcançamos?

Frang olhou para o sol poente e balançou a cabeça.

— Não, nós não alcançamos.

Ela não gostou da pontada de medo, que penetrou em sua alma através das palavras suaves de Frang. Ela olhou por cima do ombro, mas não viu ninguém os seguindo; e nenhum sinal de que Wallace e seus homens tivessem alcançado-os.

— Eles estão lá, Kenna. Não duvide.

Ela virou a cabeça para Frang.

— O que você não está me dizendo?

Ele suspirou. Estava ficando mais difícil andar em direção ao *Glen*. Já podia ouvir o chamado dos *Druídas*. Era fraco, mas ele podia ouvi-lo. Ele chamou a sua alma para voltar para casa.

Uma mão suave tocou em seu braço.

— Estamos perto de sua família, não estamos?

Ele não perguntou como ela havia sabido, apenas balançou a cabeça.

— Frang, eu sinto muito!

— Não se preocupe comigo, Kenna. Você não está segura ainda!

— Mas eu não os vejo!— argumentou.

Os dedos de Frang apertaram o punho da adaga na cintura.

— Eu posso senti-lo!

Kenna estremeceu.

— Quanto longe estamos da terra MacInnes?

— Várias horas.

— Mas você conhece esta terra, não é? Wallace não. Certamente você conhece uma forma de chegar rapidamente até lá.

Ele olhou para Kenna, o rosto banhado com a luz laranja do sol poente. Frang certamente sabia um jeito. Ele olhou para o sol poente, em seguida, por cima do ombro antes de voltar para Kenna.

Ela parecia pronto para cair fora da sela e seu cavalo não parecia muito melhor. Frang afagou o pescoço da égua, dando alguma de sua energia para o cavalo. Imediatamente, a cabeça da égua levantou.

Frang sorriu interiormente, antes de olhar para Kenna.

— Nós vamos ter que andar rápido.

— Eu sei. — Ela abriu a boca para dizer alguma coisa depois parou e inclinou a cabeça para o lado. — Você ouviu isso? — Ela sussurrou.

— O quê?

— Canto. Um canto lindo.

Então Frang sorriu.

— Vem, Kenna. Seu destino a espera. — disse ele, em seguida, empurrou o garanhão em uma corrida.

Ele segurou seu cavalo para trás de modo que Kenna e sua égua podiam manter-se. Ele podia sentir o encerramento de Wallace sobre eles, como se a magia o ajudasse em sua captura.

Frang olhou por cima do ombro, muitas vezes para verificar Kenna, e foi

durante um desses olhares por cima de uma colina que o viu.

A égua de Kenna tropeçou novamente e diminuiu. Frang virou o garanhão e voltou correndo para ela.

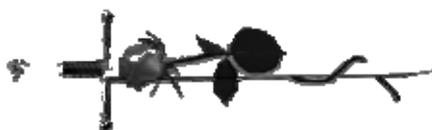
Ele estendeu a mão para ela.

— Vem, Kenna. Sua égua não pode ir mais longe.

— Seu cavalo não pode levar dois.

Frang puxou-a para fora de sua égua.

— Ele pode! — instalou Kenna atrás dele e quando seus braços estavam segurando em torno de sua cintura, apertou os joelhos e o garanhão saltou a correr.



— Conall! — Glenna gritou enquanto corria ao longo das ameias.

Ele enfiou a cabeça para fora da portaria.

— Eu estou aqui!

— Os seus homens! — ela ofegou. — Precisa prepará-los.

Sua cabeça se virou para olhar pela sua terra. Atrás dele estava a floresta e à sua esquerda o lago.

— Eles estão vindo!

— Sim. — disse ela, sua respiração ainda mais forte. — Agora. Conall, o homem atrás deles tem uma contagem de homens com ele. E eles estão ganhando de Frang.

O olhar de prata Conall se voltou para ela.

— Mágica?

— Eu acho que sim.

— Nós vamos precisar de mais ajuda. Leve os *Druídas* para o penhasco. Vou

deixar meus homens prontos.

Ela estendeu a mão para detê-lo, em seguida, levantou-se na ponta dos pés para colocar um beijo na sua boca.

— Tenha cuidado.

Ele sorriu diabolicamente.

— Com uma mulher que pode controlar o fogo, eu vou estar bem.

O sorriso desapareceu do rosto de Glenna quando ela olhou para a floresta onde os *Druidas* tinham se escondido por séculos. Seu líder estava retornando.

Ela correu escada abaixo, através do pátio para a entrada da caverna que a levaria para os *Druidas*. Um arrepio atravessou seu corpo quando ela espiou uma aranha correndo para se esconder.

—É melhor você sair do caminho! — ela disse enquanto passou correndo por ela. Enquanto corria através da escuridão, das curvas da caverna, havia tochas acesas antes de chegar a eles, então desapareceu quando ela passou correndo. Toda vez que ela se aventurou nas cavernas, agradecia Conall por instalar as tochas para ela.

Antes que chegasse à entrada do círculo de pedra, que os *Druidas* chamavam de lar, ela podia sentir Frang se aproximar. Ela levantou a longa saia às pernas.

— Glenna — Malina, um dos *Druidas*, correu para as pedras.

— Malina, eu preciso de todos sobre a falésia. Agora! — ela disse.

Glenna não esperou os outros *Druidas* enquanto caminhava para o precipício. Não foi onde ela se casou, mas foi onde tinham derrotado o homem que tinha matado seus pais e a sequestrado. Era o lugar onde ela tinha recebido poderes e os usou plenamente pela primeira vez. Ela não tinha nenhuma dúvida de que os usaria esta noite.

Seu olhar se deslocou para o sol poente. A noite estava quase em cima deles. Apenas uma fenda fina do sol permanecia e em seguida a terra seria escondida na escuridão.

— Por que você nos chamou? — Malina perguntou quando ela veio para

ficar ao lado de Glenna.

Glenna olhou para a Sacerdotisa com suas longas tranças de corvo fluindo e sorriu. Malina tinha tentado o seu melhor para governar os *Druídas*, mas todos eles sentiam falta de Frang. Malina recusou a aceitar a posição de Alta Sacerdotisa até que todos os *Druídas* concordassem em tê-la como sua Sacerdotisa.

— Frang voltou.

O escuro olhar de Malina procurou o dela.

— Ele está em perigo?

— Sim. — Glenna assistiu uma linha de preocupação no belo rosto de Malina.

Malina assentiu.

— Nós estaremos prontos para protegê-lo.

Glenna perguntou-se ela deveria preparar os outros *Druídas* para a chegada de Frang. Esqueceu-se de lhes dizer qualquer coisa, ela viu seu marido e seus homens saindo furtivamente do castelo para proteger Frang.

— Eles já fecharam e trancaram a porta. — Malina disse. Seu olhar voltou ao de Glenna. — É um grande mal, então?

Glenna assentiu.

— Um mal dobrado sobre a captura de Frang. — “*E a mulher com ele*”, ela acrescentou silenciosamente.



— Frang! — Kenna gritou.

Ele sabia o que viu. Wallace. Frang curvou-se sobre o garanhão e orou para que chegassem a terra MacInnes em tempo.

— Não solte Kenna! — ele gritou por cima do ombro quando o garanhão deu uma rápida explosão de velocidade.

Eles estavam muito perto da terra de Conall. O chamado dos *Druidas* era quase ensurdecedor agora, e ele sabia que Kenna podia ouvi-lo também. Seu plano para deixá-la na fronteira do MacInnes agora deixava de funcionar. O que significava que ele, provavelmente, terá de enfrentar Conall e Glenna. Ele queria desesperadamente vê-los, simplesmente não queria responder às perguntas que sabia que fariam.

Manteve Kenna apertada a ele, olhou por cima do ombro e viu quão rapidamente Wallace chegou perto deles. Eles não iriam fazer isso.

Um grito de raiva rasgou de Frang. Ele nunca tinha quebrado uma promessa antes em sua vida e ele se recusou a fazê-lo agora.

Assim quando ele estava abrindo a boca para chamar Aimery, ele viu alguma coisa na frente na escuridão crescente. Parecia um homem, objetivando uma seta. Mas não para ele.

Frang sorriu.

Então Kenna gritou e empurrou para a esquerda. Frang chegou a voltar para ela ao mesmo tempo, ele viu um dos homens de Wallace agarrá-la. Um instante depois, o soldado gritou e caiu de seu cavalo, uma flecha no peito.

Dois batimentos cardíacos mais tarde atravessaram para a terra MacInnes, mas Frang não era lento, não obstante a magia que sentia vindo do alto do penhasco. Ele continuou na profundidade da floresta para o lugar onde sabia que tinha que levar Kenna o único lugar em que estaria realmente segura.

Atrás deles, ouviu gritos e gritos de seus perseguidores, detidos pelos homens de Conall e magia *Druida*. Frang guiava seu cavalo através da floresta, e quando chegaram ao *Nemeton*¹³, ele desacelerou e depois parou o cavalo.



¹³ **Nemeton: Os Druidas oficiavam seus cultos no Nemeton, que em gaulês significa lugar sagrado. O nome em irlandês "Nemed" corresponde ao gaulês para santuário ou sagrado. O**

Ele levantou a cabeça para o precipício onde sabia que estaria Glenna. Kenna respirou assustada quando o fogo disparado das mãos de Glenna cercou os soldados de Wallace.

— Quem... O que é isso?

Frang riu.

— Isso é Glenna, a esposa do *Laird* do MacInnes. Ela é uma *Druida* muito poderosa.

— Eu não sabia que *Druidas* tinham esse tipo de magia.

Ele desmontou e estendeu a mão para Kenna. Ele tomou as rédeas do garanhão e começou a andar pela floresta.

— A maioria dos *Druidas* não possui esse tipo de poder. Glenna e suas duas irmãs faziam parte de uma antiga profecia e por isso foram conferidos poderes especiais.

— Conferidos? — Ela perguntou enquanto deixou cair o passo ao lado dele.

Frang amaldiçoou a si mesmo de dez formas diferentes por deixar pedaços de informação escapar. Ele estava tão aliviado por ter Kenna na terra de Conall.

— Esse não o lugar para dizer. — ele finalmente respondeu. — Os *Druidas* serão capazes de responder a maioria das suas perguntas.

Ela parou e colocou a mão em seu braço. Lentamente, ele se virou para encará-la. Mesmo no escuro, ele sabia que havia dúvida e raiva em seu lindo olhar âmbar.

— Mas, você sabe a resposta?

Ele balançou a cabeça, sabendo qual seria sua próxima pergunta.

— Como? — seu tom de voz era baixo, ainda que tivesse um toque de histeria.

Frang se afastou dela e continuou a andar.

Nemeton na floresta (O Bosque Sagrado) era o santuário dos Druidas. Fonte: [http://www.templodeavalon.com/modules/mastop_publish/?tac=Locais Dru%EDdicos](http://www.templodeavalon.com/modules/mastop_publish/?tac=Locais+Dru%EDdicos)

— Não importa como, Kenna. Eu apenas sei.

— Você não confia em mim o suficiente para dizer!

— Nunca houve esse tipo de confiança entre nós. Você tem seus segredos, eu tenho os meus!

— E se eu estivesse disposta a dizer minha parte? Você poderia me dizer a sua?

Frang fechou os olhos e suspirou.

— Mantenha seus segredos! — Ele não gostava da dor que perfurou seu peito enquanto deixava escapar as palavras através de seus lábios. Como dizer os muitos segredos que ele tinha guardado nos seus 300 anos da imortalidade? Demais para contar; e ele tinha trazido Kenna para os *Druidas*, um lugar sagrado pelo qual ele iria morrer em vez de ceder a posição para o inimigo. Ainda, que Kenna não confiasse nele o suficiente, para compartilhar uma parte de si mesma com ele.

Eles caminharam em silêncio pela floresta escura. Frang poderia ter encontrado o seu caminho com os olhos fechados, ele conhecia a floresta tão bem, mas andou lentamente por causa de Kenna. Várias vezes, ela tropeçou nas raízes ou nos ramos caídos; e todas às vezes Frang a pegou. E a cada vez, ela rapidamente afastou-se dele.

Quando finalmente viu as pedras deu um sorriso nos lábios puxados. Ele tinha esquecido a sua beleza nos cinco anos desde que a tinha deixado. A mágica pulsante das rochas e o canto dos *Druidas* corria em volta dele como um mar de tranquilidade.

— Você ouve, não é? — Kenna sussurrou.

— Sim.

Ela começou a andar em seguida, parou e se virou para ele.

— Eles estão nas pedras?

— O círculo de pedra mantém os *Druidas* escondidos de todos os que os procuram. Apenas aqueles que realmente acreditam, são capazes de ver as

pedras.

Ela riu e voltou-se para as pedras.

— Eu estou assustada!

— Não! — Frang deu um passo tranquilo de volta. — Vá em frente, Kenna.

Eles esperam por você.

Para cada passo que dava em direção as pedras, Frang deu um passo para trás. Ele queria que ela estivesse dentro das pedras e rodeada pelos *Druidas* para que pudesse fazer a sua fuga. Se tivesse sorte, estaria fora da terra antes que Conall o encontrasse.

Frang sorriu de tristeza quando Kenna se colocou entre as pedras. Ela tinha ido dele agora, para sempre perdida para os *Druidas*. Ele deveria ter se animado que tivesse encontrado sua vocação, mas tudo o que podia sentir era a profunda dor em seu peito por ela não mais estar ao seu lado.

Era hora de ir, mas achou mais difícil de deixá-la. Ele estendeu a mão e agarrou a crina de *Grey* para montar quando uma voz familiar o impediu.

— Você realmente não acha que eu vou deixar você sair sem falar comigo em primeiro lugar, não é?

Capítulo Dezoito

Frang suspirou e virou-se para Conall. O *Laird* do MacInnes estava encostado a uma árvore. Ele caminhou em direção Frang.

— Glenna teve uma visão que você estaria vindo para cá. Ela disse que alguém o perseguia.

Ele deveria ter sabido que Glenna teria uma de suas visões. Ela o tinha visto como ele era? Ou será que eles ainda pensavam nele como o velho homem que tinha mostrado ao mundo por 300 anos?

— Glenn Wallace é o seu nome. Ele é proprietário de terras do clã Wallace e está metido com magia.

Conall assentiu com a cabeça, a escuridão escondendo seu rosto.

— Vamos voltar para o castelo, Frang. Há muitas perguntas e eu preciso de respostas.

— Eu não posso! — disse Frang montado. — Por favor, entenda Conall. Nunca foi minha intenção voltar. Mas eu não tive escolha!

Conall foi até ele, ficou ao lado do garanhão e acariciou o animal.

— Percebo que você fala da mulher.

— Sim. — Frang olhou sobre seu ombro tentando calcular se ele poderia sair das terras MacInnes.

— Não adianta tentar isso. — alertou Conall. — Você me deve alguns momentos, Frang. Afinal de contas, agora estou protegendo a mulher.

Frang amaldiçoou longo e baixo.

— Tudo bem, mas eu não vou para o castelo. Podemos falar aqui.

Conall girou sobre os calcanhares.

— Não. Falamos no castelo ou eu libero a mulher para Wallace.

— Isso é uma ameaça vazia, Conall. — Frang falou.

Mas ele não podia correr o risco. Ele virou seu cavalo e seguiu Conall à entrada da gruta que levava profundamente na montanha e em seguida, no pátio do Castelo MacInnes.

Ele parou na entrada e desmontou. Conall ficou com os braços cruzados sobre o peito, a luz das tochas iluminando seu rosto.

— Você não vai devolver Kenna para Wallace!

Conall balançou a cabeça.

— Eu nunca faria mal a um Druida.

— Então fale aqui. Eu preciso ir embora.

— Por quê? — Conall perguntou. — Por que a pressa de sair de casa?

Frang desviou o olhar.

— Você não entende Conall! Eu tive que sair.

— Sem uma palavra para nós ou para os *Druidas*? — a voz de Conall tinha ficado dura e fria.

Ele não podia culpar Frang por ir embora.

— Às vezes não nos é dada uma escolha.

— Há sempre uma escolha.

Ele se virou para olhar Conall e viu a raiva que irradia do *Laird*.

— Eu senti falta de você, também!

Conall bufou e revirou os olhos quando seus braços caíram e se virou. Ele tinha ido apenas dois passos antes de girar e voltar para Frang.

— O que você fez foi errado, Frang. Muitas pessoas contaram com você.

— Eu sei.

— É só isso o que tem a dizer? — Conall berrou.

Frang respirou fundo.

— Eu pensei que você tinha perguntas para mim.

— Isso foi quando eu realmente achei que você poderia respondê-las! — retrucou Conall furiosamente.

— Se eu for capaz de responder, responderei. — Frang odiava que Conall

não pudesse ver o seu próprio passado com raiva da verdade.

— Merda! Eu não acredito em você!

Frang se virou para sair e viu Glenna. Ela olhou para ele com seus olhos castanhos dourados, como se tivesse visto um fantasma. Sem uma palavra, ela voou para os seus braços. Frang a abraçou, recebendo o carinho e amizade que ela lhe oferecia.

Ela recuou e procurou seus olhos. Delicadamente, sua mão chegou a tocar o seu rosto.

— Se não fosse por seus olhos, eu não saberia que era você!

Ele sorriu para ela.

— Ah, é bom te ver de novo, Glenna!

— Nós sentimos sua falta!

Frang olhou para um Conall carrancudo.

— Eu não acho que todos vocês sentiram.

Ela olhou e acenou para longe suas palavras.

— Não satisfaça a mente de Conall. Ele está com raiva; e você sabe como ele é quando está assim. — Ela começou a puxá-lo para dentro da caverna, mas ele parou. Ela se virou para ele. — O que é isso?

— Ele não pode ficar. — Conall respondeu por ele.

Glenna olhou de Conall para Frang.

— O que ele está falando? — ela perguntou a Frang.

Ele suspirou.

— Assim como Conall disse. Eu não posso ficar.

— Mas você acabou de chegar e sob ataque devo acrescentar. Você parece como se estivesse viajado por vários dias. Eu diria que você precisa de repouso, alimentação e sono.

Frang sacudiu a cabeça tristemente.

— Não vai ser aqui, Glenna, tanto quanto eu gostaria que fosse de outra forma.

— Você iria embora sem ver os *Druidas*? Sem nos dar razões para sua saída, em primeiro lugar? Sem dizer adeus à mulher que trouxe?

Frang apertou sua mandíbula enquanto pensava em Kenna. Ele não podia dizer adeus a ela, doeria muito. Ele desviou o olhar de Glenna.

— Eu nunca deveria ter voltado. Você não tem ideia do quanto isso é difícil para mim.

Conall caminhou em sua direção.

— Então por que você voltou?

Com o canto do olho, Frang viu a mão de Glenna pousar sobre o braço do marido.

— Por causa da mulher. — disse Glenna. — Às vezes você pode ser tão lento para um homem tão inteligente.

Frang encontrou o olhar de Conall e esperou.

— Proteja Kenna. A ela só foi ensinado o básico de ser um *Druida*, mas ela tem um talento natural para a cura. Com o treinamento, vai ser um grande trunfo.

Lentamente Conall assentiu.

— Você sabe que eu vou protegê-la com a minha vida. Será que ela sabe quem você é?

Frang balançou a cabeça.

— Espere até eu partir antes de dizer a ela.

— Porra, eu não sei o que dizer a ela! — Conall gritou. — Toda a minha vida parecia... Bem, não como está agora. O que aconteceu, Frang?

— Foi uma maldição! — respondeu ele. — Foi cumprida com a profecia, e eu estava livre de minhas obrigações.

Os olhos de Glenna se encheram de lágrimas.

— Será que ninguém sabia?

— Não! — disse Frang. — Só Aimery. Nenhum de vocês nunca foi pretendo a descobrir a verdade.

Conall apertou seu ombro.

— Fique conosco. Tudo o que você está fazendo agora, você ainda é um *Druída*. Eles precisam de um líder.

— Eles têm um líder. — disse ele e olhou para Glenna. — Só mais uma coisa. — disse ele quando ele se virou e agarrou as rédeas de *Grey*. — Kenna tem alguma coisa com ela que precisa ser destruída. Façam com que isso seja feito imediatamente. Kenna não vai querer tomar parte disso, mas Aimery vai fazê-la entender por que precisa entregá-lo.

— O que é? — Glenna perguntou.

Frang nem sequer quis dizer as palavras em voz alta.

— É um livro, um livro muito importante que não precisa que qualquer homem coloque as mãos sobre ele.

Ele subiu e virou o garanhão cinza para sair e encontrar Kenna que estava no caminho.

O estômago de Kenna estava em nós, nós que caíram a seus pés como chumbo. Ela não tinha a intenção de bisbilhotar a conversa de Frang, mas não tinha sido capaz de lhes dizer que ela estava lá depois de ouvir que ele voltou para sua casa.

Seus olhos se arregalaram de surpresa, antes que ele se escondesse atrás de uma máscara de indiferença.

— Você está segura. Assim como eu prometi.

— Você estava indo embora sem dizer adeus.

— É o melhor.

— Para quem? — Perguntou ela. — Você? Eu nem lhe agradei.

Frang inclinou a cabeça ligeiramente.

— Você fez isso agora.

No interior, ela se comovia com mágoa e raiva. O homem diante dela não era o mesmo homem que arriscou a vida várias vezes em sua jornada. O homem diante dela era um estranho.

— Vai com Deus então! — ela disse e se virou para sair.

A felicidade que sentia em encontrar os *Druidas* se foi deixando uma ferida no peito que nenhuma quantidade de ervas jamais iria cicatrizar. Ela não esperava se machucar com a partida de Frang, mas, ela pelo menos esperava que ele fosse despedir-se dela, não deixá-la de forma tão inesperada.

Ela tropeçou na floresta, tentando encontrar seu caminho de volta para as pedras, quando mãos delicadas pousaram sobre seus ombros para firmá-la. Ela olhou para a esquerda e encontrou a bela mulher que tinha visto nos braços de Frang. Ela não gostava do ciúme que sentiu ao ver Frang tocar outra mulher.

— Calma! — disse a mulher. — Tudo vai ficar bem!

— Não! — disse Kenna e piscou para conter as lágrimas.

A mulher passou a mão para cima e para baixo do braço de Kenna.

— Você está exausta, Kenna, e muito emocionada. É natural que se sinta assim.

Kenna parou e olhou para a mulher.

— Você sabe meu nome?

A mulher sorriu.

— Sim. Frang me disse. Perdoe-me! — ela disse. — Eu sou Glenna MacInnes, esposa do *Laird* Conall MacInnes.

— Minha senhora. — disse Kenna.

Glenna riu.

— Bobagem. Chame-me Glenna. Agora, por que você não me diz como você conheceu Frang?



Frang sentou-se sobre o cavalo e olhou para o local onde tinha estado Kenna. Ele deveria sair, ele sabia, mas se viu incapaz de fazê-lo.

— Vamos tomar uma bebida. — Conall chamou de trás dele. — Você pode ir depois.

Ainda assim, Frang não se mexeu. A mágoa que tinha visto nos olhos de Kenna era como um punhal em seu coração. Ele sabia que deixá-la ia ser difícil, mas esperava que ela estivesse ocupada com os *Druidas* e não notaria sua ausência, até que ele fosse.

— Frang! — Conall chamou-o.

Ele soltou um suspiro e chutou os estribos antes de desmontar. Ele tomou as rédeas do garanhão cinza e seguiu Conall através do labirinto de cavernas até chegarem ao pátio. Uma vez lá, ele entregou o garanhão para um rapaz.

— Alimente-o bem, rapaz. Ele merece isso! — disse seguindo Conall para o castelo.

Frang olhou ao redor do grande salão, assinalando as alterações aqui e ali. Um pouco mais de tapeçarias penduradas nas paredes, mas acima de tudo, o castelo ainda acenou para ele como um grande amor perdido.

Conall sentou na cadeira diante da lareira e serviu duas taças altas de cerveja. Ele entregou uma para Frang e ergueu a outra para sua boca. Frang bebia muito, deixando uma piscina intoxicante em sua barriga.

— Eu nunca esperava que uma mulher fosse à razão que tivesse para voltar. — disse Conall depois de um longo trecho de silêncio.

Frang abaixou-se na cadeira em frente Conall e encolheu os ombros.

— Eu esperava nunca ver o vale de novo.

— Você sabia disso e ainda assim o deixou?

— Sim.

Conall balançou a cabeça.

— Por quê?

— Quando você está amaldiçoado pela *Fae*, você faz o que é dito.

— Há quanto tempo você foi amaldiçoado?

Frang deixou cair à cabeça para trás contra a cadeira, ele olhou para as

espadas cruzadas acima da lareira.

— Trezentos anos.

— Merda! Você é imortal?

Frang riu.

— Não mais. Foi levado com a maldição.

— Você tem certeza?

Seu olhar mudou-se para Conall para encontrar o *Laird* observando-o atentamente com os olhos de prata.

— Eu não testei se é isso que você quer dizer. — assim que as palavras saíram da boca dele, lembrou-se da ferida no braço e quão rápido havia curado na cabana de Kenna.

— Quais são seus planos agora?

Frang não tinha pensado em Kenna confinada com os *Druidas*.

— Eu não sei!

— Wallace e seus homens se foram, mas eu não tenho nenhuma dúvida que eles vão voltar.

Frang se ajeitou na cadeira.

— Eu suponho que uma vez ele percebeu que ela estava com os *Druidas*, ele a deixará em paz. No entanto, eu fui um idiota. Ele não tem ideia de que *Druidas* estão aqui. Vai continuar vindo atrás dela até que a tenha. E ao livro.

— Ele quase pegou você. Se eu não tivesse os meus homens prontos, você estaria morto; e ele estaria em seu caminho de volta para seu castelo com Kenna.

Frang passou a mão pelo rosto e suspirou. Ele nunca tinha estado mais cansado em sua vida.

— Sim. Ele ganhou de nós rapidamente. Muito rapidamente.

— Mágica? — Conall perguntou.

— Eu acho que sim.

— Por que ele quer Kenna tão desesperadamente?

Frang apoiou os cotovelos sobre os joelhos.

— Ele está olhando para a imortalidade; e com o conhecimento de ervas de Kenna, ele quase conseguiu.

— Certamente não apenas com ervas.

Frang balançou a cabeça.

— Não. Ele tinha o *Livro de Magia*.

— Por todos os santos! — Conall exclamou, piscando os olhos de prata. — Pensei que o livro era apenas uma lenda.

— Todas as lendas começam em algum lugar.

— Mas você disse que 'tinha'.

Frang riu.

— Kenna tomou dele.

A face de Conall drenou de cor.

— Ela o tem?

Frang assentiu.

— Meu Deus, Frang! — Conall disse e levantou-se a seus pés. — Eu sabia que Wallace tinha deixado muito rápido a luta, e agora eu sei por quê. Ele sabe onde Kenna e o livro estão. Ele vai voltar com mais homens.

Frang deixou a cabeça cair para frente. Não haveria nenhuma partida para ele agora. Conall e os *Druidas* precisariam dele. E mais importante Kenna precisaria dele!

“Maldição!”

Capítulo Dezenove

Kenna acordou espreguiçando lentamente. Era bom dormir em uma cama de novo. Ela não queria aceitar a proposta de Glenna para dormir no castelo, mas não tinha sido capaz de dissuadi-la. Glenna poderia ser muito persuasiva.

Antes Kenna não queria deixar os *Druidas* e o círculo de pedra, mas sabendo que era uma curta distância do castelo ficou à vontade.

Os *Druidas* eram exatamente como ela esperava. Eram quase etéreos e encantadores. A magia fluiu em torno deles como o mar, forte e verdadeira. Ela não podia esperar para voltar para as pedras e começar seu aprendizado.

No entanto, havia uma coisa que atenuou seu espírito. Frang está saindo. Ela não podia acreditar que ele estava saindo e tinha a intenção de fazê-lo sem dizer-lhe nada.

A raiva que ela tinha trabalhado tão diligentemente para expulsar a noite anterior fervilhava novamente. Empurrou os cobertores, balançou as pernas para o lado da cama e se levantou. Caminhou até a estreita janela e olhou para a terra.

Desde que chegou ao castelo MacInnes na calada da noite, ela não tinha visto muito dele e estava ansiosa para explorar. Seu olhar vagou sobre as colinas que cercavam o castelo, a densa floresta e um lago. Embora não pudesse ver de onde estava, ela sabia que havia um penhasco e uma montanha ao lado.

Uma batida soou na porta interrompendo seu olhar. Quando abriu, encontrou uma sorridente Glenna ante ela. À luz do dia, Glenna era ainda mais bonita com seus cabelos escuros e olhos castanhos dourados.

— Você dormiu bem?

— Dormi. Eu não percebi o quanto sentia falta de dormir em uma cama até

a noite passada. — disse Kenna, com um sorriso.

Kenna passou ao lado para permitir que Glenna entrasse, e viu os criados que entraram atrás dela. Virou-se para olhar Glenna.

— Eu pensei que você poderia gostar de um banho. — Glenna fez sinal aos criados e uma grande banheira de madeira foi colocada diante da lareira.

Kenna lambeu os lábios em antecipação enquanto assistia o balde de água sendo esvaziado na banheira.

— Oh, sim. Sim, muito!

— Não tenha pressa. — disse Glenna e caminhou até a porta. — Estarei esperando por você no grande salão.

Kenna não podia esperar para ficar sozinha e afundar na banheira. Saiu vapor da água, chamando-a e seus músculos cansados. Assim que o último servo deixou seu quarto, ela fechou a porta e rapidamente descartou suas roupas.

Ela entrou na banheira e suspirou. Quando se abaixou na água, começou a molhar seu cabelo, deixando os fios vermelhos flutuarem vagarosamente ao seu redor.

Sua cabeça encostou-se à banheira, ela deixou seus músculos relaxarem e sua mente vagar. Imediatamente pensou em Frang e seus beijos, seus lábios macios e do jeito que os sentiu contra sua pele. Seus olhos fechados, ela lembrou a forma como sua boca se moveu sobre a dela e como suas mãos sabiam exatamente onde tocar-lhe para trazer o maior prazer. Ela queria saber mais sobre os sentimentos gloriosos que ele despertou nela, para explorar o desejo que sentia quando estava perto. Ela tinha visto casais fazerem amor antes e sabia que o pênis de Frang iria perfurá-la.

Sua respiração ficou irregular quando pensou em vê-lo nu, em acariciar seu pênis nas mãos. Instantaneamente, o corpo aqueceu, os seios incharam e começaram as dores entre suas pernas. Ela apertou a mandíbula com raiva e abriu os olhos enquanto se sentou e começou a se lavar.

Feria seus nervos não poder parar de pensar em Frang. O que tornou ainda pior é que aparentemente ele não tinha nenhum problema em esquecer-se dela, evidenciado pela sua saída apressada.

Ela colocou o rosto nas mãos e respirou fundo. Teve que encarar o fato de ter se apegado a Frang porque ele tinha sido o seu salvador, o homem que colocou sua vida em perigo por ela. E o único homem que não pedira para ouvir seus segredos.

Sua mente repleta de trechos de conversas com Frang. Ela achou difícil se concentrar em outra coisa além dele, e quando pensou que não aguentaria mais, ouviu a música dos *Druidas*.

A melodia suave, imediatamente acalmou seu corpo e sua mente cheia. Ela pegou a barra de sabão, que flutuavam na água e mais uma vez partiu para lavar e seus cabelos.

Até agora, enquanto estava secando-se, depois de ter se lavado, Kenna foi capaz de afastar toda e qualquer raiva que sentia por Frang. Ele tinha seus próprios segredos, aqueles que o mantinham afastado de sua casa por cinco anos. Embora ela desejasse que ele tivesse ficado, tentou ter em mente que ele não teve escolha senão ir embora.

Kenna pegou o vestido que havia deixado sobre os ganchos na noite anterior, apenas para descobrir que havia outro em seu lugar. Olhou ao redor da câmara para se certificar de que nada tinha escapado em seguida, tocou o vestido creme macio. Era um modelo simples, mas gostou mesmo assim. Correu para pegar o vestido. O ajuste foi quase perfeito. Ficou pouco cômodo em seus seios, mas não era perceptível. O olhar dela virou-se para o xadrez Wallace que tinha usado toda a sua vida, o xadrez que ela nunca mais usaria. Kenna perguntou-se se nunca iria usar um xadrez de novo. Alguns dos *Druidas* usavam o *tartan* MacInnes, mas a maioria ficou sem nada.

Assim como ela.

Kenna, satisfeita com sua decisão, estendeu a mão para o pente em cima do

pé da cama. Ela se sentiu maravilhosa ao lavar os cabelos, mesmo que demorasse horas para secar completamente por causa de sua espessura. Seu cabelo não era só espesso, mas enrolava facilmente. Ela tentou mantê-lo trançado durante sua jornada aqui, mas era teimoso e, muitas vezes saía da sua trança.

Kenna estava tão decidida a pentear os emaranhados que não ouviu a porta abrir.

Frang encostou-se à porta e viu como Kenna penteava seus longos cabelos molhados. Muitas vezes, ele quis correr os dedos por todo o comprimento, quase tantas vezes quanto ele queria beijá-la.

Ele não estava certo porque tinha vindo outra vez, mas queria vê-la, para saber se ela estava feliz e segura. Agora, enquanto olhava para ela, não tinha certeza do que diria. Ela estava, e provavelmente ainda estivesse com raiva e tinha todo o direito de estar.

De repente, seu olhar foi para ele. Ela acalmou quando eles olharam um para o outro do outro lado da câmara. Frang respirou fundo e endireitou-se na porta.

— Você ainda está aqui.

Sua voz não demonstrou se ela estava com raiva ou contente com esse fato. E isso deixou Frang preocupado.

Ele balançou a cabeça.

— Parece que eu não vou partir por algum tempo.

— Por quê?

Era por isso que ele não queria falar com ela. Ele não podia dizer-lhe tudo. Ainda não, talvez nunca.

— Eu preciso ter certeza de que Wallace não retornará por você.

Ela deixou de pentear os cabelos e jogou-os atrás de seu ombro, deixando uma trilha por suas costas em uma onda de longo vermelho.

— Você acha que ele vai?

— Eu sei que não podemos descartar que ele possa.

Ela virou-se com um suspiro.

— Parece que os nossos segredos, mais uma vez nos mantêm separados.

Frang entrou no quarto e fechou a porta atrás dele.

— Segredos têm uma maneira de revelar-se com o tempo. Assim como um dos meus segredos foi ouvido por você na noite passada.

— Sim. — ela disse e se virou para a janela. — Eu ouvi um segredo. Esta foi a sua casa. É assim que soube dos *Druidas*, mas o que não explica é por que você deixou em primeiro lugar. — Ela se virou para olhá-lo. — É um segredo que você não vai compartilhar comigo?

Virou-se para se sentar na arca ao pé da cama e passou a mão pelo cabelo.

— Estou cansado de segredos, Kenna. Vou lhe contar tudo, mas precisa estar preparada para ouvir as respostas.

Ela assentiu com a cabeça e caminhou para ele, então se ajoelhou diante dele.

— Como você sabe sobre as ervas?

— Eu sou um *Druida*. Por um tempo, eu fui o *Sumo Sacerdote* aqui. — lambeu os lábios, tentando ignorar o inchaço de sua vara por querer ter Kenna entre suas pernas.

Sua boca abriu em surpresa.

— Por que você nunca me contou?

— Eu não tinha certeza se você era um *Druida*. Não é em primeiro lugar. Então, depois, houve outras razões que eu não poderia te dizer.

— Outros segredos você quer dizer?

— Sim.

Ela se sentou com as mãos cruzadas discretamente no colo, mas Frang sabia que sua mente seguia repleta de perguntas. Ele não iria deixá-la encerrar sem contar tudo para ela; e por alguma razão não parecia tão difícil como várias semanas atrás.

— Por que você saiu do vale?

Frang sorriu pesarosamente.

— Ah, a pergunta que todos neste castelo querem uma resposta. — ele olhou profundamente em seus olhos âmbar antes de estender a mão e tocar o rosto com as costas de seus dedos. Ele deixou cair à mão e deu uma respiração profunda e firme. — Quando eu era muito jovem, me interessei por coisas que deveriam ter sido deixados para trás. Nenhuma advertência poderia me parar. Minha curiosidade me amaldiçoou.

Ela piscou e sua testa estava franzida.

— Amaldiçoado? Por quem? Outro *Druída*?

Ele riu.

— Antes tivesse sido um *Druída*. Não, Kenna, era algo muito mais poderoso do que um *Druída*. A *Fae* me amaldiçoou por minha intromissão nos seus assuntos.

— A *Fae*... — ela repetiu baixinho, a cabeça inclinada para o lado. — Eles existem?

Frang assentiu.

— Em verdade o fazem.

— Você encontrou um?

— Eu já conheci dezenas de pessoas.

Ela lambeu os lábios.

— Surpreendente.

Frang apoiou os cotovelos sobre os joelhos e esperou o resto das perguntas. Ele não tinha muito tempo para esperar.

— Então, qual foi a maldição?

— Eu deveria ficar a serviço dos *Druídas* e da família MacInnes por um determinado número de anos. Você vê, uma profecia havia sido anunciada, e eu era necessário para garantir que as coisas não fossem depositadas em outra direção.

— A mesma profecia que falou na noite passada, que incluiu Glenna?

Ele balançou a cabeça.

— E as duas irmãs.

— Eu suponho que desde que deixou o *Glen* que a profecia alcançou seu lugar?

— Sim. A maldição terminou com o fim da profecia.

Ela olhou para ele, como se estivesse lendo a sua alma.

— Sua saída foi parte da maldição, não foi? Você teve que ir embora?

— Eu tive... — ele admitiu. — Foi à coisa mais difícil que já fiz. Exceto voltar.

Ela levantou-se de joelhos e tocou seu rosto com a mão.

— Sinto muito, Frang! Se não tivesse sido por mim, você não teria que voltar.

Ele colocou sua mão sobre a dela e sorriu.

— Os sacrifícios fazem parte da vida, Kenna.

— Qual foi o seu sacrifício pela maldição? — ela perguntou quando ele gentilmente puxou sua mão.

Frang momentaneamente fechou os olhos.

— Trezentos anos de minha vida.

— Por todos os santos! — ela sussurrou. — É por isso que Glenna não o reconheceu? Você não era como você está agora?

Ela não era nada se não intuitiva.

— Sim. Eu fui feito para parecer como um homem velho com longos cabelos brancos e uma barba que chegava quase ao meu estômago.

Ela riu e colocou a mão sobre sua boca.

— Sinto muito! — disse ela. — Eu não deveria rir. É só que eu não posso imaginá-lo dessa maneira.

— Não era uma visão bonita! — ele se uniu ao sorriso dela e puxou-a ao seu lado sobre o peito. — O que mais você quer saber?

— Como vocês sabem tanto sobre mim e meu envolvimento com o

Wallace?

Frang soltou um suspiro e virou-se para frente.

— Eu sei que as ervas que reuniu para ele não era para os seus soldados, mas apenas para ele. Ele estava em busca de imortalidade.

— Naquela noite no castelo. Por que você realmente estava lá? — perguntou ela.

— Eu queria dar uma olhada no lugar, por mim mesmo. Para ver se as minhas suspeitas sobre Wallace eram verdadeiras.

— E as suas suspeitas sobre mim também?

Frang olhou para ela e assentiu.

— Eu não queria acreditar que estava disposta a ajudá-lo, mas você evitou todas as minhas perguntas.

Ela assentiu com a cabeça.

— Olhou para mim como culpada. Vá em frente. — ela insistiu.

— Foi quando eu procurei o castelo que eu encontrei a torre de Wallace. Eu vi seu cesto e soube que tinha ido ao castelo. E também quando eu encontrei o livro que você carrega.

— O *Livro de Magia*. Eu não tinha ideia de que Wallace o tinha em sua posse. — disse ela enquanto se levantou e andou na frente dele. — No começo, quando ele me pediu as ervas, não pensei duas vezes antes de perguntar-lhe para que era. Porém, semana após semana, ele pediu que eu trouxesse um cesto cheio. — Ela parou e olhou para Frang. — E foi aí que comecei a me perguntar.

— Você perguntou a ele?

— Eu tentei. — respondeu ela. — Eu não queria que ele pensasse que eu sabia demais, então eu não podia sair e perguntar a ele. Contudo, não importa qual pergunta que lhe fiz, ele sempre tinha uma resposta plausível.

Frang assentiu com a cabeça em compreensão.

— Fazendo você acreditar nele.

— Sim. — ela disse, e cruzou os braços sobre o peito. — Ele foi meu *Laird* e servi o clã também. Eu nunca pensei que poderia chegar a algo tão poderoso como a imortalidade.

— Mas com o livro, ele poderia fazer muito mais do que isso.

— Oh, sim! — admitiu ela solenemente. — Ele mandou-me ficar no castelo na noite passada, mas eu não conseguia dormir. Eu sabia que ele tinha levado minhas ervas à sua torre, e eu queria recuperá-las. Então, eu fui lá e encontrei não só a minha cesta, mas o livro também. — Ela baixou os braços e se sentou ao lado de Frang. — Brigit descreveu o livro para mim, em detalhes, e ela falou sobre como os reis tinham morrido por isso. Mas então ele desapareceu durante centenas de anos até que as pessoas esqueceram-no e tornou-se um mito.

— Um mito não é. — Frang disse com um suspiro. — Você devia ter ido para a torre depois que eu fui. Corri de volta para sua cabana para me certificar de que estava segura, bem como para ver se tinha qualquer envolvimento com Wallace. Então, eu ia voltar e pegar o livro.

Kenna sorriu.

— Eu superei isso.

— Sim, você superou.

O sorriso dela desvaneceu.

— É tão bom te contar meus segredos. Eles foram um fardo pesado para carregar.

Frang queria dobrar um braço em torno dela e puxá-la contra ele. Em vez disso, apertou as mãos.

— Kenna, esse livro é perigoso. Brigit não mentiu quando ela disse que os homens tinham matado por ele. Wallace não vai descansar até que ele o tenha de volta em seu poder.

— É por isso que você ficou?

Ele se virou para ela e olhou em seus olhos.

— Eu não posso sair enquanto houver tal perigo.

— E quando o perigo se for?

Ele não conseguia parar antes de tocá-la neste momento. Sua mão se levantou e empurrou uma mecha do úmido cabelo atrás da orelha.

— Eu dei minha palavra de que nunca mais voltaria.

Capítulo Vinte

Frang se escondeu atrás de uma das pedras antigas e assistiu Kenna com os *Druidas*. Ela havia deixado seu cabelo cair sobre ela, e sobre o vestido creme, parecia como se estivesse pegando fogo.

— Ela é muito bonita!

Ele olhou para baixo para encontrar Glenna de pé ao lado dele.

— Sim. Ela é. Ela se encaixa muito bem com os outros.

— Qualquer *Druida* faria. Como você a encontrou?

Frang sorriu ao se lembrar daquele dia fatídico.

— Por acaso, eu lhe garanto. Eu estava vagando de cidade em cidade, quando me deparei com ela e três homens que começaram a lhe fazer mal.

— Então você a salvou? — Glenna perguntou com um olhar compreensivo em seus olhos castanhos dourados.

— Eu salvei. Ela estava sozinha e precisava de ajuda em sua cabana, então me ofereci para ficar e dar a minha ajuda.

Glenna caminhou até que estava na frente dele e esperou ele olhar para ela.

— Por que você ia deixá-la justamente depois de ontem?

— Porque eu tinha que fazer. Eu dei minha palavra, Glenna. Os *Fae* não aceitarão bem a minha volta atrás em uma promessa.

— Ainda que você tenha feito.

— Aimery sabe que eu tinha que voltar. Esse voto será perdoado porque eu não tinha outra escolha.

Glenna revirou os olhos.

— Se eles podem perdoar esse voto, eles podem perdoar os outros. Você pertence a este lugar, Frang.

Ele não discutiu com ela, não quando em seu coração ele concordasse tão

inflexivelmente. Em vez disso, ele levantou o olhar até que encontrou Kenna novamente. Quando ela virou-se e seu olhar pousou sobre ele, achou que queria ir com ela, para descobrir tudo o que tinha aprendido.

— É estranho como as coisas funcionam, não é? — Glenna disse quando começou a se afastar.

— O que você quer dizer?

— Por 300 anos você ancorou os *Druidas* aqui, mas agora você está flutuando e com necessidade de ancoragem. Quem você acha que será a sua âncora, Frang?

Viu-a sair, as suas palavras fazendo com que ele considerasse coisas que não cabiam a ele pensar. Ele balançou a cabeça e procurou por Kenna. Ele encontrou-a sozinha pelo fluxo que percorria o círculo de pedras, e antes de pensar duas vezes, ele encontrou a si mesmo caminhando em sua direção.

— Quer ir dar um passeio? — ele ofereceu.

Kenna sorriu e acenou.

— Onde você está me levando?

— Em algum lugar que possa lhe interessar. Paramos lá na noite passada por um breve tempo.

Ela parecia interessada, enquanto seguia para fora das pedras, para a floresta.

— É estranho que essa floresta seja tão diferente da minha.

— Não é estranho realmente. Essa floresta pode ter árvores iguais, mas tem algo que a sua não tem. *Druidas* e magia. Essa é a diferença que você sente.

Juntou as mãos atrás das costas enquanto ela considerou suas palavras.

— Eu acho que você pode estar certo. Em todas as suas viagens pela Escócia, você achou outros *Druidas*?

— Eu achei as dicas deles, os traços de magia que eram velhos e desaparecendo como as nuvens. Os *Druidas* aqui são a maior concentração na Escócia. Existem grupos menores, mas ficam escondidos por medo do que os homens podem fazer se os encontrem.

— Eles têm todo o direito de temer os homens. — disse ela, com a boca pressionada em uma linha sombria.

— Os *Druidas* vivem com medo, e por causa desse medo, a nossa magia vai morrer lentamente. Ao longo dos últimos 300 anos, eu vi o número de *Druidas* minguarem a cada ano que passa. Temo que em outros cem anos, vamos ter desaparecido completamente.

Ela pisou em torno de uma moita de samambaia crescendo ao lado de uma árvore.

— Isso é um pensamento triste. Um pensamento muito triste!

— Se eu não tivesse falado dos *Druidas*, não teria motivos para trazê-la aqui, você teria se casado e nunca diria uma palavra para os seus filhos sobre os *Druidas*.

Kenna riu.

— Se eu tivesse casado você provavelmente estaria correto. Os homens podem ter a mente de pequenas criaturas, às vezes. É improvável que um homem em um clã que não sabe nada dos *Druidas*, como o clã MacInnes, teria permitido que eu falasse sobre os *Druidas*.

— Exatamente! — disse Frang e levou a mão para levá-la para o *Nemeton*.

Ela respirou fundo e olhou ao redor da pequena clareira.

— Que lugar é esse?

— Ele é chamado de *Nemeton*. Esta é uma clareira sagrada e é muito valorizada pelos *Druidas*. Pense nisso como uma fortaleza da natureza separada do resto do mundo.

Kenna riu quando abriu os braços e girou em torno da clareira.

— É tão bonita. A grama é mais verde, as flores mais abundantes e as cores mais vibrantes. — Ela parou e deixou seus olhos vagarem sobre cada centímetro da clareira. — Há mais aves e animais aqui também.

— Sim. Eles são atraídos pela magia que tem aqui.

— Mágica? — ela repetiu e olhou para ele. Ela lambeu seus lábios quando

olhou para os seus olhos e se perguntou se seu corpo pulsava como o dela.

— Você vê aquele monte ali? — ele perguntou e apontou para o pedaço de terra levantada no centro da clareira.

Ela olhou para onde ele apontou.

— Sim.

— Lá é onde você pode chamar um *Fae*.

Ela arregalou os olhos.

— O quê?

— Se você circula nove vezes para a direita, isso chama um *Fae* para você.

— Por que parece que ter havido incêndios sobre ele?

Frang caminhou para o monte.

— Durante o *Beltane*,¹⁴ o fogo sagrado é aceso sobre ele.

Kenna o seguiu e se inclinou para tocar a terra.

Ela olhou por cima do ombro e sorriu Frang.

— É uma sensação diferente aqui. — disse enquanto se endireitou.

— É a magia.

Ela se virou e olhou para ele, não ignorando o desejo em seu coração. Tentou como pode, não conseguia desviar o olhar de Frang e a atração que exercia sobre ela.

— É caminhando neste monte a única maneira que se pode chamar um *Fae*?

Frang hesitou apenas um batimento do coração.

— Não.

Um sorriso dividiu seu rosto.

— Posso chamar um?

¹⁴ **Beltane, Beltain ou Bealtaine é um festival celta, ainda comemorada nos dias atuais, reconhecido nas comemorações da Festa da Primavera, mas que originalmente marcava o verão. Devemos, entretanto, deixar claro que há uma grande discrepância entre as comemorações contemporâneas (que primam a sensualidade humana) e a comemoração em tempos remotos (que tinham um enfoque maior na fertilidade da Terra). O Beltane é o mais alegre dos Festivais Celtas, onde os participantes dançam, e se alegram nas voltas da fogueira. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Beltane>**

— Você provavelmente vai ter sua chance logo em *Beltane*.

— Por que você diz isso com a sua testa franzida e os lábios juntos pressionados firmemente?

Frang suspirou e apertou a ponta de seu nariz com o polegar e o indicador, antes de olhar para ela. Ela estava tão bonita, tão cheia de magia que doía só de olhar para ela. Quanto mais o tempo que passa com ela, mais difícil era ignorar seu desejo.

— Por causa do *Livro de Magia*. O *Fae* sabe que você o tem. Wallace sabe que você o tem. Seu *Laird* vai fazer o que puder para recuperá-lo e o *Fae* irá certificar-se de que isso não aconteça.

— Então eu vou dar o livro para o *Fae*.

Frang balançou a cabeça.

— As fadas não o querem. Elas não podem tocá-lo.

— Por quê?

— Eu não sei exatamente. Eu só sei que não quero participar disso.

Kenna ergueu as mãos em desgosto.

— Então o que devo fazer com ele?

— Destruí-lo. — ele engoliu um gemido quando ela respirou fundo, moldando seu vestido de seios.

Ela piscou, então deu um passo para trás.

— Por quê? Ele mantém essa história.

— É magia que os homens nunca deveriam ver.

Seu olhar âmbar preocupado olhou para ele enquanto caminhava em sua direção.

— Eu fiz a coisa certa em tomá-lo?

— Sim. Se você não tivesse feito, eu teria.

Os olhos dela cruzaram o dele.

— Você está com medo de eu usá-lo.

Não era uma pergunta. Frang inalou profundamente.

— A curiosidade é uma característica que todos os seres humanos têm. É inevitável que alguém vá abrir o livro para ver o que há dentro dele. Tenho medo do que irá acontecer quando o livro foi aberto.

— Frang! — Conall chamou quando entrou na *Nemeton*. — Eu estive procurando por você. Já foi enviada uma mensagem por Wallace.

Frang olhou Kenna antes que enfrentasse Conall.

— O que diz?

— Eu acho que você e Kenna precisam voltar ao castelo comigo.

Para surpresa de Frang, Kenna aproximou-se dele e levou a mão em sua própria. Ele moveu a cabeça para espiar e a viu morder o lábio inferior preocupantemente.

— Não é um bom sinal, não é? — ela sussurrou.

Frang apertou a mão dela.

— Eu te protegi uma vez. Eu vou fazer novamente.

Ela inclinou seu rosto para ele e tentou sorrir.

— Eu não sei o que eu faria sem você!

A caminhada de volta para o castelo foi feito em silêncio. Frang não soltou a mão de Kenna até chegarem ao pátio e só então relutantemente. Ele tinha gostado de tê-la próximo a si; e ele sabia que ela precisava de sua força.

Uma vez que eles estavam sentados no solar onde Glenna os aguardava, Conall fechou a porta e encostou-se a ela. Sua olhar prata voltou para Kenna.

— Qual é a sua relação com Wallace?

Frang cruzou os braços sobre o peito e franziu o cenho. Ele tinha dito tudo para Conall na noite anterior, por isso ele não entendia porque Conall questionava Kenna agora.

Kenna olhou Frang antes de virar-se para Conall.

— Ele foi meu *Laird* e eu era curadora do clã.

— Na mensagem eu fui informado de que ele afirma que você era sua noiva.

— Nunca! — a voz Kenna tremia de raiva, com as mãos apertadas nos

punhos sobre o colo. — Ele falou de me tornar sua esposa na minha última noite com meu clã, mas eu nunca concordei.

Frang esticou as pernas a sua frente enquanto estudava Conall.

— Você diz que só recebeu a mensagem?

— Sim. — respondeu Conall.

— Não foi nem mesmo um dia. Eu pensei que teríamos uma semana pelo menos, antes de ouvirmos falar de Wallace.

Conall assentiu com a cabeça cansada.

— Eu também.

— Ele já voltou ao seu clã. — Glenna disse enquanto olhava pela janela.

— Impossível! — afirmou Conall.

Glenna virou-se para o marido e deu uma risadinha.

— O que eu digo sobre o uso dessa palavra?

— Ela está certa. — disse Frang. — Wallace e seus homens estavam pelo menos um dia atrás de mim e Kenna, mas eles conseguiram quase nos pegar.

— Mágica. — Glenna confirmou.

— Ele é apenas um homem! — Kenna argumentou. — Ele não é um *Druída*, nem sabe qualquer coisa sobre o uso de magia.

— Talvez não... — Frang disse calmamente. — Mas ele teve o Livro de Magia. Ele poderia ter memorizado certas magias.

— Pela Santa Brigit! — Conall amaldiçoou em voz baixa.

Glenna se levantou e caminhou para o marido.

— Eu concordo meu amor.

— O que ele quer? — Frang perguntou.

Conall ergueu o olhar para ele.

— Ele pediu três coisas. O livro, Kenna e seu corpo morto. Nessa ordem.

Frang se recostou na cadeira e pensou sobre as palavras de Conall.

— Para que você cumpra, ele teria que emitir uma ameaça. O que foi?

— Destruição total do meu clã.

Frang ouviu um suspiro de Kenna e sentiu um solavanco no corpo todo até os dedos dos pés. Ele se levantou lentamente.

— Precisamos reunir os *Druidas* e prepará-los.

— Você vai precisar prepará-los! — Glenna o corrigiu. — Você é o nosso *Sumo Sacerdote*, Frang. Recuperará o que sempre foi seu.

Frang encarou por um momento se perguntando se era forte o suficiente para deixar o vale pela segunda vez. No entanto, depois de tudo que os MacInneses tinha feito para as gerações de *Druidas*, ele não poderia virar as costas para Conall agora.

— Vou prepará-los.

Glenna assentiu.

Conall colocou seu braço em torno de Glenna e a puxou contra ele.

— Wallace nos deu dois dias para cumprir a sua vontade.

— Ele não poderia ter retornado ao seu clã! — Frang disse. — Ele tem sido muito cuidadoso em manter sua busca pela imortalidade em segredo. Eu não acho que ele permitiria que os seus homens percebessem que a magia está sendo usada.

Kenna inclinou a cabeça para o lado dela.

— Você acha que eles não perceberam o quão rapidamente eles ganharam de nós?

— Não! — respondeu ele. — Seu foco era a sua captura e nada mais.

Ela sorriu.

— Sim.

— O quê? — Conall perguntou.

Frang virou e sorriu.

— Não há como Wallace ter voltado para o seu clã para recrutar mais homens. Ele está lá fora. Esperando.

— E se você estiver errado?

— Nós temos os *Druidas* e Glenna.

Capítulo Vinte e Um

Kenna sentou-se no círculo de pedra e tentou encontrar a calma que havia a deixado assim que ouviu que Wallace estava indo para atacar seu novo lar.

Casa. Sem dúvida esta era a sua nova casa; e ela sentia falta de sua pequena casa, sentiu como se pertencesse a este lugar.

O olhar dela moveu ao redor do círculo observando a paz e a beleza da terra. Se Wallace atacasse, tudo que Frang temia aconteceria. O fim dos *Druidas* iria acontecer mais rápido do que qualquer um deles tinha esperado.

O fluxo gorgolejou aos seus pés e o balançar suave das árvores, ajudou-a a encontrar alguma paz, mas ela sabia que não a encontraria verdadeiramente até que Wallace estivesse morto e o livro destruído.

No entanto, toda vez que pensava em destruir o livro, ela descobria que não queria. E se ela precisava de um desses feitiços algum dia para salvar alguém que ela conhecia? E se ela precisasse de uma dessas magias para acabar com um grande mal? E se ela precisasse de um deles para Frang?

Não, ela não conseguiria destruí-lo.

Malina, uma *Druida*, a jovem bonita com cabelos castanhos claros e olhos castanhos, sentou ao lado dela sorrindo.

— Você está sentada aqui por algum tempo.

Kenna devolveu o sorriso fácil.

— Eu estive pensando sobre como impressionante é aqui.

— Eu não acho que há um lugar mais bonito, na Escócia.

— Você nasceu aqui?

Malina assentiu.

— Minha mãe era uma *Druida* que tinha viajado desde perto da fronteira com a Inglaterra e meu pai era um membro do clã MacInnes.

— Assim, você sempre soube que você era uma *Druida*?

— Você poderia dizer assim. — ela disse com uma pequena risada. — Meus dois irmãos mais jovens e irmã não herdaram os dons de ser um *Druida*.

— De quatro de vocês, só você?

Malina assentiu.

— Isso é o que acontece quando um dos pais não é um *Druida*, é uma oportunidade que nem todos têm.

— Você é casada?

— Ainda não.

Mas, pela maneira que Malina sorriu ela tinha encontrado alguém.

Kenna suspirou melancolicamente.

— No meu clã, eu fui à curadora e estava sempre sozinha. Eu resignei-me a viver o meu dia por mim.

— Você tem Frang agora.

As palavras de Malina mexeram com sua cabeça. Frang não era dela, nem iria ser dela não importava o quanto ela desejasse assim.

— Frang é meu amigo, alguém que me protegeu quando os outros não o fizeram. Ele não é mais do que isso.

Malina apenas sorriu e levantou-se.

— Só o tempo dirá Kenna.

Por um longo tempo após Malina sair, Kenna ficou pensando sobre as suas palavras. Foi bem depois do meio-dia antes dela se levantar e encontrar os *Druidas* reunidos com Frang falando com eles.

— Sim, sou eu. — respondeu a alguém. — Não pergunte por que é assim, porque eu não posso te responder. Conall e o clã MacInnes estão precisando de nós novamente. Outro mal me seguiu aqui e quer fazer-nos dano.

— É Kenna o que o mal procura? — um homem gritou.

Ela viu que Frang suspirou antes que ele assentisse.

— É. O homem que está atrás tanto de Kenna quanto de mim é o *Laird* do

clã Wallace. Embora ele não seja apenas um homem. Ele é um homem que conhece alguma magia, por isso devemos estar preparados. Sob nenhuma circunstância qualquer *Druida* deve arriscar-se fora das terras MacInnes. A magia que nos mantém ocultos está centrado nestas pedras e se estende até os limites da terra de Conall, mas elas são mais fracas nas fronteiras. Se você tem de deixar as pedras, se arrisque na distância somente do castelo. Mais longe, tenho medo do que pode acontecer.

— Que tipo de magia Wallace tem? — uma mulher perguntou.

— Eu não sei a resposta! — disse Frang. — Imagino que vamos descobrir em breve.

Vozes levantaram as questões despejadas, mas Frang apenas levantou a mão pedindo silêncio. Uma vez que os *Druidas* o fizeram, ele continuou.

— Temos a obrigação de manter qualquer *Druida* seguro. Kenna é um de nós. O clã MacInnes nos tem mantido em segredo durante séculos, não podemos deixar que nada aconteça a eles. Wallace não tem ideia de que estamos aqui. Nós temos o elemento surpresa. E eu pretendo usá-lo.

Gritos de felicidade levantaram-se e um sorriso aliviado puxou os lábios de Frang. Kenna assistiu com espanto. Agora ela sabia o que Glenna quis dizer que este era o lugar onde ele pertencia por direito. Ele era o líder dos *Druidas*, era em sua alma. Ele nunca seria inteiro longe do *Glen*. E vê-lo com os *Druidas* fez o seu poder e magia mais palpável, mais físico, quase erótico.

Quando seu olhar se voltou para ela, seu sangue se avivou. Seus olhos azul céu estavam em chamas com a emoção que fez seu corpo ficar vivo com o calor e emoção. Incapaz de se conter, ela caminhou em direção a ele através da multidão de *Druidas* até que se pôs diante dele.

— Você pertence a este lugar! — disse ela.

Quando ele estendeu a mão para ela, ansiosamente tomou, não o questionando quando ele saiu do círculo para a floresta.

Cada etapa trouxe mais isolamento e cada passo ela se tornava mais

consciente dele como um homem. Eles estavam no meio da floresta cercados por samambaias e pinheiros gigantes quando Frang parou e olhou para ela. Seus olhos brilhavam com uma estranha emoção que fez o sangue dela pulsar em seus ouvidos.

— Kenna! — ele sussurrou antes que suas mãos em concha tocassem o rosto dela e seus lábios se encontrassem.

Ela gemeu quando se derreteu contra ele. Sua língua lambeu os lábios antes de varrer sua boca e dançar com a língua dela, enviando-lhe em espiral a um abismo de prazer.

Seus braços se movimentaram até que envolveu suas costas e moldou-a ao seu rígido corpo. As mãos de Kenna percorreram os músculos de suas costas até a sua cintura, enquanto a boca dela provocava um prazer indescritível.

Assim de repente como começou o beijo, acabou. O corpo de Kenna estava em chamas. Seus seios doíam e havia um desejo crescente entre as pernas. Ela afastou-se de Frang e virou as costas para ele.

— Por que você continua me beijando? — ela conseguiu perguntar apesar de sua voz tremer.

— Parece que não consigo parar.

— Você ia me deixar sem uma despedida, mas não pode parar de me beijar?

Ela sentiu-o enquanto andava atrás dela.

— Eu não entendo mais do que você. Eu não gostaria de nada mais além de deitar e fazer amor com você. — Virou-se em torno dela até que olhou para ele. — Mas você merece muito mais do que eu poderia lhe oferecer, Kenna. Está destinado a grandes coisas.

— E fazer amor comigo comprometeria isso?

— Não. Seria minha saída depois que o faria.

Ela franziu o cenho.

— Eu pensei que... Seu lugar é aqui. Todo mundo sabe que você voltou.

— Eu vou dizer o que eu ainda nem disse a Glenna e Conall. Vou ficar até

Wallace ser derrotado. E então eu vou sair porque eu não tenho outra escolha.

— Mesmo se todo mundo quiser que você fique?

Seu dedo correu ao lado de seu rosto em uma carícia suave.

— Mesmo assim.

Kenna não queria mais falar. Ela só queria sentir. Com um passo na direção dele, ela deitou a cabeça em seu peito e colocou os braços ao seu redor. Instantaneamente, ele a abraçou, envolvendo-a em seu calor e magia, seu poder e segurança. Ela sabia que enquanto estivesse com Frang, estava segura, com exceção de seu coração.



Wallace tamborilou com os dedos em seu joelho enquanto olhava para fora sobre a terra MacInnes. Sua mensagem tinha sido entregue ao proprietário das terras, e esperava uma resposta imediata.

Pelo canto dos olhos, Wallace viu Callum andando na direção dele.

— Foi entregue? — Wallace perguntou ao seu primeiro comando.

— Sim, *Laird*.

Wallace se levantou e encarou o homem.

— Bem? Houve uma resposta?

Callum engoliu visivelmente.

— Ele se recusou a dar-me uma.

Por um momento, Wallace não podia acreditar em seus ouvidos.

— O quê? — ele gritou.

— *Laird* MacInnes leu à mensagem e me dispensou. Quando eu perguntei por uma resposta ele disse que não a tinha ainda.

Wallace fervilhava.

— Ele é corajoso, este *Laird* MacInnes! Ele não sabe com quem se meteu ao

dar refúgio a Kenna e o homem.

— Frang.

— O quê? — Wallace perguntou, irritado que Callum o interrompeu.

— O homem. O nome dele é Frang Malcolm.

— Interessante! — disse Wallace ao cruzar os braços sobre o peito. — Um Malcolm, sim?

— Esse é o nome que ele deu para alguns dos homens.

— E o seu interesse em Kenna?

Callum encolheu os ombros.

— Eu nem sabia que eles conheciam.

— Ele estava no castelo, então?

— Sim. Uma noite antes de Kenna fugir.

Wallace suspirou como tudo surgiu.

— Kenna e este Frang estavam juntos para roubar o meu... — Ele parou quando percebeu que ele tinha quase revelado.

— *Laird?* — Callum perguntou, confusão marcava a sua voz.

Wallace acenou com a mão em rejeição.

— Nada. Eu quero uma nota enviada a mim imediatamente quando a resposta MacInnes chegar.

Ele esperou até que Callum se afastou antes que ele deixasse de mostrar seu sorriso. É muito ruim que ele não tenha mais *Livro de Magia*, mas tinha uma boa memória e tinha sido capaz de memorizar algumas magias. Talvez fosse hora de sair e tentar um pouco mais.

Capítulo Vinte e Dois

Desde aquele beijo na floresta, Frang não tinha pensado em nada, a não ser Kenna. Seu gosto permanecia em seus lábios e seu calor roubou seu corpo. Ele não conseguia tirá-la da sua mente. Onde quer que ele olhe a via. Onde quer que fosse ela estava lá.

Isso deveria assustá-lo, mas isso não aconteceu. Ele não podia negar que a queria, precisava dela.

— Está tudo certo? — Conall perguntou.

Frang assentiu com a cabeça e se concentrou na comida colocada diante dele. O grande salão estava lotado de pessoas para a refeição da noite, e era uma das poucas vezes que tinha se sentado com Conall no trono. Ele não tinha sido capaz de dizer não a Conall, nem se quisesse, pois sabia que Kenna também estaria lá.

Achou difícil se concentrar em sua comida com Kenna apenas há alguns lugares dele. Toda vez que ela riu e falou, ele encontrou-se se inclinando para ouvir o que ela tinha a dizer. Ele estava se apaixonando rapidamente por ela; e isso o irritou como nada mais poderia. Em toda sua existência, nunca houve uma mulher que ele não pudesse esquecer ou se afastar. Como ele estava agora, seria quase impossível andar para longe de Kenna. Sua inocência e seus beijos sensuais mexeram com sentimentos que ele achou estarem mortos há muito tempo. E a confiança que mostrava os seus olhos âmbar cada vez que ela o olha tornava-o fraco. Há muito tempo ele tinha desistido da ideia de uma esposa e família, mas Kenna o fez pensar que poderia realmente ter um futuro entre eles.

— Frang?

Ele se mexeu e se virou para encontrar Conall que o observava intensamente.

— Algo errado?

— Fiz-lhe a mesma pergunta três vezes! Eu estava esperando que você pudesse me responder.

Frang desviou do olhar de prata penetrante de Conall para olhar seu prato de alimentos não consumidos.

— Eu só estou pensando.

— Desde que não deixou de olhar Kenna, acho que ela é a única que ocupa os seus pensamentos.

Frang amaldiçoou silenciosamente.

— Não é ela exatamente, mas como eu vou mantê-la segura.

Conall balançou a cabeça e recostou-se na cadeira.

— Você ainda tem seus poderes?

— Os poderes que eu tinha eram porque eu sou um *Druída* e não tinha nada a ver com a minha maldição ou imortalidade. Então, sim, respondendo à sua pergunta, eu ainda tenho os meus poderes.

— Estou feliz em ouvir isso já que vamos precisar deles.

Frang pegou sua taça e bebeu muito da cerveja. Quando ele abaixou a taça, o olhar de Conall chamou o seu.

— Por que tenho a sensação de que você está me escondendo alguma coisa?

— Conall perguntou.

Frang abandonou sua taça e voltou para o seu amigo.

— Eu não estou deixando de fora qualquer coisa que possa comprometer o seu clã ou os *Druídas*.

Depois de um momento Conall assentiu, aceitando suas palavras.

— Kenna parece estar estabelecendo-se em tudo corretamente.

— Ela está. — Frang acordou. — Sua professora era uma curandeira e falou dos *Druídas* para Kenna. Ainda assim, a mulher não lhe ensinou muito dos *Druídas* e preferiu se concentrar na ervas e seus usos.

— Essa é uma informação valiosa.

— Sim. Vai ser um grande trunfo.

Como se soubesse que estavam falando dela, Kenna virou e olhou para Frang. Seu longo cabelo vermelho tinha sido puxado para longe de rosto e têmporas, entrançados. O sorriso dela era contagiante e Frang se encontrou inclinando seus lábios para cima.

— Ela é bastante impressionante.

Ele piscou e olhou para Conall, o sorriso saiu tão rapidamente como tinha chegado.

— Sim, ela é. Eu nunca vi o cabelo dessa tonalidade antes. É um cruzamento entre o vermelho escuro de um por do sol e as chamas de um incêndio.

Conall estudou Frang curioso pelas palavras do *Sumo Sacerdote*.

— Os olhos também são notáveis! — disse ele para ver como Frang iria responder.

— Muito! Eles são da cor âmbar.

Conall olhou para Kenna para encontrar a mulher em questão sorrindo para Frang. Definitivamente havia algo entre eles, algo que poderia florescer e tornar-se muito maior. Se Frang permitisse.

Ele limpou a garganta para chamar a atenção de Frang.

— O que você fez nestes últimos anos?

— Vaguei pela Escócia. — Frang relutantemente desviou o olhar de Kenna e focado em Conall.

— Estava procurando algo em particular?

Frang sacudiu a cabeça, seu cabelo escuro esvoaçou por seus ombros.

— Eu sempre fui onde meus pés levaram-me.

— Em todos esses anos nunca encontrou um lugar que pudesse chamar de lar?

Ele hesitou por um momento antes de responder.

— Não.

Conall considerou-o um instante antes de lhe dar um ligeiro aceno de cabeça.

— Não, eu acho que você não teria, quando seu coração e alma estão aqui.

— Você está certo.

— Ouvi dizer que você se tornou um guerreiro.

Os olhos azuis de Frang endureceram uma fração, com a espera por ouvir o que Conall diria.

Conall sorriu antes de chegar à sua taça.

— O que você fazia antes de ser amaldiçoado pela *Fae* e servir os *Druidas*?

Frang olhou-o enquanto ele levantou a taça e bebeu. Quando a colocou de lado, Frang virou-se.

— Por que você quer saber?

— Você tem sido um mistério para todos. Simplesmente quero saber mais sobre o homem que era.

— A maldição não mudou nada além da minha aparência.

Conall inclinou-se para que tão somente Frang pudesse ouvir suas palavras.

— O que diabos aconteceu? Você foi imortal por 300 anos. Isso certamente muda um homem.

— Sua capacidade de dizer que alguém mente, muda ou não você?

— Isto é sobre mim?

Olhos de Frang tornaram frios.

— Responda-me. Quando você perdeu o seu poder, se debateu a respeito, o que isso mudou em você?

Relutantemente, Conall balançou a cabeça.

— Você sabe que não mudou. Meu poder só melhorava o homem que eu sou.

— Então foi o mesmo comigo.

Conall recostou-se e suspirou.

— O que você era antes de ser amaldiçoado? — ele perguntou de novo.

— Simplesmente um homem. — Frang respondeu o que ele perguntava. —

Um homem que é um *Druida*.

Conall assistiu Frang deixar o castelo; e não se surpreendeu quando alguns momentos mais tarde Kenna o seguiu. Conall virou para a esposa para encontrá-la olhando para ele.

— O que você fez?

Ele riu.

— Tenha um pouco de fé no seu marido, meu amor!

— Você sabe que eu tenho. — disse ela enquanto pegou em sua mão. — Agora, me diga o que você fez.

Ele sorriu para sua esposa e brincou com as extremidades de sua trança escura.

— Eu queria saber mais sobre Frang e Kenna. Acho que poderia haver algo entre eles.

— Certamente existe. — ela concordou. — Até que ponto eu não sei, mas acho que vamos descobrir em breve.

Conall voltou o olhar para a porta do castelo. Com um sorriso em seus lábios.

— Em menos de uma semana é *Beltane*. As respostas que buscamos poderiam muito bem ser dada a nós, então.

Eles trocaram um sorriso. Os fogos de *Beltane* chamariam todos os *Druidas*, uma atração que não seria ignorado. A paixão não pode ser negada e vidas seriam mudadas para sempre.



Frang percorreu a floresta por horas. Ele sabia que o sono o iludiria; e seria necessário limpar a cabeça e pensar. Conall trouxe de volta as memórias que não desejava alongar.

“O que você era antes da maldição?”

Frang apoiou uma mão contra um carvalho e cerrou os dentes. A memória do treinamento com seu pai para ser um guerreiro brilhou em sua cabeça. Ele tinha sido destinado a morrer no campo de batalha até o dia em que ele ouviu o chamado do *Druida*.

Ele afastou-se do carvalho e chegou por trás dele com sua espada. Em um movimento fluido, ele desembainhou a arma notável. Ele ergueu o final da lâmina em direção ao céu, o luar refletindo o metal e o belo trabalho do nó *Fae*.

O ar movia atrás dele, sutil e não ameaçador. Aimery. Frang ignorou a presença do *Fae*, enquanto ele queria ficar sozinho. Quando Aimery se recusou a sair, Frang articulou e nivelou a espada na garganta do comandante da *Fae*.

Aimery levantou uma sobrancelha.

— Fugir de memórias nunca é um bom sinal.

Frang abaixou a arma e amaldiçoou.

— Eu bloqueei você dos meus pensamentos.

— Verdade. — Aimery respondeu. — No entanto, não preciso da magia para ver que o passado assombra você, meu amigo. Eu tinha pensado que agora você teria o deixado ir.

— Deixá-lo para lá?

— Não foi culpa sua.

Frang deixou cair a cabeça para trás enquanto ele suspirou.

— Se eu estivesse lá...

— Basta!

Frang ergueu a cabeça e olhou para Aimery. O *Fae* raramente levantava a voz, mas não havia uma ponta de dureza sobre ele agora. Raiva retumbava através de Frang, raiva que ele sabia que podia controlar, mas recusou.

— Basta? — repetiu ele. — Você não tem direito de me dizer quando deixar

minhas memórias irem. Você não tem controle sobre mim.

— Se tivesse ido com seu pai e seu irmão naquele dia, você estaria morto também.

Frang passou a mão pelo rosto.

— Era onde eu deveria ter ido.

— Seu lugar sempre foi com os *Druidas!* — disse Aimery quando caminhou em direção a Frang. — Você viu o que aconteceu a Conall por ignorar seu lado *Druida*. Você pode imaginar o que a vida teria sido para você se tivesse feito o mesmo?

— Minha família dependia de mim!

A mão de Aimery cortou o ar.

— Seu pai tinha fome de glória, Frang. Ele sabia que não poderia sobreviver a esta batalha, mas ele tinha muito orgulho para voltar atrás. E, no entanto, trouxe seu irmão com ele, sabendo que iriam ambos morrerem. Por que você lamenta a morte desse homem?

— Ele era meu pai. — Frang encostou-se ao carvalho e rapidamente fechou os olhos. Sentiu algo tocar seu ombro e abriu os olhos para encontrar a mão de Aimery sobre ele.

— Você estava destinado a liderar os *Druidas*. Foi mesmo o seu destino ser amaldiçoado para que você pudesse garantir a sobrevivência de Glenna e suas irmãs para que se cumprisse a profecia.

Os olhos de Frang se estreitaram e ele se endireitou.

— Se for esse o caso, diga-me qual é o meu destino agora?

A mão de Aimery caiu e ele deu um passo para trás, toda a emoção se apagou de seu rosto.

— Você fez a coisa certa em trazer Kenna aqui.

Mas Frang não foi enganado.

— Eu não acho que isso tem alguma coisa a ver com Kenna. Isso tem a ver com o *Livro de Magia*, não é?

— Sim.

Frang balançou a cabeça com desgosto e guardou a espada.

— Todo o tempo eu tenho servido aos *Druidas*, e até mesmo ao *Fae* e não alterou o modo como você pensa de mim.

— Não cometa o erro de pensar que você sabe o que está em minha mente!

— disse Aimery.

— Então, por favor, esclareça!

Aimery suspirou.

— Frang, você de todas as pessoas, sabe que cada um de nós tem nosso próprio caminho e que devemos caminhar. Ainda tenho um caminho e decisões a serem tomadas que podem alterar a forma como vivo o meu futuro.

— É verdade, mas ninguém se mete na sua vida! — Indicou fazendo suas palavras duras e cortantes, mas Frang não se importou.

— Os *Fae* se intrometem porque queremos garantir que o seu reino continue.

— Como se intrometeu com a vida de Glenna, Fiona e Moira dando seus poderes? Três meninas, cujos pais foram mortos por um louco por poder? Você deu as meninas os seus poderes, você poderia ter parado MacNeil então. Eu poderia ter parado se soubesse.

Aimery cruzou as mãos atrás das costas.

— Apesar do que você pode pensar os *Fae* não sabe de tudo. Descobrimos profecias ou decisões que irão alterar o futuro. Temos a responsabilidade de garantir que o homem não vai destruir o seu reino.

— Esta é a decisão que você me falou quando eu saí do vale?

— Sim.

Frang riu, o som foi áspero e sem humor no ar parado da noite.

— Eu disse para Kenna queimar o livro. Eu terei certeza que será feito no *Beltane*.

Por longos momentos Aimery simplesmente olhou para ele.

— Cuidado, meu amigo!

Num piscar o *Fae* foi embora, deixando Frang olhando para um lugar vazio com as palavras de Aimery ecoando em sua mente.

— Só com o que eu devo ter cuidado?

Capítulo Vinte e Três

Kenna tinha olhado em toda parte procurando por Frang, mas ele estava longe de ser encontrado. Ela tinha dito a Glenna antes de sair do castelo que queria ficar com os *Druidas* à noite. Tinha sido uma decisão precipitada baseada em querer estar perto de Frang. Foi realmente ridículo. Um castelo cheio de guerreiros e um *Laird* que poderiam facilmente defendê-la, mas ela queria ficar com o único homem que não a queria.

Kenna inclinou-se contra uma pedra e olhou para a lua. Mais alguns dias e seria lua cheia, a sua luz que ilumina todos. Com um suspiro ela olhou através da porta nas pedras que levava ao seu quarto.

Ele era espaçoso e quente, considerando que era esculpido em pedra. Mesmo com a cama que tinha sido esculpida na pedra com pilhas e pilhas de cobertores cobrindo-o e uma caixa pequena para o lado contra a parede. Alguns pinos salientes na parede, uma pequena mesa e uma cadeira estavam do outro lado da sala.

Por mais convidativo que seu quarto pudesse ser, ela não queria ir para dentro. Não quando a noite era tão linda e sua alma tão solitária, muito solitária para o seu quarto. Ela queria estar ao lado dessa magia quando se lembrou de Frang. A doce canção dos *Druidas* resolveu sua inquietude e o desejo se multiplicou toda vez que ele estava próximo.

Kenna levantou o rosto para as estrelas para receber piscadinha, prometendo-lhe incontáveis segredos de magia, se pudesse chegar a elas. Ela sorriu para si mesma e olhou ao seu redor. A maioria dos *Druidas* tinham ido para suas câmaras, deixando apenas os guerreiros *Druidas* para manter guarda.

Glenna lhe tinha dito sobre os homens especiais que guardavam os *Druidas*. A irmã de Glenna, Moira, era casada com um Guerreiro *Druida* e passou a ser

meio *Fae*.

Kenna ficava constantemente espantada com a possibilidade da magia no vale do *Druida*. Mesmo no castelo MacInnes ela quase podia sentir o pulsar da magia dentro das pedras do castelo.

Ela perguntou a Glenna sobre a necessidade de guerreiros, porque ela achava que todos os *Druidas* tinham poderes, de modo que estava bastante surpresa ao saber que nem todos o tinham. Kenna olhou para suas mãos. Ela não tinha poderes, pelo menos que tivesse certeza.

Glenna podia controlar o fogo, suas irmãs água e vento, e até mesmo seu marido poderia detectar se alguém mentia para ele. Ela havia testemunhado outros *Druidas* que eram capazes de acender um fogo com apenas algumas palavras, enquanto outros podiam fazer os animais obedecê-los com apenas um olhar. No entanto, o que ela trouxe para eles? Nada, só seu conhecimento de ervas, o conhecimento que essas pessoas já tinham. Frang tinha dito a ela que quem ouvia a música dos *Druidas* era um *Druida*, mas se ele tivesse mentido? Será que ela era realmente um *Druida*? Se ela tivesse trazido morte e destruição para estas pessoas maravilhosas, simplesmente porque Brigit tinha falado deles? Kenna afastou-se da entrada de sua câmara, através das rochas que pontilhavam o fluxo de duas pedras.

— Já é tarde, minha senhora! — disse uma voz profunda atrás dela.

Kenna girou para encontrar um dos guerreiros *Druida*. Ele não estava vestido com as longas túnicas que alguns dos *Druidas* usavam ou o vestido simples que ela e os outros vestiam. Em vez disso, ele estava em calças de couro macio, uma túnica branca e um casaco de couro. Ela viu uma espada, três adagas, mas era certo que havia inúmeras outras armas escondidas nele.

— Eu não consigo dormir... — disse ela depois de finalmente encontrar voz.

— Não é sensato você deixar as pedras. Frang pediu que todos os *Druidas* ficassem perto, especialmente à noite.

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu só vou fazer uma caminhada curta. Você está convidado a me acompanhar. — disse ela, sabendo que ele iria recusar.

Ele inalou profundamente, com os braços cruzados sobre o peito.

— Eu prefiro que você fique dentro das pedras.

— Estarei de volta em breve! — disse ela e entrou por entre as pedras, antes que pudesse discutir com ela.

Kenna esperou que ele a seguisse, e quando não o fez, ela soltou um suspiro de alívio. Ela queria ficar sozinha por alguns instantes. Ela não era tola o bastante para se aventurar longe das pedras onde o Wallace podia encontrá-la.

Caminhou tranquilamente para a *Nemeton*. Assim que entrou na clareira, com um sorriso nos lábios. Este era apenas o lugar que ela precisava estar. Seus pés a levaram para o centro onde se sentou e recostou-se nas mãos para olhar o céu acima dela.

Sua mente imediatamente voou para Frang, perguntando o que estaria fazendo, e por que ele havia deixado o grande salão agitado. Ela tinha saído para encontrá-lo, para ver se estava tudo bem, mas tinha sido uma ideia tola. Ele era um *Sacerdote* e não precisa de alguém como ela.

Como se sua mente conjurou-o, Frang saiu da floresta. A luz da lua iluminou-o em toda sua glória, bonito em uma luz azulada. Kenna prendeu a respiração. Ele parecia magnífico, quase mortal com seu olhar penetrante, que foi rebitado sobre ela. Seus longos cabelos caíam até os ombros e estava despenteado como se tivesse passado as mãos por ele várias vezes.

Seu corpo reagiu de imediato. Um calor baixo preenchia sua barriga e, lentamente, encheu o seu corpo. Sua pele aqueceu, seu coração batia forte. Quando seu olhar baixou, sentiu seus seios crescerem muito e os mamilos endurecem. Ela mordeu o lábio para não gemer com o desejo que pesava o ar.

Ela se endireitou e viu como ele caminhou em sua direção, seus passos lentos e seguros. Quanto mais perto ele vinha mais ela percebeu que ele estava irritado e buscando a paz como ela. Ele parou diante dela e calou-se. Kenna

lambeu os lábios e inclinou a cabeça para trás para olhar para ele.

— Você não deve ficar longe das pedras. — sua voz era suave, mas tinha uma ponta de ansiedade.

Kenna engoliu seco e encolheu os ombros.

— Eu não estou longe. Eu precisava de algum tempo sozinha. Além disso, eu adoro olhar a lua.

Quando ele não se moveu ou falou, ela apontou para o chão ao lado dela.

— Importa-se de se juntar a mim?

Para sua surpresa, ele se abaixou ao lado dela e levantou os joelhos para que pudesse fechar os braços ao redor deles.

— Wallace é astuto, Kenna. Ele vai tentar qualquer tática que puder para te pegar.

— Mas eu não valho nada sem o livro.

— Ele vai te usar para trocar pelo livro. Sua vida pelo livro. Ele sabe que eu não vou recusar.

Kenna virou a cabeça para olhar para ele.

— Não faça isso, Frang. Minha vida não vale a pena se ele ganhar o livro. Nunca!

Os olhos azuis de Frang se encontraram com os dela. Seus olhos brilhavam quase assustadoramente sob a luz azul da lua.

— Eu lhe dei minha palavra que iria mantê-la segura.

— Oh, Frang! — disse Kenna e levantou a mão ao seu rosto antes que pensasse sobre isso. Tão logo sua mão tocou-lhe sentiu a dor e a raiva dentro dele. — Eu o liberto desse voto. E, certamente, Wallace não é tão estúpido como eu acho, para atacar um clã cheio de *Druidas*.

Frang fechou os olhos enquanto movia o rosto em sua mão. Quando abriu os olhos, a respiração de Kenna se acomodou em seus pulmões.

— Eu nunca vi outra mulher com tanta beleza quanto você! — ele disse e virou na direção dela.

Sua mão lentamente caiu de seu rosto enquanto olhava nos olhos dele. Seu coração batia freneticamente em seu peito enquanto ela silenciosamente implorou para beijá-la, para fazê-la sentir tão bonita quanto ele pensava.

Quando se virou de costas, Kenna baixou o olhar e o desespero ameaçou dominá-la. Mas, tão subitamente quanto ele se afastou, ela o ouviu rosnar e voltar momentos antes de ter seus braços ao redor dela e ser puxada contra ele. Seu rosto erguido em direção ao seu, e ela viu confusão e uma pitada de medo em suas profundezas azuis.

— Beije-me! — ela insistiu para ele. — Faça-me esquecer de tudo, exceto você e esse mundo mágico a que me trouxe.

Era todo o incentivo que precisava. Kenna suspirou contra ele, quando reclamou a boca dela em um beijo ardente que a deixou sem fôlego e implorando por mais.

Ele foi incansável na tomada de sua boca, exigindo tanto quanto deu. Seus braços em volta do seu peito enquanto ele rolou-a no chão.

A sensação de seu corpo rígido ao longo do dela era inebriante, e ela ansiava por sentir-se mais dele. Suas mãos vagavam sobre os planos rígidos de suas costas enquanto sua língua saqueou sua boca fazendo-a gemer e tremer de prazer.

Quando ele parou o beijo, Kenna agarrou seus ombros, pronto para beijá-lo novamente.

— Kenna! — ele murmurou baixinho o nome dela. — Eu não sou eu mesmo esta noite. Eu sei que não deveria estar beijando você, mas eu não posso parar. Seja a sã entre nós e deixe-me.

Ela ouviu a insistência em sua voz, mas também sabia que realmente não queria ficar sozinha. E ela definitivamente não queria ficar sem ele.

— Não! — ela disse quando traçou seu escuro rosto, com um dedo. — Eu quero isso. Quero você, Frang!

— Você não sabe o que está dizendo! — sua voz era áspera com a emoção

que trouxe lágrimas aos olhos.

— Eu sei. Pegue o que eu estou oferecendo-lhe espontaneamente. Tome-me!

— Kenna! — disse ele antes de tomar sua boca mais uma vez.

O beijo foi uma intenção de reclamação, um beijo de longa paixão negada e desejo tão intenso que consumiu a ele. E o beijo deixou Kenna fraca e querendo mais. Ela enterrou as mãos em seus cabelos e deixou-se levar. Não havia mais volta, segurando, sem preocupações. Só Frang.

Quando sua boca deixou a dela e arrastou-se para baixo, no queixo para o pescoço dela, ela suspirou com as novas sensações que sentiu. Ele lambeu e beijou sua garganta e um ponto sensível atrás da orelha fazendo correr arrepios em sua pele e seu calor corporal.

Um gemido escapou de seus lábios quando o seu corpo assentou sobre o dela. O peso dele era tão delicioso quanto inebriante e emocionante. A sensação de ar nas pernas fez seus olhos se abrirem para encontrá-lo olhando para ela.

Pouco a pouco, sua mão subiu as saias e os dedos arrastaram sobre sua pele nua. Seu coração batia forte, o estômago se agitou e seu corpo aqueceu. Kenna de repente queria vê-lo descobrir que era como tinha sonhado

Ela parou sua mão e empurrou-o antes de levantar-se de joelhos e olhar para ele. Seus olhos estavam atentos, questionando o que estava fazendo, mas não impedindo.

Kenna nunca esteve tão à frente em toda a sua vida, mas havia algo sobre estar com Frang que mudou isso, que a fez querer arriscar e viver. Ela tirou o vestido, chutou para longe os sapatos e as meias rolaram até que ela ajoelhou-se nua diante dele. Seu coração se apertou em seu peito quando ele subiu de joelhos e pegou a trança. Gentilmente, ele soltou os cabelos, longos e espessos, até caírem livremente ao seu redor.

— Impressionante! — disse ele em voz baixa. — Eu sonhei em como você

ficaria com o cabelo caindo ao seu redor e nada a esconder da minha vista.

Ouvir tais palavras de Frang causou tremor em sua barriga. Ela nunca tinha se considerado nada mais do que um pouco bonita. Não era uma grande beleza, mas aos olhos de Frang ela era.

As mãos dela o alcançaram desprendendo o broche que segurava sua manta. Quando ela caiu de seus ombros, ele estendeu a mão e a pegou. Ele se levantou e colocou a manta no chão antes de retirar sua camisa e botas.

Os lábios de Kenna se separaram em um suspiro, enquanto olhava o preenchimento de Frang. Ele a manteve firme e alta ao luar. Várias vezes ela tinha visto-o sem camisa, mas agora era diferente. Agora magia o rodeava.

Ela levantou-se e virou-se para ele, deixando suas mãos acariciarem seu pescoço, ombros largos e braços musculosos. Seus dedos percorriam sua barriga ondulada até seus quadris estreitos, ela andou devagar em torno dele, até que ela estava atrás dele. Lá, ela se inclinou contra ele, pressionando seu corpo contra as costas dele e sentiu seu calor. Ela o ouviu inspirar profundamente e sorriu. E assim como ela estivesse à frente, ela deixou as mãos vaguearem em volta de suas esculpidas nádegas.

Quando ela voltou para encará-lo, o seu olhar era intenso, como se seu corpo se movesse por vontade própria. Ela colocou as mãos nos quadris e olhou em seus olhos antes de engolir em seco e deixar as mãos vaguearem abaixo.

Quando seus dedos se fecharam em torno de seu pênis, ela gemeu e fechou os olhos, apertou as mãos ao seu redor. Kenna olhou para a dureza que ela tinha na mão, espantada com o quão quente e suave era de uma só vez.

— Kenna, por favor! — Frang asperamente.

Imediatamente ela soltou e recuou apenas para que a trouxesse contra ele em um beijo feroz que a fez perder o fôlego. Ela percebeu, vagamente, que ele a tinha erguido e colocado sobre sua manta.

Quando ele se colocou em cima dela, ela gemeu ao sentir sua pele se

tocando. Sua dureza pressionada contra seu estômago enviou seu desejo como um tiro através dela, com cada beijo e toque dele.

Isso era o que ela estava querendo, do que ela sentia fome, desde a primeira vez que tinha visto Frang. Ele era tudo o que ela sonhava em um homem.

E por esta noite, ele era dela.

Capítulo Vinte e Quatro

Frang estava morrendo. Era uma morte feliz, mas ainda estava morrendo. Só por tocar Kenna já tinha sido pura tortura, mas vê-la em toda sua glória, tê-la e poder tocar-lhe o tinha enviado ao limite fatal.

Ele queria mergulhar dentro dela e se aninhar, sentir pulsar seu calor ao redor dele enquanto ela gritava seu prazer. Mas ele teria que ir devagar. Era sua primeira vez, um presente que ela deu-lhe espontaneamente. Ele se rebaixou pela confiança que ela tinha nele.

Ele levantou-se nos cotovelos e colocou seu rosto entre as mãos. Seus dedos traçaram desenhos em sua pele enviando arrepios deliciosos correndo através deles.

Ele deixou uma de suas mãos se mover para baixo do ombro delgado ao seu lado, parando em sua cintura fina, antes de se mover em ondas sobre seu quadril e em sua perna. Sua pele era macia e sem manchas. Seus seios eram grandes, cheios e os mamilos cor de rosa o chamavam a prová-los.

Frang deslocou-se para baixo de seu corpo até que seu rosto estava na mesma direção que seus seios. Ele se apoiou em um cotovelo e cobriu um seio com a mão. Kenna suspirou com os olhos fechados. Quando a boca se fechou sobre o mamilo e começou a sugar, ela gritou e agarrou seus ombros, com as costas arqueadas acima da terra.

Seu pênis palpitava com a necessidade, a dor de ser enterrado dentro dela. Seus quadris moviam contra ela e foi tudo o que podia fazer para não dar impulso em seu calor.

Ele se concentrou em seus seios, sugando um mamilo primeiro depois o outro, enquanto suas mãos apalpavam os seios e os dedos trouxeram seus mamilos duros a pequenos picos. Ela se contorcia contra ele, seus suaves

gemidos virando suspiros, enquanto seus quadris se moviam contra o dele.

Com cada gosto dela, ele queria mais. Ela respondeu espontaneamente ao seu toque, querendo dar ansiosamente tudo o que tinha quando ele pedisse. E ele tinha apenas começado.

Frang deslocou-se para o lado dela e deixou sua mão vaguear da barriga aos quadris e para sua coxa. Gentilmente, ele a fez abrir as pernas e tocou sua feminilidade. Ela acalmou a respiração ofegante, enquanto esperava por aquilo que ele faria em seguida.

Ele não a deixou esperando por muito tempo. Suavemente, ele abriu os lábios de sua feminilidade e provocou sua abertura. Ela já estava molhada. Quente. Querendo. Um sorriso puxou os lábios, como as pernas abertas mais amplas aumentaram os quadris em relação a ele.

Frang empurrou um dedo dentro dela. Ela era apertada e quente. Dentro e fora, ele moveu seu dedo dentro dela. Sua mão agarrou seu braço e as costas arqueadas quando ela buscou sua liberação. Quando ele retirou o dedo, ela gritou de frustração. Ele encontrou seu clitóris e começou a mover-se lentamente para frente e para trás sobre ele.

O corpo de Kenna respondeu imediatamente à carícia. Seus suaves gemidos deram lugar a gritos de prazer quando ele trouxe o corpo dela mais próximo ao pico.

Ele se inclinou e tomou o mamilo na boca e rodou sua língua em torno do pico duro com unhas cravadas em suas costas. Ele poderia dizer que ela estava perto de chegar ao clímax como seu corpo se movia contra ele.

Frang se sentou e cobriu seu peito. Ele beliscou levemente seu mamilo enquanto aumentou sua pressão sobre seu clitóris. Kenna engasgou quando seu corpo se acalmou. Ela gritou o nome dele quando sentiu o orgasmo.

Mas Frang não poderia esperar mais. Ele já sofria com uma necessidade que nunca havia sentido antes. Ele foi até ela e entre suas pernas, seu pênis esfregando a pele sensível de sua feminilidade. Ele olhou para ela e como seu

rosto mostrava o delicioso prazer através de seu balanço. E seu controle estalou.

Seu pênis encontrou sua entrada e ele empurrou dentro do calor dela. Ele fechou os olhos quando o prazer tomou conta dele. Quando os braços dela se aproximaram, ele empurrou mais profundamente, sentindo sua umidade engoli-lo. Ela estava tão apertada que ele pensou que podia derramar a sua semente diretamente ali, mas ele conseguiu se segurar.

Ele se moveu para fora dela, até que tirou a cabeça e então empurrou mais profundo. Dentro e fora, virou-se, empurrando cada vez mais profundo até que sentiu sua virgindade.

Frang apertou sua mandíbula e deu um impulso poderoso, passando por sua virgindade e enterrando-se em seu ventre. Ele ouviu Kenna prender sua respiração, a dor tomou conta dela, e mesmo quisesse consolá-la, seu corpo não deixava.

Ele se fez esperar, deixando seu corpo aceitá-lo. Mas quando ela mexeu a perna contra ele, ele perdeu o controle. Ele começou a se mover dentro dela, em sua tensão em torno dele, em seu calor e umidade.

Antes que ele percebesse, seu clímax estava próximo a ele. Ele deu um impulso final quando sua semente derramou sobre o corpo dela. Onda após onda de prazer tomou conta dele, dando-lhe a paz que ele tinha procurado por muito tempo.

Quando ele voltou a si, olhou para baixo para encontrar Kenna observando com um leve sorriso no rosto.

— Eu te machuquei?

Ela encolheu os ombros.

— É o caminho de todas as mulheres em sua primeira vez. Eu não me importava muito, não quando você tinha me dado tanto prazer, antes da dor.

Frang saiu dela e rolou para o lado, levando-a contra si. Ele não queria que o seu mundo fosse destruído, no entanto, nem ele estava pronto para voltar ao

círculo de pedra. Ele colocou seu braço ao redor dela quando ela deitou a cabeça sobre seu peito, sua respiração quente ventilando seu peito.

— Eu nunca tinha tido uma virgem antes. — confessou.

Ela levantou a cabeça e beijou-o nos lábios.

— Além da pequena pontada de dor, foi muito agradável. Mesmo no final. Eu não sabia que poderia ser tão bom ter você dentro de mim.

Frang fechou os olhos.

— Pelos céus, não diga isso Kenna! Eu estou querendo ter você novamente.

— Eu não sou contra isso! — ela disse com uma risada.

Ele abriu os olhos e olhou para ela. Ele poderia, de fato, passar a noite toda fazendo amor com ela sob as estrelas, mas em outro denominado mundo, pois há deveres que não podia ignorar. E uma promessa que ele não podia ignorar.

Sua mão subiu para empurrar um fio de cabelo de seu rosto atrás da orelha.

— Estou agradecido pelo presente que me deu!

— Eu acho que era seu a partir do primeiro dia que você me salvou. — disse ela enquanto abaixava seu olhar.

Frang suspirou e a puxou contra ele. Acima deles, as estrelas brilhavam no céu escuro e uma brisa soprava por entre as árvores, esfriando seus corpos aquecidos.

Embora Frang soubesse que deveria lamentar ter cedido à sua paixão, e ter feito amor com Kenna, ele não poderia encontrar arrependimento dentro dele. Sentiu-se no direito de dividir seu corpo com ela, como se ele fosse, finalmente, inteiro. Agora, ele estava preocupado se iria encontrar o controle para ficar longe dela.



Wallace cantou o feitiço que tinha memorizado, focando em Kenna. De

todas as mulheres em seu clã, tinha sido a única que não lhe havia mostrado nenhum interesse, embora soubesse que era apenas um estratagemma para levá-lo a reparar nela. E funcionou.

Ele não tinha demorado muito tempo para perceber que ela seria a mulher perfeita para um *Laird*. Ela era respeitada em seu clã, e procurada por outros clãs. Seu conhecimento de ervas também foi um ponto positivo, considerando que ele precisava dele.

Ele fechou os olhos enquanto continuava a cantar a magia uma e outra vez até que o mundo desbotou e Kenna estava diante dele. Ela estava em uma estranha formação de grandes pedras falando com uma mulher vestida com longas túnicas brancas.

Os olhos do Wallace se abriram e a visão desapareceu. *Druidas*. Ele tinha visto *Druidas*. Muitos *Druidas*.

Tinha um sorriso em seus lábios quando ele se virou e fez o caminho de volta para seus homens. Ele chamou Callum.

— Vá para o castelo. Eu quero uma resposta hoje!

— Sim, *Laird*! Nossos homens não chegarão em mais dois dias. — Callum lembrou.

— Eu sei quando os homens vão estar aqui. Se MacInnes não vai lhe der uma resposta, diga-lhe que sei seu segredo!

— Sim, laird! — disse Callum enquanto corria para seu cavalo e cavalgava em direção ao castelo.

Wallace esfregou as mãos. Um novo plano estava se formando em sua mente, aquele que iria pegar Kenna, o livro e muito mais.



Kenna acordou com um sorriso. Sua noite com Frang iria ficar com ela para sempre, uma lembrança para ser valorizada e lembrada inúmeras vezes.

Ela suspirou um contentamento que nunca tinha sentido antes envolvê-la. Ela olhou ao redor do círculo de pedra com os *Druídas* no centro. Cada *Druída* tinha sua própria tarefa a fazer, todos os dias.

— Você está pronta?

Kenna virou-se para encontrar Malina em pé ao lado dela. Ela sorriu para a sacerdotisa.

— Para quê?

— Frang disse-nos sobre o conhecimento que você tem sobre ervas e cura. Nossa melhor curandeira, Moira, deixou-nos há alguns anos. Têm alguns de nós que são adequados, mas nada que chegue perto do que Moira era.

— Eu vou te mostrar tudo que sei. — Kenna concordou. — Moira é a irmã de Glenna, verdade?

— Sim. — Malina disse quando começou ir para trás das pedras. — Ela foi uma das *Druídas* mais poderosas que eu já vi.

— Mais poderosa do que sua irmã?

Malina riu.

— Não. Cada uma das três irmãs é poderosa a sua própria maneira. Frang creio eu, é mais poderoso que as irmãs, mas você não compreenderia olhando para ele. Ele guarda muitas coisas em segredo. Este é o seu jeito.

Kenna sorriu interiormente, pois tinha um segredo, um segredo compartilhado apenas entre eles.

— Você disse que Moira foi uma curandeira?

Malina assentiu.

— Ela foi abençoada com essa habilidade.

Kenna passou o resto da manhã, mostrando e explicando as ervas para Malina, como ela registrou tudo. Não chegou ao meio-dia quando Kenna percebeu que não tinha visto Frang.

Ela foi para o castelo na esperança de encontrá-lo, mas encontrou Glenna no grande salão, em vez dele.

— Kenna! — gritou uma saudação do trono. — Você está bem adaptada no círculo?

Kenna sorriu.

— Com certeza. É muito mágico lá!

— Sim... — Glenna disse e deu um tapinha no banco ao lado dela. — Vem sentar-se comigo por um momento.

— Eu estava procurando Frang, Kenna falou.

Glenna assentiu.

— Ele, Conall e alguns homens cavalgaram para a margem da terra MacInnes.

— Para procurar Wallace?

— Frang tem certeza que ele não retornou ao seu clã. Conall sabe que pode resistir a um ataque, mas ele gosta de estar preparado para tudo.

O medo obscureceu e Kenna se levantou. Ela ficou com as pernas trêmulas.

— Desculpe-me! — ela disse quando correu de volta para as pedras e o seu aposento.

Ela pegou a bolsa que tinha escondido e olhou para dentro do livro. Um livro desejado, desesperadamente, por um homem que iria destruir tudo em seu caminho.

Será que Wallace acreditaria que ela tinha destruído isso? Será que ele acreditaria na palavra dela?

Sua resposta foi um retumbante não. No entanto, ela não poderia entregá-lo para ele, não quando o que ele pretendia fazer tinha-se tornado conhecido.

Capítulo Vinte e Cinco

— Você parece preocupado. — Conall comentou, enquanto observavam o perímetro das terras MacInnes.

Frang franziu o cenho, estava preocupado. Respirou fundo e deu de ombros.

— Talvez, um pouco!

Conall bufou.

— Não tente mentir para mim. — disse com um sorriso.

Frang gemeu mentalmente, tinha esquecido a capacidade de Conall de detectar uma mentira. Ele nunca tinha tido uma razão para mentir para Conall, mas novamente ele nunca tinha partilhado uma noite com uma bela mulher sob as estrelas, além de não querer que ninguém soubesse. Não que tivesse vergonha do que ele e Kenna haviam feito, mas justamente o oposto, na verdade. Não queria que ninguém pensasse mal dela.

— Deixe isso pra lá! — alertou Conall.

O sorriso sumiu do rosto de Conall.

— Está tudo bem?

— Ficaré eventualmente.

Conall levantou uma sobrancelha escura sobre a afirmação em questão.

— Você teve uma premonição?

— Não, mas tenho fé que vamos ter o elemento surpresa com os *Druidas*. Wallace poderia ter um pouco de magia armazenada no livro, mas não é nada comparado ao que nós temos.

— É verdade. Então, se não é Wallace que o preocupa, deve ter algo a ver com Kenna.

Ele desvio o olhar de Conall.

— Pedi-lhe para esquecer essa situação.

Mas o *Laird* o ignorou.

— Ela é uma boa mulher! Glenna gosta dela e os *Druidas* deram boas-vindas. Você sabe que eu já ouvi falar que alguns dos Sacerdotes manifestaram interesse por ela.

— O quê? — Frang não tinha a intenção de alterar o tom de voz, mas estava tão surpreso com as palavras de Conall, que a raiva e a inveja assumiram a situação num piscar de olhos.

Conall apenas sorriu.

— Ah... Como eu pensava... Você veio para cuidar dela?

— Claro que sim! — Frang concordou, tentando manter a voz calma. Ele não queria que ninguém soubesse o quão profundo eram seus sentimentos por Kenna. — É meu dever vê-la chega ao *Glen* viva e ilesa.

Conall balançou a cabeça.

— Não é exatamente uma mentira, mas também não é a verdade.

Frang olhou para Conall e franziu o cenho. Desde que tinha deixado Kenna na entrada para o círculo, suas lembranças dos dois tinham atormentado seus pensamentos. As memórias de sua paixão assombravam os seus sonhos, acordando-o em tal estado de necessidade, quase retornou ao encontro dela.

Ele olhou para Conall para encontrar os esperançosos olhos do *Laird*.

— Eu sou responsável por ela, Conall. Assim como eu era responsável por Moira, Glenna e Fiona.

— Sim, mas você não cuidou delas como você faz com Kenna. Eu vejo isso na maneira como você a olha. Não adianta negar, nem deve. Todo mundo tem direito de ser feliz.

Ele não se incomodou em responder. Tinham atingido a crista de uma colina quando Frang ouviu algo. Conall imediatamente levantou a mão para parar seus homens.

— O que é isso?

Frang olhou em volta, procurando, até que viu o cavaleiro que vinha na

direção deles.

— Alguém está vindo. Parece que Wallace espera ansiosamente.

Ele ouviu Conall rosnar ao seu lado. Frang olhou por cima do ombro, os dois guerreiros *Druídas* que os acompanhavam. Eles tomaram seus lugares logo atrás e ao lado de Conall, enquanto os demais homens se espalharam em uma linha de cada lado dele.

Eles ficaram como estavam e esperaram que o cavaleiro se aproximasse. Frang reconheceu o homem como Callum, um dos temidos homens de Wallace.

— Ele é o primeiro de Wallace no comando. — Frang sussurrou.

Callum parou a cerca de vinte passos de Conall, seu cavalo sacudindo a cabeça em agitação quando o arreio rasgou sua boca.

— Seu cavalo viveria mais se você o tratasse melhor! — afirmou categoricamente Conall.

Callum bufou de escárnio.

— Você tem preocupações maiores e que provavelmente superam o fato de como eu trato o meu cavalo!

— Sério? — Conall parecia entediado, mas Frang sabia que essa não era a verdade. — Diga-me, quais são as minhas preocupações.

— Você deveria estar tremendo em seus calcanhares. — afirmou Callum. — Meu *Laird* é um grande guerreiro, um homem a ser temido.

— É estranho que um homem a ser tão temido, nunca tenha sido ouvido falar antes.

Callum cerrou os dentes, flexionando o músculo da mandíbula.

— Você tem uma resposta para o meu *Laird*?

Frang trocou um olhar com Conall antes de retornar a Callum.

— Eu não darei Kenna a você! — disse Conall.

O olhar de Callum mudou-se para Frang.

— E ele?

— Você pode tentar levá-lo. — disse Conall. — Mas eu não tentaria isso.

Callum olhou para Frang.

— Ele não parece grande coisa!

Frang sorriu.

— As aparências enganam. Porque não tenta?

Conall sentiu mais do que viu e isso o surpreendeu. O velho Frang, aquele que tinha morado no vale por 300 anos, nunca teria dito tal coisa. Mas o novo Frang, este estava procurando por uma briga.

— Outra vez. — disse Callum. — Você tem certeza disso? Wallace o quer morto e quer que Kenna retorne. Ele sempre consegue o que quer!

— Não desta vez! — Disse Frang.

Callum zombou.

— Meu *Laird* me disse MacInnes que ele sabe seu segredo. Se você não quer que o resto da Escócia saiba, é melhor pensar sobre o que ele pediu.

— Não tenho medo de você ou Wallace! — Frang disse através dos dentes cerrados. Odiava quando alguém ameaçava Conall ou os *Druidas*.

Eles assistiram Callum girar seu cavalo e cavalgar. Frang ergueu a mão e acenou para os guerreiros *Druidas*.

— Bom... — disse Conall. — Quero saber onde eles estão escondidos!

— Meus guerreiros encontrarão Wallace e seus homens, você pode ter certeza disso! — disse Frang e seguiu Conall de volta para o castelo.

Eles avançaram vários passos antes de Conall falar.

— Eu vou postar todos os homens ao longo da fronteira. Quero aviso prévio de mais visitantes.

— Eu concordo! Vou mandar alguns dos guerreiros para patrulhar. Wallace vai usar magia, assim como o desvio para ganhar a entrada.

— Ele quer desesperadamente a imortalidade, não é?

Frang assentiu.

— E Kenna. Ele é obcecado por ela! — assim que as palavras deixaram sua

boca, questionou-se se não estaria apaixonado.

— Kenna precisa ser protegida, então, ela deve ficar com você em todos os momentos.

O coração de Frang bateu mais forte. Tê-la somente para si soava como o céu.

— Não! — obrigou-se a dizer. — Glenna deve ter uma melhor proteção. Eu vou ser necessário em outros lugares; e eu não a quero perto de Wallace.

— Você conhece Kenna melhor do que eu. Aonde ela vai se sentir mais segura?

“*Comigo!*” Frang queria gritar. Em vez disso, disse:

— Ela confia em Glenna.

Ao se aproximarem do castelo, Frang deixou sua mente buscar pela de Kenna, algo que ele não se permitiu fazer até aquele momento. Quando a encontrou em seu quarto, olhando para o *Livro da Magia* ele sabia que o medo era real.

— Frang? — a voz de Conall emitiu uma nota de preocupação.

Frang não podia encarar o olhar de seu amigo.

— Sim? O que é?

— Cada um de nós tem decisões a tomar. Algumas poderiam acabar com o mundo, enquanto outras só machucariam a alguém.

Conall parou o cavalo e fez sinal para que os outros continuassem em direção ao castelo.

— E a sua?

Frang riu enquanto puxava as rédeas do cavalo.

— Eu acho que tenho várias, cada uma mais difícil que a anterior!

— Você falou com Aimery.

Ele se virou para Conall e assentiu.

— Na noite passada.

— Será que ele tem alguma notícia para nós?

— Não. O *Fae* não irá interferir no presente, Conall. Estamos por nossa conta.

— Nós poderíamos usar a sua ajuda.

Frang afagou o pescoço do cavalo.

— Nós vamos passar por isso. Eu não vou deixar nada acontecer com seu clã. Eu lhe dou minha palavra!

— Isso significa muito! — respondeu Conall. — Não tente fazer tudo sozinho. Estamos todos aqui para ajudar.

Frang e Conall cavalgaram até o castelo. Ele se virou e olhou por cima do ombro, onde seus guerreiros tinham seguido Callum. O *Druida* nele disse para ser paciente e esperar um tempo, até que Wallace cometesse um erro, mas o guerreiro dentro dele dizia para enfrentar Wallace e fazê-lo sair de uma vez.

Guerreiro e *Druida* estavam em uma guerra em seu interior. Frang tinha visto o que essa luta interior poderia fazer com uma pessoa. Tinha quase destruído Conall. Será que ele permitiria o mesmo?

Se ele esperasse, poderia haver uma chance de alguém se machucar, ou pior, morrer. Havia a possibilidade de Kenna ser levada, algo que roubava seu fôlego toda vez que o pensamento vinha tona.

Não, ele precisava fazer alguma coisa rapidamente. Talvez, então, a decisão que ele teria que tomar, faria tudo desaparecer, assim como Wallace.

Ele cutucou Grey em direção ao castelo, com seus pensamentos novamente em Kenna. Ela segurou o livro em suas mãos, sabia que ela havia pensado em abrir. Rezou para que ela não aprofundasse a magia, pois uma vez que fizesse, não havia como voltar atrás.

Mas a curiosidade para ver o que estava nas páginas estava lá, mesmo para ele. Foi uma das razões pelas quais não o havia tomado de Kenna, uma vez que atingiu o *Glen*. Ele tinha dito a si mesmo que era mais seguro para ela ficar com o livro, mas agora sabia que tinha sido um erro.

De alguma forma teria que pegar o livro, sem ela perceber que ele sabia

sobre seu desejo de abri-lo. Sem dúvida, ele sabia que destruir o livro seria mais difícil do que enfrentar Wallace.

Ele contornou o castelo e entrou na floresta. A consciência passou por cima dele, alertando-o que olhos o estavam observando, olhos *Fae*.

— Não me espione Aimery. Não é agradável — disse ele sem se virar.

De repente, uma mulher saiu de trás de uma árvore. Frang imediatamente parou Grey e saltou.

— Rainha Rufina! — ele sussurrou. — Eu não tinha ideia!

Ela riu. O som quente e convidativo.

— Não foi nada, Frang! Aimery tem insistido com você, eu vejo.

— Não. Ele se preocupa comigo.

— Ele está! — disse Rufina e empurrou seus longos cabelos louros por cima do ombro. Seus olhos azuis cintilantes de *Fae*. Ela considerou um momento antes de falar. — O ar está cheio de más intenções!

Frang fixou-se na beleza etérea da rainha da *Fae*. Seu vestido branco, com longos e acentuados fios de prata, revelando sua posição como rainha.

— Há sempre más intenções no homem, como você sabe.

— Verdade! — disse ela. — Aimery nos disse que você tem o *Livro de Magia*.

— Sim, eu o tenho.

Ela sorriu, revelando seu fascínio forte.

— Há momentos em que eu gostaria que Aimery não lhe tivesse ensinado como bloquear seus pensamentos de nós.

— Então, você poderia saber se eu abri o livro?

— Sim.

Frang cruzou os braços e inclinou-se contra uma árvore.

— Você sempre pode perguntar. Você sabe que eu não vou mentir.

— Você já olhou no livro?

Ele balançou a cabeça.

— Ainda que eu admitisse a tentação em abri-lo. Eu sei que Aimery tem

medo de que eu leia-o, mas isso nunca vai acontecer.

— Pare! — ela advertiu, sua voz rouca e seu rosto segurando um fio de medo. — Nunca diga essa palavra Frang, pois posso garantir que chegará o tempo você vai ter que fazer uma escolha, que talvez envolva a leitura do livro ou não.

Frang deixou cair os braços e olhou para o chão.

— Eu já pensei nisso, Rufina! Eu não pretendo passar pelo que Conall sofreu e não vou esperar por Wallace.

— Então, você irá enfrentar o *Laird* agora?

— Sim. — ele disse e caminhou em sua direção. — Se ele sair agora, tudo o que você e Aimery imaginaram não vai acontecer.

Ela sorriu tristemente.

— Você é poderoso, Frang, mas você está forte o suficiente para enfrentar Wallace?

— Ele sabe algumas magias. Eu sou um *Druída*.

— Pense sobre isso, — alertou. — Wallace não tem outra emoção do que o ódio nele, Frang. Você ama este vale e as pessoas, ele pode usar isso contra você.

— Não se eu enfrentá-lo sozinho.

Seus olhos azuis brilhavam.

— Sim, o *Sumo Sacerdote* permite que o guerreiro saia. Eu me perguntei quanto tempo levaria para que ambos se confrontassem em você.

— Eu vi muitos homens em batalha. Ambos os lados em ação e mesmo assim eles perderam.

— Você está mais forte do que isso! — disse ela. — Você está em casa, Frang. Deixe a magia das pedras preenchê-lo, quando você encontrar a paz em sua alma.

— Isso é um aviso?

— Em verdade. Você tem servido aos *Druídas* e ao *Fae* por 300 anos. Use o

conhecimento que você ganhou na batalha contra Wallace.

Inclinou uma mão contra a árvore e sorriu.

— No entanto, quando você me amaldiçoou, eu tinha certeza que você me odiava!

Rufina riu.

— Eu nunca poderia te odiar, Frang. Eu tenho muito apressado por você!

— Então por que você me amaldiçoou? Eu tive 300 anos para pensar nisso e olhando para trás, o que eu fiz foi insignificante para o que os outros fizeram.

A rainha desviou o olhar dele.

— Tudo acontece por uma razão!

— Agora você soa como Theron. O rei dos *Fae* têm muito disso. Gostaria de saber a verdade.

Seu olhar se voltou para ele.

— Você se intrometeu onde não deveria e pagou o preço!

— Eu vi você e Theron fazendo magia. Eu realmente não acho que foi intromissão!

Ela suspirou.

— Frang, você era necessário. Nós sabíamos que você era a pessoa certa para liderar os *Druidas*. Só você poderia ter mantido Glenna, Moira e Fiona seguras. Só você. No entanto, a profecia se realizaria muitos anos depois de sua morte. Tínhamos a certeza que ainda estava por vir.

Frang soltou um suspiro e passou a mão pelo rosto.

— Por que você não me disse isso?

— Você era muito jovem. Você tinha que ganhar o conhecimento como um *Druida* e o poder de ser tão grande como você é hoje. Esteja seguro e não faça nada precipitado.

Antes que ele pudesse responder, ela tinha ido embora. Por um longo tempo, Frang ficou na floresta, com os pensamentos nas palavras de Rufina. Ele não tinha certeza de como se sentia a respeito do aprendizado com o qual

lhe tinham amaldiçoado, porque ele tinha sido escolhido? Não porque tivesse feito algo errado, mas por que era ele. Parte de si ficou feliz em saber que os *Fae* haviam procurado por ele, mas outra parte ficou irritada por terem o deixado acreditar em uma mentira por 300 anos.

Ele tomou as rédeas de *Grey* e retirou seus pensamentos de Rufina e do reino *Fae*, para contemplar o que ele faria com Wallace.

Capítulo Vinte e Seis

O sol estava se pondo no horizonte no momento em que Kenna terminou com Malina. Sua garganta doía a partir do constante falar sobre os usos das ervas. E, no entanto, eles não estavam a meio caminho. Havia muito mais que Kenna queria dizer.

A única coisa em que pensou ao caminhar para as cavernas era encontrar Frang e tê-lo em seus braços. No entanto, como fazia seu caminho lentamente através das cavernas do castelo, não pode afastar a sensação de que estava sendo vigiada e cada vez que se virou ninguém estava lá.

— Olá! — Ela gritou.

Não houve nenhuma resposta, não que realmente tivesse esperado uma. Ela começou a andar novamente, com os olhos nas sombras, buscando em cada canto escuro por onde passou.

Ela agora lamentou sua decisão de ir para o castelo encontrar Frang. Todos os dias ela esperava vê-lo, mas não havia retornado para o círculo de pedra. Assim como ela começou a virar e refazer seus passos para as pedras, ela ouviu alguma coisa a sua frente. Ela estava passando por um túnel a sua esquerda quando ouviu novamente.

Kenna respirou fundo e olhou para o túnel escuro. Apenas uma das tochas acesas e mantinha-se cerca de cinquenta passos à frente dela. Ela pegou a tocha na entrada e a ergueu de seu berço antes de começar a descer pela caverna.

Cada ligeiro instinto tinha dito a ela para correr, mas algo continuava empurrando-a para a caverna. Um silêncio sepulcral a cercava. O brilho dourado da tocha que segurava apenas adicionava um tom de insegurança à caverna, como se o próprio mal esperasse para cercá-la em sua primeira

chance.

Nas poucas vezes em que ela tinha andado através das cavernas, nunca houve uma vez em que ela se sentisse à vontade. Até agora. Ela inalou uma respiração instável para retornar pelo caminho, quando achou que chamavam seu nome.

Ela parou e escutou.

— Kenna! — sussurrou uma voz fraca.

Um calafrio ameaçador correu sobre sua pele transformando seu sangue em gelo.

— Kenna!

Desta vez, a voz era mais alta, mais dura, mais próxima. Com os joelhos batendo e o coração prestes a explodir de seu peito, ela se virou para correr. Apenas para encontrar Wallace de pé diante dela.

Kenna gritou. Largou a tocha enquanto tentava correr e tropeçou em suas saias caindo no chão.

O Wallace riu, mas não havia alegria no som.

— Eu te assustei? — perguntou ele.

— Como? — perguntou ela, sem entender como ele tinha conseguido entrar nas cavernas.

— Você ficaria surpresa com o que eu posso fazer Kenna! — ele disse. — Eu vim por você. Você fez algo muito desobediente e levou o meu livro. Eu o quero de volta!

Kenna tentou engolir o terror na garganta, as mãos segurando a parede de pedra atrás dela.

— Traga o meu livro amanhã à meia-noite, no lado leste da floresta. Há uma clareira. Eu estarei esperando.

— Não! — disse ela, de repente, tentando encontrar sua voz.

Ele se inclinou sobre ela, sua raiva irradiava.

— Se você não fizer isso, você condenará seu clã e os preciosos *Druidas* a se

esconder até a morte. — ele se endireitou. — Eu estarei esperando por você!

Kenna engasgou quando ele desapareceu de sua vista. Ela se sentou, puxou os joelhos no peito e abraçou as pernas, enquanto abaixava o rosto e deixava as lágrimas caírem.



Frang respirou na magia que pulsava através do solo e mantinha seguras gerações da família MacInnes. Do seu ponto de vista no topo da falésia, ele olhou para o castelo MacInnes e todos os seus ocupantes. Atrás e abaixo dele, os *Druidas* mantidos com as pedras. Duas culturas diferentes que vivem como um só.

Com o canto do olho, ele viu algo se movendo a sua esquerda. Ao olhar mais atento, viu que eram os Guerreiros *Druidas* que ele tinha enviado para descobrir onde Wallace e seus homens estavam escondidos. Pela primeira vez, em dias, Frang sorriu.

Ele virou-se para enfrentar os guerreiros só para descobrir Glenna correndo na direção dele. O sorriso caiu, pela expressão preocupada no rosto dela.

— Onde está Kenna? — ela perguntou, quando parou na frente dele.

— Eu não sei!

— Ela não está no castelo e ela não está nas pedras. Malina disse que Kenna há deixou meia hora atrás para vir ao castelo.

Frang olhou para os guerreiros a cavalo através da floresta. Eles teriam de esperar. Ele tinha de encontrar Kenna.

— Vou olhar nas cavernas. Pegue um par de *Druidas* e olhe ao redor da floresta.

Ele correu, passando por Glenna, em direção à entrada das cavernas. Ele se recusou a acreditar que Wallace tinha passado pelos guardas que Conall tinha

postado e levado Kenna. Ele também não queria acreditar que Kenna pudesse ter ido por vontade própria.

— Kenna! — gritou enquanto corria através das cavernas. Repetidamente ele chamou o seu nome, seu coração batendo com cada respiração que deixava seu corpo.

O medo começou a tomar conta dele, pois quanto mais procurava, menos sinais dela ele encontrou. Ele estava correndo pela caverna principal que levava ao pátio do castelo, quando percebeu uma das tochas na entrada de um túnel.

Frang derrapou até parar e desembainhou a espada. Ele olhou para a caverna escura e viu um raio de luz abaixo. A luz da tocha só revelou mais sombras e dúvidas a respeito de porque as tochas não estavam em seu lugar.

Todo mundo sabia do quanto às cavernas assustavam Glenna e por causa disso, os *Druidas* mantinham as tochas acesas o tempo todo.

Com um pensamento e um aceno de mão Frang acendeu as outras tochas. Foi quando ele viu algo caído no chão. Ele correu para a caverna para pegar a tocha. Olhou para o resto da caverna, que terminava em uma parede de pedra.

— Kenna! — gritou, mas não houve uma resposta.

Lentamente, ele levantou-se e percorrer o caminho a longos passos. Ele colocou a tocha em seu lugar. Só então ele se acalmou o suficiente para pensar.

Depois de várias respirações profundas, ele fechou os olhos e puxou todo o seu poder e pensou em Kenna. Ele estava prestes a desistir de encontrá-la, quando ele pegou uma pitada de medo. Ele concentrou-se mais, imaginando Kenna em sua mente. Foi quando ele a encontrou.

Ela sentou em seu quarto nas pedras, olhando para o nada, mas não havia como negar o medo que corria desenfreado através dela.

Frang abriu os olhos e correu para Kenna. Ele censurou-se por vários minutos por não procurá-la com sua mente em primeiro lugar. Mas ele estava

tão assustado, que isso quase o paralisou.

Ele caminhou nas pedras ao invés de correr. Ele estava a caminho da câmara de Kenna quando viu Glenna. Depois de informar que tinha encontrado Kenna, ele tomou os passos abaixo para a câmara dela e parou na porta.

Assim como sua mente a tinha encontrado, ela estava sentada em sua cama, com as mãos cruzadas no colo e seu olhar para frente. O temor subjacente que sentira enchia a câmara de pedra.

— Você deixou todos preocupados! — disse baixinho enquanto caminhava para a câmara e sentava-se ao lado dela na cama.

Ela piscou e virou a cabeça para olhar para ele.

— Eu estava cansada.

Sabia que ela mentia, mas a deixou.

— Diga-me o que você está pensando?

— Nada! — ela disse fracamente. — Minha garganta dói de falar das ervas e seus usos para Malina.

Incapaz de se conter, Frang envolveu um braço ao redor dela. Ela aninhou-se contra ele, enterrando o rosto em seu pescoço. Frang segurou-a com ambos os braços, desejando poder tirar o medo dentro dela.

— Diga-me, o que a está assustado assim? — ele insistiu.

— Eu pensei que eu pudesse ter uma vida, uma vez que deixasse Wallace!

— Você pode e você começou uma nova vida!

— Ele está aqui!

Frang franziu a testa e distraidamente alisou o cabelo, afastando de seu rosto.

— Ele nunca a deixou Kenna. Ele está esperando mais de seus homens chegarem para atacar. Você sabe isso.

— Sim!

Ele suspirou.

— Eu jurei que não ia deixar nada acontecer com você. — ele a fez olhá-lo.

— E eu não vou.

— Eu sei! — disse ela com um sorriso trêmulo.

Seus olhos âmbar o olharam. Considerando que normalmente ele podia ver diretamente em sua alma, apesar do que ela tinha guardado para si.

— Por que você não vem comigo para o castelo? Eu sei que Glenna gostaria de vê-la.

— Eu prefiro não ir esta noite. Vou beber uma mistura de casca do salgueiro para ajudar a minha garganta.

Frang olhava com relutância. Ele poderia dizer que ela queria ficar sozinha e perguntou-se se ela se arrependia de partilha seu corpo com ele.

— Tudo bem! — disse ele enquanto caminhava para a porta.

Na porta, ele olhou para trás ao descobrir que ela havia se enrolado na cama. Antes que ele mudasse de idéia, saiu de sua câmara.

— Ela está bem? — Glenna perguntou.

— Eu acho que sim. — Respondeu Frang. — Está com dor de garganta, por falar todos os dias. Ela vai beber um pouco de suas ervas e descansar.

Glenna esfregou os braços com as mãos.

— Frang, ela não estava aqui à primeira vez que eu vim.

— Eu sei! — disse ao guiar-se para longe da porta de Kenna. Em torno deles havia alguns *Druidas* em preparação para o festival de *Beltane*, na noite seguinte.

— Algo não está certo! Ela não está bem. — disse ele. — Acho que ela estava nas cavernas, mas ela voltou para lá.

Glenna estremeceu.

— Você sabe como me sinto sobre as cavernas.

— Sim. Teremos que ser cuidadosos amanhã à noite. Tenho a sensação de Wallace vai atacar em seguida.

Os olhos Glenna estalaram em apreensão.

— Estarei pronta para ele!

— Diga a Conall. Tenho algumas preparações a fazer. Vou vê-lo amanhã de

manhã, ao amanhecer.

Ele esperou até que Glenna tivesse ido, antes de silenciosamente sair do círculo de pedra e ir para a floresta, onde os seus guerreiros *Druida* esperavam.

— Vocês o encontram?

— Sim. — respondeu o mais alto. Brock era o nome dele. — Ele está no lado leste da floresta, perto da fronteira MacInnes. Ele e seus homens não se escondam bem, então você deve ser capaz de encontrá-los.

— Bom... — Frang disse. — Quantos homens estão com ele?

Sampson adiantou.

— Vinte, mas ouvimos falar que mais iriam chegar até amanhã à tarde.

— Ele está usando mágica! — Frang murmurou. — Você ouviu quantos chegariam?

— Não. — respondeu Brock. — *Laird* Wallace, quase sempre está sozinho, de frente para castelo MacInnes. Podíamos facilmente tê-lo matado.

— Eu quero esse privilégio! — Frang disse-lhes. — Não podemos permitir que eles ataquem. Embora eles falem dos pontos de ataque e tudo para o amanhã, não posso deixar de pensar que ele vai fazer alguma coisa antes disso.

— E se ele não fizer? — Sampson sugeriu.

Frang beliscou a ponte do nariz com o polegar e o indicador.

— Merda! Essa é uma possibilidade concreta. Os homens de Conall estão no alto das árvores como olheiros, mas eu preciso de guerreiros como os *Druidas*, para podermos poupar a fronteira.

— Quanta magia ele tem? — Brock perguntou.

— Eu não tenho certeza. Pode não ser nada ou pode ser maior do que nós temos esperado. Eu não quero dar a chance dele usar qualquer coisa sobre o clã e os *Druidas*. Tenho trabalhado muito para manter todos seguros para que eles sejam destruídos agora.

Ele olhou para os dois guerreiros *Druidas*, ambos treinados pelo Dartayous, o maior *Druida* Guerreiro.

— Conall nunca vai te perdoar se você ir sem ele! — disse Sampson.

Frang assentiu.

— Ele vai ter que superar isso. Eu não posso correr nenhum risco.

— Quantos de nós você precisa? — Brock perguntou.

— Nenhum. Vou sozinho. — ele levantou a mão quando Brock teria interrompido. — Eu não estou sem poderes.

— Nós sabemos! — disse Sampson. — Mas você é o *Sumo Sacerdote*.

— Era! — Frang corrigiu.

Brock balançou a cabeça.

— Você ainda é! Pense no que irá acontecer se Wallace capturá-lo.

— Ou te matar! — acrescentou Sampaio.

Frang suspirou. Ele preferia fazer sua obra sozinho, mas os guerreiros tinham um ponto.

— Todos a direita. Sairemos à meia-noite.



Wallace esfregou as mãos de contentamento. Tinha sido tão fácil encontra-se com Kenna. Ele teve um momento de pânico, pensando que o feitiço não iria funcionar, mas tinha. Kenna acreditava que era realmente ele parado na frente dela. Ele riu. Toda sua vida ele tinha ouvido boatos de quão poderosos eram os *Druidas*, mas pelo que ele tinha visto até então, tinha mais poder em seu dedo mindinho do que seu grupo inteiro.

Sim, tendo Kenna e o livro ia ser tão fácil. E uma vez que ele tivesse Kenna, matar Frang demandaria pouco esforço.

Ele procurou na sua memória um feitiço que ele nunca tinha pensado que poderia usar. Uma magia que era tão poderosa, quanto assustadora. Agora, ao

que parecia, ele teria a chance de usá-la.

Capítulo Vinte e Sete

Frang encontrou Brock e Sampson à meia-noite e seguiu até Wallace e seus homens. Eles foram a pé, em vez de usar cavalos, mas teria sido mais rápido. Frang queria o sigilo de todos.

Quando chegaram ao acampamento, viu como seria fácil para eles matarem todos. Não havia guardas vigiando e Wallace estava separado do grupo.

Assim como Brock avançou, Frang estendeu a mão e parou. Ele olhou para o guerreiro.

— Está muito fácil.

— O quê? — Sampson perguntou. — Eles são preguiçosos e confiantes.

Frang sentou-se e estudou o campo.

— Não! Ele está usando magia.

— Como podemos ter certeza?

Frang olhou em volta e apontou para um coelho que estava se aproximando de seu acampamento.

— Vigia-lo.

Eles viram como o coelho andava, mas cada vez que chegava perto de um grupo de árvores, rapidamente o ambiente se convertia em uma ilusão diferente.

— Merda! — Sampson murmurou.

Brock estreitou o olhar no acampamento.

— Então, não podemos alcançá-los!

Frang balançou a cabeça.

— Deve haver uma maneira de entrar. Eu não posso estar tão perto e incapaz de fazer algo!

Brock esfregou o queixo, pensativo.

— De onde ele está recebendo a sua magia?

Frang detestava mentir para ele, mas poucas pessoas sabiam bem sobre o livro.

— Eu não sei.

— Se ele está protegendo seu acampamento, ele é mais poderoso do que eu pensava. — Disse Sampson pesarosamente.

Frang fez o sinal para eles fossem embora. Depois que estavam a uma distância segura, ele se virou para os homens.

— Nós vamos ter que voltar amanhã à noite. Talvez quando os seus novos homens chegarem, eles irão baixar a magia que os protege.

— Então, vamos atacar! — Disse Sampson, com um sorriso.

Frang assentiu.

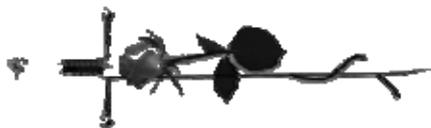
— Então nós atacaremos!

— Amanhã a noite será *Beltane*. — Brock lembrou-os. — Você tem deveres.

— Sim. — Disse Frang. — Vou fazê-los e concluí-los antes da meia-noite. Todos os outros estarão ocupados, então nós vamos poder passar despercebidos.

— Até lá! — Ao dizer isso, os guerreiros dispersaram-se pela noite.

Cabisbaixo, Frang fez seu caminho de volta para vigiar o acampamento. Wallace tinha que ter uma fraqueza. Ele a descobriria.



Foi bem depois da meia noite quando Kenna se levantou e retraino o fogo. Depois de fugir pela porta para se certificar de que não seria perturbada, puxou o Livro de Magia para si.

Por um momento, ela simplesmente olhou para o belo livro. Seu dedo traçou

o trabalho do nó ao longo das bordas. A pedra negra, com um centro vermelho no meio do livro estava fria ao toque, como se esperasse para voltar à vida. Ela chegou a abrir o livro, mas hesitou. Mordeu o lábio inferior enquanto pensava sobre o que Brigit tinha dito do livro. Era muito poderoso e tinha feitiços que poderiam alterar o curso do tempo.

Mas Brigit tinha dito também que toda vez que alguém usava um feitiço, um pedaço de sua alma morria. Era uma ação viciante, tinham-na avisado. Homens assassinaram pelo o livro, mataram suas próprias famílias para consegui-lo.

Kenna gostava de pensar que era mais forte do que isso, mas mais provavelmente todos que tiveram a posse do livro tiveram o mesmo pensamento.

A imagem de Frang se formou em sua mente. Ele tinha sido tão gentil e amoroso com ela quando tirou sua inocência. Ela não tinha perdido o olhar de pura felicidade, quando ele tinha esvaziado sua semente dentro dela.

Pensou nos *Druidas*, em Conall e em seu clã. Toda a proteção necessária contra Wallace, pois ela sabia, sem dúvida, que ele não iria parar antes de destruí-los, se ela não desse a si mesma e o livro a ele até meia-noite de amanhã.

Beltane.

Era para ser seu primeiro *Beltane* como uma *Druida* e ela olhou para frente para ver a festa. Como queria participar! Malina tinha dito a ela que iria ver um *Fae*.

Mas poderia ser tarde demais. Wallace ameaçava de morte a todos, se ela não fosse amanhã à noite. Mas e se ela fosse até ele? E se ela ficasse sem o livro, mas com uma magia que poderia impedi-lo de abri-lo?

Um sorriso apareceu nos lábios Kenna. Era sua única opção. Ela sabia que se fosse com Wallace, Frang viria por dela e era exatamente o que Wallace queria. O pensamento de Frang ferido ou morto embrulhou seu estômago.

Ele significa muito para que ela permita que algo aconteça.

Além disso, os *Druidas* precisavam dele como seu *Sumo Sacerdote*. Ele tinha feito um voto a ela para protegê-la, mas ela não podia permitir que ele mantivesse essa promessa. Se ela não conseguisse matar Wallace, como planejou, precisava ter certeza de que Frang nunca viria por ela.

Com uma respiração profunda, Kenna abriu o livro. Em letras grandes e em negrito na primeira página leu:

“O Livro da Magia

Leia por sua própria conta e risco!”

Kenna estremeceu e virou para a próxima página que continha uma magia de invocação. Página a página, ela leu buscando o feitiço que iria responder todas as suas orações.

O sol estava coroando o horizonte, quando ela finalmente encontrou o que queria. Mais e mais ela leu o feitiço memorizando cada linha até que ela poderia repeti-lo sem esquecer uma palavra.

Ela fechou o livro e escondeu-o novamente. Só então ela se aprontou para enfrentar o dia e Frang, pois sabia que ele viria novamente. Ela tinha mentido na noite anterior e ele tinha deixado passar.

Quantas mentiras mais ele iria deixá-la falar, antes de perceber a sua intenção? Ela rezou para que fosse bem sucedida com sua tarefa com Wallace. Então, ela pediria perdão por usar o livro. Tocou a adaga que usava sob as saias. Se o feitiço falhasse, ela usaria o punhal como Frang lhe havia ensinado. Ela não iria falhar. Ela não poderia falhar.



Até o momento, Frang não saíra do círculo de pedra, o sol havia

despontado. Esgotamento puxou para ele, mas se recusou a partir. Havia muita coisa em jogo para ele adormecer agora.

Tinha planejado tirar uma soneca rápida por uma ou duas horas esta manhã, quando ninguém iria sentir falta dele. Os preparativos já estavam em andamento para a grande festa. Um sentimento sensual já tinha ultrapassado o *Glen*. Foi sempre assim em *Beltane* e Frang tinha se juntado no acoplamento ao longo dos anos, como fizeram quase todos os *Druídas*.

Só o pensamento de estar com Kenna novamente o deixava dolorido e rígido. Um gosto dela não tinha sido suficiente. Ele queria, ou melhor, necessitava-a novamente.

Sua mente estava tão preocupada, que ele ficou surpreso ao descobrir Conall em seu quarto. Frang parou na porta antes de fechá-la e continuar pela câmara espaçosa esculpida nas rochas.

Sua cama grande se colocou contra a parede mais distante coberta de material verde e preto. Ele olhou para Conall que se sentou no banco ao pé da cama, com os cotovelos sobre os joelhos.

— O que o traz aqui, Conall? — Frang perguntou, quando ele caminhou até uma pequena mesa perto do canto direito, onde havia uma bacia e um jarro de água. Ele despejou a água no vaso e a espirrou no rosto.

Poucas pessoas vinham no interior de seus aposentos e o fato de Conall não esperar por ele, revelava que seu plano talvez tivesse sido descoberto.

— Você sabe o que me traz aqui? — disse o *Laird* suavemente.

Frang secou seu rosto e virou-se para Conall. A raiva falada em um tom suave. Frang inclinou seu quadril contra a mesa e cruzou os braços sobre o peito.

— Temo que não.

Conall endireitou.

— Você ficou acordado a noite toda.

— Desde quando eu respondo para você?

— Você não, porra! — Conall se levantou e passou a mão pelo seu cabelo quando ele virou as costas para Frang.

Por vários momentos, Frang observou seu amigo. Finalmente, ele baixou os braços e se acomodou na cama.

— Eu não posso te ajudar se eu não sei o que te incomoda.

Conall voltou para Frang.

— Você pode ter mudado desde o seu retorno, mas há uma coisa que nunca mudou em você, você nunca voltará atrás em sua palavra.

— Não!

— Você tem muito medo de Wallace para planejar um ataque contra ele!

Frang piscou incapaz de acreditar que Conall sabia de seus planos.

— O que faz você pensar que eu faria algo tão estúpido?

— É o que eu faria!

Frang suspirou.

— Teria sido melhor se você pensasse o contrário.

— Por quê? Então, você poderia ser morto?

Frang afundou em sua cama e encostou-se à cabeceira.

— Ele é poderoso, Conall. Muito poderoso! Fui para o acampamento na noite passada para atacar, mas ele tem um escudo de algum tipo onde nada pode entrar.

A mandíbula de Conall afrouxou.

— Ele não pode ser mais poderoso do que você!

— Eu não sei! — admitiu Frang. — Eu não testei meus poderes contra ele e eu não gostaria de fazer isso. Preferia tê-lo matado ontem à noite, para salvar a todos dos problemas de um ataque.

— Qual é o seu plano agora?

— Ele tem mais homens que chegam esta tarde. Fiquei perto de seu acampamento a noite toda tentando encontrar a sua fraqueza.

Conall iluminou.

— Você achou?

— Parece que ele tem duas fraquezas.

— Isso é melhor para nós. — Conall disse com um sorriso. — Nós vamos usar as fraquezas contra ele. Quais são eles?

— Kenna e o *Livro de Magia*.

O sorriso sumiu do rosto de Conall.

— Merda!

— Exatamente! — disse Frang e deixou cair à cabeça para trás para descansar na cabeceira da cama. — Nada foi dito, mas tenho a sensação de que ele vai atacar esta noite.

— Hoje, por quê?

Frang levantou a cabeça.

— Ele sabe que há Druidas aqui.

Conall soltou um suspiro e se apoiou contra a parede.

— Nossa melhor defesa é atacar primeiro, antes de seus homens chegarem.

— Você nunca vai conseguir atravessar o seu escudo!

— E se nós conseguirmos?

Frang balançou a cabeça.

— Ele não vai desistir dela.

— O que você quer dizer? Devemos usar Kenna como isca?

Ele apertou sua mandíbula.

— Não. Eu não a quero perto dele!

Conall olhou para ele um momento antes de balançar seus ombros.

— Pode ser a nossa única chance.

— Glenna e eu deveríamos ser capazes de lidar com Wallace.

— Talvez eu devesse ter convocado Fiona e Moira. As três irmãs combinando a magia seria uma coisa poderosa.

Frang riu.

— Isso é, mas não há tempo!

— Você tem um plano, então?

— Eu acho.

Conall apoiou um ombro contra a parede.

— E eu suponho que este plano não envolve Kenna?

— Você se lembra quando MacNeil veio aqui por Glenna? Você se lembra do medo que você sentiu quando pensou que sua esposa poderia ser tirada de você?

— Eu nunca vou esquecer.

— Então você vai entender porque eu preciso manter Kenna segura. Dei meu voto a ela que Wallace nunca iria machucá-la novamente. Eu não posso voltar atrás na promessa. Não vou voltar atrás na promessa!

Conall assentiu.

— Eu confio em você, Frang. Então, qual é o plano?

Frang sorriu e se inclinou para frente quando começou a explicar a sua complexa estratégia.

Capítulo Vinte e Oito

O dia passou rápido demais para Kenna. Ela esteve com outros *Druidas* se preparando para a grande festa de *Beltane*, o que ocupou o seu dia inteiro. A alegria que percorria a terra de MacInnes só foi ofuscada pela vibração sensual que parecia envolver a todos. Kenna tinha ouvido falar de *Beltane* por Brigit e ela estava ansiosa para experimentar em primeira mão.

O olhar dela mudou para o céu para encontrar o sol passando do seu apogeu. Ela respirou fundo e dirigiu a magia novamente em sua cabeça. Toda vez que pensava em enfrentar Wallace suas palmas das mãos começavam a suar e seu estômago caía a seus pés.

— Vem, Kenna! — Malina chamou ao correr em direção ao lago.

Kenna apanhou as saias e correu depois de sua nova amiga, Malina.

— O que você está fazendo?

— A preparação para esta noite! — ela disse quando pegou a mão de Kenna e puxou-a mais rápida até a poça rochosa da montanha para o lago.

Kenna perdeu o equilíbrio e caiu, mas com a ajuda de Malina conseguiu pegar a si mesma.

— Cuidado! — Malina disse. — Você não gostaria de estar machucada essa noite.

— O que acontece exatamente? — Kenna perguntou.

Malina sorriu melancolicamente quando chegou à beira do lago e começou a despir-se.

— É bonito e mágico, Kenna! O véu entre nosso mundo e o Reino da *Fae* é tão fino que os *Fae* podem atravessar. A mágica do fogo está acesa e há muita dança e folia.

— Soa bonito! — Kenna de alguma forma sabia que havia mais do que isso,

mas ela não pediu maiores explicações. Tirou seu vestido e jogou-o no chão.

Malina riu e pegou a mão dela puxando-a para dentro da água.

— Venha e vou prepará-la!

— Preparar-me? — Kenna ecoou como a água rodeava. Ela afundou sob as águas e nadou antes que ela aparecesse. — Agora me diga o que você entende por preparar?

Malina recostou-se para molhar a cabeça, empurrando para cima os seios. Ela limpou a água do seu rosto, enquanto se endireitou e afundado na água até chegar a seu pescoço.

— Se você for sortuda, um *Fae* irá escolher você essa noite!

— Escolha-me para quê?

— Para fazer amor! — Malina disse com uma risadinha. — No *Beltane* passado, eu passei a noite mais gloriosa da minha vida com um *Fae*. Eu nunca fui amada assim antes e acho que nunca voltarei.

— Você acha que ele vai encontrá-la novamente esta noite?

Malina encolheu os ombros.

— Isso não importa. Você não encontrou um *Fae* ainda, então você não sabe!

— Não sei o que?

— Como eles são sensuais. Basta olhá-los e a maioria das mulheres querem levá-los lá.

Kenna mordeu o lábio pelas imagens que Malina lhe deu.

— E se você não quiser ir para a cama com um *Fae*?

Malina olhou para ela como se lhe tivesse crescido uma barbatana.

— Quem não gostaria de ter um *Fae*? Além disso, está na sua composição o lado sensual deles. Não podemos ignorá-los. É uma das razões pelas quais você não vê os *Fae* entre nós.

— Eu vejo!

Malina jogou uma barra de sabão em Kenna, espirrando no rosto. Kenna

pegou o sabonete e começou a banhar-se, sua mente em Frang e se ele encontrar uma *Fae* para se juntar com ele essa noite.

Ela não gostava do ciúme que brotava dentro dela, embora tentasse dizer a si mesma que não tinha o direito. Uma noite não o fazia dela.

“Mas você o quer!”

Oh, sim, ela certamente queria. Mesmo agora, seu olhar procurou por ele, na esperança de um vislumbre de sua manta ou cabelos escuros e olhos azuis brilhantes.

Mas Kenna e Malina não eram as únicas se preparando para o *Beltane*. O lago foi logo se enchendo igualmente de *Druidas* e membros do clã, cada um ansioso pela chegada da noite.

Kenna terminou de enxaguar o cabelo e viu como Malina saiu da água como se ela caminhasse nua o tempo todo. Kenna olhou ao redor, mas descobriu que ninguém estava prestando atenção em Malina.

— Está tudo certo! — disse Malina quando fez um sinal para Kenna segui-la.

Kenna mudou-se para águas rasas e torcia os cabelos antes de levantar-se e caminhar para fora da água. Ela tentou não correr para seu vestido, mas não queria andar. Ela tinha acabado de pegar o seu vestido e segurou-o contra o seu corpo quando um arrepio de um olhar inclinou sobre ela.

Seus olhos vistoriaram à sua volta, antes de encarar o castelo. No topo da colina com vista para o lago estava Frang. Olhando para ela.

Ela levantou a mão em uma silenciosa saudação e sorriu quando ele voltou sua saudação. Ela começou a mover-se em direção a ele quando Malina pegou seu braço.

— Nós não acabamos! — disse ela, puxando Kenna.

Kenna olhou para trás apenas para descobrir que Frang tinha desaparecido. Relutante, ela foi com Malina, mas seus pensamentos estavam em Frang e como ela poderia encontrá-lo sozinha antes de um *Fae* encontrá-la.



Frang amaldiçoou quando se virou nos calcanhares e afastou-se do lago. Ele não sabia o que o trouxe para o lago, mas uma vez que avistou Kenna, não tinha sido capaz de se rebelar.

Ela era fácil de encontrar, com seu cabelo vermelho escuro, que parecia fogo na água. E quando ela saiu do lago para andar nua até suas roupas, ele tinha sido feliz em ter um vislumbre de seu corpo flexível.

Mas essa visão só tinha aumentado sua fome, se isso era possível. Não demorou muito para lembrá-lo do amor que tinham partilhado. Os beijos, as carícias, a entrega completa e total de ambas as partes.

Ele franziu a testa e continuou nas pedras. Era hora de ele próprio arrumar-se para a comemoração. Uma vez dentro de seu quarto, ele olhou para as vestes brancas sobre a cama. Desde que ele havia se tornado um *Sumo Sacerdote* usava as vestes brancas. Nunca teve uma vez que ele não considerasse usá-las. Até agora.

Quanto tempo ele olhou para o vestuário, não sabia. Até agora, todos aceitaram que ele havia retornado muito mais jovem do que quando ele saiu. Poucos haviam interrogado, já que todas as suspeitas que tinha algo a ver com o *Fae*.

Mas ele poderia enfrentá-los todos, sem as vestes? E ele queria?

Ele ainda era, Frang o *Druida* e *Sumo Sacerdote*, mas ele não era o mesmo homem que vivia dentro do círculo de pedra por 300 anos. O guerreiro nele tinha sido liberado e não queria ser posto de lado.

Especialmente quando Kenna estava em perigo.

“Conall e os Guerreiros Druidas podem facilmente protegê-la. Porque você é tão inflexível quanto a fazê-lo?”

Frang apertou sua mandíbula enquanto lutava para responder à sua própria

pergunta. Por que ele estava tão decidido a ter certeza que era o único a proteger Kenna? Não foi apenas sobre o seu voto, de que muito tinha a certeza.

Mas o verdadeiro motivo? Ele não tinha certeza de que pudesse responder isso. Ou queria.

Tanto quanto ele queria se debruçar sobre seus sentimentos por Kenna, ele não podia. Não havia tempo. Já sentiu a atração da *Nemeton* sobre ele. Ele pegou o manto branco de sua cama e às pressas puxou-os sobre o seu tartan.

Ele era ao mesmo tempo guerreiro e *Sumo Sacerdote*. Ele usaria as vestes e seu tartan. Seu olhar mudou-se para a espada que descansava perto da porta. Embora ele desejasse usá-la, caso precisasse, optou por deixá-la por enquanto. Não haveria tempo suficiente para obtê-la antes de sair para caçar Wallace.

Frang deixou seus aposentos e se pôs no meio do círculo de pedras. Para quem procura dentro do círculo interno, este era estéril e vazio. Só os que realmente acreditavam podiam ver através da superfície.

Era mágico, dentro as pedras trazidas à vida pelos *Fae* que concedeu aos *Druídas* sua casa e segurança. Foi à magia que lhes deu as câmaras.

Ele colocou a mão em uma das pedras que atingiu alto no céu. Fechou os olhos com a magia pulsante em sua mão. Ela formigava aquecida pela magia reunida, que penetrava em seu corpo.

Quando ele tirou a mão, abriu os olhos e observou a palma da mão. Ele ainda podia sentir a magia em movimento dentro dele e se perguntava se era assim que os *Fae* sentiam em seu reino onde a magia existe em tudo.

Por cinco anos ele viveu sem a magia, que era tão evidente aqui. Ia ser muito difícil deixar isso para trás novamente.

As sombras em torno dele se alongaram. O levaram a mover os olhos para o céu para encontrar todos os sóis, mas foi ao longo do horizonte.

Já era tempo.

Capítulo Vinte e Nove

Glenna olhou para a terra. O chamado para reunir os *Druidas* no *Nementon* era forte e ela não podia ignorá-lo por muito tempo.

— Pronto, meu amor?

Ela virou-se para encontrar Conall na porta de seu quarto, um sorriso maroto no rosto bonito. Tinha sido em um *Beltane*, há cinco anos que havia feito os dois perceberem a paixão entre eles, sem poder negar o sentimento. Foi um momento especial para ambos e a cada ano, eles comemoravam o dia ao máximo.

— Eu sou sua! — respondeu ela e caminhou em sua direção.

Quando ela chegou, ele pegou a mão dela e ela parou.

— O que a incomoda?

— Frang. Preocupa-me que, apesar do que ele disse, ele vai fazer alguma coisa sozinho!

Conall levou-a para fora da câmara e pelo corredor.

— Preocupo-me com Frang tanto quanto com Kenna.

— Kenna? — ela não tinha pensado muito sobre Kenna fazer outra coisa senão se esconder. — Ela é muito temerosa por Wallace. Eu não posso vê-la fazendo qualquer coisa que possa pô-la em perigo.

Conall sorriu pesarosamente.

— Você esquece um fato importante, minha querida esposa. Ela cuida de Frang!

— Ela faz, mas o suficiente para arriscar a própria vida?

Ele deu de ombros.

— Eu não posso responder a isso.

Glenna suspirou alto, enquanto desciam as escadas.

— Tanto Frang quanto Kenna estão dispostos a arriscar suas vidas um pelo

outro. Você acha que eles sabem o quão profundamente seus sentimentos são?

— Não! — Conall disse enquanto a levou para fora do castelo até o pátio. — Frang me disse que ele fez uma promessa para ela e que protegeria os *Druidas*, mas até mesmo eu posso ver que ele o faz unicamente por Kenna.

— Espero que ele não espere muito tempo para realizá-lo. — disse Glenna quando eles entraram nas cavernas. — Você pensaria que após todo esse tempo eu não continuaria a tremer cada vez que eu entrar nessas cavernas.

Conall riu.

— Eu tenho a minha espada e posso facilmente matar as aranhas que ousam se aventurar perto de você.

— Graças aos santos! — ela sussurrou, enquanto seu olhar se lançou a procura de quaisquer criaturas de oito patas que pudessem correr para ela.

No momento em que chegaram à floresta, Glenna começou a se sentir doente. Ela colocou a mão sobre o estômago e sorriu. Ela tinha um segredo que ela iria compartilhar com Conall esta noite, um segredo que ela vinha levando há várias semanas.

Ela parou perto de uma árvore e ficou descansando. Conall foi imediatamente ao seu lado, seu rosto enrugado de preocupação.

— Glenna? Você não está se sentindo bem?

Ela sorriu ao seu olhar de prata.

— Eu só estou um pouco cansada!

— Você não tem dormido bem? Você teve mais visões e não me contou?

— Te conto tudo! — ela riu e tentou se afastar, mas Conall a abraçou.

— Você não irá a lugar nenhum até que me diga o que está errado. Eu te conheço muito bem, meu amor, para você me dizer que nada está errado e esperar que eu acredite!

— Eu estou cansada, isso é tudo. — ela mentiu.

Seu rosto estava definido com linhas duras quando ele olhou com atenção

seu rosto.

— Glenna!

— Você é impossível! — ela sussurrou. — Eu estava indo para surpreendê-lo mais tarde, mas já que você tem que saber agora, eu estou carregando nosso filho.

Seu rosto congelou de surpresa.

— Você tem certeza?

— Sim!

Esmagou-a contra si e a balançou ao seu redor, enchendo de beijos seu rosto.

Quando finalmente a colocou no chão, o mundo ainda estava girando.

— Percebi que você está feliz!

— Você sabe que eu estou. — ele disse, quando inclinou e beijou-a. — Obrigado!

Ele pegou a mão dela rindo.

— Vem. Eu quero compartilhar esta notícia com todos.

Frang ficou um pouco mais de tempo parado depois que Conall e Glenna tinham seguido pelo caminho. Ele estava muito feliz por eles, mas também descobriu que estava triste. Triste porque ele nunca soube, até aquele momento, que queria compartilhar esse tipo de alegria com alguém.

O amor que mostravam em seus olhos o espantava cada vez que o via. Foi o mesmo com Fiona e Gregor, bem como Moira e Dartayous.

Ele começou a se perguntar se já se sentiu assim sobre uma mulher e com esse pensamento a imagem de Kenna brilhou em sua mente.

Frang empurrou esse pensamento de sua mente e passou para a *Nemeton*. Ele tinha acabado de entrar na clareira e caminhou até ficar atrás da enorme pilha de madeira no alto do monte, quando sentiu o deslocamento de ar em torno dele.

Ele olhou por cima do ombro para encontrar Rufina e Theron atrás dele. Ele

cumprimentou o rei e rainha *Fae*, antes de se virar para o fogo. Ele ergueu as mãos sobre a madeira, enquanto a multidão silenciava. Com apenas um pensamento, o monte foi envolvido em chamas.

Através das chamas crepitantes, ele avistou um rosto na multidão de *Druidas*, um rosto que o perseguia noite e dia. Kenna. Ela estava deslumbrante com seus cabelos vermelhos soltos e fluindo sobre seus ombros e costas. O cabelo em suas têmporas tinham sido puxado para fora do rosto e mantido no lugar por pequenas flores brancas.

Ele viu quando ela movimentou-se através das pessoas, seu vestido creme substituído pelos trajes simples de uma *Sacerdotisa Druida*. Ela emitia um azul pálido, sinalizando um curador.

Por sua própria iniciativa, moveu seus pés na direção dela. A necessidade de estar perto dela, para segurá-la em seus braços era esmagadora. Seus olhares capturados e mantidos quando ela parou e olhou para ele.

Algo segurou seu braço. Frang puxou para segurar Kenna, mas a mão se recusou a deixá-lo ir.

Com um grunhido Frang voltou para quem se atreveu a detê-lo, sua mão sobre o punhal na cintura, só para descobrir Aimery olhando para ele com uma sobrancelha levantada.

— Você planeja usar essa arma em mim? — o comandante *Fae* falou.

Frang respirou firme e moveu a mão distante do punhal. Seu olhar mudou-se para Theron e Rufina para encontrá-los a observá-lo também.

Com uma maldição Frang percebeu onde estava e o que ele deveria estar fazendo. Aimery não queria impedi-lo de estar com Kenna, ele estava lembrando Frang que tinha funções como *Sumo Sacerdote*.

— A noite é uma criança! Haverá tempo de sobra para que você possa encontrá-la novamente. — Aimery sussurrou antes de se mudar de volta ao lado de seu rei e rainha.

Frang novamente tomou o seu lugar no centro, atrás do fogo e enfrentou os

Druidas e outros que vieram alegrar-se no *Beltane*¹⁵.

— Mais uma vez comemoramos o retorno do sol. — disse ele, levantando a sua voz para ser ouvido sobre o fogo. — Esta é a noite em que o véu entre nosso mundo e o Reino dos *Fae* são finos, uma noite quando os *Fae* andam entre nós.

Rufina e Theron se moveram para o seu lado. Frang encontrou Kenna com o olhar.

— Confraternizemo-nos com os *Faes* e os presentes. Celebrem!

Assim quando a última palavra saiu de sua boca as faíscas voaram do fogo e os *Fae* começaram a aparecer. A maioria já estava nua, enquanto outros ainda usavam as roupas de seu reino, apesar de não permanecer por muito tempo.

Êxtase pendurado no ar, quando os casais começaram a se mover juntos. No entanto, Frang nunca deixou de olhar para Kenna. Seus olhos se arregalaram com a aparência dos *Fae*. Sua curiosidade era alta e era evidente que ela desejava falar com um.

O Rei Theron virou-se para Frang, exigindo sua atenção.

— Eu nunca vi você vestido com uma manta antes.

Frang imediatamente se ofendeu.

— Eu ainda uso as roupas de *Sumo Sacerdote*, mas não vou negar que eu também sou um guerreiro!

Uma mão suave tocou o braço dele e ele virou a cabeça para olhar para Rufina.

— Não nos importa o que você veste Frang. Theron está simplesmente



15

curioso.

— Perdoe-me. — disse Frang e apertou as mãos na frente dele. Ele tinha que manter o controle de si mesmo.

— Não há nada a perdoar! — disse Theron. — Fico feliz em ver que você voltou.

— Não era sua intenção que eu fosse embora? — Frang perguntou. — Não fazia parte da estipulação da maldição? — ele olhou para Aimery que os observava atentamente.

Theron suspirou.

— Frang...

— Isso não importa mais! — Frang interrompeu. — Rufina me disse por que eu estava amaldiçoado.

— Ela fez? — Aimery perguntou quando ele se aproximou. — Então você sabe tudo?

Frang assentiu.

— Eu sei o que era necessário e, em vez de me dizer, me amaldiçoou. Independentemente disso, o final foi o mesmo. Admito que o que eles fizeram, eles fizeram por nós.

Aimery sorriu.

— Eu queria dizer a você por um longo tempo!

— Obrigado! — disse Frang. Olhou para encontrar um *Fae* conversando com Kenna e todo o seu controle extinguiu-se.

Aimery cruzou os braços sobre o peito enquanto olhava de Frang para Kenna.

— Você acha que ele sabe?

Rufina riu.

— Você quer dizer se ele sabe que está apaixonado por ela? Não, ainda não. Mas ele vai. — disse ela.

Theron deu uma risadinha.

— É uma boa noite! Glenna contou a Conall sobre a gravidez e Frang encontrou o amor.

— Isso é maravilhoso! — disse Rufina com a notícia de Glenna. — Eu sei como ela queria desesperadamente um filho.

Mas Aimery não estava pronto para comemorar.

— Kenna ainda tem o *Livro de Magia*.

O sorriso de Rufina desvaneceu-se.

— Tenha fé em Frang, Aimery! Ele vai tomar a decisão certa.

— Não é dele que eu tenho medo, minha rainha. — disse ele. — O problema é a situação como um todo.

A mão de Theron veio para descansar no ombro de Aimery.

— Nós não podemos interferir.

— Eu sei.

— Mas ninguém disse que não poderia assistir.

Aimery sorriu.

— Meu rei, você é extremamente sábio!

Rufina pigarreou.

— Sábio? Por que você diz que ele que teve a ideia?

Aimery se inclinou e beijou a mão da rainha.

— Eu sou sempre o teu servo! — disse ele antes de mudar para a floresta.

Theron respirou fundo e se virou para a esposa.

— Mais uma vez, o destino do vale está na balança.

— Tudo vai ficar bem! — ela disse ao encostar a cabeça na dele. — Sinto em meus ossos.

— Eu rezo para que você esteja certa!



Kenna nunca tinha visto alguém parecer tão poderoso ou bonito como Frang quando começou a cerimônia. Ele comandou os *Druidas* com apenas um olhar, o seu tom profundo e suave quando chamou os *Fae* a brotarem da terra.

Malina tinha se inclinado e explicou que o homem e a mulher em cada lado de Frang eram o rei e a rainha *Fae*. Antes de Kenna ter tempo de registrar o pensamento, *Faes* começaram a preencher a área. Graciosos, com belos corpos nus para que todos pudessem ver.

Ela olhou com espanto como os *Faes* escolheram seus companheiros humanos para a noite, às vezes sem palavras, antes que desaparecessem na floresta.

Kenna estava tentando decidir se abordava Frang ou não, quando ela sentiu algo ao seu redor, como se um manto de desejo tivesse sido colocado sobre ela.

“Kenna!”

Ela olhou para a esquerda e viu um magnífico *Fae* caminhando em sua direção. Ele era mais bonito do que palavras podem descrever com seu redemoinho de olhos azuis, cabelos louros, em forma e altura. Ele não era tão musculoso como Frang, mas havia força nele mesmo assim.

O olhar dela moveu-se sobre seu corpo nu e seu pênis grosso, que endureceu diante de seus olhos. Ela engasgou quando ele veio para ficar a respirações dela.

“Toque-me!”

Ela piscou e olhou em seus olhos.

— Pare de falar em minha cabeça.

“Por quê? É o que fazemos. Pare de negar o desejo que você tem por mim. Pegue a minha mão e vou mostrar-lhe uma noite que nunca irá esquecer, cheia de prazer e êxtase!”

Kenna olhou para baixo para encontrar a mão do *Fae* estendida e esperando por ela. Sua mão levantada, como se ela não tivesse mais controle sobre seu

corpo.

De repente, o olhar do *Fae* moveu-se sobre ela, e Kenna ouviu alguém aproximar-se.

— Liberte-a, Daryn.

Kenna olhou por cima do ombro para encontrar Frang.

— Sou eu que ela quer! — Daryn disse suavemente.

Frang balançou a cabeça.

— Você está usando o seu fascínio. Deixe-a tomar sua própria decisão.

— O que ela é para você? — Daryn perguntou pronto para desistir.

Kenna olhou para trás e para frente, entre os dois homens. Ela queria ir para Frang, mas seu corpo se recusou a ouvir. Era como se o *Fae* tivesse controle sobre ela.

— Kenna... — disse Frang e delicadamente a virou para ele. — Pegue minha mão e venha comigo.

Ela expeliu uma respiração forçada e uma lufada veio de Daryn, por trás dela, moldado seu corpo ao dela.

— Sim, Kenna! — Daryn sussurrou em seu ouvido. — Diga a ele quem é que você realmente quer.

O mundo girou em torno de Kenna e o corpo dela começou a latejar de desejo. As mãos de Daryn acariciavam suas costas e os braços, quando ele apertou seu pênis contra ela.

— Kenna! — disse Frang e colocou suas mãos em ambos os lados de seu rosto. — Eu nunca quis uma mulher mais do que eu quero você. Se você quiser Daryn, eu vou deixá-la. Você só tem de dizer a palavra.

Ela se focou nos belos olhos de céu azul de Frang que sorriu para ela. Sabia o que era que ela queria.

— Você. Eu quero você!

Assim que as palavras saíram de sua boca, Daryn se afastou dela, ainda com o desejo que sentia. Tudo o que ela conseguia pensar era no pênis de Frang

enterrando profundamente dentro dela novamente.

—Vem! — Ele disse e levou-a para fora da clareira para a floresta.

Kenna levantou as saias com a mão livre. Ela quase corria para acompanhar os passos largos dele. Ela ouviu uma risada familiar e avistou Malina desaparecendo com um homem que parecia um tanto familiar. Mas ela não pensaria duas vezes sobre a sua amiga, não quando ela estava com Frang mais uma vez.

Frang não andava lentamente, até que entrou no círculo de pedra. Ela começou a pensar que ele estava levando-a para seu quarto, quando de repente ele se virou e abriu a porta.

Ela fez uma pausa e olhou para ele antes de entrar. Ela ouviu a porta fechar suavemente por trás dela, mas o olhar dela estava tomando na sala. Sem dúvida ela sabia que Frang a levava para seu quarto.

— Eu nunca trouxe uma mulher aqui. — ele disse quando veio por trás dela e mexeu no seu cabelo, deixando-o longe de seu pescoço, antes de se abaixar e colocar a sua boca contra sua pele.

Kenna suspirou e inclinou-se contra ele.

— Por que você me trouxe?

Ele ergueu a cabeça, em seguida, virou para encará-lo.

— Eu gostaria de saber a resposta.

— Não importa! — disse ela com um sorriso. — Beije-me.

Assim que os lábios se encontraram, a necessidade que pulsava explodiu dentro dela. Ela ouviu tecido rasgando, enquanto ela e Frang tentavam tirar a roupa um do outro.

Ele quebrou o beijo apenas por tempo suficiente para tirar o punhal de suas botas, o sobretudo e, em seguida, sua boca estava mais uma vez na dela, beijando-a loucamente.

Kenna tirou o manto e deixou-o guiá-la para a cama enquanto suas mãos vagavam sobre as costas, os músculos se juntaram e movendo-se sob as

palmas das mãos. Seus seios doíam pelo seu toque, enquanto seu corpo buscou seu calor.

Ele ergueu-a e suavemente deitou na cama antes de passar por cima dela. Ela sorriu para ele quando se estabeleceu entre suas pernas. Ele moveu seu quadril contra o seu sexo enviando ondas de prazer por ela.

Ela gemeu e fechou os olhos quando ele repetiu o movimento, em seguida, inclinou-se e tomou um mamilo em sua boca. Sua mão se moveu em concha por seu sexo, os dedos adicionando um pouco de pressão em seu clitóris. Seu desejo subiu mais alto e seu corpo pulsava para o lançamento.

— Frang! — ela sussurrou enquanto movia seus quadris contra ele.

Ela ouviu sua ingestão aguda da respiração antes de se mover para baixo, a sua boca arrastando-se em beijos ao vale dos seus seios, então para baixo e através dos seus quadris.

Não foi até que ele empurrou as pernas abertas e sua boca mais larga pairou sobre seu sexo que ela percebeu o que ele pretendia fazer. Sua respiração presa em sua garganta enquanto assistia a cabeça mais baixa entre as pernas. Então, ela sentiu o movimento da língua sobre ela.

Ela respirou fundo e cavou seus dedos nos lençóis, prazer tão intenso em volta dela. Enquanto a língua de Frang rodou em torno de seu clitóris, suas mãos encontraram os mamilos dela e brincou com eles sem piedade.

Ele beliscou seus mamilos, esfregando o polegar para trás e para frente sobre eles tornando-os duros, os picos sensíveis que imploraram por mais de seu toque. Mas não foi nada comparado ao que sua língua estava fazendo com o sexo dela.

Sentiu construir o seu clímax com cada golpe de sua língua, mas pouco antes de ela atingiu seu pico, ele se levantou e beijou-a. Kenna colocou os braços ao redor dele enquanto ela provou-se em sua língua.

— Meu Deus! — Frang apoiou sua testa contra a dela e a olhou nos olhos.

— Eu não me canso de você!

— Bom, porque eu quero muito mais de você!

Ele sorriu, pouco antes de se levantar e virou-a em seu estômago. Inocente como ela estava nos caminhos de vida amorosa, ela confiou em Frang. Em vez de ter medo do que ele estava fazendo, ela encontrou-se curiosa e ansiosa por seu toque.

Ela suspirou satisfeita quando suas mãos começaram a vaguear sobre suas costas e nádegas. Sua carícia era leve, suave, mas cheia de uma promessa de prazer por vir.

Ele não deixou muito tempo para esperar quando lambeu do pescoço até abaixo de suas costas. Ela estremeceu e esperou por mais. Quando ele ergueu os quadris para cima até que ela repousava sobre os cotovelos, a emoção começou a tocar o tambor através dela.

Suas mãos massageavam seu traseiro enquanto esfregava sua vara na fenda entre suas bochechas. Só quando ela achou que ela aguentava mais, ele entrou devagar nela. Kenna gritou quando ele a empalou. Ela havia se esquecido de como ele era grosso, mas não demorou muito tempo para esticar e o acomodar.

Todo o tempo, ele ficou quieto. Quando ela tentou mover os quadris, ele agarrou e segurou-a.

— Não se mova. Eu gozarei agora se você fizer.

Ela não se importava. Tudo o que ela queria era a libertação, se sentia tão perto, se ele iria passar muito tempo dentro dela sem se mover enlouqueceria.

— Frang! — ela gritou o rosto enterrado nos lençóis.

Delicadamente, ele tirou só para empurrar duro dentro dela. Mais e mais ele se moveu, seu clímax crescendo cada vez mais. Ela foi quase até a borda.

— Kenna! — ela ouviu Frang chamar seu nome.

Ele batia furiosamente dentro dela, e então ela sentiu que ele se moveu até os dedos apertarem seu clitóris. Entre o polegar e o indicador, ele esfregou o broto minúsculo quando continuou a pressão.

Com o orgasmo lavando através dela, ouviu Frang chamar seu nome quando sua semente encheu o seu corpo.

Capítulo Trinta

Frang não conseguia respirar, não podia se mover. Algo tinha acontecido. Ele não poderia nomeá-lo, não poderia dizer o que era, mas sabia que algo tinha mudado.

Kenna olhou por cima do ombro para ele e sorriu. Ele se inclinou e a beijou antes de lentamente se puxar dela e cair para a cama. Ele congratulou-se com Kenna quando ela se aconchegou contra ele.

Sua mão tocou as pontas do cabelo dela, enquanto tentava colocar o dedo sobre o que havia ocorrido. Ele nunca tinha estado tão preocupado como quando ele vira Daryn com Kenna. Os seres humanos raramente se recusavam a um *Fae*. Quando Kenna o havia escolhido, sua alegria foi grande, porque tinha a sua necessidade de sair da clareira e levá-la em algum lugar privado.

Imediatamente, ele pensou em sua câmara. De todas as vezes que ele tinha tomado uma mulher, ninguém nunca tinha visto o seu refúgio. No entanto, ele não se arrependeu de trazer Kenna. Parecia certo que ela estivesse aqui com ele.

Como se sentiu correto tê-la novamente. Parecia que quando veio a Kenna, ele não podia pensar com clareza. Tudo o que ele queria era estar perto dela.

E foi aí que ele percebeu o que tinha acontecido.

Ele olhou para o teto de pedra e tentou lembrar o momento exato em que ele tinha caído de amor por Kenna. Seu coração derretido apenas pensando nela.

— O que você está pensando que o faz sorrir assim? — ela perguntou quando se inclinou sobre um cotovelo e olhou para ele.

— Que eu quero você de novo!

— Tão cedo? — ela perguntou com uma risadinha.

— Eu sempre quero você! — seu sorriso desapareceu e ela mordeu o lábio, um sinal de que estava nervosa.

— Por que eu?

— Eu não sei; e isso não importa. É você!

— Você veio para mim esta noite. Eu não esperava. — Frang empurrou seu cabelo atrás da orelha.

— Sempre foi minha intenção. Estou feliz por você escolher-me sobre Daryn.

— E se eu tivesse dito que eu queria ambos? — ela brincou.

— Eu teria concordado que teria Daryn.

Seus olhos âmbar ampliado.

— Realmente?

— Em verdade. Você não entende ainda a magia desta noite, nem o puxar que o *Fae* têm em seres humanos.

— Eu entendo que puxam muito bem! — disse ela com firmeza. — Ele teria me levado se eu realmente quisesse ou não.

Frang riu.

— Oh, você teria o que queria. Nunca duvide disso!

— Mas não teria sido você!

Moveu-se até que ela o montou, e trouxe a cabeça para baixo por um beijo.

— Por que eu? — lançou sua pergunta para ela.

Ela sorriu.

— Porque você é tudo que eu sempre quis em um homem. Você sacrifica-se para muitos, apesar de o poder que tem o mais alto *Sacerdote*. Sua lealdade ao Conall e seu clã me balança. Porque você escolheu me salvar, em vez de levar o livro para si mesmo. Porque você é você!

Frang nunca tinha se sentido tão humilde na vida.

— Você é uma mulher incrível, Kennal!

Ela sorriu e encolheu os ombros.

— Eu sou apenas uma mulher que encontrou um homem que agrada a ela.

— Então me deixe, por favor, lhe agradecer um pouco mais... — disse ele e levantou os quadris dela, até seu sexo pairar sobre a sua vara. — Você quer mais?

— Eu sempre quero mais de você! — ela sussurrou.

Frang olhou enquanto ela abaixava-se sobre a sua vara. Quando ela estava sentada na íntegra, ele estendeu a mão e cobriu os seios.

— Esta posição dá à mulher o controle completo.

— Não é completo... — ela disse quando ele correu os dedos sobre o mamilo.

Ele sorriu ao ver a expressão de prazer que passou em seu rosto.

— Deixa eu te mostrar.

Relutantemente, ele soltou seus seios roliços e moveu suas mãos a seus quadris. Com as mãos movendo seus quadris para trás e para frente, então em círculos.

— Oh, meu Deus! — ela disse sem fôlego. — Isso é maravilhoso.

Maravilhoso não descrevia a emoção correndo solta em Frang. Através dos olhos semicerrados, ele assistiu Kenna colocar as mãos sobre o peito e começar a mover lentamente os quadris de frente para trás.

Mesmo depois de experimentar um clímax não cinco minutos antes, ele poderia sentir-se subindo para outro rapidamente. Só assistir Kenna foi suficiente para fazê-lo chegar. Ela não tinha ideia de como sensual e erótico ela era.

Suas mãos se moveram de seus quadris para o recuo de sua pequena cintura até os seios. Ele não conseguia o suficiente deles e porque sabia que eram sensíveis, eles trouxeram um grande prazer para Kenna.

Suavemente ele correu os dedos dele em cima dos mamilos dela e assistiu como a boca dela abriu em um gemido e a cabeça dela derrubou atrás. Seus

mamilos enrugados sob seus dedos.

Seu ritmo aumentou, e isso era tudo que ele poderia fazer para se concentrar e não deixar a necessidade vir. Pequenos gritos de prazer despejaram da sua boca quanto mais os seus dedos trabalharam os seus seios.

Só quando ele achou que não poderia durar muito mais tempo, ela se inclinou sobre ele, seu cabelo vermelho caindo ao seu redor para isolar do mundo exterior, e o beijou.

Ele sentiu enrijecer e firmar em torno de sua haste. Um batimento cardíaco mais tarde, ele agarrou seus quadris e mergulhou profundamente dentro dela até que ele tocou seu ventre. Só então permitir que o orgasmo soltasse.

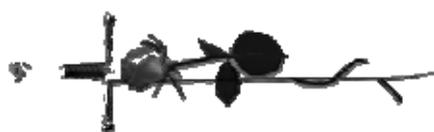
Quando onda após onda de prazer o rodeou, Kenna colocou beijos no rosto, suavemente chamando seu nome. Ele passou os braços em torno dela e segurou-a contra o peito dele, ainda dentro dela.

Ele não queria se mover, não queria que o mundo interferisse em seu refúgio, mas não havia como parar o mundo exterior. Agora não. Nem nunca.

Com seu corpo saciado e seu coração cheio, Frang encontrou-se caindo no sono. Kenna mudou e ele apertou os braços em torno dela.

— Eu não vou a lugar nenhum! — ela sussurrou em seu ouvido.

Ele a deixou passar ao largo dele e aconchegar ao seu lado. E com a promessa para si mesmo para descansar por algumas horas e desfrutar a solidão com Kenna, ele permitiu que o sono o reclamasse.



As lágrimas correram pelo rosto de Kenna. Sua noite com Frang havia mostrado a ela uma coisa importante, ela era apaixonada por ele. Enquanto ele dormia, ela preparou sua partida.

Quanto mais pensava em sair, mais ela não queria, até que chegou um momento que soube que tinha de levantar e ir embora ou ficar com Frang para sempre. E ela se importava muito com ele e os outros *Druidas* para permitir a Wallace matá-los.

Lentamente, ela afastou-se dele e deslizou da cama. Por longos momentos ela ficou ao lado da cama e olhou para ele. Ele estava deitado entre as cobertas, seus longos cabelos despenteados por terem feito amor.

Mesmo no sono, ele parecia forte e magnífico, uma força a ser contada.

— Eu te amo! — ela sussurrou, desejando que tivesse a coragem de dizer a ele antes.

Suas mãos tremiam quando ela chegou para seu manto já rasgado e destruído e apertou-o contra seu corpo. Seu olhar se voltou para Frang e ela não conseguia se impedir de alcançar e alisar para trás uma mecha de cabelo escuro que tinha caído sobre a testa.

E antes que ela pudesse mudar de ideia, apressou-se a partir da sua câmara. O círculo de pedra estava vazio porque todos preferiram buscar o seu cumprimento na floresta. Somente a lua viu quando ela correu para seu quarto nua.

Uma vez lá dentro, ela jogou de lado o manto arruinado e pegou seu vestido. Ela puxou-o às pressas e escorregou nos sapatos novos. Em seguida, se virou para o livro. Ajoelhou-se e puxou a bolsa que continha o *Livro de Magia* debaixo de sua cama.

Ela esperava que Frang o encontrasse e destruísse uma vez que ela tinha ido embora. Tinha sido o seu plano jogá-lo no fogo, naquela noite, mas ela não queria que todos a vissem carregá-lo. E ela tinha medo de que pudesse precisar dele.

Depois de se certificar que havia memorizado o feitiço corretamente, ela colocou a sacola de volta em seu esconderijo e prendeu o punhal na coxa sob suas saias. Ela parou e olhou ao redor da câmara que tinha sido seu lar por

quase uma semana.

— Eu posso fazer isso! — ela murmurou e respirou profundamente antes de sair da câmara.

Ela deixou seu olhar vagar pelo interior do círculo de pedras, o local onde viviam os *Druidas*, aprendendo e ensinando o poder de suas diversas formas. Como ela acabou de fazer com as torres do castelo MacInnes. Havia tanta gente que tinha vontade de dizer adeus, mas não conseguiu aproveitar a oportunidade.

À sua esquerda o fogo *Beltane* ainda rugia. Ela se virou para a direita e esquerda do círculo de pedra mágica, silenciosamente, escolhendo seu caminho através da floresta. Várias vezes, ela foi para cima de acoplamento de pessoas, e isso trouxe uma dor no peito quando ela pensou em Frang.

Gemidos de desejo e gritos de êxtase enchiam o ar da noite enquanto *Druidas*, *Fae* e humanos tinham seu prazer. Seu corpo ainda cantarolou com a necessidade que Frang tinha despertado nela, uma necessidade que ela nunca tinha sentido antes dele, uma necessidade que ela nunca iria sentir novamente.

Seus pés pararam, quando ela pensou ouvir a voz de Malina. Ela se perguntou se sua nova amiga tinha encontrado um *Fae* para compartilhar sua paixão, naquela noite, e ela se arrependeu de não ser capaz de ouvir Malina falar dele pela manhã.

Ela conseguiu passar despercebida até mesmo por um *Fae*. Manteve-se às sombras e fez seu caminho ao redor da clareira. Ao se aproximar do local que deveria encontrar Wallace, ela circulou uma árvore e viu-se olhando para um casal de pé contra uma árvore, as pernas da mulher envolvida em torno do homem enquanto ele furiosamente bombeava para dentro dela.

O sexo de Kenna cerrou quando se perguntou como seria a sensação de ter Frang mantendo-a assim. De repente, os olhos do homem se abriram e ela se viu olhando para um turbilhão azul, olhos de *Fae*. Ele sorriu para ela enquanto ela continuou, tentando seu melhor para esquecer a imagem do casal e os

gritos de prazer da mulher quando gozou.

Até o momento em que Kenna chegou ao local, para atender Wallace, seus nervos estavam em frangalhos. Ela pulou em cada som perguntando se era o *Laird* ou pior, Frang.

Porque ela sabia que se Frang aparecesse, ela não seria capaz de mentir para ele. Ela acabaria dizendo-lhe tudo e se o clã de *Druidas* e MacInnes tinham que sobreviver, ela tinha que se manter em seu plano.

— E eu aqui pensando que poderia estar com muito medo de aparecer! — disse Wallace quando ele circulou uma árvore e encostou-se a ela.

Ela cerrou os dentes e olhou para o homem que havia sido seu *Laird*.

— Sim, eu estou aqui.

— E o livro?

Ela sorriu na escuridão.

— Diga-me uma coisa, Laird, por que você me quer como sua noiva?

— Você foi facilmente controlada e seu conhecimento de ervas foi útil para mim. Eu pensava que você já estava comigo, mas você brigou em cada turno.

— Briguei?

Ele riu e passou um dedo pelo braço.

— Quem você acha que enviou os homens para olhá-la através de sua casa de campo ou ameaçá-la na floresta?

— Os homens Carmichael?

— Ah, isso me foi tão bem. Eu sabia que você viria correndo para mim depois que fossem até você.

— Foi muito ruim Frang arruinar seus planos.

Wallace riu.

— As coisas têm uma forma de trabalhar para a minha vantagem. Agora, onde está o livro? — ele perguntou, com sua voz fria e ameaçadora.

— Eu sabia que não iria manter sua palavra, de modo a garantir que você deixe todas as pessoas aqui segura e em paz, eu o tenho escondido.

Ele deu um passo ameaçador em sua direção e agarrou os braços dolorosamente quando a puxou para cima na ponta dos pés.

— Esconde-o? — ele rosnou. — Onde?

— Eu vou dizer só depois que você retornar ao seu clã.

— Você é uma idiota! — ele assobiou e a empurrou para longe dele.

Kenna bateu em uma árvore com as costas, em seguida, tropeçou em seus pés e caiu para o lado. Ela inclinou-se sobre o cotovelo e olhou para Wallace.

— Você tem medo de que eu não fosse manter o negócio?

Ele riu com um som mal-intencionado.

— Oh, Kenna! Eu não estou preocupado com o seu negócio em tudo. — ele se inclinou até que seu rosto estava a centímetros do dela. — Você só conseguiu determinar qual será o meu próximo passo. Só para você ver, que o livro é mais importante do que tudo para mim!

O medo que a tinha ameaçado por toda a noite, a envolvia firmemente.

— Você não pode matar todos eles.

— Eu posso fazer o que eu quiser! — disse ele e puxou-a a seus pés. — Especialmente agora que tenho você.

Capítulo Trinta e Um

Frang acordou e buscou por Kenna. Quando sua busca pareceu vazia, os olhos se abriram e ele virou a cabeça para encontrar a cama vazia.

Um arrepio de medo em volta do seu coração. Com uma mão trêmula, levantou-se em seu cotovelo e sentiu o local que ela estava dormindo para encontrá-lo fresco ao toque. Ele engoliu o nó na garganta e inclinou-se até que sua cabeça tocou o travesseiro, que ela se deitou.

Ele fechou os olhos e usou seu poder para encontrá-la, rezando para que ela não tivesse feito o impensável e ido para Wallace, sozinha.

Não demorou muito para ele localizá-la. Ele soltou um urro de raiva quando viu Wallace arrastando-a para seu acampamento. Ele sabia em seu coração, ela se foi para sempre, mas ele se recusou a deixá-la ir sem lutar. Ele pulou da cama e correu para colocar seu kilt¹⁶ e armas. Em dois passos largos ele estava à sua porta e escancarou-a para encontrar Conall com o punho erguido, como se estivesse prestes a bater, o sorriso de Conall morreu quando ele viu a expressão no rosto de Frang.

— O que aconteceu?

— Kenna... — disse Frang quando ele empurrou seu amigo, pegando a

¹⁶ **Kilt é um saiote masculino, pregueado na parte de trás, trespassado na parte da frente, de comprimento da cintura até aos joelhos. Na Escócia, era feito original e tradicionalmente de tecido de lã e com padrões de tartan, sendo utilizado por guerreiros e batedores dos clãs, cada clã possuindo o seu próprio tartan. Era o traje típico de homens e jovens das montanhas escocesas do Séc. XVI. Desde o Séc. XIX está associado a toda a cultura escocesa e com a herança da cultura celta. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Kilt>**



espada, quando ele fez. Encontrou Brock e Sampson esperando por ele no interior das pedras. — Temos que agir rapidamente. Kenna foi para Wallace.

Brock o deteve com uma mão no braço dele.

— Frang, os soldados de Wallace chegaram. Há mais de trinta, elevando seu total para cinquenta!

— Eu tenho muito mais do que isso! — disse Conall quando se juntou a eles.

Frang suspirou e olhou por cima do ombro para Conall.

— Sim, mas seus números não significam nada perto de sua magia. Não se preocupe em citar Glenna, porque eu não vou tê-la colocando a si mesma e o bebê em perigo.

— Como você fez...? — Conall começou depois parou. — Frang, você não pode pretender lutar contra este homem sozinho!

— É a única maneira. Eu não posso conscientemente enviar homens para a morte.

Sampson adiantou.

— Poderíamos juntar todos os *Druidas*. Coletivamente, a sua magia é forte.

— Os que têm, sim. — disse Frang acordado. — Mas não vamos nos esquecer de que esta é *Beltane*. Reuni-los seria quase impossível.

— Merda! — Conall amaldiçoou quando passou a mão pelos cabelos. — Vamos então.

— Nós? — Frang disse então balançou a cabeça. — Eu vou sozinho.

— O que diabos você está fazendo? — Conall esbravejou.

Frang viu como Sampson e Brock se mudaram para ficar ao lado Conall, oferecendo a sua ajuda para o *Laird*.

— Eu imploro a cada um de vocês. — Frang disse suavemente. — Não façam isso!

Conall sorriu e agarrou sua espada.

— Não há nada que você possa fazer para me impedir.

— Ou a mim! — disse uma voz feminina.

Todos se viraram para encontrar Glenna caminhando na direção deles. Ela olhou para o marido.

— Você realmente acha que eu deixaria você ir para a batalha sem mim, cobrindo sua retaguarda? — ela gemeu e se virou para Frang. — E você? O que você está pensando ao enfrentar este monstro sozinho?

— Glenna, ele sabe mágica. Eu não sei o quão forte ele é!

Ela riu e as mãos se ligaram com o marido.

— Depois do que nós enfrentamos para a profecia, isso não é nada. Além disso, eu estarei a salvo do perigo.

Frang olhou para Conall, e quando Conall acenou com a cabeça, Frang sabia que não havia nada que fizesse Glenna voltar.

— Apenas certifique-se que ele não te veja.

— Ele não vai! — ela prometeu.

Frang tinha dúvidas, mas com suas emoções em polvoroso, ele não poderia confiar em seus instintos. Ele deixou as pedras, os outros logo atrás dele.



Kenna havia previsto que Wallace reagiria da mesma forma que ele tinha. Ela tinha contado com isto. Agora que estava dentro de seu campo, esperou sua chance de usar a magia que tinha memorizado.

Ela estremeceu enquanto sua mão apertava-lhe o braço e arrastou-a através do campo para um carvalho onde ele a empurrou para baixo. Kenna se apoiou nas mãos imediatamente antes de seu rosto bater na casca áspera da árvore.

Sua respiração saiu em uma corrida, mas antes que pudesse se virar mais mãos agarraram-na e empurram suas costas contra a árvore. Ela mordeu o lábio para não gritar quando os homens puxaram os braços para trás e ao

redor do tronco da árvore, em seguida, amarraram-nos.

Nenhum dos homens olhou nos olhos dela, os homens que havia conhecido toda a sua vida estavam tratando-a como se fosse um inimigo. E para eles, ela era. Ela não queria matá-los, mas se não lhe dessem nenhuma outra escolha ela faria o que tinha que fazer.

Seus olhos vagavam pelo campo, passando em tudo e em todos. Havia pelo menos três dúzias de homens armados em prontidão. Esperando. O olhar dela mudou para encontrar Wallace de pé fora só olhando para a floresta, como se esperasse alguém.

Ela tentou ajustar a sua posição e só conseguiu raspar suas costas na casca. Kenna suspirou enquanto lágrimas picavam seus olhos. Ela se recusou a deixar que qualquer um deles visse-a chorar, então ela fechou os olhos e pensou imediatamente em Frang. Ele ainda estava dormindo? Ele tinha acordado e descobriu que ela havia partido? Quando fez, o que ele pensou?

Ela inclinou a cabeça para trás contra a árvore e começou a repetir o feitiço em sua cabeça novamente. Ela não queria que o medo a fizesse esquecer as palavras, pois seu *Laird* podia ser muito temível quando queria.

A comoção a fez abrir os olhos, e o que viu fez a sua pele se arrepiar de asco. Malina estava nos braços de Wallace, a sacola de Kenna colocada sobre o seu ombro. Quando Malina virou e a viu, ela sorriu para Kenna e encolheu os ombros como se dissesse que não tinha outra escolha senão aceitar.

A raiva percorreu Kenna. Ela desejava que pudesse se levantar e enfrentar Malina, mas não importava o quanto ela se esforçou, só conseguiu machucar seus pulsos com a corda grossa.

No final, foi Malina que veio até ela.

— Você deveria ter sabido! — disse ela enquanto estava sobre Kenna.

Kenna levantou os olhos e olhou para a mulher que ela tinha chamado de amiga.

— Como você soube que eu o tinha?

Ela riu.

— Eu não saberia se Wallace não me contasse.

— Eu não posso acreditar que você fez isso! — cuspiu Kenna. — Você é um *Druida*!

— Um *Druida* que tem estado à espera por cinco anos para ser dada a posição de *Sumo Sacerdote*! — ela gritou. — Ninguém faria isso. Todos aguardavam Frang retornar. Eles tinham tanta certeza que ele faria!

— E ele fez!

Malina revirou os olhos.

— Ele pode ter feito, mas não é o mesmo Frang que voltou. Ele é diferente e não está mais apto para liderar os *Druidas*!

— Mas você está?

— Com a maioria, certamente, e depois desta noite, eu vou!

Kenna abanou a cabeça tristemente.

— Se você acha isso, eu sinto muito por você!

— Wallace me prometeu que seria o líder dos *Druidas*.

Kenna encolheu os ombros.

— Acreditar nele é seu próprio risco.

— Não tente nada! — avisou Malina. — Ele já me disse tudo o que você diria para me dissuadir.

Kenna se esforçou para pensar em algo que pudesse lhe devolver a amiga *Druidisa* que tinha sido dias atrás.

— E o *Fae* que você estava ansiosa para estar esta noite? Você encontrou-o?

— Eu não preciso de um *Fae*, quando eu tenho um *Laird*.

Kenna suspirou.

— Você vai destruir a todos, Malina. Incluindo você mesma!

— Vamos ver sobre isso! — disse Malina e se afastou.

O olhar de Kenna e Wallace se encontram de novo, desta vez, ele pegou o *Livro de Magia* e acariciou-o como se fosse uma amante. Seus olhos estavam

fechados e seus lábios se moviam como se ele fosse falar com ela. Foi então que ela percebeu o quão tola havia sido. Se ela realmente queria salvar a todos, ela deveria ter falado com Frang para que eles pudessem ter atacado juntos.

— Frang, perdoe-me! — ela sussurrou.



— Glenna está no lugar. — sussurrou Conall quando eles se aproximaram do acampamento de Wallace.

Frang assentiu com a cabeça e ajoelhou-se próximo a uma moita de samambaia.

— Ótimo! Brock, Sampson, eu quero-os circundando o acampamento e assegurando-se que não há nenhuma surpresa.

Os Guerreiros assentiram e afastaram-se para realizar o pedido.

— Nós precisamos mais do que apenas quatro homens! — disse Conall. — Tanto quanto eu gostaria de pensar que nós poderíamos levá-los por conta própria, acho que deveria ter trazido mais.

— Eu desejaria que nós pudéssemos ter. Se você pensa que pode encontrar alguns dos seus homens, vá e traga-os. — Frang olhou quando Conall suspirou e balançou a cabeça.

— Se isso tivesse acontecido em qualquer outra noite!

— Ele planejou isso dessa maneira. — disse Frang.

Conall revirou os ombros para relaxá-los.

— Estou pronto para receber o bastardo.

— Você vai ter sua chance!

Mal as palavras saíram da sua boca ele sentiu o ar agitar-se em torno dele. Ele virou-se e encontrou Aimery atrás dele.

—Vá com cuidado, Frang! — advertiu Aimery. — Wallace tem a sua mulher em cativeiro. Ela tentou despistá-lo, mas não funcionou a seu favor.

Frang tentou acalmar o ódio que cresceu dentro dele.

— Eu sei!

— É preciso atacar antes que ele faça. — continuou Aimery. Seu olhar mudou-se para Conall. — Nós vamos manter Glenna segura, então não se preocupe com ela.

— Você veio para nos ajudar? — Conall perguntou.

Aimery balançou a cabeça.

— Só posso proteger Glenna, mas vou assistir. Se eu puder ajudar, eu vou.

Frang passou a mão pelo rosto.

— Kenna...

— Ela queria fazer isso por você! — disse Aimery. — Poderia ter funcionado se Malina não tivesse trazido o livro para Wallace.

— O quê? — Conall e Frang cochicharam entre eles.

Aimery aproximou-se deles.

— Wallace envolveu Malina. Sua mente era fácil de perscrutar, mas só agora percebi isso. O poder que ela queria desde que você partiu tem crescido a cada mês. Esperou pacientemente que os *Druidas* a fizessem seu *Sumo Sacerdote* e quando não a fizeram, sua raiva inflamou.

— Deu a Wallace exatamente o que ele precisava, quando ele se aproximou dela... — Frang acabou para ele. — Merda! Não é só porque ele tem Kenna, mas ele tem o livro, dando-lhe mais poder do que eu imaginava.

— Ele está confiante.

Frang assentiu.

— Aimery, você pode obter todos que estão brincando na floresta em segurança nas pedras?

— Vou tentar. Seja cauteloso! — advertiu Aimery novamente antes de desaparecer.

Conall voltou seus olhos de prata para ele.

— Qual é o seu plano agora?

Frang olhou por cima do ombro para o acampamento.

— Chamá-lo para fora.

Capítulo Trinta e Dois

Quando Frang avistou Kenna amarrada a uma árvore, ele teve o impulso irresistível de correr para o acampamento e matar qualquer um que se atrevesse a tocá-la.

— Calma! — Conall disse colocando a mão no ombro de Frang. — Vamos tirá-la de lá.

Frang ficou quieto enquanto Brock e Sampson se aproximavam.

— Você achou alguma coisa? — perguntou ele.

Eles balançaram a cabeça.

— Tudo está claro. — disse Sampson.

— Fora o Wallace sozinho segurando o livro. Malina está com ele!

— Sim! — disse Frang. — Ela ficou do lado dele.

O rosto de Brock mostrou sua decepção e choque.

— De todas as pessoas, eu nunca teria imaginado Malina. Ela nunca mostrou quaisquer sinais exteriores.

— Essas são as pessoas que você precisa observar mais! — disse Frang. Olhou para Kenna mais uma vez antes de se virar para os três homens. — Glenna estará esperando para o nosso sinal. Vocês estão prontos?

Os três concordaram e se afastaram para assumir suas posições. Frang olhou ao redor da floresta. Ele se concentrou no interior de si mesmo e encontrou a tranquilidade que precisa para enfrentar Wallace, apenas um homem sereno iria ganhar contra um como Wallace.

Quando ele estava pronto, saiu de trás de uma árvore e enfrentou o acampamento. Não demorou muito para alguém identificá-lo então um homem gritou por Wallace e se esforçou para obter suas armas.

Wallace caminhou lentamente em direção a ele, um sorriso arrogante nos

lábios.

— Eu me perguntava quando iria aparecer. Eu tenho uma grande necessidade de ver sua cabeça separada do corpo.

— Por que você não sai e busca-a?

Wallace riu.

— Eu acho que prefiro muito mais que você venha comigo.

— Se você é poderoso tanto o quanto pensa que é não tem necessidade de sua proteção em torno de seu acampamento.

— Você não sabe o significado de poderoso! — disse Wallace insultado. — Eu poderia mostrar-lhe mais poder do que jamais sonhou.

Frang riu.

— Só porque você tem o livro?

— Porque eu tenho o livro. Tenho na minha posse algo que os homens têm procurado por séculos.

— O poder pode ser uma coisa inebriante. Você sabia que cada vez que usar um feitiço do livro, um pedaço de sua alma será destruída?

Wallace riu.

— Uma boa tentativa Frang, mas eu conheço melhor.

— Você conhece?

— Eu sei tudo.

Frang desembainhou a espada.

— Então você sabe que eu vim por Kenna e o livro!

— Você nunca terá sucesso!

— Uma mulher sábia uma vez me disse para jamais dizer nunca! — disse ele quando ergueu a espada.

Os olhos de Wallace brilharam com raiva um instante antes de sua boca começar a se mover e uma bola de luz formar em sua mão. Frang não teve tempo de piscar antes de Wallace jogar a bola de raio contra ele.

Frang voou para trás, uma vez que o cercaram e golpearam, o corpo todo

doendo com cada golpe. Ele respirou fundo e tentou puxar o raio para longe dele. Mas quanto mais ele puxava, mais rápido o raio o atingia, entorpecendo todos os seus músculos para que não pudesse movê-los.

Desesperado, ele mudou em sua mente tentando encontrar um lugar calmo e deixar de lado a dor. Só então ele foi capaz de puxar o raio dele, mais uma vez formando a bola. Por um momento ele pensou em jogá-la de volta em Wallace, mas e se passava Wallace e batesse em Kenna?

Assim, Frang esmagou-a sobre a terra, dissolvendo o feitiço instantaneamente. Ele pegou sua espada e levantou-se em seus pés. Os olhos de Wallace cresceram redondos quando viu Frang aproximar-se dele.

— Então você sabe um pouco de magia?

Frang encolheu os ombros.

— Você poderia dizer isso.

— Eu queria te testar. Agora, você me deu a chance!

— Então venha me pegar!

Frang sorriu enquanto Wallace abaixava a blindagem em torno do acampamento e entrava na floresta para ele. Frang levantou sua espada, pronto para um ataque. A luz da lua refletida na lâmina, iluminando as marcações *Fae*.

Ele mudou o seu olhar de volta para Wallace e esperou. Em vez de outro feitiço, Wallace levantou a mão e Callum moveu na direção dele.

Frang respirou fundo e viu quando o primeiro no comando de Wallace veio na direção dele.

— Eu sabia que teria uma chance de matá-lo! — vangloriou-se Callum.

Eles começaram a circular entre si, cada um medindo o seu adversário.

— Não é bom vangloriar-se antes de ter algo para se gabar! — Frang disse.

— Oh, eu não tenho nenhuma dúvida de que eu vou te matar!

Frang entrou para o lado quando Callum se lançou, e Frang usou essa vantagem para girar e vir por trás de Callum. Com a ponta de sua espada,

cortou Callum do ombro à cintura.

Callum assobiou e se afastou. Ele tocou o ferimento e olhou para o sangue em seus dedos.

— Ninguém tira o meu sangue e vive!

— Então, venha e me pegue! — Frang insultou.

Callum era grande e os braços mais longos, mas Frang usou sua velocidade e inteligência para ficar fora do alcance da espada de Callum. Não demorou muito para que o homem grande começasse a se cansar. Quando Callum arremeteu em direção a ele, Frang articulou e dirigiu sua espada no peito de Callum.

Frang empurrou o corpo morto de Callum no chão e retirou sua espada para enfrentar Wallace.

— É o melhor que você pode fazer?

Wallace levantou a mão e 25 de seus soldados correram para Frang.

Num piscar de olhos, o fogo surgiu ao seu redor, impedindo os soldados de alcançá-lo. Ele olhou para as chamas altas para encontrar Wallace o encarando.

Frang afastara os homens gritando. Dentro do campo Wallace viu Conall, Brock e Sampson combatendo a outra metade dos homens de Wallace e de vez em quando com o canto do olho, ele via um raio de fogo ser atirado do alto do penhasco, em direção aos soldados lutando contra Conall.

— Não importa o que você faça, não vai ganhar de mim! — disse Wallace quando avançou contra Frang.

Frang encolheu os ombros.

— É você quem está enganado! O poder dessas magias deixa você cego ao que está ao seu redor.

— Os *Druidas*? — Wallace riu. — Eles adoram a natureza e a cura. Eles não têm poder real.

Frang apenas sorriu, deixando Wallace acreditar no que ele queria. Ele girou o

pulso, a espada rodou em torno dele. E pouco antes de ele ir para o ataque, Wallace desapareceu.

Ele não se moveu. Os sons de gritos dos homens eram muito altos para ele ignorar, enquanto ouvia a abordagem de Wallace. Foi o movimento do ar em torno dele que o deixou saber onde Wallace estava.

Frang moveu sua espada de modo que a ponta enfrentou o chão e ele segurou o punho com ambas às mãos. Ele voltou ao mesmo tempo, mudou sua espada para trás e empurrou. Houve um grunhido quando a espada atingiu carne. Ele puxou a espada e virou-se livre para encontrar Wallace segurando seu lado.

— Como você sabia? — Wallace resmungou.

— Eu sou um *Druida!* — Frang disse. Olhou para Kenna para encontrar homens brigando em torno dela, e como ela estava presa, não tinha para onde ir. Era só uma questão de tempo antes que ela ficasse ferida.

Sem hesitar, Frang chutou no rosto de Wallace. Wallace grunhiu quando o sangue escorreu de seu nariz e ele caiu de costas. Frang teve pouco tempo precioso. Ele moveu-se rapidamente para o campo e correu em direção a Kenna.

— Sinto muito! — disse ela, logo que ele se aproximou.

Ele balançou a cabeça enquanto cortava suas amarras.

— Vamos sair daqui primeiro, então você pode pedir desculpas e me dizer por que você não confia em mim!

Ela pegou a mão dele quando ele a puxou para ficar de pé.

— Frang!

— Agora não! — ele assobiou. Ele a arrastou para a beira do campo e empurrou-a. — Vá para as pedras. Aimery está reunindo todo mundo lá. O *Fae* irá mantê-la segura.

Ela hesitou quando olhou para ele.

— E você?

— Eu irei logo...

Kenna ofegou quando Frang foi puxado para trás e jogado contra uma árvore. Seu corpo todo tremia de dor quando um raio atingiu-o novamente e novamente. Ela deu um passo em direção a ele quando ele corajosamente tentou puxar o raio dele.

Ela não podia imaginar a dor que sentia. Com o coração martelando nos ouvidos, foi em direção a ele. Somente para ver outra bola de luz logo se juntar a primeira.

Kenna virou-se para encontrar Wallace cerca de vinte passos de Frang, um sorriso de pura malícia em seu rosto, enquanto seus lábios se moviam em outra magia.

A frustração tomou conta Kenna quando ela percebeu o quão impotente era contra Wallace e suas magias. Então se lembrou de um feitiço que ela tinha encontrado quando olhou através do livro. Ela girou e correu para onde tinha visto Wallace colocar o livro.

Ela estava quase lá quando algo agarrou seus cabelos e puxou. Duro.

Kenna caiu de costas, perdendo o fôlego de seu corpo. Ela engasgou e arranhou a terra enquanto lutava para respirar. Finalmente, os pulmões cheios de ar precioso.

Ela se virou em suas mãos e joelhos e lentamente, levantou-se. Parada entre ela e o livro estava Malina.

— Saia do meu caminho!

— Eu vou matar você em primeiro lugar! — Malina assobiou.

Kenna sorriu.

— Você pode tentar, mas eu estou indo para obter esse livro. — atrás dela, ela podia ouvir Frang mordendo de volta gritos de dor. Foram amor e força de vontade pura, que a levou para Malina.

Antes que a *Alta Sacerdotisa* pudesse levantar os braços, Kenna usou todas as suas forças para batê-la. Quando Malina dobrou segurando o rosto dela,

Kenna sabia que tinha que terminá-lo. Ela deu um passo em direção Malina e socou-a no estômago. Malina caiu no chão, imóvel.

Kenna segurou a mão dela quando dor percorreu-lhe a mão até seu braço. Ela se mudou para o livro e o abriu, buscando desesperadamente a magia. Sempre olhando novamente para Frang. Sua força foi diminuindo rapidamente, e não demoraria muito para que Wallace o matasse.

Ela pode não ser capaz de matar Wallace sozinha, mas ela poderia tornar a luta entre ele e Frang justa. Ela folheou as páginas e viu o que ela precisava. Ela abriu a boca para dizer as palavras, quando um homem, ou melhor, um *Fae*, de repente apareceu na frente dela.

— Não! — o *Fae* alertou.

Kenna olhou os olhos azuis de Frang depois voltou para o *Fae*.

— Eu tenho que fazer isso!

— Você vai perder parte de sua alma.

Ela sorriu.

— É uma pena!

Quando ele não disse mais nada, ela inclinou a cabeça e começou a dizer o feitiço em voz alta.

“Os deuses da terra,

Ouçame agora quando eu chamá-lo.

O calor do fogo, o calor da luz;

Silencie a voz de Wallace ante minha vista”.

Assim quando a última palavra saiu de sua boca, a magia que Wallace estava recitando parou, embora seus lábios continuassem a mover-se. Kenna subiu quando seu olhar virou para ela.

— As magias só funcionam se você dizê-las! — ela exclamou triunfante.

Wallace jogou a cabeça para trás e uivou, mas nenhum som saiu de sua garganta. Kenna correu para Frang que mal conseguia levantar a cabeça.

Ela chegou para ele e um raio atingiu-a. Ela gritou quando sua carne foi

queimada. Todos os seus esforços para acabar com Wallace tinham sido em vão se ela não pudesse livrar Frang.

— *Use sua espada.* — o *Fae* sussurrou em sua cabeça.

Kenna se virou para ele e viu quando seus olhos se moveram para além dela. Ela se virou e encontrou a espada de Frang caída no chão. Ela correu para ela e ergueu a pesada arma na mão. Precisou das duas mãos para segurá-la quando correu de volta para Frang, e levou toda a sua força para levantá-la quando ela alcançou-o.

— Eu te amo! — gritou ela quando atingiu a iluminação em torno de Frang, o tempo todo rezando para a lâmina não tocar nele.

Instantaneamente, o relâmpago desapareceu e Frang desabou no chão. Kenna soltou sua espada e caiu de joelhos ao lado dele. Ela alisou o cabelo para trás do suor que banhava sua testa e sentiu as lágrimas começarem a cair.

— Foi tarde demais! — ela sussurrou.

Ela estendeu a mão para Frang quando alguém a agarrou por trás e puxou para cima. Ela virou-se para encontrar Wallace. Ela não tinha necessidade de ouvir as suas palavras para saber que ele pretendia matá-la.

O olhar dela moveu ao redor do acampamento, os homens que tinham vindo com Frang tinham matado a maioria dos homens de Wallace, embora eles ainda lutassem com alguns. E o *Fae* tinha partido.

Estava só ela, Wallace e Frang.

Os olhos dela se mudaram para Frang. Seu único arrependimento foi não dizer que o amava mais cedo. O braço em torno de sua garganta apertou, uma vez mais foi acompanhado pela sensação de alguma coisa fria e dura, um punhal.

Ela não lutou contra Wallace quando ele a arrastou para o livro, chutando Malina para fora do caminho. Ele apontou para o livro com o punhal, mas Kenna apenas balançou a cabeça.

— Você vai me matar de qualquer jeito, então eu prefiro morrer sabendo

que você nunca vai ser capaz de usar qualquer um dos feitiços de novo.

A lâmina picou sua garganta e ela sentiu rolar algo quente e pegajoso baixo do peito. Mas ela nunca vacilou.

— Conall e os *Druídas* vão bater os seus homens, então vão destruir o livro, como deveria ter sido destruído anos atrás.

A lâmina pressionou mais em sua pele, e ela sabia que era o fim. Ela não se importava mais, não se Frang tinha ido embora. Ela fechou os olhos e aceitou seu destino. E assim como ela esperava sentir a lâmina do punhal rasgando a garganta dela, a mão de Wallace lentamente desapareceu. Ela ouviu um barulho e olhou para baixo para encontrar Wallace no chão com os olhos olhando para o nada.

Foi então que ela viu a espada de Frang. Ela se virou e viu-o de pé, a mão contra uma árvore para manter o equilíbrio.

— Frang! — disse ela enquanto corria em sua direção.

Ele envolveu-a nos braços quando caíram de joelhos. Ela tocou seu rosto, beijando-lhe entre as lágrimas.

— Eu pensei que tinha perdido você!

— Você quase fez! — respondeu asperamente.

Ela tomou uma respiração instável.

— Você veio para mim!

Ele sorriu tomando seu rosto nas mãos em forma de concha.

— Eu teria morrido por você.

Ela derreteu contra ele, quando ele tomou sua boca em um beijo ardente, que lhe disse que havia muito mais prazer por vir. Quando ele quebrou o beijo, ela segurou seus ombros e se esforçou para conseguir o seu desejo de volta sob controle.

— Será que ouvi direito? — perguntou ele.

Ela piscou para ele.

— O quê?

— Você disse que me amava?

Ela riu e jogou seus braços ao redor de seu pescoço.

— Sim, Frang Malcolm. Eu te amo! — seus braços abraçaram com força.

— Isso é uma coisa boa! Porque também te amo! — seu coração bateu mais forte.

Ela lentamente se retirou de seus braços para olhar para seus brilhantes olhos azuis.

— Você faz?

— Por algum tempo. — ele confessou. — Eu não sei como eu sobrevivi 300 anos sem você, Kenna, mas eu não quero passar mais um dia sem você do meu lado. Seja minha esposa, e eu vou dar-lhe tantas crianças quanto você quiser!

Lágrimas turvaram sua visão.

— Você está me dando o mundo, e eu não vou te dar nada!

— Você está me dando o seu coração. Isso é mais do que suficiente.

Kenna assentiu com a cabeça quando as palavras lhe escaparam. Frang riu e beijou-a novamente.

Foi então que ela percebeu que a floresta tinha se tornado silenciosa. Quando Frang terminou de beijar-la, os dois se viraram para encontrar Conall e dois outros homens a observá-los com sorrisos em seus rostos.

— Ela vai ser minha esposa! — Frang anunciou.

Conall riu.

— Nós ouvimos. Agora, vamos levar vocês dois de volta para as pedras para que possamos ver seus ferimentos.

Kenna conseguiu apoiar Frang quando ele lentamente se pôs em pé, mas precisou do auxílio de Conall para levá-lo para as pedras. Eles passaram por um círculo queimado no chão da floresta, o que fez Kenna olhar ao seu redor.

— Onde estão os homens de Wallace?

— Os que não estão mortos fugiram logo que Glenna parou o fogo. — disse

Conall. — Eu não acho que vamos vê-los novamente.

Nenhuma outra palavra foi dita até que chegaram as pedras. Frang foi colocado em uma das longas pedras lisas. Kenna se voltou para buscar ervas quando o *Fae* que tinha visto no acampamento de Wallace passou por trás dela.

— Aimery, deixe-a passar. — Frang sussurrou.

Kenna olhou Frang e sabia que ele estava se enfraquecendo a cada momento. Voltou-se para Aimery.

— Por favor, deixe-me passar. Eu devo salvá-lo.

— Isso é para eu fazer. — o *Fae* pisou em torno dela.

Kenna não lutou quando Conall puxou-a para o outro lado de Frang.

— Cuidado! — ele sussurrou em seu ouvido, antes dele se afastar.

Os olhos de Kenna se arregalaram quando Aimery estendeu as palmas das mãos para baixo ao longo de Frang e fechou os olhos. Instantaneamente, a palidez da pele de Frang melhorou, as marcas de queimadura desapareceram e a luz o rodeou.

Depois, Aimery recuou e Frang abriu os olhos. Ele sorriu para Aimery.

— Obrigado.

Aimery riu e estendeu a mão para ajudar Frang a sentar-se.

— Você é muito bem-vindo!

O coração de Kenna acelerou quando Frang se virou para ela. Ele estendeu os braços para ela, e foi todo o incentivo que precisava. Ela escondeu o rosto em seu pescoço e respirou o cheiro que era só dele.

Quando ela olhou em seus olhos, viu um futuro cheio de prazer, alegria e magia. A ela tinha sido dada a sua fantasia mais preciosa, e pretendia assegurar-se de que gozaria de cada momento dela.



Frang olhou para o *Livro de Magia*. A parte da floresta que Wallace tinha usado para seu acampamento tinha sido apagada dos mortos, e Malina, a traidora, tinha sido tratada com rapidez.

Aimery haviam destruído suas memórias dos *Druídas* e *Fae* e colocou-a em uma aldeia do outro lado da Escócia. Ela não iria incomodá-los novamente, mas o mal sempre encontraria seu caminho para o *Glen*.

Ele respirou fundo quando no centro da pedra o livro vermelho começou a brilhar. O livro sabia quando estava perto de algo poderoso, e os chamou.

No entanto, Aimery era forte o suficiente para não atender ao chamado, pois se ele tocasse o livro, iria matá-lo.

— O que você está esperando? — Frang perguntou quando ele veio para ficar ao lado dele.

Aimery encolheu os ombros.

— Tanto poder em um livro.

— Sim, essa é a verdade. Vou me sentir muito melhor sobre isso depois de ele ter ido embora.

Aimery não hesitou um momento sequer. Estendeu a mão para o livro e ele irrompeu em chamas. Eles pararam e assistiram até não sobrar nada além de cinzas.

— Deixe comigo. — disse Frang e acenou com a mão para cima e as cinzas seguiram para o ar. Com não mais do que um movimento do seu pulso, Frang espalhou às cinzas ao vento.

— Obrigado!

Frang balançou a cabeça.

— Não, obrigado digo eu. Nós não teríamos conseguido sem você. Você

salvou a todos nós!

Aimery sorriu e desviou o olhar sobre o ombro de Frang, onde Kenna o aguardava.

— Alguém está esperando por você!

Frang olhou por cima do ombro e acenou para Kenna.

— Eu espero vê-lo em breve! — disse a Aimery. O *Fae* sorriu quando Frang girou para unir-se a Kenna. Depois que eles foram embora, ele sussurrou:

— Você vai-me ver mais cedo do que pensa.

Epílogo

Frang suspirou e moveu os ombros novamente.

— Ela vai estar aqui. — disse Conall pela centésima vez naquela manhã.

Frang estava nervoso. Ele nunca ficava nervoso, mas era o dia do casamento, e temia que Kenna fosse mudar de ideia. E depois de sua conversa com Aimery na noite anterior, ele não iria culpá-la.

Por causa de seu serviço para os *Druidas* e os *Fae*, o Rei Theron e a Rainha Rufina iram presentear-lhes com a imortalidade se Kenna assim o quisesse. Eles também pediram que Frang ficasse como *Sumo Sacerdote Druida* em *Glen*.

Nem ele, nem Kenna, tinham tomado uma decisão ainda pelas ofertas. Agora, enquanto ele estava no topo da falésia com vista para o lago da floresta e o castelo MacInnes, ele perguntou como poderia ter deixado um lugar tão mágico e lindo.

Ele se virou e viu Kenna, em seguida, caminhando para ele, um sorriso brilhante no rosto. Seu cabelo estava bonito com um círculo de flores brancas e amarelas adornando a cabeça. Seu vestido era de um amarelo pálido e sem adornos, exceto o xadrez Malcolm, que estava envolvendo um ombro até o quadril, em seguida, até as costas e preso junto.

A cerimônia foi tradicional *Druida*, que perdurou por muito mais tempo do que gostaria, pois tudo o que ele queria era ficar sozinho com Kenna e beijar cada centímetro da sua pele sedutora.

Ainda assim, num piscar de olhos, tudo estava acabado e Kenna era verdadeiramente sua.

— Você se arrepende? — perguntou ela.

— Nunca! — respondeu ele quando se inclinou para reivindicar seus lábios.

Através de todos os bons desejos, Frang viu Aimery de pé ao lado, à espera

de suas decisões. Finalmente, para todos, Conall e Glenna moveram-se para o castelo para a celebração.

Foi então que Aimery se adiantou.

— Estou muito feliz por vocês dois!

— Mesmo você não querendo que eu lesse o livro? — Kenna perguntou.

Aimery sorriu.

— Eu estava testando você.

— Obrigado. — disse Frang. — Obrigado por tudo.

Aimery encolheu os ombros.

— É você que nós temos que agradecer. Você e Kenna, pois sem a bravura que cada um de vocês exibiu, nenhum de nós estaria aqui agora!

— Eu concordo! — disse Conall.

Frang passou um braço em volta da cintura de Kenna e puxou-a ao seu lado. Ele sabia o que Aimery estava esperando.

— Você está pronta para tomar uma decisão?

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu estou.

— Então, quais são elas? — Aimery perguntou.

— Nós vamos ficar com os *Druidas*. — disse Frang. — Mas não para sempre. Eu acho que é bom para eles ter um novo *Sumo Sacerdote*.

— Então você não quer ter o dom da imortalidade? — Aimery perguntou, com a testa franzida.

— Nós não dissemos isso! — disse Kenna.

Aimery olhou de um para o outro.

— Então o que?

Frang e Kenna se entreolharam.

— Nós não dissemos que queremos.

— Você vai me dar uma resposta sobre isso? — Aimery perguntou.

Frang olhou nos olhos âmbar de Kenna e balançou a cabeça.

— Isso é um dom que vou deixar o *Fae* decidir.

Aimery sorriu.

— Uma escolha sábia.

— Agora... — Frang disse quando pegou Kenna em seus braços. — Eu vou levar minha esposa ao meu quarto e fazer amor com ela o resto do dia.

— Eu pensei que eu ia descer e conversar com você sobre a defesa da floresta! — Conall gritou enquanto eles se afastavam.

— Faz e morre! — gritou Kenna quando sorriu para ele.

Frang sorriu para sua nova esposa.

— Eu não sei o que o futuro nos reserva. Durante todo o tempo o *Glen* tem sido um lugar onde muitas batalhas foram travadas contra o mal.

— Nada disso importa enquanto eu estou com você. Temos o amor e a magia do nosso lado, Frang. O que mais poderíamos pedir?

Ele piscou para ela.

— Crianças?

Ela riu.

— Como você disse nunca se sabe o que o futuro nos reserva.

Fim

